

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Daniela Gralha de Caneda Queiroz

**A AUTORIA ÚNICA NOS ARTIGOS DE PERIÓDICOS DAS
ÁREAS DE INFORMAÇÃO NO BRASIL (2009-2017)**

Brasília
2020

Daniela Gralha de Caneda Queiroz

A AUTORIA ÚNICA NOS ARTIGOS DE PERIÓDICOS DAS ÁREAS DE INFORMAÇÃO NO BRASIL (2009-2017)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Jayme Leiro Vilan Filho

Brasília

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Q3a Queiroz, Daniela Gralha de Caneda
A Autoria Única nos Artigos de Periódicos das Áreas de
Informação no Brasil (2009-2017) / Daniela Gralha de Caneda
Queiroz; orientador Jayme Leiro Vilan Filho. -- Brasília,
2020.
292 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Ciência da Informação) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. Autoria única. 2. Áreas de informação no Brasil. 3.
Comunicação científica. 4. Bibliometria. 5. Pesquisa de
levantamento. I. Vilan Filho, Jayme Leiro, orient. II.
Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “A autoria única nos artigos de periódicos das áreas de informação no Brasil (2009-2017)”

Autor (a): Daniela Gralha de Caneda Queiroz

Área de concentração: Gestão da Informação

Linha de pesquisa: Comunicação e Mediação da Informação

Tese submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **DOCTOR** em Ciência da Informação.

Tese aprovada em: 12 de fevereiro 2020.

Presidente (UnB/PPGCINF): Jayme Leiro Vilan Filho

Membro Interno (UnB/PPGCINF): Fernando César Lima Leite

Membro Externo (UnB): Suzana Pinheiro Machado Mueller

Membro Externo (UFRGS): Sonia Elisa Caregnato

Suplente (UnB/PPGCINF): Murilo Bastos da Cunha

Em 09/01/2020.



Documento assinado eletronicamente por **Jayme Leiro Vilan Filho, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 12/02/2020, às 12:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Elisa Caregnato, Usuário Externo**, em 12/02/2020, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Suzana Pinheiro Machado Mueller, Usuário Externo**, em 12/02/2020, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Fernando César Lima Leite, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 12/02/2020, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4868942** e o código CRC **01AFE072**.

Ao Raul e à Rafaela.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Jayme Leiro Vilan Filho, pelas discussões, oportunidades de aprendizagem e confiança concedida a mim.

Aos membros da banca de qualificação de tese de doutorado, professores Suzana Pinheiro Machado Mueller e Fernando César Lima Leite, pelas valiosas recomendações.

Aos membros da banca de defesa de tese de doutorado, professores Sônia Elisa Caregnato, Suzana Pinheiro Machado Mueller, Fernando César Lima Leite e Murilo Bastos da Cunha, pelo tempo despendido e pela apreciação da tese.

À UnB, pelo ensino público e gratuito; aos servidores do PPGCINF/UnB, pelo indefectível apoio; à UFRGS, por conceder afastamento para dedicação exclusiva ao doutorado, e aos meus colegas; e à CAPES, pelo apoio com a bolsa de estudos (código de financiamento 001).

Aos colegas dos grupos de pesquisa Comunicação Científica (PPGCINF/UnB) e Núcleo de Estudos em Ciência, Inovação e Tecnologia (PPGCIN/UFRGS), pelas contribuições.

À professora e amiga Suzi Alves Camey, pela assessoria estatística a qualquer hora.

Aos colegas de pós-graduação que se tornaram amigos – Fernanda Bochi, Maurício Correa, Andrea Goulart, Karolina Vieira, Laysse Noletto, Sylvana Karla, Mauro Medeiros, Patrícia Nunes e Maria Abreu – pelo suporte e ânimo dados.

Aos meus pais, Adolfo e Ana, pela preocupação e compreensão da minha ausência.

Aos meus amigos, em especial à Caroline Rosa, pelo apoio e força.

E, com imensurável amor, sempre à Rafaela e ao Raul, por todos os momentos que deles foram roubados, mais uma vez, e por fazerem absolutamente tudo valer a pena.

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Paulo Freire (1996, p. 15)*

* FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação. Objetiva descrever as características da produção e o impacto científico, e conhecer as razões da autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia, no período de 2009 a 2017. Revisa, para tanto, aspectos da literatura relacionados à comunicação científica, autoria única e áreas de informação no Brasil. É um estudo de caráter descritivo, com abordagem mista e de natureza aplicada. Utiliza na fase quantitativa a bibliometria como método de pesquisa e a base de dados ABCDM, o *software Harzing's Publish or Perish* e a Plataforma Lattes para a coleta de dados, analisados no Excel, *OpenRefine* e *Wordclouds.com*. Usa na fase qualitativa a pesquisa de levantamento como método de pesquisa e a aplicação de questionário para a coleta de dados, cujas respostas foram apreciadas através da análise de conteúdo. Apresenta tabelas, gráficos e figuras que demonstram como resultados quantitativos: 1680 artigos de periódicos de autoria única, com taxa média negativa de produção de 2,79%; 1241 autores diferentes; predomínio do idioma português (92,59%); 27 periódicos, com média de 8,10 artigos por periódico, com destaque para *Acervo*, *Em Questão* e *Estudos Históricos*; destaque da área de pesquisa Ciência da Informação (21,19%); 3351 tipos diversos de palavras-chave, com ênfase para Ciência da Informação (1,95%) e museu (1,07%); 64,86% de artigos de cunho teórico; 61,02% dos elementos de autoria participantes de grupos de pesquisa; 82,38% de doutores e mestres, distribuídos em 99 áreas diferentes de formação acadêmica, com evidência para Ciência da Informação (26,49%) e História (15,24%); 386 instituições, com proeminência da Universidade de São Paulo e Universidade Federal de Minas Gerais, distribuídas em 24 estados - distinção para Rio de Janeiro (21,07%) e São Paulo (15,12%) - e 40 países estrangeiros - destaque para Portugal (3,75%) e Espanha (3,15%); Jorge Santa Anna, Carlos Alberto Ávila Araújo e Jéssica Camara Siqueira como os autores com maior produção; e 66 dos 313 artigos selecionados para a amostra da análise de citação são os artigos mais citados dos autores. Aponta como resultados qualitativos: razões para a autoria única - resultado de pesquisa individual e reflexão, resultado de trabalho acadêmico, desinteresse dos pesquisadores, enfoque pessoal, resultado de palestra, tempo e contratempo e convite do periódico; não houve, em sua maioria, colaboração nas pesquisas que originaram o artigo analisado; percepção de que à autoria múltipla é dada maior valorização pelas agências financiadoras de pesquisa, sistemas de avaliação, instituições de ensino e pesquisa ou colegas. Conclui com a ideia de que a autoria única não se extinguirá, em função das diferenças de formação acadêmica, nacionalidade e vínculo institucional dos autores e também em função da valorização da produção científica em autoria única, além das características intrínsecas do ser humano. Finaliza com a sugestão da continuidade da pesquisa, através da ampliação dos seus objetivos e da sua aplicação a outras áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Autoria única. Áreas de informação no Brasil. Comunicação científica. Bibliometria. Pesquisa de levantamento.

ABSTRACT

This study intends to identify and analyze the reasons for single authorship in articles published in Brazilian journals in information areas. The purpose is to describe the production aspects and the scientific impact in the fields of Archiving, Library Science, Information Science, and Museology, and the reasons for choosing single authorship, from 2009 to 2017. It reviews aspects of literature related to scientific communication, single authorship and information areas in Brazil. It's a descriptive study with a mixed approach and an applied nature. At its quantitative phase, the study uses bibliometrics as research method and the ABCDM database, the Harzing's Publish or Perish software and the Plataforma Lattes for data collect, all analyzed at MS-Excel, OpenRefine and Wordclouds.com. At its qualitative phase, through the application of a quiz, it uses survey as research method with response content analysis. Presents tables, graphs, and figures that show as results: 1680 articles with single authorship, with negative average production rate of 2.79%; 1241 different authors; predominance of Portuguese language (92.59%); 27 journals, with 8.10 articles per journal, with prominence of Acervo, Em Questão and Estudos Históricos; research area highlight Information Science (21.19%); 3351 different types of key words, with emphasis in Information Science (1.95%) and museum (1.07%); 64.86% theoretical character articles; 61.02% of the authors being part in research groups; 82.38% with Master or PhDs degrees among 99 different fields, mainly Information Science (26.49%) and History (15.24%); 386 institutions, highlighting Universidade de São Paulo and Universidade Federal de Minas Gerais, in 24 states - specially Rio de Janeiro (21.07%) and São Paulo (15.12%) - and 40 different countries - highlighting Portugal (3.75%) and Spain (3.15%); Jorge Santa Anna, Carlos Alberto Ávila Araújo and Jéssica Camara Siqueira are the authors with biggest production; and 66 of the selected 313 articles selected are the most cited. The study points as qualitative results: reasons for single authorship - individual study research and reflection, completion works (master, PHD, MBA etc.), non interest, personal choice, papers based on lectures, time and setback, and invitation of the journal; most of the time there was no collaboration in the article; perception that single authorship is better evaluated by financier agencies, universities, institutes, colleagues or sponsors. It concludes pointing that single authorship won't end, because of different academic backgrounds, nationality and institutional bond of the authors, and also because some believe that single authorship is better evaluates, not forgetting the personal reasons of each researcher. It ends suggesting the importance to continue studying the theme, by broadening its objectives and applying it to other areas of knowledge.

Keywords: Single authorship. Fields of information science in Brazil. Scientific communication. Bibliometrics. Survey.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Evolução temporal dos artigos em autoria única (n=1680), autoria múltipla (n=3000) e autoria total (n=4680) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas linhas de tendência.....105
- Gráfico 2** – Comportamento da taxa de crescimento dos artigos em autoria única, autoria múltipla e autoria total das áreas de informação do Brasil indexados na ABCDM entre 2009 e 2017.....106
- Gráfico 3** – Evolução temporal dos elementos de autoria dos artigos em autoria única (n=1680) e autoria múltipla (n=7888) e dos artigos em autoria única (n=1680) e autoria múltipla (n=3000) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017.....108
- Gráfico 4** – Evolução temporal dos elementos de autoria dos artigos em autoria única (n=1680), autoria múltipla (n=7888) e autoria total (n=9568) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas linhas de tendência.....109
- Gráfico 5** – Evolução temporal do número de periódicos brasileiros das áreas de informação e de seus respectivos artigos em autoria única indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680).....115
- Gráfico 6** – Número de artigos em autoria única (n=1680) e em autoria múltipla (n=3000) por periódico brasileiro das áreas de informação indexado na ABCDM entre 2009 e 2017.....118
- Gráfico 7** – Distribuição dos artigos em autoria única e dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 segundo as zonas de dispersão de Bradford.....124
- Gráfico 8** – Evolução temporal das principais áreas de pesquisa dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1286).....134
- Gráfico 9** – Comportamento da constante da primeira Lei de Zipft ao longo das ordens de série das palavras-chave dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017.....136

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo de Comunicação Científica para as Comunidades de Ciências Sociais e Humanas.....	38
Figura 2 – Teoria indutiva na pesquisa qualitativa, por Creswell (2007).....	86
Quadro 1 – Relação entre objetivos específicos, indicadores bibliométricos, variáveis da pesquisa com suas definições e fontes de coletas.....	93
Figura 3 – Nuvem das principais palavras-chave (com frequência igual ou maior que 3) dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=3069).....	131
Figura 4 – Nuvem das principais palavras-chave (com frequência igual ou maior que 3) dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 classificados como Outros (n=252).....	132
Figura 5 – Nuvens das principais palavras-chave (com frequência igual ou maior que 3) dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM dos anos de 2009 até 2017	133

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1** – Número de publicações em autoria única (AU) e em autoria múltipla (AM) nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=4680).....103
- Tabela 2** – Número de elementos de autoria dos artigos em autoria única (n=1680) e múltipla (n=7888) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=9568).....107
- Tabela 3** – Número de autores (n=1241) por número de artigos em autoria única (n=1680) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017.....111
- Tabela 4** – Número de artigos em autoria única (n=1680) e em autoria múltipla (n=3000) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e seus idiomas.....112
- Tabela 5** – Evolução temporal do número de artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e seus idiomas (n=1680).....113
- Tabela 6** – Número de artigos em autoria única (n=1680) e em autoria múltipla (n=3000) por periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017.....116
- Tabela 7** – Evolução temporal de artigos em autoria única por periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680).....119
- Tabela 8** – Periódicos brasileiros das áreas de informação dos artigos em autoria única indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e regiões brasileiras e continentes dos elementos de autoria (n=1680).....122
- Tabela 9** – Evolução temporal dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas áreas de pesquisa (n=1680).....126
- Tabela 10** – Idiomas dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas áreas de pesquisa (n=1680).....129

Tabela 11 – Quantidades e tipos de palavras-chave dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=6375).....	130
Tabela 12 – Frequência das palavras-chave dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=6375).....	135
Tabela 13 – Formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680).....	137
Tabela 14 – Principais áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1278).....	138
Tabela 15 – Principais áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas titulações (n=1278).....	142
Tabela 16 – Periódicos brasileiros das áreas de informação dos artigos em autoria única indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e titulações dos elementos de autoria (n=1680).....	144
Tabela 17 – Principais instituições dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=843).....	147
Tabela 18 – Frequência dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e seus estados (n=1365).....	151
Tabela 19 – Quantidade de instituições e de artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 por estado de afiliação do autor (n=1365).....	155
Tabela 20 – Frequência dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 por país estrangeiro de afiliação do autor (n=315).....	156

Tabela 21 – Quantidade de instituições e de artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 por país estrangeiro (n=315).....	158
Tabela 22 – Autores mais produtivos de artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=19).....	160
Tabela 23 – Evolução temporal da quantidade de citações (n=1015) e de artigos (n=282) dos autores dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017.....	166
Tabela 24 – Frequência e citação dos artigos em autoria única e seus periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188).....	168
Tabela 25 – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por área de pesquisa.....	169
Tabela 26 – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por formação acadêmica dos elementos de autoria.....	170
Tabela 27 – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por área de formação acadêmica dos elementos de autoria.....	171
Tabela 28 – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por localização dos elementos de autoria.....	173

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A	Arquivologia
Ac	Acumulado (a)
AI	Inteligência Artificial
AM	Autoria Múltipla
Art.	Artigo
AT	Autoria Total
AU	Autoria Única
B	Biblioteconomia
BA	Bahia
Brapci	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
C ou CI	Ciência da Informação
C&RL	<i>College and Research Libraries</i>
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAL	<i>Comisión Económica para América Latina y el Caribe</i>
CIECEHCS	<i>Comisión Interinstitucional de elaboración de criterios de evaluación para las humanidades y ciencias sociales</i>
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTI	Ciência, Tecnologia e Inovação
Cz	Constante da Lei de Zipf
D	Documentação
DF	Distrito Federal
DGP	Diretório de Grupos de Pesquisa
DOI	<i>Digital Object Identifier</i>
E	Espanhol
EBBC	Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria

e-Lis	<i>E-Prints in Library & Information Science</i>
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
F	Frequência
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
FI	Fator de Impacto
Fr	Francês
FUFPI	Fundação Universidade Federal do Piauí
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
G20	Países do Grupo dos 20
I	Taxa de Crescimento
GT	Grupo de Trabalho
IBBD	Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
In	Inglês
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ISI	<i>Institute for Scientific Information</i>
JAL	<i>Journal of Academic Librarianship</i>
JASIS	<i>Journal of the American Society for Information Science</i>
JCR	<i>Journal Citations Reports</i>
K	Capital Científico
LISA	<i>Library and Information Science Abstracts</i>
LISTA	<i>Information Science & Technology Abstracts</i>
M	Museologia
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins

MG	Minas Gerais
NATIS	Sistema Nacional de Informação
O	Outros
OA	<i>Open Access</i>
OAI	<i>Open Archives Initiatives</i>
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONG	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
P	Português
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PB	Paraíba
Per.	Periódico
PI	<i>Principal Investigator</i>
PIB	Produto Interno Bruto
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Alunos
PPGCI	Pós-Graduação em Ciência da Informação
PQ	Produtividade em Pesquisa
PR	Paraná
Q	Quantidade
R	Ordem da Série
R ²	Coeficiente de Determinação
Reuni	Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RI	Recuperação da Informação
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina

SCI	<i>Science Citation Index</i>
SCI-EXPANDED	<i>Science Citation Index Expanded</i>
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SLIS	Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação
SP	São Paulo
T	Total
TT	<i>Tenure-Track</i>
UC	<i>University of California</i>
UCR	<i>University of California Riverside</i>
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEX	<i>Universidad de Extremadura</i>
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB/JP	Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS	Universidade Federal de Sergipe

UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP/MAR	Universidade Estadual Paulista/Marília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIGRANRIO	Universidade do Grande Rio
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
WoS	<i>Web of Science</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	21
1.1	Objetivos	26
1.1.1	<i>Objetivo geral</i>	26
1.1.2	<i>Objetivos específicos</i>	26
1.2	Hipóteses	26
1.3	Justificativa	27
2	REVISÃO DE LITERATURA	30
2.1	Comunicação científica	30
2.1.1	<i>Primícias</i>	32
2.1.2	<i>Atributos</i>	35
2.1.3	<i>Visibilidade</i>	39
2.1.4	<i>Medição da ciência</i>	46
2.2	Autoria única	48
2.2.1	<i>Consagração pela autoria única</i>	52
2.2.2	<i>Estado do conhecimento</i>	59
2.3	Áreas de informação	71
2.3.1	<i>Contextualização da pós-graduação nas áreas de informação no Brasil</i>	78
2.3.2	<i>Contextualização da graduação nas áreas de informação no Brasil</i>	81
3	METODOLOGIA	83
3.1	Pesquisa quantitativa	86
3.1.1	<i>Coleta, tratamento e análise de dados</i>	87
3.1.2	<i>Variáveis de pesquisa</i>	92
3.2	Pesquisa qualitativa	94
3.2.1	<i>Coleta de dados</i>	94
3.2.2	<i>Tratamento e análise de dados</i>	98
3.3	Limitações da pesquisa	100
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	102
4.1	Resultados quantitativos	102

4.1.1	<i>Produção científica</i>	102
4.1.2	<i>Perfil dos autores</i>	137
4.1.3	<i>Impacto científico</i>	162
4.1.3.1	Impacto científico da produção total de artigos.....	163
4.1.3.2	Impacto científico dos artigos da amostra.....	166
4.2	Resultados qualitativos	174
4.2.1	<i>Razões para a autoria única</i>	175
4.2.1.1	Resultado de pesquisa individual e reflexão.....	175
4.2.1.2	Resultado de trabalho acadêmico.....	180
4.2.1.3	Desinteresse dos pesquisadores.....	181
4.2.1.4	Enfoque pessoal.....	185
4.2.1.5	Resultado de palestra.....	188
4.2.1.6	Tempo e contratempo.....	188
4.2.1.7	Convite do periódico.....	190
4.2.2	<i>Colaboração na autoria única</i>	190
4.2.3	<i>Valorização dos artigos em autoria única</i>	195
4.2.4	<i>Outros aspectos da autoria única</i>	201
4.3	Integração dos resultados quantitativos e qualitativos	212
5	CONCLUSÃO	223
	REFERÊNCIAS	234
	APÊNDICE A - Questionário para entrevistas	246
	APÊNDICE B – Categorização do conteúdo das respostas à questão 1 do questionário qualitativo	248
	APÊNDICE C – Áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680)	256

APÊNDICE D - Áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas titulações (n=1680).....259

APÊNDICE E – Instituições dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680).....264

APÊNDICE F – Áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 por regiões brasileiras (n=1365).....274

APÊNDICE G – Citações no *Harzing's Publish or Perish* dos artigos em autoria única e múltipla dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=313).....277

APÊNDICE H – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por instituição.....290

1 INTRODUÇÃO

A prosperidade socioeconômica de uma nação está atrelada ao seu nível de desenvolvimento em ciência, tecnologia e inovação (CTI), obtido por meio da pesquisa. Ziman (1988) acredita que ciência e tecnologia juntas constituem uma instituição social maior, baseada na geração, acumulação e utilização de conhecimento. E esse conhecimento é fundamental para o progresso de um país. Assim, o autor traz a ideia de que é muito difícil distinguir pesquisa e desenvolvimento.

A própria Organização das Nações Unidas (ONU) afirma categoricamente que a ciência precisa estar integrada à formulação de políticas e à tomada de decisão internacional, pois tanto as ciências naturais quanto as ciências sociais são decisivas para o enfrentamento de desafios globais, tais como a construção da paz, o desenvolvimento sustentável, a erradicação da pobreza extrema e o combate à mudança climática (ORGANIZAÇÃO..., 2016a, 2017). Nesse sentido, deve haver cooperação científica mundial de museus, universidades, entidades privadas e públicas, governos e Organizações Não Governamentais (ONG), através da diplomacia científica, com acesso igualitário às ciências (ORGANIZAÇÃO..., 2017). Desse modo, a ciência é um bem público, merecendo ser mais valorizada e utilizada eficazmente pelos governos e autoridades (ORGANIZAÇÃO..., 2016a). O próprio incentivo às instituições de pesquisa impulsiona a produção de conhecimento, apoiando, conseqüentemente, os pesquisadores (ORGANIZAÇÃO..., 2015).

Não é ao acaso que Estados Unidos e União Europeia, por exemplo, figuram nas listas das regiões mais evoluídas do mundo, pois destinam mais de 2% do seu Produto Interno Bruto (PIB) à Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), fomentando, dessa forma, a economia do conhecimento. Para se ter uma ideia, os Estados Unidos, sozinhos, são responsáveis por 28% do investimento global em P&D (ORGANIZAÇÃO..., 2015). Já a União Europeia é a líder em publicações científicas, com 34% da produção mundial (ORGANIZAÇÃO..., 2015).

Aos países do Grupo dos 20 (G20)¹ correspondem 64% da população mundial e 80% do PIB, sendo responsáveis por 92% dos gastos em P&D

¹ Grupo formado pelas maiores economias do mundo: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, Estados Unidos,

(ORGANIZAÇÃO..., 2016b). Embora tenha aumentado o número de pesquisadores no mundo desde 2009, a participação dos países do G20, em relação ao PIB e à pesquisa, modificou-se: aumentou a participação de países como a China e a Coreia do Sul e diminuiu a participação de países como Alemanha, Austrália, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão, Reino Unido e Rússia.

O Brasil, embora país integrante do G20, enfrenta desde 2011 uma desaceleração econômica, depois de quase uma década de crescimento. Relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), de 2015, aponta que o Brasil, mesmo que tenha expandido o acesso ao ensino superior e aumentado os gastos sociais, permanece com a sua produtividade baixa², dando indícios de que ainda não conseguiu aproveitar a inovação para estimular o seu próprio crescimento econômico. Esse cenário veio à tona, apesar do aumento na produção e na colaboração científica internacional, dado que, de maneira geral, o crescimento das publicações brasileiras estivesse levemente mais lento desde o ano de 2008 (ORGANIZAÇÃO..., 2015). Provável que o Brasil tenha se ressentido da crise econômica que abalou o mundo em 2008, provocando impacto negativo na inovação, embora os investimentos em P&D continuassem existindo. Contudo, é possível que as novas políticas de contenção do ensino superior e diminuição dos gastos sociais venham a ter reflexos daqui alguns anos na produção da ciência brasileira.

Diante desse quadro, percebe-se que os gastos privados em P&D no Brasil continuam relativamente baixos, quando comparados com outras economias emergentes. Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2015), o mais preocupante é que praticamente não houve progresso nessa área desde o comedido crescimento ocorrido durante a rápida expansão das *commodities*³, entre os anos de 2004 e 2010. O investimento, em geral, está em

França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Reino Unido, Rússia, Turquia e União Europeia.

² Talvez a tímida participação brasileira na produção científica mundial tenha suas raízes na educação escolar. No Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil, por exemplo, apresenta fraco desempenho, ficando ao longo das edições, que acontecem desde o ano 2000, nas últimas posições. Além do que, o Brasil tem baixas taxas de estudantes no exterior. Somam-se a isso as taxas inferiores a 0,5% de pessoas que fazem doutorado, justificando a escassez de pesquisadores (COMISIÓN..., 2016, p. 50).

³ Matérias-primas originadas da agropecuária e do extrativismo mineral e vegetal, sendo negociadas nas bolsas de valores.

declínio, da mesma maneira que a participação da produção industrial no PIB e do Brasil no comércio exterior, principalmente no que se refere às exportações de produtos manufaturados. E todos esses são indicadores de uma economia inovadora (ORGANIZAÇÃO..., 2015).

Apesar disso, o Brasil ainda é o país da América Latina que mais investe em P&D, com 1,2% do seu PIB, conforme dados da *Comisión Económica para América Latina y el Caribe* – CEPAL (COMISIÓN..., 2016). Ademais, o Brasil também é o país com maior número de registros de patentes da América Latina (COMISIÓN..., 2016). Inclui-se a isso o fato de o Brasil ser o país da América Latina mais bem posicionado no quesito melhores universidades do mundo (conquanto somente 2% das melhores universidades do mundo sejam latino-americanas), conforme *Comisión Económica para América Latina y el Caribe* (2016).

A partir do panorama colocado, percebe-se a importância da valorização e do investimento científico para o desenvolvimento econômico e social do Brasil (assim como das demais nações), com aumento dos níveis de renda, alcançando a excelência e a qualidade científicas, visando ao progresso. Para tanto, esse investimento precisa ser planejado, organizado, dirigido e controlado, ou seja, precisa ser administrado e gerido. E, para esse fim, é necessário que se faça um mapeamento da ciência. Portanto, o mapeamento de uma área científica permite que se tenha uma visão completa e abrangente do que é e de como está essa área, possibilitando construção de políticas e tomadas de decisão em investimentos. De acordo com Sanz-Casado (2014), mapear uma área oferece os instrumentos para modernizar instituições, reduzir gastos e pesquisar áreas mais interessantes. Já para Vanz (2014), a avaliação da ciência permite conhecer a eficiência do sistema científico; propor políticas e investimentos em ciência e tecnologia; identificar pontos fortes e fracos; conhecer os atores e cenários (periódicos, grupos de pesquisa, instituições, países, disciplinas etc.); adaptar a investigação às demandas sociais; e aumentar os resultados de forma qualitativa e quantitativa. Essas percepções são corroboradas pela UNESCO (2015, p. 34): "Monitoramento dos sistemas de ciência e inovação nacionais [...]. Dessas respostas pode-se direcionar investimentos em P&D e auxiliar na tomada de decisões políticas, fomentando a competitividade." Motoyama (2004) coloca que é necessário que se conheça os fatos e os dados a respeito da ciência para se aprender e para ganhar capacidade de previsão. Assim, para o investimento na ciência, é crucial conhecer quem são seus pesquisadores,

quais são suas instituições, o que está sendo pesquisado, com quem se está colaborando, qual o impacto da pesquisa produzida etc.

Além disso, o mapeamento da ciência serve como prestação de contas à sociedade pagadora de tributos que são investidos no desenvolvimento científico. Por isso, a UNESCO (2015) ressalta a importância do diálogo entre os cientistas e os tomadores de decisões políticas, a fim de fortalecer a confiança da sociedade na CTI. De resto, a sociedade precisa saber se os investimentos em P&D estão sendo compensados pela produção científica. Ziman (1988) mesmo profere que a ciência acadêmica sempre está conectada com a sociedade, já que as instituições acadêmicas são requisitadas a aconselhar os governos a respeito de determinadas questões técnicas. Além disso, prossegue o autor, a ciência acadêmica, através das publicações científicas, serve às indústrias e ao comércio.

Diante dessa exposição, torna-se evidente o valor de se investigar a ciência sob aspectos tais como sua produção, sua colaboração, seu impacto, entre outros. E foi nesse seguimento que essa pesquisa se direcionou.

Dessa maneira, em um primeiro momento, investigou-se a produção e o impacto científico da autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação, aqui subentendidas como Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia (discutidas *a posteriori*). A determinação de pesquisar-se a autoria única nasceu da percepção de que ela não é estudada, embora represente, de acordo com Vilan Filho (2016) e Gabriel Júnior (2017), cerca de um terço da produção de artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação (nos períodos de 1972 a 2013 e de 1972 a 2017, respectivamente). Muitos dos estudos a respeito das áreas de informação no Brasil são voltados para a coautoria, como resultado da colaboração, que é incentivada pelas políticas científicas e valorizada em relatórios de desenvolvimento⁴. Com o propósito, então, de enriquecer a investigação a respeito da produção e do impacto científico da autoria única nos artigos de

⁴ Beaver e Rosen (1978), no artigo *Studies in scientific collaboration: part I - The professional origins of scientific co-authorship*, especificam as razões para a colaboração na ciência: acesso a equipamentos especiais; parceria com pesquisadores com habilidades específicas; acesso a materiais raros; visibilidade; reconhecimento; aumento da eficiência no uso do tempo; aumento da eficiência no trabalho; obtenção de experiência; treinamento de pesquisadores; amparo de discípulos pesquisadores; aumento da produtividade, associada à alta qualidade; aumento da capacitação, para obter financiamento, visibilidade e reconhecimento; evita a concorrência; superação do isolamento intelectual; confirmação ou avaliação de um problema; estímulo ou capacitação; proximidade espacial; e mero acaso.

periódicos brasileiros das áreas de informação, em um segundo momento deste estudo, pesquisaram-se as razões pelas quais os autores publicam em autoria única, baseado da premissa de Bourdieu (1996) de que os indivíduos não realizam atos gratuitos.

À vista disso, teve-se como problema de pesquisa o desconhecimento do comportamento da produção científica e do impacto científico, bem como das razões da perseverança da autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação. Destarte, em relação à autoria única nos artigos de periódicos das áreas de informação no Brasil⁵, constituíram-se como questões de pesquisa:

- a) quais as características da produção científica?
- b) qual o impacto dessa produção científica?
- c) quais as razões dos autores para publicarem sozinhos?

Para tanto, esta tese foi dividida em cinco segmentos. No primeiro deles, a *Introdução*, apresentam-se os objetivos geral e específicos, as hipóteses consideradas e a justificativa para essa pesquisa. No segundo fragmento, a *Revisão de Literatura*, dissertou-se sobre os tópicos *Comunicação científica* (em que foram abordados os temas relacionados: Primícias, Atributos, Visibilidade e Medição da ciência), *Autoria única* (no qual também se tratou o tópico *Consagração pela autoria única* e apresentou-se o atual *Estado do conhecimento*) e *Áreas de informação* (em que as áreas de informação foram apresentadas, bem como a contextualização da pós-graduação e da graduação dessas áreas no país). Na terceira parte, a *Metodologia*, expõe-se a respeito dos procedimentos adotados para a coleta, tratamento e análise dos dados quantitativos e qualitativos, bem como aponta as limitações da pesquisa. Na quarta seção, *Apresentação e Análise dos Resultados*, os *Resultados quantitativos* (representados pela produção científica, pelo perfil dos autores e pelo impacto científico) e os *Resultados qualitativos* (representado pelas razões, pela verificação da existência de colaboração e pela valorização da autoria única) são apresentados e analisados, com agregação desses resultados ao final, no tópico *Integração dos resultados quantitativos e qualitativos*. Na *Conclusão*,

⁵ Ainda que o objeto de estudo desta tese tenha sido a autoria única nas áreas de informação do Brasil, tem-se ciência de que teria sido incompleta uma investigação que não contextualizasse seu objeto de pesquisa dentro do todo, neste caso, o conjunto formado pela totalidade dos tipos de autoria (única e múltipla). Por isso mesmo, sempre que necessário, os dados encontrados nos resultados foram analisados também sob o prisma da autoria múltipla e/ou total.

quinta e última parte, evidenciam-se as principais reflexões a respeito dos resultados encontrados, bem como se faz sugestões de estudos futuros.

1.1 Objetivos

A seguir são apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos desta tese.

1.1.1 Objetivo Geral

Descrever as características da produção e o impacto científico, e conhecer as razões da autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação no período de 2009 a 2017.

1.1.2 Objetivos Específicos

Em relação à autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação, foram objetivos específicos⁶:

- a) examinar a evolução da produção dos artigos e identificar seus idiomas, periódicos de publicação, áreas e temas de pesquisa;
- b) traçar o perfil dos autores (quanto à formação acadêmica e vínculo institucional atrelado às regiões brasileiras) e identificar aqueles com maior produção científica;
- c) medir o impacto da produção científica através das citações recebidas;
- d) analisar os motivos que representam a explicação para que os autores publiquem artigos em autoria única.

1.2 Hipóteses

Foram hipóteses desta pesquisa:

- a) *hipótese 1 (H1)*: os autores dos artigos em autoria única colaboraram com

⁶ Embora o ponto central desta pesquisa seja a autoria única, como já mencionado, sempre que necessário, os resultados serão contextualizados junto à autoria múltipla.

outros pesquisadores, mas, nestes casos, não publicaram trabalhos em coautoria. Luukkonen, Persson e Sivertsen (1992) e Katz e Martin (1997) já haviam levantado esse pressuposto, ao descrever que dois pesquisadores poderiam trabalhar juntos (colaborar), mas publicar seus resultados separadamente, seja porque pertencessem a diferentes campos científicos, seja porque discordassem da interpretação das descobertas e decidissem escrevê-las em artigos separados;

- b) *hipótese 2 (H2)*: os temas de pesquisa dos artigos em autoria única são de menor interesse por parte da comunidade científica que publica nos periódicos brasileiros das áreas de informação. Tais temas podem ser únicos e/ou muito especializados, não sendo de interesse pela maior parte da comunidade científica (ELIYAN, 2014);
- c) *hipótese 3 (H3)*: os autores de maior visibilidade dos artigos em autoria única tendem a publicar mais sozinhos do que em coautoria. Merton (1957), Bourdieu (1983), Ziman (1988) e Chartier (2014) dissertam a respeito da busca de visibilidade (e também da credibilidade) por parte dos pesquisadores, os quais podem atingir sua consagração através de obras em autoria única, pois não há divisão de sucesso (CHUANG; HO, 2014; ELIYAN, 2014).
- d) *hipótese 4 (H4)*: um pequeno número de autores é responsável pela maior parte da produção analisada em autoria única, conforme Lei de Lotka (PRICE, 1963; MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2006).
- e) *hipótese 5 (H5)*: as palavras-chave dos artigos analisados seguem a Lei de Zipf, tendendo à constância o resultado da multiplicação da ordem de série pela frequência de ocorrência (MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2006).
- f) *hipótese 6 (H6)*: os periódicos seguem a Lei de Dispersão de Bradford, em que poucos periódicos publicam muitos artigos (MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2006).

1.3 Justificativa

Price (1963) escreveu em seu livro *Little Science, Big Science*, que a proporção de artigos com vários autores estava crescendo tão rápido, de forma contínua e vigorosamente, que os artigos em autoria única desapareceriam.

Décadas depois, Greene (2007) foi também alarmante ao afirmar que o autor solitário desapareceu; em seu ensaio para a *Nature*, verificou que ela mantém o número de artigos e cartas desde 1950, mas possui cerca de quatro vezes mais autores. Assim, continua Greene (2007), do final dos anos 1600 até cerca de 1920, a regra era um autor por artigo, mas essa simetria foi quebrada na década de 1920, diminuída nos anos 50 e abandonada na década de 1980, passando a colaboração na pesquisa multidisciplinar a ser universal e essencial. Pois bem, os artigos em autoria única tiveram sua participação diminuída nos índices de produção científica nas mais diversas áreas científicas (algumas áreas mais, outras menos), porém não desapareceram. Abt (2007), em estudo a respeito das frações de artigos em autoria única em Astronomia, Física, Química e Biologia, no período de 1975 a 2005, concluiu que a função exponencial nunca chega a zero, implicando que trabalhos em autoria única continuarão a ser publicados no futuro previsível, contrariamente à previsão de que eles seriam extintos. Vanz e Stumpf (2010) também descreveram que a autoria individual não desapareceu e que ela ainda existe em todas as áreas, apesar de ser proporcionalmente maior nas áreas essencialmente teóricas.

Com base no conhecimento de que um terço da produção de artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação se deu em autoria única, como já colocado, é que se legitimou esta pesquisa. Além do mais, estudo de Queiroz e Vilan Filho (2016), o qual caracteriza os pesquisadores que mais publicaram artigos em autoria única nas áreas de informação no Brasil, entre os anos de 2002 a 2013, constatou que estes artigos estão entre os mais citados desses próprios autores, indicando que a autoria única também pode proporcionar visibilidade e reconhecimento (tal como as pesquisas em coautoria), indo de encontro ao que a literatura traz, de que as pesquisas em coautoria teriam maior reconhecimento pela comunidade científica⁷ (Bridgstock (1991) já falara na relação entre coautoria e qualidade dos trabalhos).

Outrossim, as poucas pesquisas a respeito da autoria única, além de não focarem as áreas de informação do Brasil, não investigam os motivos pelos quais os pesquisadores ainda publicam sob essa forma, delimitando-se às análises quantitativas apenas. Assim, porque não foram encontrados estudos qualitativos a

⁷ O conceito de comunidade científica inclui os pesquisadores, os bibliotecários, os provedores de acesso à Internet, os centros de computação, editores, agências de fomento etc. (COSTA, 2005, p. 166).

respeito, acredita-se que esta pesquisa tenha sido uma das primeiras a serem realizadas no Brasil.

E foi nessa perspectiva que essa pesquisa encontrou sua fundamentação. Um estudo denso a respeito da autoria única, neste caso nos artigos de periódicos das áreas de informação no Brasil - Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia - complementar as pesquisas já realizadas a respeito dessas áreas, para que, por conseguinte, se pudesse obter um panorama mais completo de tais áreas. Em consequência, acredita-se estar colaborando com os demais pesquisadores para o crescimento da ciência e desenvolvimento das já citadas áreas científicas. De mais a mais, esta pesquisa poderá servir como documento de consulta à elaboração de políticas científicas por parte dos tomadores de decisão. Do mesmo modo, esse estudo aplicado às áreas de informação poderá servir como fundamento para futuras pesquisas em outras áreas da ciência.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo foram revisados aspectos da literatura que nortearam a interpretação dos resultados encontrados nesta pesquisa. Assim, fazem parte deste capítulo os tópicos: Comunicação Científica, Autoria Única e Áreas de Informação.

2.1 Comunicação científica

Comunicar a ciência é transmitir conhecimentos gerados pela pesquisa científica, com fluxo de ideias, através de um canal, entre uma fonte geradora e um receptor (STUMPF, 1997). E o objetivo da ciência é a obtenção de conhecimento científico (ZIMAN, 1988), que serve para a utilização prática e imediata e para a publicação nas mais diversas áreas do conhecimento. Ziman (1988), então, explica que um dos princípios básicos da ciência é o de que seus resultados de pesquisa devam ser publicados. Para ele, as descobertas dos cientistas somente podem ser distinguidas como conhecimento científico quando divulgadas ao mundo e registradas (a informação científica é basicamente descritiva). Dessa maneira, a principal instituição social da ciência é o sistema de comunicação (ZIMAN, 1988). A ciência, isto posto, só existe se for comunicada tanto para a comunidade científica, que pode aproveitar os resultados de uma pesquisa e desenvolvê-los mais, quanto para a sociedade, que pode obter avanços.

Cole e Cole (1968), nesse mesmo raciocínio, acreditam que o avanço na ciência depende, pelo menos em parte, da comunicação eficiente de ideias, que devem ser redigidas, divulgadas e efetivamente utilizadas. Desse jeito, para esses autores, quanto mais eficiente o sistema de comunicação científica, menor é a duplicação de pesquisa necessária e maior a base cultural comum em que o avanço é dependente. A comunicação científica, portanto, serve de sustentação para que outros pesquisadores desenvolvam novos estudos, seja reproduzindo, corrigindo ou avançando nas investigações.

Da mesma forma, Meadows (1999) entende que a comunicação científica é tão importante e essencial quanto à pesquisa em si, pois ela:

- a) dá direito intelectual a quem publica: a comunicação da informação científica atrela o direito autoral a quem publicou, ou seja, o pesquisador é o "dono da ideia", ganhando, por isso, prioridades pela descoberta

(MERTON, 1957);

- b) é avaliada, certificada e aceita pelos pares: somente após o julgamento, a validação e o reconhecimento por outros cientistas é que a pesquisa científica tem valor, pois "A cientificidade é, nesse sentido, um dos pilares da Comunicação Científica e a revisão por pares sua 'base' de sustentação." (GOMES, 2013, p. 20);
- c) contribui para o desenvolvimento da ciência: a partir da comunicação de uma descoberta, outras pesquisas podem ser feitas a partir dela, aumentando, dessa forma, o conhecimento;
- d) serve como resposta aos investimentos financeiros: a comunicação científica serve como declaração e satisfação ao capital investido na ciência.

Além disso, Meadows (1999) expressa que a necessidade de acumular dados, modificar ideias, desenvolver teorias e experiências de modo concomitante faz com que o pesquisador se envolva com a comunicação científica, sendo ela, portanto, considerada como interação social ou atividade de grupo. A comunicação, à vista disso, permite a troca de informações, sendo a informação, então, um produto/substância/matéria, enquanto a comunicação é um ato/mecanismo/processo de intermediação, o qual permite o intercâmbio de ideias entre os indivíduos (ou seja, neste caso, entre os membros da comunidade científica) (TARGINO, 2000). Ademais, a comunicação científica tem como funções (MENZEL, 1966): produzir resposta a uma questão específica (como função de referência); atualizar o pesquisador sobre os desenvolvimentos da sua área (como função de consciência); buscar informações fora da área do pesquisador (como função de estímulo); acompanhar uma área nova; trazer informações relevantes; e alertar o pesquisador para desenvolvimentos importantes em outros domínios.

Tais ideias vêm ao encontro das normas (ou padrões comportamentais ou *ethos*) para a comunidade científica, de Merton (1968): universalismo, sentido de comunidade, desprendimento e ceticismo organizado. O *universalismo* refere-se à avaliação das novas contribuições científicas, que devem ser colocados à disposição da comunidade científica, para o bem desenvolver da ciência. Já *sentido de comunidade* diz respeito ao conhecimento científico como propriedade comum (compartilhamento), para que todos possam usufruir dele. *Desprendimento*, por sua vez, remete à ideia de que o cientista deve se preocupar com a evolução do

conhecimento, acima de seus próprios interesses pessoais. *Ceticismo organizado*, finalmente, reporta a ideia de que a comunidade científica deve ser submetida à análise crítica, a fim de que suas descobertas sejam validadas e valorizadas. Tais normas parecem remeter a um mundo científico perfeito, o que não acontece na realidade, como, por exemplo, no caso de que o cientista deve posicionar a ciência acima dos seus interesses (nem sempre é o que ocorre). De mais a mais, as normas científicas mudaram com o passar do tempo, em virtude do desenvolvimento da própria ciência e da sociedade (condição dos grandes laboratórios farmacêuticos, que não "universalizam" suas descobertas, em prol da lucratividade, a não ser quando a lei os obrigue).

Desse jeito, a comunicação científica engloba a pesquisa (na realização da investigação, por vezes, através da comunicação entre os pares), o sistema (no fluxo de informação entre editoras, bibliotecas etc.) e a sociedade em si (na divulgação do conhecimento científico), de acordo com Gomes (2013). Em verdade, a autora exprime que a comunicação científica teria como princípios básicos não somente a pesquisa, o sistema e a sociedade, mas, igualmente, a tecnologia, o poder e a cientificidade: "[...] a *pesquisa* interfere no *sistema* que, por sua vez, modifica a *sociedade* e, ao mesmo tempo, a *pesquisa* possui uma camada de *tecnologia*, de *poder* nas relações e de *cientificidade* e assim sucessivamente [...]" (GOMES, 2013, p. 239), isto é, a comunicação científica é um processo contínuo, em que seus elementos estão interligados num círculo ininterrupto.

À vista do apresentado, presume-se que a evolução científica mundial está atrelada à comunicação científica, ao compartilhamento de informações e à multiplicação de conhecimento. O próximo assunto a ser abordado explica um pouco em como se deu o desenvolvimento dessa comunicação científica.

2.1.1 Primícias

A partir do desenvolvimento da imprensa, no século XV, é que se consolidou a comunicação científica como se conhece atualmente, posto que se acredite que ela tenha surgido nas civilizações antigas (GOMES, 2013). Com a introdução da imprensa, aumentou de modo considerável o número de textos impressos, causando notável impacto na difusão das informações (MEADOWS, 1999; CÔRTEZ, 2006), que, da mesma maneira, foi auxiliada pela melhoria do transporte de materiais (no

século XVI surgiram os serviços postais).

Dessa maneira, por volta de 1660, com o nascimento da ciência moderna, foram criadas as primeiras sociedades científicas nacionais, onde os cientistas comunicavam, através de cartas, seus estudos e descobertas, como forma de assegurar também o direito autoral de suas experiências. Essas cartas foram responsáveis pelo aparecimento dos primeiros periódicos científicos, que formalizaram o processo de comunicação e informação no meio científico (PINHEIRO, 2002), para onde os cientistas começaram a escrever artigos (PRICE, 1963). Desse modo, foi na segunda metade do século XVII, que revistas recém-fundadas - como *Journal des Sçavans* (1665), em Paris, e *Philosophical Transactions* (1665), da *Royal Society*, em Londres - tornaram-se o local de publicação e troca de conhecimento científico (LARIVIÈRE, 2007). Mas foi no século XVIII que aconteceu considerável expansão das publicações científicas (GOMES, 2013). Importante registrar que a expansão na produção científica se deveu, do mesmo modo, ao próprio crescimento populacional. Contudo, Meadows (1999) comenta que a produção científica aumentou muito mais que o tamanho da comunidade científica. Os periódicos surgiram, outrora, não somente em função da expectativa de lucro dos editores e da consciência de que debates eram necessários para a realização de novos conhecimentos, mas, principalmente, na necessidade de comunicação de forma mais eficiente e formal (MEADOWS, 1999). No século XIX, a mesma *Royal Society* também começou a produzir os *proceedings* (atas relativas às atividades do grupo), revigorando a comunicação científica.

Os periódicos tinham e permanecem tendo como função, nesse caso: registro (direito autoral), disseminação (propósito da ciência) e instituição social (serve à sociedade) (GOMES, 2013). À vista disso, é importante destacar que foi com os primeiros periódicos que se estabeleceu o direito à propriedade intelectual (GOMES, 2013). Merton (1957) e Meadows (1999) explicam ainda que o primeiro pesquisador a levar uma descoberta ao conhecimento público tem prioridade em relação ao trabalho dos outros. É por isso que a comunicação dos resultados de pesquisa permite salvaguardar os direitos autorais, conforme destacado por Macias-Chapula (1998). Price (1963) já expunha que a origem social do artigo de periódico estava na finalidade do pesquisador registrar sua pesquisa e proteger sua propriedade intelectual; prestar como veículo de informação e declaração de novos conhecimentos, para o bem da humanidade e para compartilhar com seus pares,

seriam todos aspectos secundários.

Dentro da história da comunicação científica, depois da imprensa, os computadores foram responsáveis pela considerada principal mudança de parâmetro (GOMES, 2013), pois afetaram todo o sistema de comunicação científica (consequentemente, o acesso pela comunidade científica), durante a II Guerra Mundial. Os computadores, prossegue Gomes (2013), modificaram as dimensões da comunicação e a construção do conhecimento, já que alteraram as formas como se faz pesquisa. Somam-se aos computadores, a *internet* e a *world wide web* (*web* ou *www*). Tais elementos atingiram toda a comunicação científica, desde a aquisição, passando pela manipulação e arquivamento até chegar à distribuição; afetando, do mesmo modo, os meios de difusão da informação (GOMES, 2013). A modificação foi tamanha que Meadows (1999) descreve que os meios eletrônicos tornaram difusos os limites entre os conceitos de dados, informações e conhecimento.

Como consequência do uso do computador, da *internet* e da *web* na comunicação científica, teve-se (GOMES, 2013):

- a) o surgimento do *Open Archives Initiatives* (OAI), como desenvolvimento de interoperabilidade para disseminação de informação, e do *Open Access* (OA), como movimento de acesso livre ao conhecimento científico. Tanto o OAI quanto o OA provocaram: maior visibilidade e impacto dos trabalhos publicados pelos pesquisadores (no entanto, acarretaram problemas de *copyright*); alteração nas estratégias de negócios realizadas pelos editores; exigências de publicações por parte das agências de fomento; mudança de acervos e de produtos entregues ao usuário final pela biblioteca; e acesso à literatura pela sociedade;
- b) o aparecimento da *internet* e *web* 1.0 e 2.0, as quais implicaram: desafio à questão autoral; modificação nas estruturas de distribuição de informação, com impacto nas bibliotecas e nas editoras; publicação de trabalhos em *blogs* e *wikis*; possibilidade de novas formas de pesquisa (maior quantidade de dados); surgimento de licenças como *Creative Commons*, *Digital Object Identifier* (DOI) etc.; aumento da colaboração científica mundial; transformação no formato e no conteúdo dos periódicos; surgimento de novas métricas para medir a ciência; e transformação em como a divulgação científica chega à sociedade. Apesar dos avanços tecnológicos, as mudanças culturais são difíceis, como no caso da

avaliação por pares (*peer review*) nos artigos de periódicos, que persiste, apesar das críticas, e do fator de impacto⁸ (FI), alvo de controvérsia entre muitos pesquisadores.

Essa mudança de paradigma, do papel para o eletrônico, alterou também a forma dos periódicos, considerados como elemento máximo da comunicação científica formal na grande maioria das áreas científicas (GOMES, 2003, p. 82). Muitos periódicos deixaram de ser impressos em papel, o que fez com que as bibliotecas ganhassem mais espaço, porém gerou a preocupação em relação ao armazenamento e à preservação dos novos periódicos eletrônicos. Além do mais, todo o processo de submissão, avaliação e aceitação dos artigos, igualmente, passou a acontecer via *internet*. Ademais, o computador, a *internet* e a *web*, da mesma forma, modificaram algumas concepções a respeito da comunicação científica, como vistas a seguir.

2.1.2 Atributos

Toda pesquisa científica implica atividades de comunicação e publicação (MUELLER, 2003). Tais publicações, continua a autora, variam no formato (artigos de periódico, livros e outros), no suporte (papel, meio eletrônico etc.), no tipo de audiência (alunos, colegas, entre outros) e na função (informação, registro de produção intelectual etc.).

Uma das características da comunicação científica é que ela pode ser formal ou informal. A comunicação científica formal (ou estruturada ou planejada), que utiliza os canais formais de comunicação, tem como características: público amplo, informação armazenável e recuperável, informação não tão recente, direção de fluxo escolhida pelo usuário, redundância moderada, avaliação prévia e difícil *feedback* para o autor (MEADOWS, 1999; TARGINO, 2000; SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003; MUELLER, 2003; GOMES, 2013). Ela pode ser publicada ou não publicada. São exemplos: livros, revistas, teses, relatórios etc.

Já a comunicação científica informal (ou não estruturada ou não planejada) acontece quando o produtor e o usuário são conhecidos e trocam informações por

⁸ Assunto a ser tratado mais adiante, o fator de impacto foi proposto por Eugene Garfield, em 1955, e atualmente é calculado pelo *Institute for Scientific Information* (ISI), da *Thompson Scientific Reuters*, sendo publicado pelo *Journal Citations Reports* (JCR).

meio dos canais informais (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). Possui como características: público restrito, informação não armazenável e não recuperável, informação recente, direção de fluxo escolhida pelo produtor, redundância, sem avaliação prévia e fácil *feedback* (MEADOWS, 1999; TARGINO, 2000; MUELLER, 2003; GOMES, 2013). Tem como exemplos: cartas, *preprints*, comunicações de caráter mais pessoal etc. A comunicação informal faz-se muito presente dentro dos colégios invisíveis - grupos informais de pesquisadores que possuem objeto de estudo comum, dentro dos quais são trocadas informações de modo desregrado e dinâmico, tendo seu uso potencializado com a utilização das tecnologias, de acordo com Gomes (2013).

No entanto, com o computador, a *internet* e a *web* tornou-se difícil a separação entre o que é comunicação formal e informal, dessa forma, manifestando-se os conceitos de comunicação digital/eletrônica, com seus novos formatos e canais (bases de dados, bibliotecas virtuais, entre outros) (MUELLER, 2003; SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003). A comunicação digital/eletrônica tem como propriedades: público amplo, armazenamento e recuperação complexos, informação recente, direção do fluxo selecionado pelo usuário, redundância considerável, geralmente sem avaliação prévia e *feedback* significativo (TARGINO, 2000). São exemplos: *e-mail*, grupos de discussão, revistas *on-line*, revistas eletrônicas etc. Crê-se que muito em breve, senão mesmo já, esses conceitos de comunicação formal e informal não serão mais taxativos, pois não será mais possível a diferenciação entre ambos em muitos casos, como Meadows (1999, p. 158) afirmou: "[...] a informação em rede apaga a linha divisória tradicional entre comunicação formal e informal."

Na comunicação científica, em relação às fontes de informação, estas podem ser primárias, secundárias ou terciárias. O conhecimento científico, segundo Ziman (1988), pode ser encontrado na literatura primária, na forma de artigos de periódicos, relatórios de pesquisa etc. (originalmente, o conhecimento científico era encontrado, sobretudo, nos livros), responsável por fazer a ligação entre o pesquisador e a comunidade científica. Em outras palavras, os documentos primários são produzidos sob interferência direta do próprio autor da pesquisa (MUELLER, 2003), sendo responsáveis por produzir e apresentar novos conhecimentos (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003).

A literatura primária, retoma Ziman (1988), é recuperada pela literatura

secundária (bibliografias, artigos de revisão etc.), hoje computadorizada. "Os serviços de informação secundária registram e descrevem documentos primários com o propósito de recuperação e documentação." (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003, p. 283, tradução nossa). Para Ziman (1988), a literatura secundária não contribui diretamente para o conhecimento científico, mas tem forte influência na forma como os resultados de uma busca de informação são comunicados. São exemplos de fontes secundárias: dicionários, manuais, revisões de literatura etc., todos documentos que organizam e filtram a informação (MUELLER, 2003).

Existem ainda as fontes terciárias, que têm a função de guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias, tais como as bibliografias, serviços de indexação e resumos, guias, entre outros (MUELLER, 2003). Da mesma forma como a comunicação formal e informal, com o computador, a *internet* e a *web* tornou-se difícil distinguir documento primário e secundário (MUELLER, 2003).

Na comunicação científica existem diversos modelos que permitem visualizar o fluxo de comunicação (geração, disseminação e acesso) ao longo de determinando tempo. Entre esses, destacam-se: modelo UNISIST, da UNESCO (1971) (SONDERGAARD; ANDERSEN; HJØRLAND, 2003); modelo Sistema de Comunicação Científica, de Garvey/Griffith⁹ (1979); modelos *Modernized Garvey/Griffith*, *No-Journal*, *Unvetted* e *Collaboratory*, de Hurd (1996) (GOMES, 2013); modelo para 2020, de Hurd¹⁰ (2000); modelos *The Communication of Internet-Based Scholarly Information*, *The Communication of Scholarly Information* e revisão do modelo UNISIST - *Domain Analytic Approach*, de Sondergaard, Andersen e Hjørland (2003); modelos de Bjork (2007) (GOMES, 2013).

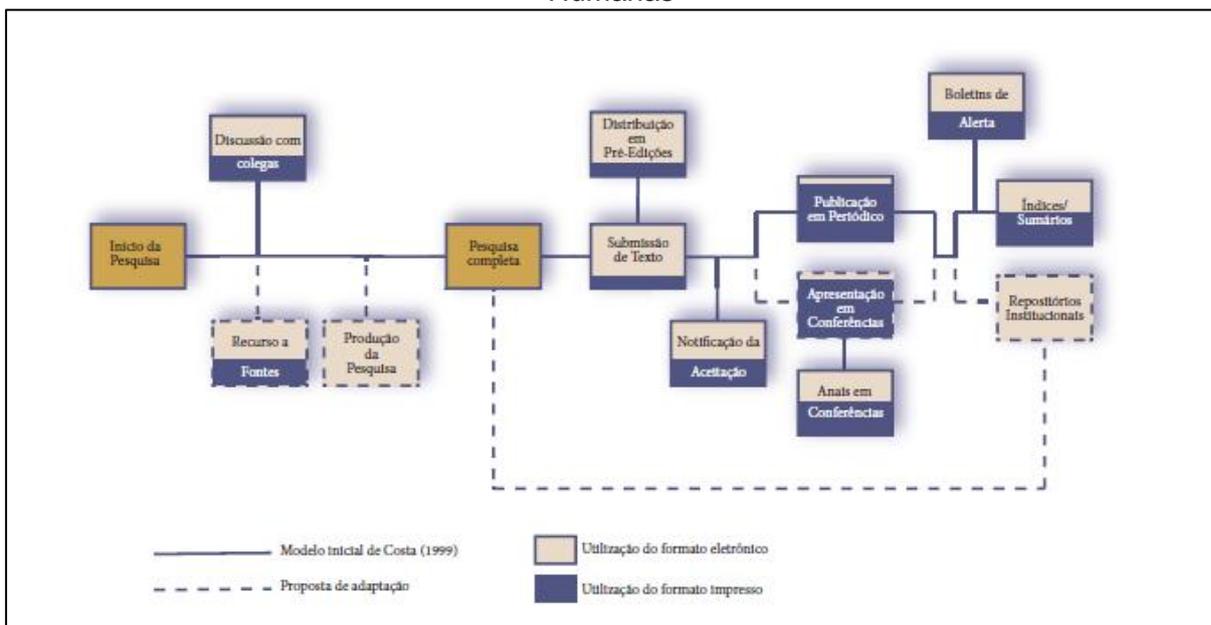
Para esta pesquisa, crê-se que o Modelo de Comunicação Científica para as Comunidades de Ciências Sociais e Humanas, de Pinto e Costa (2018), seja o mais apropriado. Tal modelo é uma adaptação do modelo de Costa (1999), o qual, por sua vez, foi baseado no trabalho de Garvey e Griffith (1979). E ainda que este modelo sirva de eixo para esta pesquisa, tem-se ciência de que o processo de

⁹ GARVEY, William D.; GRIFFITH, Belver C. Communication and information processing within scientific disciplines: empirical findings for Psychology. **Information Storage and Retrieval**, London, v. 8, n. 3, p. 123-136, 1972.

¹⁰ HURD, Julie M. The transformation of scientific communication: a model for 2020. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 51, n. 14, p. 1279-1283, 2000.

comunicação científica, atualmente, é, sobretudo, *on-line*, além de ser contínuo, isto é, talvez tal modelo já não seja capaz de representar a realidade, devido à constante evolução, que provoca modificações substanciais nos modelos existentes.

Figura 1 – Modelo de Comunicação Científica para as Comunidades de Ciências Sociais e Humanas



Fonte: Pinto e Costa (2018, p. 155).

O modelo indica que a investigação é iniciada pelo pesquisador, mas que antes de concluí-la ele a discute com seus colegas, a fim de colher críticas e aperfeiçoar o seu trabalho, e recorre a outras fontes de informação (artigos, anais, livros etc.), para poder produzir sua pesquisa. Em sequência, a pesquisa é submetida a um periódico ou a um evento, ao mesmo tempo em que pode ter sido distribuída na forma de *preprint*. Aceita a pesquisa, ou seja, validada por seus pares, ela é publicada em forma de artigo em um periódico e/ou apresentada em um evento (posteriormente, integrando os anais desse evento). Esta pesquisa passa a fazer parte, então, dos boletins de alerta, dos índices e sumários e também dos repositórios institucionais (que podem receber a pesquisa sem que ela tenha sido publicada em periódico ou em anais, como, por exemplo, uma tese ou dissertação). Essa publicação da pesquisa pode implicar visibilidade para o pesquisador, próximo ponto a ser tratado.

2.1.3 Visibilidade

A comunicação é necessária para o avanço científico e também é a base para a operação do sistema de recompensa, conforme Cole e Cole (1968). Uma das maiores recompensas que um cientista pode receber, em tal caso, é o conhecimento de que seu trabalho foi lido e usado por seus colegas. O cientista individual, portanto, se preocupa profundamente com a visibilidade de seu trabalho. Cole e Cole (1968) sugerem que há relação entre visibilidade e:

- a) qualidade dos trabalhos (a visibilidade de um pesquisador está diretamente ligada à qualidade da sua produção científica);
- b) reconhecimento formal através de prêmios honoríficos (recompensas recebidas pelo pesquisador, em virtude da importância do trabalho científico desenvolvido, promovem sua visibilidade);
- c) especialidade da área de pesquisa (a visibilidade tem relação direta com a tipologia da área de pesquisa).

Similarmente, Packer e Meneghini (2006) explanam que visibilidade, qualidade e credibilidade estão inter-relacionadas, ou seja, a alta qualidade de um trabalho científico acarreta credibilidade por parte da comunidade acadêmica, podendo impulsionar a visibilidade do pesquisador. Da mesma forma, Targino (2000, p. 10) escreve que "É a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que o produto e produtores se inserem." Em outras palavras, isso significa que qualidade, credibilidade e visibilidade somente podem ser avaliadas, honradas e reconhecidas porque houve comunicação científica.

Outrossim, Meadows (1999) fala que há relação entre produtividade e qualidade. Ademais, o autor profere que o trabalho em colaboração recebe maior aporte financeiro e mais citações (acreditando que a colaboração tenha resultado em coautoria); contudo, não foi o encontrado por Queiroz e Vilan Filho (2016) em pesquisa comentada anteriormente, em que os autores receberam mais citações em suas publicações em autoria única.

Nessa linha de pensamento, Ziman (1988) explica que um cientista produz conhecimentos por razões econômicas (salário recebido pelo seu trabalho) e/ou por razões psicológicas (gratificação pessoal por meio do seu reconhecimento pela comunidade científica). Dentro do sistema de comunicação científica, este

reconhecimento advém, prossegue o autor, primeiramente, da publicação do seu trabalho em um periódico de reputação e da respectiva citação (portanto, uma forma de medir a visibilidade é por intermédio da análise de citação). Destarte, para Ziman (1988), o ápice desse reconhecimento seria quando a sua pesquisa assumisse um caráter de "conhecimento estabelecido", como, por exemplo, a equação de Einstein ou a doença de Addison.

Ziman (1988) relata, inclusive, que alguns sociólogos sugerem que dentro da comunidade científica há uma troca de conhecimento por reconhecimento. Para ele isso significa, dentro da antropologia social, que nem sempre os cientistas esperam valores pecuniários em troca dos seus conhecimentos, mas esperam que a comunidade científica forneça benefícios na forma de bens materiais ou estima social. Aliás, valores pecuniários, ainda que sejam significativos para os cientistas, não são o que há de mais importante, ficando atrás do reconhecimento pelos pares, por exemplo.

Nessa linha de pensamento, Merton (2013) afirma que é do reconhecimento que derivam o lucro econômico, o avanço na hierarquia e o acesso ao capital humano e material. Maltrás Barba (2003) descreve que o cientista busca o reconhecimento porque ele é útil e imprescindível para o desenvolvimento profissional individual, ainda mais em épocas de escassos recursos e infraestruturas para a pesquisa, já que o prestígio dá acesso a maior quantidade de recursos, instalações e possibilidades de obtenção de financiamentos. Assim, "[...] para os cientistas, obter reconhecimento é uma necessidade concreta." (MALTRÁS BARBA, 2003, p. 32, tradução nossa). Além disso, prossegue o autor, para ser um cientista, não basta possuir um título ou ocupar um cargo de pesquisador, tem que ser reconhecido pelos outros cientistas como tal. O reconhecimento na ciência, então, implica: admissão à comunidade científica, valorização da capacidade de relação com os outros cientistas e convalidação das contribuições científicas.

Merton (1957) coloca que o interesse em reconhecimento não é decorrente somente do desejo de autoengrandecimento ou da expressão de egoísmo, mas é resultado também da motivação psicológica do pesquisador para atingir a originalidade na sua pesquisa, como resposta à pressão institucional. A ciência, com sua ênfase permanente na originalidade da pesquisa e com sua atribuição de grandes recompensas pela originalidade, torna o reconhecimento como prioridade para os pesquisadores (MERTON, 1957). Dessa forma, continua o autor, o

reconhecimento e a fama tornam-se a recompensa para o pesquisador por ter feito bem o seu trabalho. E para Merton (1957) existe pressão não somente pela contribuição original do pesquisador, mas também nos pares para que reconheçam a propriedade intelectual do pesquisador. Diante disso, alguns cientistas são mais vulneráveis a essas pressões do que outros (uns são discretos, outros autoafirmativos, alguns generosos dando reconhecimento, outros mesquinhos), conforme Merton (1957).

Além disso, Ziman (1988) esclarece que, por vezes, um pesquisador que tenha publicado um único trabalho pode ser mais reconhecido do que outro pesquisador que tenha escrito diversos trabalhos. A título de exemplo, Einstein, que recebeu o prêmio Nobel por fazer importante descoberta, *versus* outro pesquisador, que teve seus "*n*" trabalhos considerados triviais e que, por isso, não fora premiado. Ziman (1988) também manifesta que este reconhecimento não acontece em virtude de um único trabalho publicado, mas sim pelo conjunto da obra do cientista. Da mesma forma, o autor coloca que, por vezes, um pesquisador recebe reconhecimento científico público por suas descobertas, sem que elas tenham sido publicadas.

O reconhecimento dos cientistas pelas instituições vem na forma de prêmios honoríficos, medalhas, graus honorários, participação em sociedades científicas de elite etc. (ZIMAN, 1988). O convite para realizar conferências científicas, para atuar como parecerista de periódico e de concessões de bolsas, e para trabalhar em cargos de direção nas universidades ou de agências do governo, do mesmo jeito, são formas de reconhecimento tanto profissional quanto pessoal (ZIMAN, 1988). Cronin (1984) também informa que a alta citação está correlacionada com o recebimento de prêmios, a alta reputação do pesquisador, a concessão de bolsas e o financiamento de programas.

Nesse sentido, para Packer e Meneghini (2006), os pesquisadores, ao publicarem em um periódico, almejam que seu artigo seja revisado, credenciado, lido e citado pelos pares. O pesquisador visa a maximizar a visibilidade do seu artigo científico e, em consequência, da sua condição de pesquisador (PACKER; MENECHINI, 2006).

Hochman (1994, p. 218), baseado nas ideias de Bruno Latour (das quais Pierre Bourdieu - referenciado neste projeto de pesquisa - discorda), expressa que "Os cientistas precisam da avaliação para o reinvestimento na sua credibilidade; a

preocupação com simples recompensas e reconhecimento seria uma expectativa secundária." Em outras palavras, o pesquisador estaria mais interessado nele próprio do que na ciência como um todo; como se ele precisasse "estar bem" (com autoestima elevada, decorrente do parecer recebido por seus pares) para poder produzir. Assim, a autoimagem do cientista individual depende grandemente das avaliações feitas por seus colegas científicos (MERTON, 1957).

Dentro desse contexto ainda, Ding e Cronin (2011) trazem as ideias de popularidade e prestígio. A popularidade pode ser operacionalizada como o número de vezes em que um autor é citado no total; já prestígio, como o número de vezes que um autor é citado por documentos altamente citados. Reif (1961) aponta que o prestígio vem do recebimento de honras especiais ou distinções, tais como prêmio e seleção para ser membro de academias nacionais; convites para conferências como palestrante convidado, para atuar como professor visitante ou para atuar como consultor em uma indústria (tais quais os benefícios advindos pelo reconhecimento).

Dessa maneira, para esses autores, um pesquisador pode ter: alta popularidade e alto prestígio; alta popularidade e baixo prestígio; baixa popularidade e alto prestígio; e baixa popularidade e baixo prestígio. Provavelmente em virtude disso é que Ziman (1988) questiona se o número de citações é válido como medida de importância científica, apesar de reconhecer a correlação entre taxa de citação e influência sobre o avanço do conhecimento.

O conceito de visibilidade aqui tratado ganhou importância na segunda metade do século XX, com o crescimento da ciência no âmbito internacional (explosão informacional pós-guerra), do mesmo modo que nos governos nacionais, nas políticas públicas ligadas com o desenvolvimento socioeconômico e nas sociedades (PACKER; MENEGHINI, 2006). Dessa forma,

Visibilidade é uma característica desejável da comunicação científica. Ela representa a capacidade de exposição que uma fonte ou fluxo de informação possui de, por um lado, influenciar seu público alvo, e por outro, ser acessada em resposta a uma demanda de informação. (PACKER; MENEGHINI, 2006, p. 237).

Desse jeito, geralmente, a medida utilizada para identificar o caráter de referência e, em consequência, de visibilidade (e como efeito, de prestígio), é o número de citações (PACKER; MENEGHINI, 2006). Ao encontro disso, Gomes

(2013), da mesma maneira, explica que a utilização por parte de outros pesquisadores do conhecimento científico publicado é identificada por intermédio das citações. Mueller (2003), da mesma forma, expõe que os autores se destacam pela frequência com que são lidos e citados, procurando, assim, ampla divulgação de seus trabalhos. Maltrás Barba (2003) afirma que quanto mais vezes uma publicação é citada, mais influente ela é dentro da ciência, em virtude do interesse que despertou nos cientistas. Contudo, há a ressalva de que pode haver publicações muito citadas, mas por terem apresentado pesquisas incorretas, não servindo, conseqüentemente, como referência. Tal premissa é confirmada por Meadows (1999), que afirma que a quantidade de citações, isto é, o interesse dos outros pela pesquisa, é uma forma de analisar a qualidade da pesquisa, mas que um trabalho pode ser bastante citado também porque tem seu conteúdo considerado errado (apesar de, para Fedderke (2013), essas ocorrências serem consideradas baixas).

Em relação às citações, elas estão presentes nos artigos como forma de justificar argumentos, criticar trabalhos etc. (MEADOWS, 1999). Outrossim, prossegue o autor, a citação reflete como uma pesquisa se relaciona com outros trabalhos anteriores.

Weinstock (1971) disserta a respeito das razões que levam à citação: correção do próprio trabalho; correção do trabalho dos outros; crítica a trabalho anterior; reivindicação probatória; alerta para futuros trabalhos; elucidação de trabalhos mal divulgados, mal posicionados ou não citados; autenticação de dados e de classes; identificação de publicações originais em que uma ideia ou conceito foi discutido; identificação de publicação original descrevendo um conceito ou termo; e negação de trabalho ou de ideias dos outros. Cronin (1984) complementa com os fatores sociais e psicológicos (lembranças) e os fatores extrínsecos, tais como o público-alvo (número de leitores, capacidades e expectativas); o *status* da revista em que o artigo será publicado; o âmbito, formato, objetivos e tamanho do artigo; domínio da área científica por parte do pesquisador; e o uso adequado de fontes de informação. Segundo Meadows (1999), são motivos para que um pesquisador cite outro: prestar homenagem; dar crédito; identificar metodologia, equipamento etc.; indicar leituras sobre o tema; entre outros.

E, em algumas áreas de pesquisa, é mais habitual citar a literatura mais recente do que a mais antiga (Price denominou de "efeito de proximidade" ou índice de Price) (MEADOWS, 1999, p. 61), talvez como forma de o pesquisador dizer que

está por dentro das últimas descobertas ou pela facilidade das obras mais atuais estarem disponíveis na *internet*. Além disso, a citação permite a mensuração das fontes de informação utilizadas, tais como o tipo de documento, o idioma e os periódicos mais citados (VANZ; CAREGNATO, 2003). Desse modo, continuam as autoras, é possível saber como se dá a comunicação científica dentro de uma área do conhecimento, obtendo-se, dessa maneira, um mapeamento da ciência.

Elevadas taxas de citação geralmente significam que o pesquisador terá reconhecimento; por outro lado, receber um prêmio, como, por exemplo, o Nobel, acarreta receber muito mais citações (MEADOWS, 1999). Importante registrar que um pesquisador altamente citado tem distribuição assimétrica de citações entre seus trabalhos (MEADOWS, 1999), ou seja, um número limitado das suas publicações recebe a maioria das citações.

Então, os cientistas esperam que as contribuições das suas pesquisas sejam reconhecidas através da citação (ZIMAN, 1988). Para os cientistas, prossegue o autor, mais do que publicar uma pesquisa realizada, eles querem persuadir outros cientistas de que a sua descoberta é válida ou plausível e que é uma potencial contribuição. Porém, segue o autor, os cientistas devem estar preparados para as suas pesquisas serem desconfirmadas, demolidas teoricamente, substituídas ou ignoradas, por serem consideradas desinteressantes, não convincentes ou inválidas. Melhor dizendo, nem todas as pesquisas são publicadas e quando publicadas nem todas são citadas.

Outro fato interessante é a quantidade de tempo que um trabalho é citado. Conceitos e descobrimentos demasiadamente importantes acabam por não receber mais citação, como o caso de Newton, com suas leis, e de Darwin, com seu *A Origem das Espécies* (MEADOWS, 1999).

De acordo com Packer e Meneghini (2006), a visibilidade de uma nação, de uma instituição, de uma área ou grupo de pesquisa e mesmo de um pesquisador de modo individual está relacionada com a visibilidade dos periódicos em que são publicados os resultados das pesquisas (a visibilidade é desenvolvida pelo reconhecimento de um periódico, quando ele se torna uma referência para a comunidade científica). Dessa forma, a visibilidade de um periódico está relacionada com a sua referência de qualidade e credibilidade na área e também com a sua indexação em índices de prestígio, tanto nacionais quanto internacionais, consolidando-se como modelo (PACKER; MENEGHINI, 2006).

Além do mais, Packer e Meneghini (2006) esclarecem que a visibilidade é aplicada aos diversos componentes e processos que formam o conjunto da comunicação científica. Entre esses, estão incluídos índices e bases de dados bibliográficas, publicações, autores, instituições de pesquisa e fomento, projetos, eventos, entre outros.

Contudo, "Citações, e mesmo publicações, só refletem parte do leque de interações que ocorrem entre pesquisadores ou a colaboração que prestam entre si." (MEADOWS, 1999, p. 103). Desse modo, um pesquisador pode colaborar, mas publicar sozinho, ou, simplesmente, não publicar. Aliás, os primórdios da pesquisa eram assim: havia discussão de ideias com os pares, mas a pesquisa era realizada isoladamente (MEADOWS, 1999; LE COADIC, 2004), inclusive porque a comunicação era mais difícil.

Desse jeito, devido à relevância da produção científica de qualidade, visando à obtenção de visibilidade tanto individual (em nível de pesquisador), quanto em nível institucional, entre outras vantagens (tais como mais verbas para pesquisa e recebimentos de premiações), cresceu a pressão em cima dos pesquisadores para que publicassem mais (*publish or perish*). Diante disso, desde a graduação, todas as práticas são voltadas para a aquisição de autoridade científica: prestígio, reconhecimento, celebridade etc., caracterizando o "interesse" por uma atividade científica (uma disciplina, um setor dessa disciplina, um método etc.) (BOURDIEU, 1983, p. 124). Bourdieu (1983) ainda profere que todas as estratégias do cientista são voltadas para a maximização do lucro científico, ou seja, a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes. Tanto é dessa forma que ele fala em "campo científico" (como batalha), em oposição à "comunidade científica" de Kuhn (HOCHMAN, 1994, p. 208).

Assim sendo, Ziman (1988) revela que há certo clima de competição entre os pesquisadores, em função do limitado número de prêmios e bolsas. Até aqueles pesquisadores que trabalham duro e produzem considerável conhecimento, nesse caso, podem não ter seus esforços compensados.

Perante o exposto, ficou notório que, para se estudar a visibilidade, é apropriado que se faça uma análise de citação, a ser abordada a seguir dentro da apresentação das metrias da informação.

2.1.4 Medição da ciência

A medição da produção, da colaboração e do impacto científicos, como resultado da comunicação da ciência, pode ser alcançada por intermédio de estudos métricos. Foi Derek Solla Price, com o já citado livro *Little Science, Big Science*, quem introduziu técnicas de medição da ciência, na década de 1960. Simultaneamente, Eugene Garfield publicou *Science Citation Index* (SCI), por meio do *Institute for Scientific Information* (ISI), em 1963, fruto de seus estudos entre os anos de 1955 e 1961, em que usa a estatística no estudo dos artigos científicos.

Assim, os estudos métricos podem ser: bibliométricos, cientométricos, informétricos, webmétricos ou altmétricos. A bibliometria diz respeito ao estudo quantitativo da produção, disseminação e uso de livros e periódicos, associados a bibliotecas e bases de dados (SANTOS; KOBASHI, 2009). A cientometria refere-se ao estudo quantitativo da produção, circulação e consumo da produção científica. Já a informetria relaciona-se ao estudo quantitativo da informação em diversos formatos produzida por quaisquer indivíduos. A webometria remete à aplicação da informetria à *web*. E altmetria reporta ao estudo da influência da produção científica na sociedade na *web*, como indicador do impacto de artigos nas redes sociais.

Na bibliometria (a ser aplicada neste estudo), a ciência pode ser analisada através de indicadores, que são "[...] medidas obtidas a partir de análises estatísticas dos elementos quantificáveis da literatura científica." (MALTRÁS BARBA, 2003, p. 13, tradução nossa). Glänzel (2003) relaciona como indicadores bibliométricos os de produção, colaboração e impacto. O indicador de produção permite a comparação entre um conjunto de autores ou de agregados (instituições, regiões, países ou áreas), objetivando constatar diferenças que caracterizem o comportamento de cada um deles no sistema, servindo para a composição de padrões de eficiência e produtividade. Com ele pode-se avaliar a quantidade e a qualidade da produção científica e medir o rendimento ou a eficiência dos agentes científicos.

O indicador de colaboração, no que lhe diz respeito, aborda as relações entre pesquisadores, instituições e países, a qual culmina em uma publicação conjunta dos resultados (MALTRÁS BARBA, 2003). Já o indicador de impacto pode ser medido por meio do fator de impacto de periódicos e das citações. O fator de impacto serve para avaliar a visibilidade dos periódicos científicos e o cálculo do fator de impacto de um periódico para um determinado ano refere-se à razão entre o

número de citações recebidas por este periódico nos dois anos anteriores ao ano analisado e o número de artigos publicados nos mesmos dois anos pelo mesmo periódico. As citações podem ser medidas pelo número de citações que um autor, artigo ou instituição recebe durante certo período de tempo, servindo como ferramenta de comparação de produtividade científica (quantidade de pesquisas publicadas) e impacto (número de citações recebidas) entre autores, instituições ou países, podendo indicar o reconhecimento do trabalho de um pesquisador (ANDRÉS, 2009). Assim, continua a autora, a citação serve para obter informações a respeito do impacto e da qualidade associada ao trabalho de um autor ou publicação ou país. Além disso, a citação significa que o artigo foi lido e que influenciou outro artigo (FINLAY; NI; SUGIMOTO, 2012). Ademais, com os dados das citações pode-se descobrir: autores mais citados e mais produtivos, frente de pesquisa, fator de impacto dos autores, procedência geográfica e/ou institucional, tipo de documento, idade média e obsolescência da literatura, periódicos mais citados, core de periódicos que compõem uma área etc. (ARAÚJO, 2006). De mais a mais, com o fator de impacto identificam-se autores que, apesar da pequena produção científica, produziram material significativo, isto é, receberam muitas citações, em oposição àqueles autores que tiveram muitas citações, mas porque publicaram muitos trabalhos, porém cada um desses trabalhos isoladamente com pouca relevância (ARAÚJO, 2006).

A bibliometria comporta: lei de medição da produtividade de cientistas de Lotka, modelo de distribuição e frequência de palavras num texto de Zipf e lei de dispersão do conhecimento científico de Bradford. A Lei de Lotka ou lei quadrático-inversa (do ano de 1926) diz que o número de autores que publicam decresce na proporção do inverso do quadrado do número de artigos de periódicos publicados (PRICE, 1963; MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2006). Também aplicável a instituições e regiões. No entanto, Greene (2007) acredita que a Lei de Lotka não se aplica àqueles artigos com cem ou mais autores, como no caso das áreas científicas de Modelagem Climática, Física de Partículas, Genoma etc.

A Lei de Zipf (do ano de 1949) diz que em um texto consideravelmente extenso, se as palavras forem contadas e classificadas conforme a frequência, a ocorrência de palavras será proporcional à ordem que ocupam na classificação (MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2006). Tal lei inclusive demonstra que existe uma tendência de que as palavras mais frequentes sejam as mais curtas. Também pode

ser aplicada às palavras-chave.

A Lei de Dispersão de Bradford (de 1934) diz que a diversidade de periódicos de uma área pode ser dividida em 3 grupos, cada qual produzindo aproximadamente um terço dos artigos de uma área (MEADOWS, 1999), ou seja, existe sempre um núcleo menor de periódicos relacionados de maneira próxima ao assunto e um núcleo maior de periódicos relacionados de maneira estreita, sendo que o número de periódicos em cada zona aumenta, enquanto a produtividade diminui (ARAÚJO, 2006). O primeiro um terço (core) de artigos pertence a um grupo pequeno de periódicos, porém detém a maior quantidade de publicações pertinentes; o segundo um terço (extensão) de artigos pertence a um grupo de periódicos os quais possuem publicações moderadamente pertinentes; o terceiro um terço (extensão) de artigos pertence ao maior grupo de periódicos, os quais detêm, contudo, a menor quantidade de publicações pertinentes. Essa lei foi muito utilizada em bibliotecas, para o estudo do uso de coleções, a fim de tomar decisões quanto à aquisição, descartes, encadernação, depósito, utilização de verba, planejamento de sistema etc. (ARAÚJO, 2006).

Juntam-se a estes cientistas e suas leis, Price, que concluiu que $1/3$ da literatura é produzida por menos de $1/10$ dos autores mais produtivos, levando a uma média de 3,5 documentos por autor, e que 60% dos autores produzem 1 único documento (ARAÚJO, 2006). Mais tarde foi formulada a lei do elitismo de Price, em que o número de membros da elite corresponde à raiz quadrada do número total de autores, e a metade do total da produção é considerado o critério para se saber se a elite é produtiva ou não (ARAÚJO, 2006, p. 14).

A bibliometria e seus indicadores de produção e impacto serão aplicados no estudo da autoria única, próximo ponto a ser estudado.

2.2 Autoria única

A autoria única, como prática de escrever e publicar sozinho (MEZA; SABAJ; MATSUDA, 2017), sempre se fez presente nas produções tanto literárias quanto científicas. No que se refere às produções literárias, no final do século XVI e início do século XVII, havia considerável colaboração entre autores, sobretudo em peças teatrais, mas que, no entanto, acabavam sendo registradas como autoria única na edição impressa (CHARTIER, 2014). Chartier (2014, p. 10) também descreve que

durante o século XVIII surgiu um novo paradigma da escrita, baseado na individualização do escrever, na originalidade da obra literária e na consagração do autor, que buscava a "canonização" de suas obras, transformando-as em "monumentos". Este novo paradigma, prossegue Chartier (2014), rompeu com: as práticas de colaboração entre autores (principalmente nas obras teatrais nos séculos XVI e XVII), a reutilização de conteúdo, os lugares-comuns familiares e as fórmulas tradicionais, além da contínua revisão e prosseguimento de obras. Por conseguinte, os autores dessa época não estavam dispostos a dividir o "sucesso".

Tal paradigma pode ter sido resultado do Estatuto da Rainha Anne, de 1710, na Inglaterra, em que predominavam as noções de autoria individual, originalidade estética e propriedade literária, de encontro à escrita colaborativa, à reciclagem de histórias/lugares-comuns e ao direito de cópia dos papeleiros (CHARTIER, 2014). Este estatuto alterou os direitos de livreiros e impressores, que passaram a possuir o direito de cópia das obras pelo tempo de 14 anos, sendo o direito de propriedade do autor imprescritível (CHARTIER, 2014). Quiçá tal idiosincrasia tenha se refletido nas obras científicas.

Importante destacar que o conceito de paradigma aqui trazido por Chartier difere do conceito de paradigma de Kuhn, que o relaciona à natureza científica - as transformações de paradigmas são revoluções científicas e a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida (KUHN, 1998). Contudo, como o próprio Kuhn (1998) coloca, o que pode ser um paradigma para um grupo, pode não o ser para outro.

Então, em relação às produções científicas, elas igualmente eram publicadas, na maioria das vezes, em autoria única. O cientista, aliás, pesquisava sozinho, como já comentado por Meadows (1999) e por Le Coadic (2004). Deve-se ter em mente que a comunicação entre os pesquisadores era mais difícil, não suscitando o trabalho em conjunto (a comunicação era realizada por cartas, que podiam levar meses até chegarem ao seu destino final). Além disso, viajar era, igualmente, complexo e demorado, tanto por mar quanto por terra. Entretanto, ainda que existissem estas dificuldades de comunicação e que o sistema de transporte fosse incipiente, como apontado pelos 2 autores, há de se considerar que o pesquisador preferisse escrever sozinho porque almejava o mesmo que os escritores literários: aclamação.

Assim, como já colocado, do fim do século XVII até, aproximadamente, o ano de 1920, a autoria única na ciência era quase que regra. Após, esse preceito foi quebrado e a autoria única foi ganhando menos força nos anos 50 (GREENE, 2007). Nos anos 80 a coautoria passou a prevalecer na ciência de um modo geral. Porém, a autoria única não desapareceu em nenhuma área científica.

À vista disso, é provável que a autoria única não tenha desaparecido em razão de:

- a) predileção do pesquisador por escrever sozinho (ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017);
- b) área de interesse de pesquisa singular (desafiando paradigmas, por exemplo) e/ou especializada (ELIYAN, 2014);
- c) característica inerente da área de pesquisa (MEADOWS, 1999; SINGLE-AUTHOR..., 2017);
- d) área de pesquisa não necessita de laboratórios nem de equipe de pessoas, viabilizando o trabalho só, de forma independente - em oposição às vantagens da colaboração, discorridos por Katz e Martin (1997);
- e) intervalo de tempo menor entre a produção e a publicação efetiva do artigo, considerando-se que tanto a escrita quanto as prováveis correções sejam realizadas de modo mais paulatino quando há mais de duas pessoas envolvidas (HARTLEY, 2005; HARTLEY; CABANAC, 2016), apesar de existir estudos afirmando exatamente o contrário;
- f) pressão por parte de universidades, instituições de pesquisa, agentes financeiros e governos, como fator primordial para efetivação de empregos, conquista de promoções e obtenção de subsídio para pesquisa (ARGENTINA, 2012; CHINCHILLA-RODRÍGUEZ; MIGUEL; MOYA-ANEGÓN, 2014; ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017);
- g) demonstração de alta competência para realização plena de um projeto de pesquisa (ARGENTINA, 2012; NOOR, 2013; CHUANG; HO, 2014; ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017);
- h) isolamento do pesquisador, seja pessoal ou geográfico (conquanto exista atualmente uma gama de formas de comunicação) (SINGLE-AUTHOR..., 2017);
- i) forma de libertação, após obrigatoriedade de dar coautoria para outros pesquisadores (orientadores, chefes de laboratórios, colegas mais

antigos, estatísticos, líderes de organizações etc.), ou depois de se livrarem do sentimento de endividamento para com outros autores (NOOR, 2013; ELIYAN, 2014);

- j) glorificação só para si, considerando-se o pensamento de Merton (1957, p. 637), quando manifesta que a ciência atrai algumas pessoas egocêntricas, "famintas de fama", isto é, o autor que publica sozinha quer ser reconhecido.

Os pesquisadores possuem estilos diferentes de trabalho e diferentes modos de interagir com os colegas. Isso para manifestar contra o fato de que há uma grande pressão para o trabalho em equipe (MEADOWS, 1999). Desse modo, quem consegue suportar a pressão pelo trabalho em colaboração e quem tem preferência por trabalhar sozinho, assim o faz. Aliás, a autoria única na comunicação científica pode ser decorrente de colaboração (LUUKKONEN; PERSSON; SIVERTSEN, 1992), sem que resulte em coautoria. Hilário e Grácio (2018) bem escrevem, quando consideram que a colaboração científica e a coautoria são diferentes perspectivas da ciência, a primeira associada à atividade científica em si, reportando a questões da sociologia da ciência e da epistemologia do campo, e a segunda subordinada ao campo da comunicação científica, carregando aspectos epistemológicos do campo em que se materializa.

Em disciplinas das ciências sociais e das ciências humanas, em função da figura histórica, os pesquisadores estabelecidos estão menos dispostos a conceder coautoria aos subordinados - mesmo quando estes participaram da pesquisa (PONTILLE, 2004, apud LARIVIÈRE, 2012, p. 23)¹¹. Além disso, Larivière (2012) expõe que nas ciências sociais e humanas os alunos geralmente trabalham em casa, muitas vezes, com menos interação com seus professores. Desse jeito, os alunos tendem a ficar envolvidos remotamente como seus docentes, pois a maioria dos professores não tem equipe própria e prefere realizar sozinhos suas pesquisas. Diante disso, pode-se cogitar que esses alunos fizessem sozinhos suas publicações.

Meadows (1999) analisa a profissionalização da pesquisa, julgando que um pesquisador deve dedicar-se somente a ela. No entanto, no Brasil, o pesquisador, sobretudo o que trabalha nas universidades públicas, atua também como docente e,

¹¹ PONTILLE, David. **La signature scientifique**: une sociologie pragmatique de l'attribution. Paris: CNRS Éditions, 2004. Apud LARIVIÈRE, 2012.

em muitos casos, como administrador. Talvez tal sobrecarga de tarefas administrativas, docentes e de pesquisa possa explicar por que um autor publica sozinho, pois pode ser que ele não tenha tempo de escrever conjuntamente.

Ainda, Hartley e Cabanac (2016) apontam desvantagens para a escrita em colaboração, que aqui se entende como motivos para a autoria única: problemas surgem se os colegas não concordarem; a produção pode ser retardada se uma pessoa tiver muitos outros compromissos; os problemas surgem se o trabalho de um dos autores não for tão competente quanto o dos outros autores; pode haver dificuldades potenciais sobre quem será designado primeiro autor; os leitores/pesquisadores não sabem quem contribuiu com o quê no artigo final (embora hoje algumas revistas forneçam essa informação, segundo os próprios autores, há estudos que afirmam ser isso insuficiente para a designação de valor de trabalho individual).

Apesar de a autoria única não ser mais a maior parte da produção científica em muitas áreas, ela é altamente prestigiada, pois o autor é considerado eficiente, aplicado e vitorioso, quase como um herói (ELIYAN, 2014). Segundo Chuang e Ho (2014), um trabalho de autor único exige esforços tremendos de um indivíduo, sendo frequentemente visto como o padrão-ouro e como um forte testemunho dos esforços de um cientista. Além do mais, para eles, um artigo de autor único citado é uma conquista científica notável para um pesquisador, que o pode levar à consagração, próximo subtítulo a ser tratado.

2.2.1 Consagração pela autoria única

O teor deste assunto tem forte relação com o subcapítulo *Visibilidade*, apresentado nas páginas anteriores. Não seria possível escrever a respeito da autoria única sem assinalar que ela pode estar intrinsecamente ligada à necessidade de estima do ser humano. Conforme a Pirâmide de Necessidades, de Abraham Harold Maslow (2001), a necessidade de estima (reconhecimento, orgulho, promoção etc.), está inclusive acima da necessidade de autorrealização (trabalho desafiante, participação em decisões, crescimento pessoal etc.). Isto posto, corrobora-se com o que Hochman (1994) afirmou: o pesquisador busca satisfazer-se pessoalmente, acima dos interesses da ciência. Da mesma maneira, Bourdieu (2004b) já escrevera que o prêmio do crédito científico (*honorific credit*) não é o

dinheiro, mas sim as recompensas vindas das avaliações dos pares, da reputação, dos prêmios etc. Desse modo, o pesquisador iria de encontro às normas para a comunidade científica de Merton (1968). Assim, pode-se inferir que o pesquisador que publica sozinho busca atender essa necessidade de estima, de modo que só ele se consagre (notoriedade exclusiva), sem dividir atenção nem sucesso.

Merton (2013), da mesma forma, descreve que o reconhecimento é um fator motivacional, derivado de ênfases institucionais (MERTON, 1957), tendo, assim, contribuído para a ciência. Tal reconhecimento pode atingir determinado nível, transformando-se em prestígio e, depois, em reputação. E, para Merton (2013), existe uma estratificação social derivada da quantidade de prestígio. Assim, pertencer a determinado estrato, corresponde a um determinado nível de honra e estima. Em virtude disso, para os cientistas, o que importa é ter mais prestígio do que os outros colegas cientistas (MERTON, 2013).

Ziman (1988) explica que existe certa tendência em se atribuir grandes realizações científicas a um único indivíduo (mesmo que isso acarrete notórias injustiças). Um artigo em coautoria, por exemplo, raramente tem associado a ele o nome de todos seus coautores. Essa pode ser outra razão pela qual ainda exista autoria única nas publicações científicas. À vista disso, um pesquisador que tenha se sentido excluído da atribuição científica de determinada descoberta pode ter decidido publicar sozinho desde então. Ziman (1988) continua, sugerindo que o prestígio decorrente do reconhecimento na ciência seria um autorreforçador para o pesquisador, facilitando o aceite no pós-doutorado em instituições de renome, a ocupação de determinados postos de trabalho, a prioridade no recebimento de recursos etc. Um exemplo disso é o caso da brasileira Thaís Vasconcelos, cuja tese na área de Biologia, recebeu o prêmio *The John C Marsden Medal*, da *Linnean Society* (mais antiga sociedade para estudo de História Natural do mundo), de Londres, concedido a melhor tese de doutorado do ano (AUGUSTO, 2018). Thaís já teve alguns capítulos da sua tese publicados em respeitáveis periódicos científicos internacionais e aguardava o resultado de propostas de projetos em três diferentes instituições (Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e *Royal Botanic Gardens Kew*), dedicando-se atualmente ao pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Em outras palavras, a pesquisadora pode escolher a instituição que desejava ir, em decorrência da premiação recebida.

Ziman (1988, p. 77) explana também que a autoridade científica se

desenvolve sob o "Efeito Mateus", em que os ricos ficam mais ricos e os pobres ficam mais pobres, questionando se os ricos ficam mais ricos por mérito ou por sorte. Bourdieu (2004b) mesmo pensa que quanto mais conhecidos são os pesquisadores, mais produtivos são e continuam a ser. Conclui-se, portanto, que um pesquisador se torna conhecido pela qualidade científica do seu trabalho; sua produtividade (e qualidade) não tem motivação financeira (REIF, 1961). Logo, arrisca-se a afirmar que a motivação não é apenas financeira ou que não é principalmente financeira, como Maslow (2001) já tratara.

Em conformidade com Ziman (1988), ainda, determinar o mérito de um cientista é altamente subjetivo, para tanto, faz-se uso de evidências, como a medição da produtividade científica e do impacto científico. Neste ponto, o autor apresenta a Lei de Lotka e discorre a respeito das citações (anteriormente discutidas), como tentativa de se medir o mérito de um cientista. No entanto, continua ele, nem sempre o mérito vem acompanhado de sucesso, e nem sempre os melhores cientistas estão no topo. Não obstante, seria complexo medir essas exceções. Assim, se um cientista percebe que seus trabalhos mais citados são aqueles em autoria única, acredita-se que ele, caso seja possível, optará por escrever sozinho.

Isso posto, depreende-se o capital científico, espécie particular do capital simbólico, de Bourdieu (2004b), que é fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento. Tais atos consistem na condecoração (ou crédito) atribuída pelos pares (que são concorrentes e contribuintes ao mesmo tempo) no interior do campo científico (como por exemplo, número de menções/citações, já comentadas).

O campo científico de Bourdieu é tido como um campo de forças e um campo de lutas, em que os indivíduos buscam *status*, dominação e bens simbólicos. Ele seria o universo (mundo social) no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência (BOURDIEU, 2004b). Nele, os cientistas medem suas forças e travam suas lutas para serem os detentores do poder. Além disso, o campo científico (formado pelas disciplinas) é um espaço autônomo, um microcosmo dotado de leis próprias (o macrocosmo é submetido às leis sociais), variando conforme as leis da comunidade científica.

As revoluções científicas têm como efeito a transformação da hierarquia: aspectos considerados sem importância podem ser reativados por uma nova maneira de fazer ciência (subvertendo as relações de força) e, inversamente,

setores inteiros da ciência podem ficar desatualizados, ultrapassados (BOURDIEU, 2004b). Em vista disso, as lutas no interior do campo são para ser ou permanecer atual. "Os dominantes consagram-se às estratégias de conservação, visando assegurar a perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam." (BOURDIEU, 1983, p. 137). Arrisca-se a pensar, diante disso, que um autor com força que publica sozinho, assim o faz para que essas lutas permaneçam convenientes para ele. Coelho (2017), seguindo essa tendência de pensamento, esclarece que todo conhecimento científico está perpassado por diversos interesses políticos, econômicos etc., sendo, então, a própria validade do conhecimento determinada por inúmeros interesses sociais. Coelho (2017) ainda manifesta que aqueles cientistas que possuem *status* (publicações em revistas bem qualificadas, citações, títulos relevantes, entre outros) estão legitimados a ditar as regras, determinando quem está "apto" ou não a participar do "jogo de forças" constituído no campo científico.

Destarte, o campo científico de Bourdieu (1983, 2004a, 2004b) possui duas formas de poder que correspondem às duas espécies de capital científico (K): capital científico institucionalizado ou da instituição ou institucional e capital científico puro. O capital científico institucionalizado é caracterizado por: o poder é temporal (ou político), ou seja, o poder está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação etc., da mesma forma que está ligado ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos, entre outros) e de reprodução (poder de nomear e de fazer as carreiras, por exemplo); suas estratégias políticas (específicas) exigem tempo (comissões, bancas de teses e de concursos, colóquios, cerimônias, reuniões etc.); não é formado pelos melhores pesquisadores; os indivíduos são eleitos ou aprovados através de concursos.

Já o capital científico puro apresenta como características: poder específico; prestígio pessoal; repousa sobre o reconhecimento (por parte dos colégios invisíveis); é pouco ou mal objetivado e institucionalizado; contribuições ao progresso da ciência, invenções, descobertas (publicações) etc.; só pode ser transmitido através de longo e lento trabalho de formação (colaboração); o pesquisador formador assina com o aluno, recomenda o aluno, entre outros. No entanto, *honorific credit* (capital simbólico) é pessoal e intransmissível, não possuindo valor monetário (BOURDIEU, 2004b).

Por conseguinte, pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida nessa estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição (BOURDIEU, 2004b). Assim, é importante refletir se um autor considerado consagrado dentro da sua área científica, não escreve sozinho apenas para manter sua posição. Nesse sentido, Chang (2008) acredita que à medida que a experiência de publicação dos autores e a produtividade da pesquisa aumentam, torna-se mais provável que sua pesquisa gere conhecimento de maior valor. Bourdieu (2004a, p. 31) manifesta que "Os eruditos são interessados, têm vontade de chegar primeiro, de serem os melhores, de brilhar." (Efeito Mateus novamente).

Bourdieu (1983) entende que os investimentos dos pesquisadores - tanto na sua relevância (tempo de dedicação à pesquisa) quanto na sua natureza (grau de risco assumido) - dependem da importância do seu capital e potencial de reconhecimento e da sua posição e potencial no campo. Dessa maneira, as ambições científicas são mais altas quando o capital de reconhecimento é elevado; o título determina a carreira científica: escolha dos assuntos, grau de produtividade etc. Pressupõe-se, então, que o pesquisador que publica sozinho é detentor de capital científico elevado, não desejando se arriscar a perdê-lo; por isso, trabalha meticulosamente na escolha dos assuntos pesquisados e na quantidade produzida. Bourdieu (1983, p. 150) afirma que produtividade e competição estão diretamente ligadas, como se fossem um "mercado livre".

A passagem do capital científico puro para o capital científico institucionalizado é mais difícil. Já a passagem do capital científico institucionalizado para o capital científico puro é mais rápida e fácil, porque envolve mais poder, recebido de influências externas. Presume-se que qualquer um dos tipos de capital científico seja almejado pelos cientistas e que eles são mais facilmente alcançados quando um cientista se destaca sozinho do que em grupo.

Nesse sentido, Bourdieu (1983) considera que o reconhecimento, marcado e garantido socialmente por sinais de consagração que os pares concorrentes concedem, é resultado do valor distintivo de seus produtos e da sua originalidade (no sentido da teoria da informação) reconhecidos por sua contribuição à ciência, como descreve também Merton (1957). Desse modo, Bourdieu (1983) demonstra que o capital de autoridade advindo de uma descoberta é monopolizado pelo primeiro a fazê-la ou por aquele que a torna conhecida e reconhecida. Assim, de

acordo com Bourdieu (1983), se vários nomes estão ligados à primeira descoberta, o prestígio atribuído a cada um deles diminui na proporção inversa, ou seja, as assinaturas múltiplas reduzem o valor distintivo atribuído a cada um dos signatários. Para Bourdieu (1983), então, o conceito de *visibility* traduz o valor diferencial/distintivo do capital social, em que

[...] acumular capital é fazer um "nome", um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum. (BOURDIEU, 1983, p. 132).

Da mesma forma, para Reif (1961) existe uma grande importância do prestígio para o cientista, pois ele executa seu trabalho em ambiente onde é bastante dependente da boa opinião dos pares e onde sua reputação se traduz em benefícios para ele. Desse jeito, o reconhecimento pessoal possui ainda mais importância para o cientista do que para outras pessoas, fazendo com que ele se esforce para atingir prestígio máximo (REIF, 1961). Ele acredita que a necessidade de reconhecimento pelo pesquisador vem do fato de que o sucesso não é quantificável, sendo atingido quando do reconhecimento pelos pares.

Importante destacar que o reconhecimento atribuído pelos pares também é afetado pela consciência da posição ocupada pelos pesquisadores nas hierarquias sociais (capital simbólico) (BOURDIEU, 2004b). Em outras palavras, um pesquisador que pertença a uma instituição renomada, por exemplo, tende a receber mais crédito pelos pares. Neste caso, entram sinais de reconhecimento e consagração, tais como o prêmio Nobel, medalhas, traduções para línguas estrangeiras, entre outros. Na mesma linha de pensamento, Reif (1961) informa que existe relação direta entre prestígio do cientista e prestígio da instituição, além disso, um cientista prestigiado atrai melhores alunos e bolsas.

Beaver e Rosen (1978) e Katz e Martin (1997) elencam em seus estudos o reconhecimento e a visibilidade como resultantes da colaboração (coautoria). No entanto, o que foi visto aqui é que tanto o reconhecimento quanto a visibilidade podem advir da autoria única, quiçá em proporções maiores, dependendo da área científica analisada, como visto no estudo de Queiroz e Vilan Filho (2016). Beaver e Rosen (1978) também já expressavam que a autoria única podia proporcionar

visibilidade e reconhecimento.

Além de tudo, para Bourdieu (2004b), os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem, em determinado tempo, o que importa para os pesquisadores, ou seja, no que eles têm de concentrar seus esforços, em qual periódico publicar etc. Pode ser que o autor que escreve sozinho vá à contramão disso, ou seja, luta contra as forças do campo. Segundo Bourdieu (2004a, p. 28) novamente, os indivíduos não são passivos, eles não estão simplesmente à mercê das forças do campo científico, eles têm disposições adquiridas (*habitus*), isto é, "[...] maneiras de ser permanentes, duráveis que podem, em particular, levá-los a resistir a opor-se às forças do campo." Assim, pode ser que o autor que publica sozinho possua *habitus* que não o predispõe a escrever coletivamente.

Por outro lado, Canchumani e Leta (2017) exprimem que as frequentes avaliações das agências de fomento no Brasil podem estar incentivando os pesquisadores a publicar em coautoria, como forma de aumentar os seus números de artigos de periódicos, pois esse é um critério de bastante peso nas avaliações. Bourdieu (2004b), da mesma forma, coloca que houve uma inflação da coautoria, por motivos econômicos e por pressão do ambiente competitivo e empresarial. Assim sendo, há de se pensar se o pesquisador que ainda publica sozinho não está alheio a essas avaliações, ou pode, simplesmente, não participar de um programa de pós-graduação brasileiro. Tal ponto vai ao encontro do que Bourdieu (2004b) pondera, de que a vida científica é dura e de que os pesquisadores sofrem muito. À vista disso, pode-se cogitar que a colaboração seja uma forma de atenuar esse sofrimento; e pode-se presumir que aquele que escreve sozinho é mais tolerante e audaz. Ademais, Meadows (1999) aponta que há mais motivos pessoais para a não colaboração científica do que não a realizar por uma desculpa calcada, por exemplo, na distância geográfica.

Chinchilla-Rodríguez, Miguel e Moya-Anegón (2014), todavia, comentam que na Argentina a colaboração é penalizada até certo ponto nas Ciências Sociais e Humanas, sendo recompensada a produção por um único autor. No documento *Criterios de evaluación de la producción científica de las humanidades y ciencias sociales*, da *Comisión Interinstitucional de elaboración de criterios de evaluación para las humanidades y ciencias sociales* (CIECEHCS), se afirma, por exemplo, que nos sistemas de avaliação para a promoção acadêmico-universitária na Europa Ocidental, nos Estados Unidos e Canadá, em humanidades e ciências sociais, é

exigida a publicação de um livro em autoria única como instância de demonstração do nível de maturação intelectual progressiva do candidato (ARGENTINA, 2012), como forma de justificar a valorização da autoria única Argentina.

Dessa maneira, alguns resultados encontrados nesta pesquisa foram ao encontro dos pilares do paradigma da escrita individual na produção literária, mostrando que a "propriedade literária" (CHARTIER, 2014, p. 10) de três séculos atrás ainda se faz presente, mas na produção científica. Alguns trabalhos científicos procuram mostrar isso, entre outros aspectos, sendo a seguir apresentados.

2.2.2 Estado do conhecimento

Como já fora colocado na parte introdutória desta tese, não há um vasto número de pesquisas a respeito do tema autoria única. Soma-se a isso o fato de que as pesquisas que se relacionam a este tópico, não estudam as áreas de informação no Brasil. E as pesquisas existentes não procuram identificar as razões pelas quais os pesquisadores continuam a publicar sozinhos. Diante disso, a seguir são apresentadas algumas pesquisas acadêmicas, além de alguns textos de fóruns de discussão julgados mais significativos, proporcionando uma perspectiva sobre a autoria única na ciência. Tais trabalhos relevantes também serviram à interpretação dos resultados encontrados nesta pesquisa.

Pinto e Costa (2018), em estudo sobre o sistema de produção e divulgação do conhecimento nas comunidades de Ciências Sociais e Humanidades, com 496 docentes da Universidade do Minho, de Portugal, entre 2007 e 2008, verificaram que, entre outros resultados, a maioria das comunidades prefere realizar pesquisas em fontes de autoria única. Ciências Sociais apresentou um resultado de 54,4% e Humanidades de 71% dos docentes com preferência por pesquisar em obras em autoria única. Tais resultados podem ser decorrentes da qualidade dos trabalhos em autoria única, como discutido anteriormente.

Fu e Ho (2018), em estudo que explorou as tendências, características e impacto da citação de colaboração, bem como as redes de colaboração (em nível de país, instituição e autor), usando artigos altamente citados (com 100 citações ou mais) na categoria de Engenharia Ambiental, entre os anos de 1967 a 2013, na *Web of Science*, encontraram 3304 artigos e 7895 autores (em que somente 3% tinham artigos em autoria única). Entre os 26 principais autores, 11 tinham artigos em

autoria única, sendo que a porcentagem de autores no topo que tinham artigos em autoria única foi muito superior à média encontrada. Além disso, as citações por publicação de artigo em autoria única foram maiores que as citações de artigos em coautoria. Os autores concluíram que os resultados da colaboração internacional e interinstitucional, bem como a interpessoal não ajudaram a melhorar o impacto dos artigos analisados. Para eles, embora a colaboração, em geral, seja benéfica em muitas áreas de pesquisa, ela não é benéfica para pesquisas altamente citadas no campo de Engenharia Ambiental. Os autores concluíram que os artigos em autoria única (juntamente com país único e instituição única) foram mais visíveis (obtiveram mais citações) do que artigos envolvendo colaboração.

Sindagi e Anandhalli (2018) escreveram um artigo a respeito da tendência de autoria e pesquisa colaborativa sobre câncer de pulmão, em 93512 pesquisas, publicadas entre os anos de 1997 a 2016, no banco de dados PubMed. Neste estudo verificaram que existe tendência de crescimento de publicação em autoria única de 11,61% até o ano de 2021 e de 32% para o período até 2031, indo na contramão do que muitos estudos trazem, de que a autoria única está cada vez diminuindo mais, principalmente na área da saúde.

Meza, Sabaj e Matsuda (2017), em artigo cujo objetivo era o de analisar a autoria única da base de dados SciELO Chile, entre os anos de 2010 e 2014, encontraram 9541 registros em língua espanhola, correspondendo à autoria única 29% (2741 artigos) do total publicado (aproximadamente 1/3 da produção), sendo mais frequente em Ciências Humanas (55,61%) e Sociais (74,89%). Nas Ciências Sociais, 665 (76,44%) autores contribuíram com apenas 1 artigo; 205 autores (23,56%), com mais de 1 artigo. Os autores únicos tendiam a ser ocasionais, ou seja, a escrever sozinhos e apenas uma vez, da mesma forma como o encontrado no trabalho de Queiroz e Vilan Filho (2017). A maior parte desses pesquisadores (89,26%) estava nas universidades e em instituições privadas (53,49%) - 39,75% estavam em instituições estatais. Os autores concluíram que a autoria única, enquanto indicador, pode ser útil para os responsáveis pelas políticas públicas científicas para gerar diferentes estratégias de financiamento, dependendo das práticas autorais de cada área.

Canchumani e Leta (2017), em pesquisa sobre a relação entre atividade colaborativa e a produtividade dos autores com diferentes tipos de vínculos institucionais com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre os anos

de 2001 até 2012, encontraram que 31,69% dos artigos completos publicados em periódicos foram escritos por um único autor. Ainda que a referida pesquisa tenha englobado diversas áreas de estudo, considera-se significativo o percentual de autoria única encontrado, pois representou quase que 1/3 da produção total da universidade.

Castanha e Grácio (2017) em investigação sobre o tipo de coautoria presente na produção científica dos bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da área da Ciência da Informação no Brasil, entre os anos de 2012 e 2016, encontraram 47 bolsistas e 807 artigos, sendo que 117 artigos (14,5%) foram de autoria individual. Contudo, ao analisarem-se separadamente os níveis de PQ, encontraram: PQ-1A/B - 22 artigos em autoria única (30,14%); PQ-1C/D - 28 artigos em autoria única (21,21%); PQ-2 - 67 artigos em autoria única (11,15%). O resultado encontrado pelas autoras pode ser um indício de que pesquisadores mais qualificados tendem a publicar sozinhos.

Carvalho e Caregnato (2016), em estudo sobre diferença em utilizar somente os primeiros autores (ou únicos) ou os demais coautores das referências na formação de *rankings* de citação e de cocitação de autores, com 153 documentos publicados em 24 diferentes revistas científicas indexadas na base de dados Brapci, entre 2005 a 2014, encontraram 42,65% de autoria única. Considerando-se que a Brapci é uma base de dados de periódicos da Ciência da Informação publicados no Brasil, o percentual encontrado pelos pesquisadores foi elevado, reforçando a motivação para esta pesquisa.

Hartley e Cabanac (2016), em pesquisa a respeito de *blogs* científicos, examinaram 104 publicações no *blog LSE Impact of the Social Sciences*, a fim de verificar se haveria variações no estilo entre publicações em autoria única e coautoria. Os *posts* escritos em pares foram ligeiramente menos legíveis do que os *posts* em autoria única (considerados mais fáceis de ler), desafiando a visão atual sobre as vantagens de escrever em pares, segundo os autores.

Autran, Borges e Mena-Chalco (2015), em análise a respeito das relações de coautoria entre docentes/pesquisadores dos programas brasileiros de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) na Plataforma Lattes, do CNPq, encontraram que, entre os 217 docentes analisados de 13 PPGCI, 57 não trabalharam em coautoria no período de 2008 a 2012, correspondendo a 26,26%.

Entre os 4580 documentos extraídos, 1131 (24,69%) eram de produções individuais.

Alves e Oliveira (2015), em pesquisa sobre rede de colaboração científica baseada nos artigos publicados nos principais periódicos brasileiros da área de Ciência da Informação, no período de 2006 a 2010, encontraram 38% de autoria única ou simples. Tal resultado, juntamente com outros destacados, mostra que a autoria única ainda possui considerável participação na produção científica dentro das áreas de informação no Brasil.

Chuang e Ho (2014) estudaram as características de 1760 artigos em autoria única, a partir da coleção *Science Citation Index Expanded*, da *Web of Science*, concluindo, entre outras coisas, que tais artigos possuíam picos repetidos de citação (quando o pico de citação foi atingido, as citações diminuíram por alguns anos e depois voltaram a subir para um pico mais alto), além de terem a palavra "teoria" como mais frequente nos títulos. Eles encontraram também uma maior porcentagem de artigos de revisão em autoria única, correspondendo a 33% dos artigos altamente citados no *Science Citation Index Expanded* (SCI-EXPANDED), indo ao encontro do achado por Farber (2005). Além disso, eles conseguiram verificar que 72 ganhadores do Prêmio Nobel publicaram 124 artigos de 1 único autor.

Seguindo essa linha de investigação a respeito dos prêmios Nobel, por exemplo, Gerhard Ertl¹², pesquisador da *Fritz-Haber-Institut der Max-Planck-Gesellschaft*, na Alemanha, recebeu prêmio Nobel de Química pelos estudos sobre processos químicos em superfícies sólidas, em 2007. Seu artigo mais citado é em autoria única, pela *Web of Science*, referente à pesquisa ganhadora do prêmio, publicada no ano de 2008. Da mesma forma, Roger D. Kornberg¹³, pesquisador da *Stanford University*, nos Estados Unidos, recebeu prêmio Nobel de Química pelos estudos sobre a base molecular da transcrição eucariótica, em 2006. Publicou artigo sozinho no ano de 2007 sobre o mesmo assunto, sendo seu terceiro artigo mais citado na *Web of Science*.

¹² NOBEL MEDIA AB (Suécia). Nobel Group Interests AB. **Gerhard Ertl - Facts**. [2007]. Disponível em: https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/chemistry/laureates/2007/ertl-facts.html. Acesso em: 02 maio 2018.

¹³ NOBEL MEDIA AB (Suécia). Nobel Group Interests AB. **Roger D. Kornberg - Facts**. [2006]. Disponível em: https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/chemistry/laureates/2006/kornberg-facts.html. Acesso em: 02 maio 2018.

Ainda em relação aos prêmios Nobel, Richard H. Thaler¹⁴, pesquisador da *University of Chicago*, nos Estados Unidos, ganhador do Nobel de Economia em 2017, por suas contribuições à economia comportamental, possui 18 artigos na *Web of Science*, sendo o seu artigo mais citado em autoria única. Angus Deaton¹⁵, pesquisador da *Princeton University*, nos Estados Unidos, ganhador do Nobel de Economia em 2015, por seus estudos sobre análise do consumo, pobreza e bem-estar, possui 44 registros na *Web of Science*, dos quais 21 são em autoria única. Entre suas 10 publicações com maior número de citações, 4 são em autoria única. Paul Krugman¹⁶, pesquisador da *Princeton University*, nos Estados Unidos, vencedor do Nobel de Economia no ano de 2008, por sua análise dos padrões de comércio e localização da atividade econômica, possui 54 publicações pela *Web of Science*, sendo que 35 são em autoria única. Entre suas 10 publicações mais citadas, 7 são em autoria única. Edmund S. Phelps¹⁷, pesquisador da *Columbia University*, nos Estados Unidos, ganhador do prêmio Nobel de Economia em 2006, por seus estudos sobre análise de compensações intertemporais na política macroeconômica, tem 13 publicações na *Web of Science*, sendo 9 em autoria única, das quais 3 são as mais citadas. Tais exemplos trazem a ideia de que autores mais consagrados tendem a publicar sozinhos, talvez para reforçar sua autoridade científica.

King (2013), em investigação a respeito da presença da autoria única em 21 áreas de pesquisa, entre 1981 e 2012, na base de dados *Web of Science*, constatou que o percentual da autoria única nas Ciências Sociais é o mais elevado, correspondendo a 40% dos artigos. O autor, ao fazer análise de citação desses artigos, averiguou que, apesar de a autoria única estar em declínio, as pesquisas publicadas sob essa forma possuem peso substancial dentro da comunidade científica, pois são bastante citadas. Ao que tudo indica, os artigos em autoria única recebem significativa citação por serem trabalhos de cunho mais teórico.

¹⁴ NOBEL MEDIA AB (Suécia). Nobel Group Interests AB. **Richard H. Thaler - Facts**. [2017]. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/2017/thaler/facts/>. Acesso em: 13 nov. 2019.

¹⁵ NOBEL MEDIA AB (Suécia). Nobel Group Interests AB. **Angus Deaton - Facts**. [2015]. Disponível em: https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/2015/deaton-facts.html. Acesso em: 02 maio 2018.

¹⁶ NOBEL MEDIA AB (Suécia). Nobel Group Interests AB. **Paul Krugman - Facts**. [2008]. Disponível em: https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/2008/krugman-facts.html. Acesso em: 02 maio 2018.

¹⁷ NOBEL MEDIA AB (Suécia). Nobel Group Interests AB. **Edmund S. Phelps - Facts**. [2006]. Disponível em: https://www.nobelprize.org/nobel_prizes/economic-sciences/laureates/2006/phelps-facts.html. Acesso em: 02 maio 2018.

Finlay, Ni e Sugimoto (2012) realizaram um estudo para avaliar a qualidade da pesquisa colaborativa *versus* pesquisa em autoria única. Para isso, estudantes de graduação do curso na Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação (SLIS), em Indiana, durante o ano 2010, analisaram as leituras atribuídas a cada semana, de acordo com a qualidade geral, a utilidade para discussão em sala de aula e o aproveitamento. Assim, 51 estudantes responderam 758 questionários válidos a respeito de 42 artigos, entre os quais 23 eram artigos em coautoria (398 questionários respondidos) e 19 eram artigos em autoria única (360 questionários respondidos). No quesito qualidade geral, os artigos em coautoria foram considerados melhores; já no quesito utilidade para discussão em sala de aula, não houve diferença significativa entre os artigos; e na premissa aproveitamento, os artigos em autoria única saíram-se melhor do que os artigos em coautoria.

Davarpanah e Aslekia (2008), em análise cientométrica dos periódicos internacionais na base de dados LIS, sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação, entre os anos de 2000 a 2004, encontraram 894 artigos, dos quais 457 (51,11%) foram em autoria única. Entre esses 894 artigos, havia 1361 autores; e dentre estes 1361 autores, 1224 (89,93%) publicaram somente 1 artigo. Tal resultado vai ao encontro da pesquisa de Queiroz e Vilan Filho (2017), em que 1126 artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação foram analisados, entre os anos de 2010 e 2015, resultando em 84,04% (732) autores que publicaram somente 1 único artigo nos periódicos analisados e em autoria única.

Chang (2008) identificou os fatores críticos que impulsionam o valor do conhecimento criado por cientistas individuais e grupos de pesquisa. Os resultados sugeriram que um único autor tenderá a gerar conhecimento mais valioso; à medida que o número de autores aumenta, os resultados de suas pesquisas tendem a ser menos valiosos. Em vista disso, muitos autores não aumentam a probabilidade de produzir conhecimento extremamente valioso; quando o objetivo é criar conhecimento valioso, é melhor encontrar um indivíduo excelente.

Hart (2007), baseado em indicações de que artigos em coautoria são de qualidade superior aos artigos escritos por um autor único, realizou estudo na literatura acadêmica de Biblioteconomia. Para tanto, utilizou a contagem de citações dos periódicos *Journal of Academic Librarianship* (JAL) e *College and Research Libraries* (C&RL), por um período de 10 anos após a publicação dos artigos que foram publicados entre os anos de 1986 a 1993. Nos 542 artigos analisados e nas

suas 2590 citações nenhuma evidência estatística de significância foi encontrada para apoiar a superioridade dos artigos em coautoria. Assim, para Hart (2007, p. 195, tradução nossa): "Os benefícios da colaboração para a produção de um manuscrito não devem ser interpretados como uma diferença de qualidade que diz respeito à publicação de artigos."

Dupuis e Shannahan ([2006]) realizaram um estudo sobre a frequência de publicações de um único autor (artigos independentes ou interdependentes) nos 3 principais periódicos de *marketing* para avaliar o nível de contribuição de jovens pesquisadores (geralmente, professores assistentes). Esses jovens pesquisadores são encorajados a direcionar suas publicações para as revistas *top-taking*, não somente para refletir a capacidade e contribuição de um indivíduo, mas também para refletir a qualidade do programa que o aluno veio. A análise feita em 779 artigos, entre os anos de 2000 a 2005, resultou que 20% foram contribuições feitas por autores individuais, mas que as contribuições de um único autor por jovens pesquisadores representaram apenas 7% de todos os artigos publicados. Para Dupuis e Shannahan ([2006]), esses resultados sugerem que os pesquisadores individuais jovens enfrentam duras competições; ainda mais diante da pressão e expectativa de publicar em revistas de topo desde o doutoramento continuando ao longo da carreira, tornando quase que inatingível, a menos que alguém esteja disposto e seja capaz de trabalhar com outros autores.

Farber (2005) fez um estudo a respeito da autoria única em diferentes disciplinas nas universidades israelenses. Concluiu que a autoria única é tendência em pesquisas de cunho teórico.

Hartley (2005), em estudo sobre o tempo de submissão e o de publicação em 3 periódicos da área de Psicologia, encontrou que os trabalhos submetidos por autores únicos, os quais continham partes que já haviam sido apresentadas anteriormente em conferências, foram arbitrados significativamente mais rápido do que os trabalhos submetidos em coautoria. Por conseguinte, o autor conclui que não existe vantagem para a coautoria no que diz respeito à velocidade de arbitragem.

Lipetz (1999), em seu artigo sobre os 50 anos do *Journal of the American Society for Information Science* (JASIS), englobando amostras dos anos de 1955, 1965, 1975, 1985 e 1995, totalizando 215 artigos, encontrou 71,4%, 77,1%, 68,2%, 55,3% e 47,1% em autoria única, para cada um dos anos analisados, já dando indícios da diminuição desse tipo de autoria, anos antes disso acontecer no Brasil.

Segundo pesquisa de Vilan Filho (2016), o número de artigos científicos em autoria única publicados nos periódicos brasileiros foi ultrapassado pelo número de artigos em autoria múltipla no ano de 2010, correspondendo a 55,10% do total dos artigos analisados neste ano específico.

No site da *ResearchGate*¹⁸, que é uma rede social voltada a profissionais e pesquisadores da área de ciência e que permite interação e colaboração entre colegas de trabalho e áreas de estudo, em nível mundial, há dois fóruns sobre a autoria única. Ainda que se tenha pesado o caráter informal deste e de outros fóruns de discussão, levou-se em conta, no específico desta tese, a limitada literatura a respeito do tema autoria única. Além disso, não teria sido salutar para este estudo deixar de fora informações tão vivas e ricas advindas de pesquisadores espalhados pelo mundo das mais diversas áreas de pesquisa e das mais diversas instituições, juntamente com suas experiências profissionais únicas.

Nestes fóruns foi perguntado aos membros: “Qual é a sua opinião sobre os documentos de um único autor?” e “Por que é cada vez mais raro ver documentos de periódicos em autoria única?”. Além destes, no *Chronicle Forums*, do jornal *The Chronicle of Higher Education*, de Washington, foi lançada a questão: *Artigos em autoria única: um sinal bom ou ruim?* E as respostas mais significativas foram¹⁹:

Eu vi muitos autores se sentirem obrigados a incluir os nomes de estatísticos e líderes de organização que apenas fornecem permissão para conduzir a pesquisa em uma instalação particular. Estranho, mas a maioria das pessoas incluídas em um artigo não são realmente colaboradoras no sentido mais verdadeiro. Eles apenas "ajudam" o pesquisador com suas pesquisas. Seus nomes deveriam estar na seção de "reconhecimento". (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa).

Todos nós conhecemos colegas que estão apenas acumulando grandes currículos, acrescentando seu nome ao trabalho dos alunos e sentindo que, por serem responsáveis pelo laboratório, fazem parte de toda a pesquisa realizada lá. Isso é tão chato! (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa).

Declarações de contribuições podem apresentar problemas quando algum pesquisador júnior se sentir pressionado a incluir um colega sênior que não é exatamente uma representação verdadeira da sua

¹⁸ Disponível em: <https://www.researchgate.net/>.

¹⁹ Tanto nos dois fóruns lançados no *ResearchGate* quanto na questão colocada no *Chronicle Forums* foi dada, ao longo desta tese, indicação de responsabilidade aos indivíduos autores das perguntas.

contribuição. (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa).

As agências de financiamento desempenham um papel importante. Está ficando cada vez mais difícil conseguir fundos para uma nova ideia quando você é o único autor na proposta. Os árbitros pensam que "naturalmente" ninguém concorda com você sobre a ideia que você está apresentando. Além disso, eles têm fundos limitados e querem distribuí-lo entre o maior número possível de pesquisadores. (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa).

Eu acho que se não fosse por essas pressões externas, muitos acadêmicos levariam seu tempo e publicariam artigos individuais de alta qualidade. Talvez um artigo a cada dois anos. Basicamente, a duração de um projeto de pesquisa típico. (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa).

Somam-se a essas respostas: “Mas em minha opinião, a maior parte da autoria em um artigo pode ser drasticamente reduzida se tendermos a não nos sentir ‘endividados’ com os outros.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa); “Então, basicamente, o problema com a autoria falsa parece insuperável, infelizmente. Se você reclamar oficialmente... Sua carreira está terminada. Triste, mas verdadeiro.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa); “Em alguns casos, os nomes são adicionados como coautor apenas por obrigação. Eu conheço um professor que insiste em adicionar o nome de sua filha como autora.” (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa); e “Eu acho que, infelizmente, a razão muitas vezes não é de pesquisa, mas de finanças. Os pesquisadores relatam por suas publicações: quanto mais publicações, melhor.” (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa).

Essas declarações parecem demonstrar que, por algumas vezes, a coautoria existe não como resultado de colaboração científica, mas por imposição. Então, fica a dúvida se os trabalhos em coautoria realmente foram executados por mais de um autor. Assim, um pesquisador que fora assediado para dar coautoria pode preferir a escrita solitária. Ademais, parece haver uma exigência financeira pela coautoria, além da exigência pela produção científica em si.

O que me preocupa nesse contexto, entretanto, é o fato de que, em vários processos de avaliação, parece que as publicações de um único autor ainda são consideradas meritórias, enquanto os trabalhos com vários autores ganham menos peso. (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa).

Tenho sido repetidamente avisado que as pessoas mais novas (ou seja, aquelas que procuram o primeiro emprego para o TT [*Tenure-*

Track] e aquelas que vão continuar em breve) devem ter pelo menos um artigo recente em autoria única, alegando que é impossível avaliar a contribuição de qualquer indivíduo para um trabalho em autoria múltipla. (SINGLE-AUTHOR..., 2017, *on-line*, tradução nossa).

Acrescentam-se a essas declarações: “Alguns países já começaram a avaliar os professores em seus trabalhos de autor único.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa); “Algumas Universidades diferenciam entre autoria única e publicação em coautoria, colocando valor diferente para cada um.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa); “As agências de financiamento ainda acham que essa [autoria única] é uma conquista maior do que um trabalho em coautoria.” (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa); “No meu campo das ciências sociais, os trabalhos em autoria única são a moeda. Eles mostram que você tem ideias originais, que você pode ver a fruição.” (SINGLE-AUTHOR..., 2017, *on-line*, tradução nossa); “No meu campo de ciências humanas, um artigo em coautoria seria classificado com menor valor do que um artigo em autoria única, para fins de promoção e posse.” (SINGLE-AUTHOR..., 2017, *on-line*, tradução nossa); e “Outras pessoas no meu departamento acham que o trabalho de um único autor mostra originalidade na pesquisa e responsabilidade para concluir um projeto sem assistência.” (SINGLE-AUTHOR..., 2017, *on-line*, tradução nossa).

Nesses fóruns alguns pesquisadores afirmaram que existem países e universidades que dão mais valor para a autoria única em relação à autoria múltipla. A maior valorização estaria diretamente ligada ao fato de que a autoria única demonstra autonomia e capacidades científicas, tornando o pesquisador apto a assumir determinados cargos e tarefas, como se fosse um "rito de passagem".

No entanto, em minha opinião, os trabalhos em autoria única hoje em dia parecem ser feitos por pesquisadores que conseguiram muito em seu campo, para alcançar resultados específicos, novos e curtos que sejam adequados para publicação em artigos em autoria única. (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa).

Se você está publicando em um tópico muito especializado, é mais provável que não haja coautores. Isso não significa que você é um herói solitário... Outra razão para a autoria única é talvez que você não seja um autor convencional. (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa).

A ciência precisa de heróis, que vão contra o fluxo, as

probabilidades. Aqueles que buscam os tabus. A melhor ciência vem da melhor busca, e a liberdade é o caminho. Em tempos de politicamente correto, somos metade de nós mesmos. Precisamos desesperadamente de heróis que assumam o risco de estarem errados, mas acrescentem algo diferente. (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa).

Inclui-se a essas afirmações: “Os autores individuais podem ter ideias inovadoras que desafiam as crenças aceitas - tenho certeza de que isso é verdade.” (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa). Tais depoimentos demonstram o respeito e a admiração que os pesquisadores possuem pelo autor único. Parece haver uma consciência geral de que a autoria única não é uma tarefa fácil. Além disso, existem declarações que apontam para o fato de que o autor único pode ser um cientista revolucionário, isto é, o pesquisador que publica sozinho é visto como alguém que vai à contramão, que busca novidades, e isso parece ser valorizado pelos colegas cientistas.

Outra assertiva: “Eu faço isso simplesmente porque às vezes não consigo encontrar coautores confiáveis; ou coautores potenciais que são reconhecidos o suficiente no campo.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa). Tal resposta mostra não somente que um autor pode achar que seus colegas não são corretos o suficiente para escrever em conjunto um trabalho, mas também que um autor quer um colega já reconhecido para publicar junto. Em outras palavras, neste caso, se não existe ainda um pesquisador reconhecido para trabalhar junto, há preferência pela autoria única. Não por acaso, que tal respondente continua:

Além disso, honestamente falando, a discussão não nega a existência de um desejo natural de ganhar todo o crédito por si mesmo, especialmente quando você se encontra em potencial! (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa).

A declaração desse pesquisador vai diretamente ao encontro do que foi discutido nas páginas anteriores, quando se aventou a ideia de que o pesquisador quer mesmo é o seu próprio reconhecimento.

Meu campo não tem nenhum estigma contra autoria única (que eu conheço), então eu gosto de escrever trabalhos em autoria única para relatar teorias. Quando estes acabam sendo de alto impacto,

pode ser especialmente benéfico para a redação de propostas como PI [*Principal Investigator*]. (SINGLE-AUTHOR..., 2017, *on-line*, tradução nossa).

Trabalhos de autor único em física experimental e engenharia são hoje em dia, na maioria das vezes, revisões. Artigos teóricos ou de modelo de computador são outra coisa, nesses campos é mais fácil ter um único autor. (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa).

Adicionam-se a esses depoimentos: “Além disso, algumas obras podem ser inerentemente tarefas de um único autor, especialmente aquelas que lidam com o desenvolvimento de uma ideia.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa); “Uma vantagem do autor único, pelo menos nas Ciências Sociais, é adicionar ideias livres.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa); “O artigo em autoria única permite a liberdade de desenhar a abordagem da escrita e, assim, alcançar a satisfação da escrita acadêmica do autor.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa); e “Nos centros de pesquisa ainda há pessoas que trabalham sozinhas.” (NOOR, 2013, *on-line*, tradução nossa).

Tais declarações parecem mostrar que a autoria única pode ser simplesmente um momento próprio de um pesquisador, em que ele necessita de espaço e de liberdade para refletir, para expandir seus pensamentos, ou mesmo, para escrever trabalhos teóricos, atingindo satisfação pessoal. Assim, tais asserções indicam que, dependendo da área científica, é possível sim pesquisar e escrever sozinho. E, mesmo naquelas áreas dependentes de laboratórios e equipamentos, a autoria única é possível naqueles trabalhos de cunho mais teórico.

“Eu tenho o hábito de escrever como um único autor. Bem, eu não sabia que isso era algo importante!” (ELIYAN, 2014, *on-line*, tradução nossa). Este depoimento mostra que nem sempre a autoria única é um “ato” consciente do pesquisador. A autoria única pode simplesmente ser uma preferência no modo de trabalhar.

“Autoria única mostra independência ou isolamento?” (SINGLE-AUTHOR..., 2017, *on-line*, tradução nossa). Esta manifestação em forma de pergunta coloca em xeque a autoria única. Seria ela uma maneira do pesquisador demonstrar toda a sua maturidade científica, mostrando que não precisa de alguém (presumindo que a sua autoria única não teve colaboração na pesquisa) ou seria a autoria única resultado da solidão - pessoal, geográfica, científica etc. - do pesquisador? Pode ser que a autoria única não tenha sua razão em nenhuma dessas duas suposições, podendo

estar simplesmente ligada às características da área científica, isto é, ser inerente à área científica (MEADOWS, 1999; SINGLE-AUTHOR..., 2017), próximo tópico a ser pautado.

2.3 Áreas de informação

Em relação às áreas de informação - aqui compreendidas como a Arquivologia²⁰, Biblioteconomia²¹, Ciência da Informação²² e Museologia^{23, 24} - não

²⁰ A Arquivologia centra-se

[...] no esclarecimento do contexto funcional e estrutural dos documentos, e sua evolução ao longo do tempo, na construção de sistemas de conhecimento capazes de capturar, recuperar, exibir e compartilhar esta informação de origem conceitual como base de toda tomada de decisões em arquivos, a partir do projeto do sistema de avaliação “na frente” até a programação pública e atividades de disseminação “depois”. (COOK, 2012, p. 147).

²¹ A Biblioteconomia, sob a corrente de pensamento da construção do social, tanto nas bibliotecas, quanto nos centros de documentação e informação,

[...] busca em sua complexidade compreender o sujeito e a sociedade, requerendo ações que extrapolem ações técnicas de organização e tratamento do acervo, indo numa direção mais ativa de comunicar e tornar possível a apropriação, em diversos formatos e suportes da informação, fazendo jus à dimensão social e democrática das bibliotecas. (TANUS, 2018, p. 176).

²² Ciência da Informação percebida como um campo voltado à pesquisa científica e prática profissional, o qual trata dos problemas da comunicação dos conhecimentos e registros de conhecimentos na sociedade, dentro do contexto de usos e necessidades das informações sociais, institucionais e/ou individuais (SARACEVIC, 1995), ou como ciência que objetiva “[...] a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação; e a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso.” (LE COADIC, 2004, p. 26).

²³ Museologia concebida como

[...] um campo muito vasto que compreende o conjunto de tentativas de teorização ou de reflexão crítica ligadas ao campo museal. O denominador comum desse campo poderia, em outros termos, ser designado por uma relação específica entre o homem e a realidade, caracterizada como a documentação do real pela apreensão sensível direta. Tal definição não rejeita, *a priori*, qualquer forma de museu, desde as mais antigas [...] até as mais recentes (museus virtuais), uma vez que ela tende a se interessar por um domínio voluntariamente aberto a qualquer experiência sobre o campo museal. [...] As linhas diretrizes de um mapeamento para o campo museal

existe ainda um consenso entre os estudiosos a respeito dos seus lugares na ciência. Existem pesquisadores que entendem que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia somadas formam a Ciência da Informação. Outros estudiosos compreendem que Ciência da Informação é algo maior, estando contidas nela a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, além de outras áreas. Já outros pesquisadores percebem a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Ciência da Informação e a Museologia como áreas distintas, porém com pontos em comum. Para fins desse estudo, subentende-se que as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia são independentes, não estando uma inserida na outra. Não parece haver muitas dúvidas nos limites entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, no entanto, percebe-se que existe certa hesitação, em virtude do caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, quando se discute Arquivologia e Ciência da Informação, Biblioteconomia e Ciência da Informação e, até mesmo, Museologia e Ciência da Informação, ainda que o limite entre estas duas últimas seja o menos tênue deles.

Os pontos de confluência entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, para Thiesen (2009) e para Tanus e Araújo (2012), podem estar calcados no fato de que os arquivos, as bibliotecas e os museus dividiam o mesmo espaço físico na Antiguidade e na Idade Média. Foi na Idade Moderna, segundo esses autores, que houve a separação entre as instituições e foi na Idade Contemporânea que cresceu a necessidade da mão de obra especializada, promovendo, assim, o surgimento dos cursos dessas áreas.

Araújo (2011, 2014) descreve que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, com o desenvolvimento do positivismo do século XX, deram ênfase ao fazer técnico e instrumental. Por outro lado, prossegue o autor, essa ênfase nas especificidades técnicas e institucionais evidenciou diferenças entre elas, as quais

podem ser traçadas em duas direções diferentes, seja pela referência às principais funções inerentes ao campo (documentação, indexação, apresentação ou ainda preservação, pesquisa, comunicação), seja considerando as diferentes disciplinas que o exploram mais ou menos pontualmente. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 63).

²⁴ A Documentação, ainda que imbricada às áreas de informação (ORTEGA, 2009), não está representada no Documento de Área 2019 (CAPES, 2019) nem no Relatório de Avaliação Quadrienal 2017 (CAPES, 2017), por isso mesmo, não sendo objeto de estudo dessa pesquisa, ainda que se tenha consciência da sua importância histórica e do seu espaço ocupado dentro da Ciência.

foram fortalecidas pelas associações profissionais das áreas. Araújo (2011) aponta ainda quatro aspectos em comum da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: movimento de transformação dos arquivos, bibliotecas e museus em instituições ativas junto ao público; surgimento de estudos que analisaram as ações dessas três instituições enquanto relações de dominação e poder; aparecimento de estudos voltados para os usuários dessas instituições; e estratégias de normalização, inventariação, classificação, indexação, avaliação e exposição. Presentemente, a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia

[...] voltam-se não mais para os produtos (os livros, os documentos, os objetos), mas para a própria ação humana de criar, interpretar, usar, selecionar e distribuir os vários produtos e registros do conhecimento. E é aí que existe um ponto de contato com o conceito de informação. (ARAÚJO, 2011, p. 126).

E esse conceito de informação é desenvolvido pela Ciência da Informação, que a compreende em suas dimensões física (informação como objeto físico), cognitiva (informação também é o conhecimento que está nos pensamentos dos usuários e dos produtores) e social (informação definida e construída a partir da interação entre as pessoas) (CAPURRO; HJØRLAND, 2007). E é nesse ponto que as áreas convergem. Saracevic (1995, 1996) afirma que a recuperação da informação (RI) é a função mais importante da Ciência da Informação e é exatamente nessa atividade em que mais acontecem as suas relações interdisciplinares. Assim, para Le Coadic (2004, p. 21), o objeto da Ciência da Informação "Não é mais a biblioteca e o livro, o centro de documentação e o documento, o museu e o objeto, mas a informação."

Para Tanus e Araújo (2012), existem pontos de convergência de acervos, espaços, funções e profissionais nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Além do mais, seguem os autores, há uma preocupação com a coleta, o armazenamento, a conservação, a gestão de coleções e a disseminação da informação nos mais diversos suportes e formatos. Ademais, são questões de afluência: informação; memória (como história), por possuir relação com o documento, o qual faz a aproximação entre a Ciência da Informação e a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia (THIESEN, 2009); arquivo, biblioteca e museu como instituições de guarda e coleta; coleta e proteção de parte da cultura;

gerenciamento de coleções e fornecimento de acesso a elas; e organização do conhecimento (TANUS; ARAÚJO, 2012).

Além desses, Tanus e Araújo (2012) consideram o conceito de documento como fator de consonância entre as áreas. Assim, o documento é livro, revista, jornal, peça de arquivo, estampa, fotografia, medalha, música, filme etc. (OTLET, 1937), isto é, documento corresponde a diversos tipos de suportes informacionais (ARAÚJO, 2011), deslocando o conceito de documento do suporte físico para o assunto e conteúdo, ou seja, para a informação (como descrito antes).

Então, a ênfase nos aspectos técnicos e institucionais por parte da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, fez com que houvesse uma aproximação da Ciência da Informação (que possuía cientificidade) com essas áreas. Araújo (2011) revela que o espaço institucional ocupado pela Ciência da Informação nas políticas de informação científica era insuficiente para seu estabelecimento enquanto disciplina científica, sendo essa a razão da sua aproximação da Biblioteconomia. Ao mesmo tempo, a Biblioteconomia carecia de legitimidade epistemológica, em virtude dos seus trabalhos publicados eminentemente técnicos. Assim, a Ciência da Informação ofereceu cientificidade à Biblioteconomia (os docentes da área foram para a pós-graduação em Ciência da Informação, desenvolvendo suas pesquisas) e a Biblioteconomia ofertou sua infraestrutura já institucionalizada (departamentos, periódicos, congressos etc.) (ARAÚJO, 2011).

Do mesmo modo como a Biblioteconomia, a Arquivologia não dotava de legitimidade epistemológica. No entanto, enquanto a Biblioteconomia possuía infraestrutura institucionalizada, a Arquivologia não possuía (dividia espaço com a História, a Documentação ou a Biblioteconomia, por exemplo). Contudo, nos espaços em que a Ciência da Informação já estava consolidada, sobretudo nos programas de pós-graduação, a Arquivologia conseguiu seu espaço, até mesmo porque os arquivistas haviam realizado seus estudos de pós-graduação nesses programas (ARAÚJO, 2011). Assim, da mesma maneira como aconteceu com a Biblioteconomia, só que em menor proporção, a Ciência da Informação valeu-se da infraestrutura institucionalizada da Arquivologia, da mesma forma que a Arquivologia se serviu da cientificidade da Ciência da Informação.

A Museologia compartilha, com a Biblioteconomia e a Arquivologia, algumas características: tradição milenar; preocupação com a preservação, a organização e a

acessibilidade; produção de conhecimentos na forma de manuais e procedimentos. No entanto, ela serve fortemente a outras áreas, tais como Arte e História, as quais acabam por produzir o conhecimento. Além disso, nas instituições a Museologia ora está vinculada às Belas Artes, ora à História, ora às Ciências Biológicas etc. (ARAÚJO, 2011). Assim, sua legitimação enquanto disciplina prestou à Ciência da Informação muito mais para a cooperação internacional do que para a sua legitimação epistemológica (MAIRESSE; DESVALLÉS, 2005, apud ARAÚJO, 2011)²⁵. Tanto é assim que a Museologia, quando comparada à Arquivologia e à Biblioteconomia, é a área menos próxima da Ciência da Informação. Em suma,

Nos primeiros relatos sobre o que deveria ser a Ciência da Informação havia a crítica ao bibliófilo, ao bibliotecário erudito, ao historiador atuante nos arquivos - a crítica de que tais profissionais focavam-se no "conteúdo" das obras, na instituição custodiadora, em vez de se preocuparem em promover a disseminação, a circulação e o efetivo uso das obras custodiadas. Foi nessa direção, querendo se tornar outra *coisa* que não a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia desse período, que se construiu o empreendimento da CI [Ciência da Informação]. (ARAÚJO, 2014, p. 3).

E foi nesse cenário que nasceu a Ciência da Informação, em 1945 (formalmente, entre os anos de 1961 e 1962), com a publicação do artigo *As we way think*²⁶, de Vannevar Bush, que já falava a respeito do "problema" da explosão informacional decorrente do avanço científico e tecnológico demandado pela II Guerra Mundial. Houve um aumento do número de pesquisadores e, em consequência, da produção científica (que necessitava de controle bibliográfico e que também necessitava ser transmitida), os quais, somados ao desenvolvimento tecnológico (principalmente, o computador), foram determinantes, então, para o surgimento da Ciência da Informação.

Diante disso, Tanus e Araújo (2012) consideram que a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Ciência da Informação e a Museologia são campos científicos

²⁵ MAIRESSE, François; DESVALLÉS, André. Brève histoire de la muséologie: des Inscriptions au Musée virtuel. In: MARIAUX, Pierre (Org.). **L'object de la muséologie**. Neuchâtel: Institut de l'art et de muséologie, 2005. Apud ARAÚJO, 2011.

²⁶ Neste artigo o autor expressa a importância da preservação e do armazenamento de documentos notáveis para a ciência, a fim de que fossem disponibilizados para consulta. BUSH, Vannevar. *As we may think*. **Atlantic Monthly**, Boston, v. 176, n. 1, p. 101-108, Jul. 1945.

diferentes, já que cada um corresponde a um microcosmo, dentro do universo da ciência (os autores fundamentam-se nas ideias de Bourdieu, já comentado anteriormente). Para esses autores, tais campos científicos possuem cada um objetos próprios de estudo, comunidades científicas, periódicos, eventos, grupos de pesquisa, conselhos, cursos etc., e por isso mesmo são campos diversos. Soma-se a isso, prosseguem os autores, o fato de que esses campos científicos se comportam de modo diferente em relação às pressões e leis sociais. Contudo, Tanus e Araújo (2012), apesar de pensarem ser campos científicos diferentes, colocam que essas distinções apontadas não são demarcadas, havendo diversos pontos de convergência. Assim, apesar de serem campos científicos diversos, pensa-se que todos juntos – Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia – façam parte das áreas de informação e que possuam em comum alguns objetos de estudo, comunidade científica, periódicos, eventos, grupos de pesquisa etc.

Nesse sentido, Saracevic (1996) entende que a Biblioteconomia é a área mais próxima da Ciência da Informação. Isso porque ambas as áreas compartilham seu papel social e sua preocupação com o uso efetivo dos registros gráficos. Por outro lado, Saracevic (1995) descreve que os campos são diferentes quanto à: definição e seleção de problemas (agenda, paradigmas, base teórica e soluções práticas); natureza e nível de experimentação, desenvolvimento do conhecimento e competências resultantes; instrumentos e abordagens usados; natureza e força das relações interdisciplinares, bem como a dependência no progresso dessas mesmas relações.

Além da Biblioteconomia, Saracevic (1995, 1996) afirma que a Ciência da Informação, por ser uma matéria interdisciplinar, relaciona-se também com a Ciência da Computação (no que tange à utilização de computadores e da computação, dos serviços e das redes), a Ciência Cognitiva (no que se refere à Inteligência Artificial (AI) e interação entre o homem e o computador) e a Comunicação (interesse na comunicação humana).

Já em relação à Arquivologia e sua proximidade com a Ciência da Informação, Fonseca (1998) aponta a informação (antes comentada) como objeto de estudo da nova Arquivologia, aproximando-a, desse modo, da Ciência da informação. Assim, a Arquivologia e a Ciência da Informação são ligadas pelo aparecimento dos suportes escritos do conhecimento humano, conforme Araújo

(2011). No que diz respeito aos documentos, ambas as áreas possuem técnicas e procedimentos para conservar, guardar, organizar, tornar recuperáveis e acessíveis seus conteúdos (ARAÚJO, 2011).

Porém, existem diferenças entre as áreas de Arquivologia e Ciência da Informação, como, por exemplo, o modo de interpretar e produzir suas funções (BARROS; MORAES, 2013). Mas, continuam os autores, elas estão ligadas na forma como tratam os acervos, fornecendo acesso, além da relação informação/documento. Soma-se a isso a divisão de recursos físicos, financeiros e de pessoal nas instituições, tanto em nível acadêmico quanto prático (BARROS; MORAES, 2013). A Arquivologia e a Ciência da Informação aproximam-se também por causa da produção eletrônica de documentos, que provocou mudanças na dinâmica administrativa das instituições, em virtude das dificuldades de organizar e acessar os documentos (BARROS; MORAES, 2013).

No que diz respeito à relação entre Museologia e Ciência da Informação, Pinheiro (2012) aponta que na literatura estrangeira quase não aparece relação entre as duas áreas. No entanto, no Brasil a situação é diferente, tanto que Pinheiro (2012) coloca que a interdisciplinaridade entre Museologia e Ciência da Informação passa pela informação de arte em museus e seus sistemas e redes de informação, assim como da representação do objeto museológico.

No Brasil, por motivos históricos, muitos dos pensamentos voltam-se para a ideia da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia como parte integrante da Ciência da Informação, já que muitos dos cursos de graduação dessas áreas estão alocados nas faculdades e nos departamentos de Ciência da Informação. Assim, a proximidade entre Biblioteconomia e Ciência da Informação no país deveu-se a presença dos bibliotecários nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, que, por sua vez, contaram com os bibliotecários no primeiro curso de Mestrado, o qual consolidou a Ciência da Informação no país, no antigo Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), em 1970, atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) (TANUS; ARAÚJO, 2012). Além disso, o periódico Ciência da Informação, criado em 1972, contribuiu para essa consolidação.

De modo semelhante deu-se o vínculo entre Arquivologia e Ciência da Informação no país. Esse elo foi consequência da presença dos arquivistas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, dos cientistas da

informação como docentes nos cursos de Arquivologia e da vinculação dos cursos de Arquivologia às faculdades e departamentos de Ciência da Informação (TANUS; ARAÚJO, 2012).

No Brasil há marcante aproximação entre a Museologia e a Ciência da Informação. E essa relação estreita entre Museologia e Ciência da Informação, no país, decorreu de vínculos institucionais, políticas públicas, ações acadêmicas e estudos interdisciplinares (PINHEIRO, 2012). Ademais, prossegue a autora, a ausência de cursos de pós-graduação no país serviu como incentivo para que os museólogos desenvolvessem suas pesquisas na Ciência da Informação, assim como aconteceu com os arquivistas e bibliotecários.

Assim, os fatos históricos descritos podem levar à percepção de que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia estejam abarcadas na Ciência da Informação. Ainda mais que na década de 1990 teve início no Brasil a tentativa de integrar as áreas que lidam com informação - Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia - sob influência dos trabalhos da UNESCO, nos anos de 1970, e do Sistema Nacional de Informação (NATIS) (TANUS; ARAÚJO, 2012). Tanto é assim que a área de Comunicação e Informação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é constituída por Comunicação, Ciência da Informação e Museologia, com programas de pós-graduação em Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Comunicação, Jornalismo e Museologia (COORDENAÇÃO..., 2017, 2019).

Compreendem-se as razões históricas para aqui no Brasil as áreas de informação serem arrançadas dessa maneira pela CAPES, mas se entende que sejam quatro áreas distintas (apesar dos muitos pontos em comum) e, por isso mesmo, sendo, desse modo, tratadas assim nessa pesquisa. O próximo tópico a ser tratado apresenta um quadro atual dessas áreas na pós-graduação e na graduação brasileiras, apoiando a compreensão dos resultados encontrados nesta pesquisa.

2.3.1 Contextualização da pós-graduação nas áreas de informação no Brasil

O *Relatório da Avaliação Quadrienal 2017* dos programas de pós-graduação, da CAPES, é resultado da avaliação acontecida entre os anos de 2014 e 2017, referentes ao quadriênio 2013-2016. Neste relatório foram expostos os dados dos programas de Museologia e Ciência da Informação, a qual contempla também a

Arquivologia e a Biblioteconomia.

Então, a Ciência da Informação, conforme dados do *Relatório da Avaliação Quadrienal 2017* (COORDENAÇÃO..., 2017), possui 11 programas de pós-graduação, sendo 9 de doutorado e mestrado (UFBA, UFF, UFMG, UFPB/JP, UFRJ/IBICT, UFSC, UNB, UNESP/MAR e USP)²⁷ e 2 somente de mestrado (UEL e UFPE)²⁸. A Museologia possui 3 programas, sendo 2 só de mestrado (UFBA e USP) e 1 de mestrado e doutorado (UNIRIO)²⁹. Há 3 programas de mestrado profissional: UDESC³⁰, em Gestão da Informação, e UNIRIO, em Biblioteconomia e em Gestão de Documentos e Arquivos. Existem ainda alguns programas em acompanhamento, os quais não receberam avaliação: 1 de doutorado e mestrado em Gestão & Organização do Conhecimento (UFMG), 2 de mestrado (UFC e UFSCAR, ambos em Ciência da Informação)³¹ e 6 de mestrado profissional (FCRB - Memória e Acervos, FUFPI - Artes, Patrimônio e Museologia, MAST - Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, UFCA - Biblioteconomia, UFRN - Gestão da Informação e do Conhecimento e USP - Gestão da Informação)³². Tais programas, provavelmente, em uma próxima avaliação serão contemplados, modificando, dessa forma, o cenário anterior descrito.

Neste relatório ainda constam as notas recebidas pelos programas de pós-graduação em: (1) Ciência da Informação com doutorado e mestrado: UFBA - 4, UFF - 4, UFMG - 5, UFPB/JP - 4, UFRJ/IBICT - 4, UFSC - 5, UNB - 5, UNESP/MAR - 6 e USP - 4; (2) Ciência da Informação somente com mestrado: UEL - 4 e UFPE - 4; (3) Museologia com mestrado: UFBA - 3 e USP - 3; e (4) Museologia com mestrado e doutorado: UNIRIO - 4. Os programas de mestrado profissional receberam as notas: UDESC - 3 e UNIRIO - 3 (em cada um dos seus 2 programas). Observa-se

²⁷ Onde: UFBA - Universidade Federal da Bahia; UFF - Universidade Federal Fluminense; UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais; UFPB/JP - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa; UFRJ/IBICT - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina; UNB - Universidade de Brasília; UNESP/MAR - Universidade Estadual Paulista/Marília; e USP - Universidade de São Paulo.

²⁸ Onde: UEL - Universidade Estadual de Londrina e UFPE - Universidade Federal de Pernambuco.

²⁹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

³⁰ Universidade do Estado de Santa Catarina.

³¹ Onde: UFC - Universidade Federal do Ceará e UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos.

³² Onde: FCRB - Fundação Casa de Rui Barbosa; FUFPI - Fundação Universidade Federal do Piauí; MAST - Museu de Astronomia e Ciências Afins; UFCA - Universidade Federal do Cariri; e UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

que nenhum dos programas recebeu a nota máxima, que é 7, e somente 1 programa possui nota 6. Além disso, a maioria dos programas recebeu nota 4 ou 3, dando indícios de que os programas ainda têm aspectos a ser mais bem desenvolvidos.

Em conformidade com os dados do Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP), da Plataforma Lattes, do CNPq, a Ciência da Informação, em levantamento³³ realizado em agosto de 2019, possui registrados 41 grupos de pesquisa. Esses grupos encontram-se distribuídos em 24 instituições, sendo que a UFPE é a instituição com o maior número de grupos de pesquisa em Ciência da Informação, com 5 (12,20%) grupos, seguida da UNB, com 4 (9,76%) grupos.

Ainda referente aos dados do Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP), da Plataforma Lattes, do CNPq (2018), a Museologia³⁴ tem 36 grupos de pesquisa registrados, distribuídos em 14 instituições. A UNIRIO é a instituição com o maior número de grupos de pesquisa, com 16 (44,44%) no total.

Consoante ao disposto na *Distribuição de Docentes no Brasil por Área de Avaliação*, da GeoCapes (2019), referente ao ano de 2018, os programas de pós-graduação em Ciência da Informação e Museologia contam com 477 docentes permanentes, 102 colaboradores e 8 visitantes. A maior parte dos docentes está concentrada na região Sudeste com 55,71%, seguida da região Nordeste com 26,24%, região Sul com 11,41%, região Centro-Oeste com 4,94% e região Norte com 1,70%.

Ainda segundo dados relacionados na *Distribuição de Discentes de Pós-graduação no Brasil por Estado*, da GeoCapes (2019), tendo o ano de 2018 como base, na Ciência da Informação e na Museologia há 586 discentes matriculados no doutorado, 671 no mestrado e 282 no mestrado profissional. No ano de 2018 houve 98 alunos que finalizaram o doutorado, 233 o mestrado e 95 o mestrado profissional. Entre esses alunos, a maior parte concentra-se na região Sudeste do país, com 55,93% (onde se encontra o maior número de programas de pós-graduação),

³³ Levantamento realizado em agosto de 2019 segundo os seguintes critérios: *termo de busca*: Ciência da Informação (todas as palavras); *consulta por*: linha de pesquisa; *aplicação na busca dos campos*: nome da linha de pesquisa e palavra-chave da linha de pesquisa (certificados); *área do conhecimento*: grande área – Ciências Sociais Aplicadas, área – Ciência da Informação.

³⁴ Levantamento realizado em agosto de 2019 segundo os seguintes critérios: *termo de busca*: Museologia (todas as palavras); *consulta por*: linha de pesquisa; *aplicação na busca dos campos*: nome da linha de pesquisa e palavra-chave da linha de pesquisa (certificados); *área do conhecimento*: grande área – Ciências Sociais Aplicadas, área – Museologia.

seguida da região Nordeste com 25,29%, Sul com 11,91%, Centro-Oeste com 5,55% e Norte com 1,32%. Importante destacar que nessa avaliação, diferentemente do que fora descrito antes, considerou-se 31 programas de pós-graduação, sendo 25 em Ciência da Informação (sendo 7 mestrados profissionais) e 6 em Museologia (sendo 2 mestrados profissionais).

Conforme os dados de *Distribuição de bolsas de Pós-graduação*, de 2018, da GeoCapes (2019), na Ciência da Informação e na Museologia existem em vigor 133 bolsas de doutorado pleno, 150 de mestrado e 18 de pós-doutorado, distribuídas em 9 diferentes tipos de programas de fomento. A região Sudeste concentra o maior número de bolsas, com 55,81%, seguida da região Nordeste, com 26,25%, Sul com 11,63%, Centro-Oeste com 5,65% e Norte com 0,66%. Constata-se que 23,94% do total de mestrandos e doutorandos são bolsistas (não incluídos os alunos do mestrado profissional).

De acordo com os dados da Distribuição de bolsas de graduação e Pós-graduação no exterior por país de destino, da GeoCapes (2019), relativos ao ano de 2018, nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação e Museologia existem em vigor 9 bolsas de doutorado pleno (6 em Ciência da Informação e 3 em Museologia); 10 de doutorado sanduíche (todas em Ciência da Informação); 4 de professor/pesquisador visitante (3 em Ciência da Informação e 1 em Museologia); e 2 de pós-doutorado (ambas em Ciência da Informação). As 9 bolsas de doutorado pleno estão distribuídas entre Portugal (3), Espanha (2), Estados Unidos (2), França (1) e Reino Unido (1); já as 10 bolsas de doutorado sanduíche estão na Espanha (4), Estados Unidos (2), Canadá (1), Portugal (1), França (1) e Reino Unido (1); as 4 bolsas de professor/pesquisador visitante estão na Espanha (2) e nos Estados Unidos (2); e as 2 bolsas de pós-doutorado estão na França e Portugal. Percebe-se que os estudantes de pós-graduação estão principalmente na Europa.

2.3.2 Contextualização da graduação nas áreas de informação no Brasil

Em relação ao ensino de graduação, segundo a *Sinopse Estatística da Educação Superior 2017*, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2019), existem 14 cursos de Museologia no Brasil, em 13 instituições públicas, as quais totalizam 1902 matrículas. No ano analisado houve 199 concluintes, mas 227 matrículas trancadas. Para o ingresso no

curso foram oferecidas 602 vagas, as quais tiveram 7136 candidatos, totalizando 587 ingressos.

Ainda de acordo com a *Sinopse Estatística da Educação Superior 2017*, do INEP (2019), os 16 cursos de Arquivologia são ofertados por 16 instituições públicas, dando um total de 3683 matrículas. Em 2017 houve 571 discentes concluintes, porém teve 368 matrículas trancadas. Foram oferecidas 954 vagas para 14192 candidatos, resultando em 1039 ingressos (esses ingressos a mais se deram porque houve ainda ingresso por seleção para vagas remanescentes, que elevou o número de ingressantes).

A *Sinopse Estatística da Educação Superior 2017*, do INEP (2019), também trouxe informações a respeito da Biblioteconomia, que é ofertada em 39 instituições (29 públicas e 10 privadas), em 41 cursos (31 públicos e 10 privados), com 9548 matrículas (7449 em instituições públicas e 2099 em instituições privadas). No ano de 2017 houve 1205 concluintes (978 nas instituições públicas e 277 nas privadas), contudo 1145 matrículas foram trancadas (760 nas instituições públicas e 385 nas privadas). Teve o oferecimento de 5984 vagas (1946 nas instituições públicas e 4038 nas privadas) para 33543 candidatos (31418 nas instituições públicas e 2125 nas privadas), ingressando 3814 (2032 nas instituições públicas e 1872 nas privadas), sobrando vagas nas instituições de ensino privadas. Da mesma forma que na Museologia, os ingressos a mais nas instituições públicas se deram porque houve ainda ingresso por seleção para vagas de programas especiais e remanescentes, elevando, dessa forma, o número de ingressantes.

Na mesma *Sinopse Estatística da Educação Superior 2017*, do INEP (2019), aparece também a Ciência da Informação, com 1 único curso, em instituição pública, com 147 matrículas. No ano estudado teve 30 concluintes e também 10 matrículas trancadas. Foram ofertadas 40 vagas para 834 candidatos, no entanto, somente 29 ingressaram. Da mesma forma que na Biblioteconomia, sobraram vagas.

De um modo geral, os aspectos abordados neste capítulo de Revisão de Literatura serviram de base para a compreensão dos resultados obtidos no capítulo de Apresentação e Análise dos Resultados. Assim, tais tópicos trabalhados serviram tanto ao apoio teórico dos resultados encontrados quanto a contextualização junto a outras pesquisas realizadas e informações oficiais fornecidas por entidades do governo.

3 METODOLOGIA

Nesta seção da tese são apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados neste estudo a fim de se atingir os objetivos propostos. Para tanto, esta pesquisa foi composta por duas partes, uma quantitativa e outra qualitativa. Uma pesquisa quantitativa, muitas vezes, apresenta resultados que necessitam de posterior investigação. Assim, a compreensão em maior profundidade oferecida pela pesquisa qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa, inclusive, neste caso, tendo um peso maior de importância. Dessa maneira, essa investigação foi realizada sob a ótica da alegação de conhecimento pragmática, que, como bem coloca Creswell (2007), admite a utilização de métodos mistos de pesquisa científica, sendo o problema de pesquisa considerado mais importante do que o método de pesquisa em si.

O propósito deste estudo possui caráter descritivo. Um estudo com esse propósito tem como objetivo principal a descrição do estado de coisas tal como existem (um dos propósitos desta pesquisa). Sua característica principal é que o pesquisador não tem controle sobre as variáveis, ou seja, ele somente pode relatar o que aconteceu ou o que está acontecendo; pode haver tentativas dos pesquisadores de descobrir as causas, mesmo quando eles não conseguem controlar as variáveis (KOTHARI, 2004).

Kauark, Manhães e Medeiros (2010) compreendem a pesquisa descritiva como aquela que visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Para Sekaran (2003), um estudo com propósito descritivo tenta relatar características do fenômeno analisado.

À vista disso, estudos com propósitos descritivos permitem: verificar e descrever características das variáveis analisadas; descrever indivíduos, situações, grupos etc.; demonstrar a frequência com que determinadas características ou variáveis acontecem; obter novas ideias de pesquisa; e auxiliar na tomada de decisões (SEKARAN, 2003). Tais propósitos vêm exatamente ao encontro do que se pretendeu nesse estudo.

A abordagem metodológica da pesquisa, então, foi mista. Este tipo de abordagem permite a integração dos dados quantitativos e qualitativos em um único estudo, desse modo, proporcionando uma análise mais ampla da questão de

pesquisa (CRESWELL, 2007). A estratégia de investigação utilizada foi a explanatória sequencial, em que se tenta elaborar ou expandir os resultados de um método com outro método (CRESWELL, 2007). Neste caso, o estudo começou com o método quantitativo e posteriormente prosseguiu com o método qualitativo. Para Creswell (2014, p. 32), “Um estudo tende a ser mais qualitativo do que quantitativo, ou vice-versa.” Nesse sentido, neste estudo houve prioridade qualitativa, ou seja, foi dada uma maior ênfase nos métodos e nos resultados qualitativos, e os métodos e resultados quantitativos foram usados em um papel secundário, como fundamento e como argumento. Assim, a notação deste estudo foi “quan → QUAL = explicam os fatores importantes” (CRESWELL; CLARK, 2013, p. 114), em que representa o estudo dividido em duas fases, sendo a etapa quantitativa a inicial e de menor importância, derivando dela a fase qualitativa de maior importância. E a integração dos dados quantitativos e qualitativos foi por convergência, isto é, durante a fase de interpretação/análise dos dados (CRESWELL; CLARK, 2007), alicerçada nos pontos teóricos tratados no Capítulo 2 desta tese, principalmente na teoria de Bourdieu (1996) de que os indivíduos não realizam atos gratuitos.

A natureza da pesquisa foi do tipo aplicada. Uma pesquisa de natureza do tipo aplicada tem como objetivo central descobrir uma solução para algum problema prático (KOTHARI, 2004), tal como foi neste caso. Ela permite identificar tendências sociais, econômicas ou políticas, as quais podem afetar a sociedade ou mesmo instituições.

Connaway e Powell (2010) descrevem que a pesquisa aplicada tende a ser mais pragmática, pois fornece informações que são imediatamente utilizadas na resolução de problemas reais, que podem ou não ter aplicação além do estudo imediato. Para eles, a pesquisa aplicada pode ainda validar teorias e conduzir à revisão de teorias. Kauark, Manhães e Medeiros (2010) apresentam a pesquisa aplicada como aquela que objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos, envolvendo verdades e interesses locais.

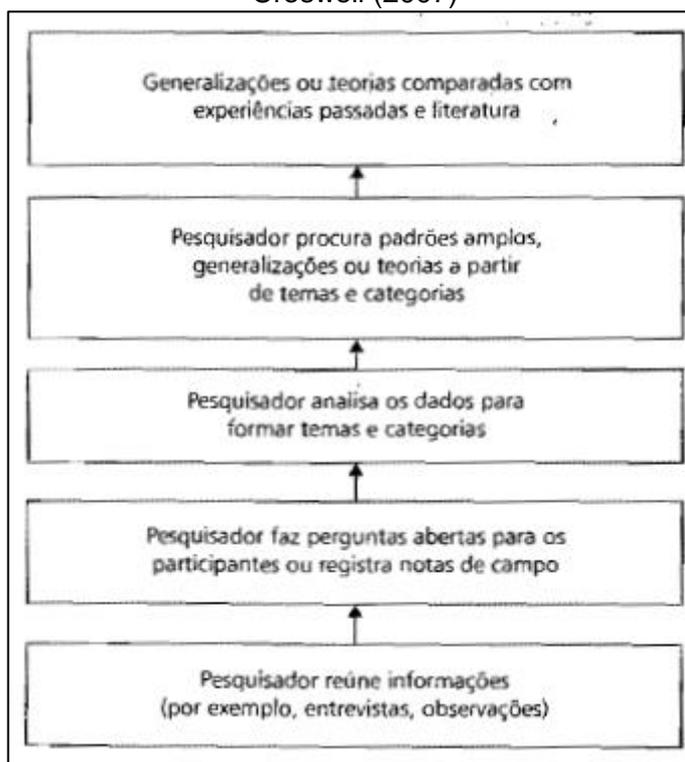
O tipo de ambiente desse estudo foi o natural. De acordo com Sekaran (2003), o ambiente natural é aquele em que o trabalho continua normalmente (isto é, em ambientes não artificiais). Neste caso específico, não houve interferência no ambiente estudado.

O horizonte temporal da pesquisa foi transversal. Um horizonte temporal é

considerado transversal ou *cross-sectional* quando os dados são coletados apenas uma vez e em um curto período de tempo (PAYNE; PAYNE, 2004). Da mesma forma, Kothari (2004), Nouri ([20--?]), Mathers, Fox e Hunn (2009) afirmam que no horizonte temporal transversal a pesquisa é limitada a um único período de tempo.

Em relação à perspectiva teórica referência para este estudo de métodos mistos, tendo em mente que a aplicação de uma teoria delimita o escopo de um estudo caso definida no começo da pesquisa e cria parâmetros de interpretação se utilizada no final (CRESWELL, 2007, p. 151), usou-se tanto a teoria dedutiva (na fase quantitativa), quanto a teoria indutiva (na fase qualitativa). A pesquisa quantitativa foi norteadas pelas leis de medição da produtividade de cientistas de Lotka, modelo de distribuição e frequência de palavras num texto de Zipf e lei de dispersão do conhecimento científico de Bradford, além da lei do elitismo de Price, já apresentadas. Na pesquisa qualitativa, contudo, "Alguns estudos qualitativos não incluem uma teoria explícita e apresentam a pesquisa descritiva do fenômeno central." (CRESWELL, 2007, p. 149). Desse modo, muitos estudiosos "[...] de teorias baseadas na realidade, por exemplo, geram uma teoria 'baseada' na visão dos participantes e posicionam-na como conclusão de seus estudos." (CRESWELL, 2007, p. 148). À vista disso, a fase qualitativa dessa pesquisa, teve como norte a teoria indutiva, a qual parte dos dados e finaliza na teoria ou temas amplos ou modelos (CRESWELL, 2007, p. 142), conforme a figura:

Figura 2 – Teoria indutiva na pesquisa qualitativa, por Creswell (2007)



Fonte: A lógica indutiva de pesquisa em um estudo qualitativo (CRESWELL, 2007, p. 142).

Tendo por base a Figura 2, desenvolveu-se a teoria de modo indutivo a partir das categorias de informações dadas pelos entrevistados. Os resultados encontrados ao final da pesquisa foram comparados com resultados obtidos de outros estudos e com teorias existentes já apresentadas na revisão de literatura (CRESWELL, 2007, p. 142).

Como proferido, então, foi utilizado método misto de pesquisa. A seguir, portanto, são explanados os métodos de pesquisa quantitativo e qualitativo aplicados ao estudo.

3.1 Pesquisa quantitativa

Em relação ao método de pesquisa, nesta fase quantitativa, foi aplicada a bibliometria, apresentada na seção 2.1.4 desta tese. A bibliometria surgiu como bibliografia estatística, já que aplica técnicas estatísticas e matemáticas para medir a produção e a disseminação do conhecimento científico (ARAÚJO, 2006). A análise bibliométrica, segundo Maltrás Barba (2003), permite não somente o estudo dos

produtos da ciência, mas também o estudo a respeito de como produzem os cientistas. Diante disso, ela é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas na área de ciência e tecnologia, pois fornece indicadores essenciais para tomadas de decisão. Tanto é assim que Bourdieu (2004a, p. 62) coloca que as políticas de vantagens competitivas, com justificação social, deveriam ser tomadas baseadas em informações (critérios) cientométricas e bibliométricas, a fim de que as decisões sejam "impecáveis". Por isso, ainda segundo Bourdieu (2004a), critérios de avaliação e de qualidade científica são baseados em métodos cientométricos e bibliométricos. Além disso, uma análise bibliométrica fornece indicadores da contribuição que determinado país faz dentro da pesquisa mundial (PRICE, 1963).

3.1.1 Coleta, tratamento e análise de dados

A coleta de dados foi realizada em um único dia (06 de novembro de 2018), através de busca na base de dados ABCDM, para a obtenção de dados primários. A base de dados ABCDM pertence à Universidade de Brasília (UNB) e possui mais de 14 mil referências de artigos de periódicos brasileiros e portugueses das áreas de informação (Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação e Museologia), as quais cobrem artigos, artigos de revisão e relatos de pesquisa de 36 periódicos do Brasil e de Portugal, entre os anos de 1963 a 2017 (ao menos, à época da coleta dos dados). Além disso, a base também cobre as edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), considerado o mais importante evento dessas áreas no Brasil, desde o seu início em 1994 até 2017 (ao menos também à época da coleta dos dados).

A ABCDM foi escolhida em função: da sua cobertura, consistência e precisão; campos de entrada de dados; opções de navegação, de pesquisa e de salvar e exportar dados - todas características essenciais para a escolha de uma base de dados para uma pesquisa, congregadas por Andrés (2009). Como a base ABCDM ainda não está disponível de modo *on-line*, a extração de dados foi realizada diretamente em uma cópia da base fornecida para esta pesquisa³⁵.

Além disso, a ABCDM foi selecionada, em detrimento de outras bases de

³⁵ Buscas na ABCDM podem ser feitas pessoalmente na Faculdade de Ciência da Informação da UNB ou pelo endereço jleiro@unb.br; cópias da base podem ser obtidas com autorização do detentor dos direitos patrimoniais: Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da UNB, pelo endereço act@cdt.unb.br.

dados, por conseguir atender as demandas dessa pesquisa. Bases de dados, tais como a *Web of Science (WoS)*, *Scopus*, *Library and Information Science Abstracts (LISA)*, *Library e Information Science & Technology Abstracts (LISTA)*, além do repositório *E-Prints in Library & Information Science (e-Lis)*, não traduziam a produção científica das áreas de informação publicada nos periódicos brasileiros, pois abarcam poucos periódicos nacionais. Já a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e o *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* não ofereciam formatos apropriados para exportação de dados que servissem aos objetivos desta pesquisa.

Assim, a busca na ABCDM foi da totalidade de artigos em autoria única³⁶ publicados nos periódicos brasileiros das áreas de informação catalogados na base de dados, no espaço temporal de 2009 até 2017, os quais compuseram o universo dessa pesquisa. Acredita-se que essa delimitação de período de tempo refletiu o estado mais atual das áreas de informação nos periódicos brasileiros. Além disso, o ano de 2009 foi escolhido por ser o último ano em que a produção de artigos de periódicos em autoria única foi maior que a produção de artigos de periódicos em autoria múltipla, de acordo com Vilan Filho (2016). E, no caso específico deste estudo, foram investigados somente os artigos de periódicos, como unidade de análise, pois são considerados como unidade básica de pesquisa bibliométrica (GLÄNZEL, 2003). A análise dos artigos de periódicos foi realizada sob a ótica dos indicadores de produção e de impacto, também já apresentados.

Desse modo, foram coletados os dados referentes ao: (1) nome e ano de publicação dos periódicos; (2) título, palavras-chave, idioma e área dos artigos; e (3) nome, vínculo institucional, formação acadêmica e contato do autor (este último foi coletado não para fins de análise, mas para a realização da parte qualitativa desta pesquisa). Os dados importados da base de dados ABCDM foram salvos no formato .txt, os quais foram passados para o *software Excel* (editor de planilhas da *Microsoft Office*). Nos casos em que houve conflito ou ausência de informação, os artigos foram consultados diretamente nos periódicos *on-line*, para desfazer incertezas.

³⁶ A base de dados ABCDM está, atualmente, no CDS/ISIS (*Computerized Documentation System/Integrated Set of System* - sistema de armazenamento e recuperação de informação, desenvolvido pela UNESCO), o qual oferece diversas facilidades de formatação e exportação de dados por meio de linguagem de recuperação que possibilita o uso de comandos lógicos. Assim, por conta dessa facilidade na seleção, foi possível que se fizesse o *download* de dados somente daqueles artigos em autoria única (AU).

Ainda para o esclarecimento de dúvidas e para obtenção de informações complementares a respeito dos autores também foi consultada a Plataforma Lattes, do CNPq³⁷.

Então, após os dados terem sido importados da base de dados ABCDM, salvos no formato .txt e passados para o *software Excel*, foi iniciado o processo de limpeza de dados. Primeiramente, foram removidos aqueles registros em duplicidade, publicados em periódicos portugueses e/ou com erro de catalogação (casos em que o artigo possuía, em verdade, mais de um autor). Dessa forma, dos 1713 registros originalmente coletados, restaram 1680 artigos.

Após, foi realizada a limpeza nos nomes das instituições, a fim de padronizá-los, dessa maneira, eliminando siglas; normalizando diferentes designações para uma mesma instituição; suprimindo vínculos institucionais a departamentos ou laboratórios e designando o autor para a instituição-mor. Nos casos de ausência de informação, de informação incompleta e/ou de informação contraditória averiguou-se o próprio artigo, se não resolvido, o Currículo Lattes, e, caso não resolvido, o *site* da instituição do pesquisador. Houve o cuidado de apurar a instituição conforme o ano de publicação do artigo.

Depois, foi feita a limpeza de dados nos nomes dos autores. A limpeza nos nomes dos autores tinha como objetivo corrigir os casos de homonímia e também padronizar os nomes daqueles autores que nem sempre grafam seus nomes da mesma forma (MEADOWS, 1999). Nos casos de informação incompleta averiguou-se o próprio artigo, se não resolvido, o Currículo Lattes, e, caso não resolvido, o *site* da instituição do pesquisador.

Posteriormente, foi utilizado o *OpenRefine*³⁸, ferramenta que serve para limpeza de dados, neste caso, das palavras-chave e das áreas de formação acadêmica dos autores. Dos 1680 artigos coletados, 1524 possuíam palavras-chave e 156 não. As 6375 palavras-chave estavam divididas em 3740 palavras-chave diferentes. Após o uso do *OpenRefine*, essas palavras-chave ficaram segmentadas em 3351 tipos diferentes. No caso das áreas de formação acadêmica dos autores, havia 330 tipos diferentes que, após limpeza, foram agregadas em 99 tipos. Nos casos de informação incompleta quanto à formação acadêmica, averiguou-se o

³⁷ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br>.

³⁸ O *OpenRefine* é uma ferramenta para organização e limpeza de dados. Era um projeto apoiado pelo *Google*, mas desde 2012 ele é desenvolvido, documentado e promovido por voluntários. Disponível em: <http://openrefine.org/>.

próprio artigo, se não resolvido, o Currículo Lattes, e, caso não resolvido, o *site* da instituição do pesquisador.

As limpezas no *OpenRefine* incluíram apenas: uniformização das palavras, transformando-as todas em minúsculas; supressão de acentuação; agrupamento de mesmos nomes, porém inseridos em ordem diferente; remoção de espaços inúteis em branco; remoção de pontuação; remoção de palavras duplicadas; e uniformização das palavras nos casos de flexões gramaticais (plural e singular). Agrupamentos mais profundos não foram realizados nas palavras-chave e nas formações acadêmicas, limitando-se somente às funcionalidades do *OpenRefine*.

Além disso, foi também utilizado o *Harzing's Publish or Perish*³⁹, que é um *software* que recupera e analisa citações acadêmicas, através do, por exemplo, *Google Scholar* e *Microsoft Academic Search*, para a avaliação do impacto dos artigos analisados através das citações recebidas (HARZING, 2007). A pesquisa neste programa foi feita por meio do nome do autor, selecionando-se o *Google Scholar* e o ano inicial de 2009. Neste ponto da pesquisa foi utilizada amostra heterogênea e não tendenciosa, representativa do universo pesquisado de artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM, entre 2009 e 2017. O cálculo do tamanho da amostra foi, então, sobre o universo (1680 artigos), considerando-se confiança de 95%, margem de erro de 5% e proporção de 50% (pois não se tinha estimativa de proporção), totalizando 313 artigos. Para a obtenção desses elementos da amostra, foi usado o *Research Randomizer*⁴⁰. Ao serem registrados na base de dados ABCDM os artigos recebem um número sequencial (MFN). Esses números, então, foram colocados em ordem crescente. Após, os artigos receberam nova numeração, indo do número 1 até 1680. Somente depois, portanto, utilizou-se o *Research Randomizer* para a seleção desses 313 artigos.

De acordo com Fedderke (2013), existe um debate a respeito da robustez dos dados de contagem de citações com base no *Google Scholar*. Por um lado, continua Fedderke (2013), alguns estudos questionam a confiabilidade do *Google Scholar*, com base na atribuição de publicações a autores fantasmas, inclusão de publicações não acadêmicas, exclusão de alguns periódicos acadêmicos importantes, cobertura disciplinar desigual, cobertura menos abrangente de

³⁹ Disponível em: <https://harzing.com/resources/publish-or-perish>.

⁴⁰ É um recurso gratuito para pesquisadores e estudantes que gera números aleatórios. Disponível em: <https://www.randomizer.org/>.

publicações anteriores a 1990 e precisão inconsistente.

Por outro lado, Fedderke (2013) coloca que existem muitos estudos que sugerem que o *Google Scholar* é mais robusto e preciso do que o banco de dados do *Institute for Scientific Information (ISI Web of Science)*, por exemplo. As razões citadas pelo autor são que o banco de dados da *ISI* não inclui citações para a produção acadêmica que tem pequenos erros em sua referência, estando mais sujeita a ruídos de citação; fornece representação excessiva para o idioma inglês e também para os periódicos baseados nos Estados Unidos e Reino Unido; é inclinada para citações de artigos (em oposição a livros, capítulos de livros, documentos de trabalho, relatórios, documentos de conferências etc.); restringe significativamente as citações a periódicos do seu banco de dados; subnotifica citações em disciplinas com longos atrasos para publicação; subnotifica citações em geral; e é sensível a assinaturas institucionais.

Além disso tudo, Kousha e Thelwall (2007) e Fedderke (2013) colocam que todas as disciplinas registram menos publicações na *ISI* do que no *Google Scholar*, sendo a divergência intensa no caso das Ciências Sociais, já que registram acentuadamente menos citações por artigo e menores índices- h^{41} no sistema de citações da *ISI* do que no *Google Scholar*. Em vista disso é que se optou por utilizar o *Harzing's Publish or Perish* para a análise de impacto nesta pesquisa, apesar de suas limitações.

Na busca realizada no *Harzing's Publish or Perish*, selecionando-se o *Google Scholar* e considerando-se o nome do autor e o ano de 2009 em diante, como já descrito, levou-se em conta somente as citações para os artigos de periódicos. Assim, foram coletadas as seguintes informações: (1) quantidade total de artigos; (2) número total de citações dos artigos; (3) quantidade de citações do artigo mais citado, bem como seu tipo (se autoria única ou autoria múltipla); (4) número de citações do artigo analisado (artigo sorteado pelo *Research Randomizer* para compor a amostra); (5) quantidade de artigos em autoria única; e (6) número total de citações dos artigos em autoria única. A coleta dessas informações deu-se entre os dias de 27 de junho a 12 de julho de 2019.

Isso posto, todos os elementos coletados foram primeiramente tratados no

⁴¹ É o número de artigos publicado por um autor, os quais obtenham citações maiores ou iguais a esse número.

software Excel, o qual permitiu que fosse realizada análise estatística⁴² descritiva, tanto dos dados obtidos a partir da ABCDM quanto das informações obtidas a partir do *Harzing's Publish or Perish*, através de tabelas e gráficos. Além desse, serviu à análise dos dados coletados o *Wordclouds.com*⁴³, que é um gerador *on-line* gratuito de nuvem de palavras. Desse modo, então, foi possível construir tabelas, gráficos e nuvens de palavras essenciais para a contextualização dos resultados encontrados.

3.1.2 Variáveis de pesquisa

O Quadro 1 apresenta os objetivos propostos com os indicadores bibliométricos, as variáveis analisadas com suas definições e as fontes de coletas.

⁴² Na análise estatística serão utilizados os conceitos de: *média* – refere-se à soma de todos os valores de um conjunto de dados dividida pelo quantidade de elementos deste mesmo conjunto de dados; *desvio-padrão* – diz respeito ao grau de dispersão dos valores de um conjunto de dados (se os dados são ou não uniformes), ou seja, quanto mais próximo de zero o seu valor, mais homogêneos são os dados; *variância* – corresponde a quanto um conjunto de dados se desvia da média; e *mediana* - representa o valor central de um conjunto de dados.

⁴³ Disponível em: <https://www.wordclouds.com/>.

Quadro 1 – Relação entre objetivos específicos, indicadores bibliométricos, variáveis da pesquisa com suas definições e fontes de coletas

Objetivos específicos	Indicadores bibliométricos	Variáveis	Definições das variáveis	Fontes de coletas
Examinar a evolução da produção dos artigos e identificar seus idiomas, periódicos de publicação, áreas e temas de pesquisa	Indicador de produção	Ano de publicação	Ano de publicação do periódico	ABCDM, campo 267
		Idioma	Idioma do artigo publicado	ABCDM, campo 8
		Nome do periódico	Título do periódico indexado na ABCDM	ABCDM, campos 440 (título)
		Área de conhecimento do artigo	Temática indexada na catalogação	ABCDM, campo 690
		Tema de pesquisa	Palavras-chave do artigo	ABCDM, campo 600
		Título do artigo	Título do artigo indexado na ABCDM, para fins de controle de registro	ABCDM, campos 240
Traçar o perfil dos autores (quanto à formação acadêmica e vínculo institucional atrelado às regiões brasileiras) e identificar aqueles com maior produção científica	Indicador de produção	Formação acadêmica	Título conferido pelo próprio autor no artigo	ABCDM, campo 100d
		Vínculo institucional	Instituição atribuída pelo próprio autor no artigo	ABCDM, campo 100c
		Unidade federativa	Unidade federativa de filiação institucional do autor (1)	ABCDM, campo 100d
		Autor	Responsável intelectual pelo artigo	ABCDM, campos 100a,b e 700
		Correio eletrônico	Endereço de correio eletrônico do autor, para a aplicação da pesquisa qualitativa	ABCDM, campo 100^e
Medir o impacto da produção científica através das citações recebidas	Indicador de impacto	Número de citações	Número de citações que o autor recebeu na totalidade dos seus artigos analisados	<i>Harzing's Publish or Perish</i>

Fonte: a autora.

Nota: (1) Nos casos de localidades estrangeiras, os dados foram completados manualmente.

3.2 Pesquisa qualitativa

A fase qualitativa desta pesquisa, como mencionado, foi posterior à fase quantitativa, tendo seu corpus formado a partir dos dados coletados na primeira etapa do estudo. Além disso, deu-se maior importância à fase qualitativa, já que se pretendeu entender o contexto, “ouvindo as vozes” dos entrevistados, dando espaço para vieses e interpretações do próprio pesquisador (CRESWELL; CLARK, 2013, p. 28), dessa forma, enriquecendo o estudo como um todo. Assim, o objetivo desta fase qualitativa foi o de permitir que se conhecessem as razões individuais pelas quais um pesquisador escreve artigos sozinho (mesmo que escreva artigos em coautoria também). Dessa forma, atendeu-se ao último objetivo específico dessa tese, que é o de analisar os motivos que representam a explicação para que os autores publiquem artigos em autoria única.

3.2.1 Coleta de dados

Na coleta de dados foi aplicado o método de pesquisa de levantamento. Kauark, Manhães e Medeiros (2010) caracterizam o levantamento como quando a pesquisa envolve a interrogação das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.

Utilizou-se procedimento baseado na metodologia aplicada na tese da Prof^a. Dr^a. Samile Andréa de Souza Vanz⁴⁴ (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), com adaptações a esse estudo. Então, a coleta de dados foi realizada através de questionário com perguntas abertas, via correio eletrônico, aos pesquisadores selecionados para a amostra, durante o período de 20 de maio até 22 de julho de 2018.

O questionário foi, então, como já descrito, composto por quatro perguntas

⁴⁴ Tese sob orientação da Profa. Dra. Ida Regina Chittó Stumpf (UFRGS) e aprovação da banca composta pela Prof^a. Dr^a. Suzana Pinheiro Machado Mueller (UNB), Prof^a. Dr^a. Jacqueline Leta (UFRJ), Prof. Dr. Raimundo Nonato Macedo dos Santos (UFSC, à época) e Prof^a. Dr^a. Sônia Elisa Caregnato (UFRGS).

VANZ, Samile Andréa de Souza. **As redes de colaboração científica no Brasil: 2004-2006**. 2009. 204 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17169/000711634.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 mar. 2018.

abertas (conforme Apêndice A), às quais o entrevistado pode responder livremente, sem alternativas existentes (MAYRING, 2002), ou seja, o entrevistado pode respondê-las da forma que escolhesse (SEKARAN, 2003). A última pergunta do questionário inclusive convidou os participantes a comentarem sobre tópicos que pudessem não ter sido cobertos totalmente ou adequadamente (SEKARAN, 2003). Essas mesmas perguntas foram feitas a todos os respondentes da mesma maneira e estavam no próprio corpo da mensagem (desse modo, bastou responder ao *e-mail*, para retornar preenchidas as perguntas do questionário). O questionário foi enviado também nos idiomas inglês e espanhol, conforme o caso, para os pesquisadores estrangeiros.

A escolha do questionário baseou-se em função do seu baixo custo, independentemente do tamanho da amostra e da sua distribuição geográfica. Além disso, também se fundamentou no fato de despender menos tempo do entrevistado para responder (KOTHARI, 2004).

Assim, em razão da dispersão geográfica desses pesquisadores, optou-se, então, pelo envio dos questionários via correio eletrônico. Em visto disso, a entrevista foi individual, já que o objetivo foi explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo, analisando suas experiências individuais detalhadamente (BAUER; GASKELL, 2005).

Desse modo, em relação ao questionário via correio eletrônico, Sekaran (2003) e Nouri ([20--?]) acreditam que a principal vantagem é a cobertura de uma vasta área geográfica. Além disso, continuam os autores, os correios eletrônicos são enviados para os entrevistados, que podem respondê-los em sua conveniência, em suas casas e em seu próprio ritmo. Sekaran (2003) ainda destaca o uso do correio eletrônico na aplicação de questionários por ser pouco dispendioso, quase instantâneo e com entrega garantida.

Connaway e Powell (2010) apontam que o questionário por correio eletrônico tende a incentivar respostas francas, pois é mais fácil para o pesquisador garantir o anonimato do entrevistado; ademais, o entrevistado pode preencher o questionário sem a presença do pesquisador, desse modo, favorecendo a sua eficácia. Outras vantagens apresentadas por Connaway e Powell (2010) são: o formato fixo do questionário tende a eliminar a variação no processo de interrogação, apesar disso não extinguir a possibilidade dos entrevistados interpretarem a mesma pergunta de diferentes maneiras; o questionário pode ser respondido dentro do tempo e local

desejados do entrevistado, incentivando respostas bem pensadas, contudo, se o objetivo for a obtenção de respostas espontâneas ou mesmo imediatas, esse pode não ser o modelo ideal; facilidade de obtenção de uma grande quantidade de dados em curto período de tempo; facilidade de transmissão; imediatismo da entrega; e baixo custo de distribuição.

Por outro lado, segundo Sekaran (2003), as taxas de retorno dos questionários via correio eletrônico são geralmente baixas, considerando-se uma taxa de 30% como aceitável, ficando difícil estabelecer a representatividade da amostra, já que aqueles que responderam ao questionário podem não representar a população. Nouri [20--?], Kothari (2004), Connaway e Powell (2010) também salientam as baixas taxas de retorno.

Outra desvantagem do questionário via correio eletrônico, de acordo com Sekaran (2003), é que todas as dúvidas dos entrevistados podem não ser esclarecidas. Nessa linha de pensamento é que Kothari (2004) discute a possibilidade de respostas ambíguas ou mesmo omissão de respostas pelo fato de o entrevistador não estar presente fisicamente. Connaway e Powell (2010) também trazem a eliminação do contato pessoal entre entrevistado e entrevistador, em que o primeiro não consegue qualificar suas respostas nas perguntas ambíguas, como desvantagem.

Connaway e Powell (2010) identificam ainda como desvantagens da utilização de questionário via correio eletrônico: pessoas que são altamente opinantes tendem a responder mais aos questionários do que as pessoas não opinantes, podendo a amostra ser tendenciosa; e possibilidade de sabotagem nas respostas do entrevistado. E Kothari (2004) ressalta a provável lentidão em receber de volta as respostas dos questionários.

O corpus desta parte da pesquisa, diferentemente da tese da Prof^a. Dr^a. Samile Andréa de Souza Vanz, foi formado por amostra aleatória dos elementos de autoria (referente à relação autor-artigo). Tal amostra qualitativa foi constituída a partir da amostra quantitativa selecionada descrita no item *3.1.1 Coleta, tratamento e análise de dados*.

Em relação ao número de indivíduos na amostra, Bauer e Gaskell (2005) afirmam que mais questionários ou entrevistas não melhoram a qualidade da pesquisa ou levam a uma compreensão mais detalhada. Isso porque há um número limitado de versões da realidade e também porque há a questão do tamanho do

corpus a ser analisado, conforme Bauer e Gaskell (2005). Assim, há um limite máximo de número de questionários/entrevistas, que é necessário fazer e analisar. E "[...] este limite é algo entre 15 e 25 entrevistas individuais [...]" (BAUER; GASKELL, 2005, p. 71).

Já Adler e Adler (2012) consideram que o número de pessoas necessárias para fazer uma amostra adequada para um projeto de pesquisa qualitativa pode variar de 1 a 100 ou mais. No entanto, continuam eles, deve-se considerar o tempo de execução de uma pesquisa, a dificuldade de transpor os limites do próprio grupo a ser questionado, bem como seu ambiente, e a complexidade de trasladar as entrevistas. Assim, os autores aconselham que uma amostra qualitativa deva conter entre 12 e 60 indivíduos, sendo 30 a média.

Isto posto, pretendeu-se seguir a recomendação desses autores, trabalhando com o limite máximo indicado de amostra com 60 indivíduos. Desse modo, esperava-se que a taxa aceitável de 30% de retorno dos questionários preenchidos via correio eletrônico, de Sekaran (2003), correspondesse a esse limite de 60 pesquisadores entrevistados, de Adler e Adler (2012). Para tanto, ou seja, para que os 60 pesquisadores entrevistados correspondessem a 30% da amostra, calculou-se enviar 200 questionários; contudo, considerando-se possíveis perdas e recusas, achou-se prudente um acréscimo de 10%, totalizando, então 220 questionários enviados. Estes 220 pesquisadores foram selecionados a partir da amostra selecionada de 313 artigos para a análise de citação, conforme tópico 3.1.1 *Coleta, tratamento e análise de dados* desta tese. Assim, para a obtenção dos 220 pesquisadores desta amostra, também foi usado o *Research Randomizer* (os 313 artigos foram classificados em ordem crescente de acordo com o seu MFN; após, receberam nova numeração, de 1 até 313, para a escolha da amostra de 220 elementos).

Entre os 220 pesquisadores selecionados para a amostra qualitativa, 20 tiveram de ser substituídos, pois já tinham feito parte do pré-teste (realizado entre os meses de maio e junho de 2018). Em 15 destes casos foi necessário, então, acrescentar um número ao número já selecionado para a obtenção do novo elemento da amostra; em 5 casos foi necessário acrescentar 2 números, pois o pesquisador imediatamente posterior já havia sido selecionado.

Dentre os 220 pesquisadores selecionados para a amostra qualitativa, 15 também tiveram de ser substituídos por estarem em duplicidade na amostra (casos

em que o autor tinha mais de um artigo em autoria única publicado). Ainda que o questionário enviado aos pesquisadores envolvesse perguntas referentes a um artigo específico, pensou-se que enviar mais de um questionário a um mesmo pesquisador, mesmo que se referindo a artigos diferentes, seria ineficaz, podendo, até mesmo, se tornar confuso para o entrevistado.

Os questionários foram remetidos de 20 a 22 de maio de 2019, sendo enviados 178 em português, 26 em espanhol e 16 em inglês. Foram recebidos de volta 103 questionários preenchidos, sendo 83 em português, 14 em espanhol e 6 em inglês. As respostas foram recebidas entre 20 de maio e 22 de julho de 2019, totalizando 46,82% do total de questionários enviados, número maior que o esperado de 30% de Sekaran (2003). A maior parte dos questionários (78,64%) foi respondida na primeira semana após o envio do *e-mail*. E ainda que a amostra tenha sido composta por 103 indivíduos, eventualmente estes pesquisadores forneciam mais de uma resposta a cada questão (ou mesmo não forneciam resposta alguma, como no caso da última questão, que era opcional). Por este motivo, por vezes, há mais de 103 respostas apresentadas.

3.2.2 *Tratamento e análise de dados*

Os dados qualitativos foram abordados através da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados que visa à interpretação do material de caráter qualitativo, assegurando uma descrição objetiva, sistemática e com a riqueza manifesta no momento da coleta de dados (GUERRA, 2014).

Assim, após o término da coleta de dados qualitativa, as respostas dos questionários via correio eletrônico foram, então, pré-analisadas, a fim de organizar o material e escolher as informações relevantes (BARDIN, 1977). A seguir, foi feita uma categorização que representasse o conteúdo dos questionários, partindo do geral para o particular (BARDIN, 1977), sendo apresentada no Apêndice B a categorização realizada nas respostas dadas para a questão de número 1. Kvale (1996) sugere a categorização dos significados encontrados nos questionários a partir das próprias expressões dos entrevistados, o que foi feito nesta parte desta pesquisa. Segundo o autor, a categorização de significados é muito utilizada para analisar materiais qualitativos. Kvale (1996) destaca, ainda, que a categorização permite uma visão geral da ocorrência de comportamentos, uma investigação de

diferenças e uma classificação do comportamento de diferentes grupos. Assim, prossegue o autor, em um primeiro momento, deve-se executar a estruturação dos significados coletados; após, deve-se eliminar digressões, repetições, tópicos supérfluos e não essenciais; e, finalmente, analisar os significados encontrados para a categorização.

No entanto, Kvale (1996, p. 187) salienta que não há uma "ferramenta mágica" para descobrir os "tesouros" dos significados transcritos a partir das respostas dos entrevistados. Para ele, as técnicas de análise são ferramentas úteis para algumas finalidades, relevantes para alguns questionários/entrevistas e adequados para alguns pesquisadores, mas a tarefa central da análise das respostas dos entrevistados repousa no pesquisador, pois ele sabe de seus objetivos de pesquisa, tornando "fundamental explorar a subjetividade das percepções dos entrevistados", conforme (LEITE, 2018, n.p). Bauer e Gaskell (2005, p. 85) compartilham dessa ideia: "[...] a análise e interpretação exigem tempo e esforço e não existe aqui um método que seja o melhor." Na essência, continuam os autores, a análise implica na imersão do próprio pesquisador no corpus do texto.

Finalmente, a análise dos questionários, após pré-análise e categorização descritas, foi textual. Tófoli, Sousa e Oliveira (2012) sugerem a forma de indução na análise qualitativa, a fim de caracterizar o geral a partir do particular, gerando hipóteses. Eles acreditam que a partir da observação do fenômeno e da descoberta de suas relações é possível apresentar algumas generalizações.

Em outros termos, foram seguidos estes passos para a análise e a interpretação dos dados (CRESWELL, 2007, p. 195): (1) organização e preparação dos dados para análise: leitura superficial do material coletado, classificação e organização dos dados; (2) leitura inicial dos dados: obtenção de um sentido geral das informações; (3) codificação: análise detalhada do material, iniciando com a organização do material em grupos, segmentando as frases ou parágrafos em categorias (não somente do sentido substancial da informação, mas no sentido implícito); após, rotulando essas categorias com um termo baseado na própria linguagem dos participantes da pesquisa; (4) desenvolvimento, a partir dos códigos, de uma descrição de cenário ou pessoas, com a criação de temas ou categorias; (5) criação de temas e categorias; e (6) interpretação ou extração do significado dos dados (análise temática), de modo a capturar a essência das ideias, com o uso da interpretação pessoal do pesquisador (lições pessoais aprendidas) e/ou com a

comparação dos resultados com informações da literatura e com teorias, podendo suscitar questões. Para validar a exatidão dos resultados, foram utilizadas as estratégias (CRESWELL, 2007, p. 200): triangulação de diferentes fontes de informação, embasando os temas; descrição rica e densa dos resultados; descrição dos vieses; e apresentação de informações negativas ou discrepantes contra os temas.

Tófoli, Sousa e Oliveira (2012) descrevem, ainda, os processos cognitivos envolvidos na análise qualitativa: compreensão do fenômeno estudado; síntese de um retrato do fenômeno que represente suas relações e ligações; teorização sobre como e por que aparecem desta forma; recontextualização ou colocação do novo conhecimento sobre os fenômenos e relações de volta ao contexto de como outros pesquisadores discorrem sobre o tema.

Para tanto, nessa fase da pesquisa, foi utilizado apenas o editor de texto *Word* (software da *Microsoft Office*). E a agregação dos dados das fases quantitativa e qualitativa foi feita na discussão dos resultados, no tópico 4.3 *Integração dos resultados quantitativos e qualitativos*.

3.3 Limitações da pesquisa

Por maiores que sejam os esforços, todas as pesquisas têm suas limitações, e essa não foi diferente. Assim, foram limitações desta pesquisa: (1) cobertura da base de dados ABCDM – a base não cobre absolutamente todos os periódicos brasileiros das áreas de informação; (2) atraso de fascículos - alguns periódicos publicaram seus números em atraso, não tendo seus artigos indexados na base de dados à época da coleta, portanto, não fazendo parte desta pesquisa; (3) qualidade dos dados no Currículo Lattes – desatualização/inexatidão dos dados de alguns pesquisadores, nos casos em foi necessário investigar o vínculo institucional e/ou a formação acadêmica, quando as informações não constavam no artigo; (4) ausência de notas de autor - nos casos de ausência de informação de vínculo institucional e/ou formação acadêmica no artigo, recorreu-se, então ao Currículo Lattes, em que foram coletadas as informações de acordo com o ano de publicação do artigo (critério adotado), no entanto, sabe-se que o artigo pode ter sido escrito em outro momento da vida do pesquisador, em que ele poderia estar vinculado a outra instituição e/ou possuir outro nível acadêmico; (5) limitações do *software Harzing's*

Publish or Perish na análise de citações, que utiliza o *Google Scholar* (já explicitadas no item 3.1.1 *Coleta, tratamento e análise de dados*), como nos casos em que o *software* apresentou coautoria onde não existia (ainda que atenção tenha sido dada nestas situações, alguns casos podem não ter sido observados); e (6) incompletude e/ou omissão nas respostas de algumas perguntas do questionário. Contudo, acredita-se fortemente que tais limitações da pesquisa não comprometeram esse estudo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nas próximas páginas são demonstrados e discutidos os resultados que foram encontrados nesta pesquisa. Para tanto e a fim de atender aos objetivos propostos no item 1.1 dessa tese, em relação aos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação, a seguir são apresentados e analisados os resultados da pesquisa quantitativa e, após, os da pesquisa qualitativa. Ao final, fez-se a integração dos resultados quantitativos e qualitativos nos aspectos considerados mais significativos.

4.1 Resultados quantitativos

Neste tópico são apresentados e analisados os resultados referentes à produção científica (produção temporal dos artigos, com seus idiomas, periódicos de publicação, áreas e temas de pesquisa) e ao perfil dos autores (formação acadêmica, vínculo institucional e localização, além do *ranking* dos pesquisadores com maior produção científica). Ao final deste tópico são demonstrados e discutidos os resultados relacionados à medição do impacto científico (citações) dos artigos analisados.

4.1.1 Produção científica

A busca na base de dados ABCDM permitiu que se recuperassem 1680 referências de artigos em autoria única de periódicos brasileiros das áreas de informação, publicados entre os anos de 2009 até 2017 (além destes, também foram recuperados 3000 artigos em autoria múltipla, para contextualização dos resultados). A Tabela 1 mostra a distribuição desses artigos ao longo dos anos analisados.

Tabela 1 – Número de publicações em autoria única (AU) e em autoria múltipla (AM) nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=4680)

Ano	F(AU)	%(AU)	I ⁴⁵ (AU)	F(AM)	%(AM)	I(AM)	Total	I(total)
2009	207	51,36	-	196	48,64	-	403	-
2010	183	44,63	-11,59	227	55,37	15,82	410	1,74
2011	211	41,45	15,30	298	58,55	31,28	509	24,15
2012	215	38,81	1,90	339	61,19	13,76	554	8,84
2013	191	35,77	-11,16	343	64,23	1,18	534	-3,61
2014	162	31,64	-15,18	350	68,36	2,04	512	-4,12
2015	182	31,27	12,35	400	68,73	14,29	582	13,67
2016	164	28,62	-9,89	409	71,38	2,25	573	-1,55
2017	165	27,36	0,61	438	72,64	7,09	603	5,24
Total	1680	35,90	-	3000	64,10	-	4680	-

Legenda: F - frequência; AU - autoria única; I – taxa de crescimento; e AM - autoria múltipla.
Fonte: Dados da pesquisa.

O ano de 2009 foi o último ano em que a autoria única teve uma produção de artigos de periódicos maior que a da autoria múltipla. E essa produção vem caindo ao longo dos anos, como pode ser observada na Tabela 1. Ainda assim, os artigos em autoria única são responsáveis por cerca de 1/3 (35,90%) da produção científica total de artigos publicados nos periódicos brasileiros das áreas de informação.

Resultado parecido encontraram Meza, Sabaj e Matsuda (2017), em estudo sobre a autoria única da base de dados SciELO Chile, entre 2010 e 2014. Os autores verificaram que cerca de 1/3 da produção científica também vinha da autoria única. Da mesma forma, Canchumani e Leta (2017), em investigação acerca da relação entre atividade colaborativa e produtividade dos autores da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de 2001 a 2012, também verificaram que aproximadamente 1/3 da produção total é em autoria única. Outrossim, Carvalho e Caregnato (2016), em pesquisa a respeito da diferença em utilizar somente os primeiros autores (ou únicos) ou os demais coautores das referências na formação de *rankings* de citação e de cocitação de autores, encontraram 42,65% de autoria única, entre 2005 e 2014.

Ainda Autran, Borges e Mena-Chalco (2015), em investigação relativa às relações de coautoria entre docentes/pesquisadores dos programas brasileiros de

⁴⁵ Para cada ano foi calculada a taxa de crescimento utilizando-se a seguinte expressão:

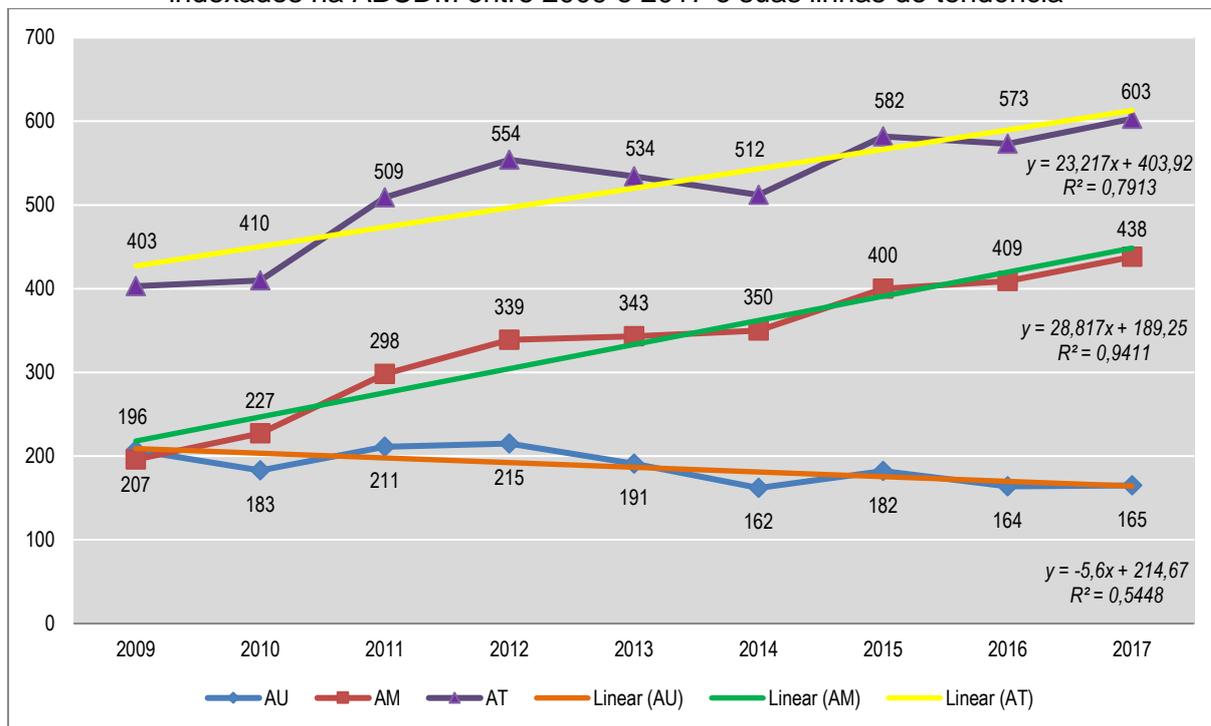
$$I = \frac{(\text{valor presente}) - (\text{valor passado})}{(\text{valor passado})} \times 100$$

pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) na Plataforma Lattes, do CNPq, averiguaram que 24,69% do total de documentos extraídos eram em autoria única. Alves e Oliveira (2015) encontraram 38% de autoria única entre os artigos publicados nos principais periódicos brasileiros da área de Ciência da Informação, no período de 2006 a 2010, em estudo sobre rede de colaboração científica. Nesse sentido, Lipetz (1999), em artigo sobre os 50 anos do *Journal of the American Society for Information Science* (JASIS), compreendendo amostras dos anos de 1955, 1965, 1975, 1985 e 1995, com 215 artigos, encontrou 71,4%, 77,1%, 68,2%, 55,3% e 47,1% de autoria única, para cada um dos anos investigados, dando sinais do declínio da autoria única, bem antes de ocorrer no Brasil.

A despeito da queda da produção dos artigos em autoria única, considerando-se os valores encontrados para o coeficiente de determinação (R^2), calculados pelo *software Excel*, conforme o Gráfico 1 mostra, ainda que o período de tempo analisado não tenha sido longo, não se observa um desenvolvimento linear para a autoria única e para a autoria total, indicando oscilação na quantidade de artigos para cada ano estudado.

Assim, no Gráfico 1, a relação entre a variável dependente (artigos em autoria única, artigos em autoria múltipla e artigos na sua totalidade) e a variável independente (ano de publicação dos artigos) apresenta o respectivo valor do coeficiente de determinação (R^2), permitindo identificar tendências de produtividade científica (ANDRÉS, 2009, p. 13). Desse modo, o resultado da autoria única de 0,5448, não próxima ao valor 1, indica que 54,48% da variação da variável artigos em autoria única são explicadas pela variável ano de publicação através da regressão linear simples. Do mesmo modo, 79,13% da variação da variável artigos na sua totalidade são explicadas pela variável ano de publicação através da regressão linear simples, assim como 94,11% da variação da variável artigos em autoria múltipla são explicadas pela variável ano de publicação através da regressão linear simples, neste caso, podendo-se verificar a relação entre as variáveis.

Gráfico 1 – Evolução temporal dos artigos em autoria única (n=1680), autoria múltipla (n=3000) e autoria total (n=4680) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas linhas de tendência



Legenda: AU - autoria única; AM - autoria múltipla; e AT – autoria total.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à taxa de crescimento mostrada na Tabela 1, no período analisado, os artigos em autoria única apresentaram taxa⁴⁶ média negativa de produção de 2,79%, em contrapartida aos artigos em autoria múltipla, com taxa média de produção de 10,57%, e à própria produção total de artigos, com taxa média de 5,14%. No entanto, ao analisar-se o Gráfico 2, percebe-se que o comportamento de oscilação das taxas anuais de crescimento (conforme Tabela 1) da autoria única, múltipla e total é parecido, ou seja, quando AU desce, AM e AT também descem, quando AU sobe, AM e AT também sobem, mesmo que em proporções diferentes (com exceção do ano de 2014, em que AU e AT descem, mas AM sobe), sendo dependentes da evolução da produção total e relativizando a queda da produção de artigos em autoria única.

⁴⁶ Para o cálculo da taxa de crescimento do período total analisado usou-se a seguinte fórmula:

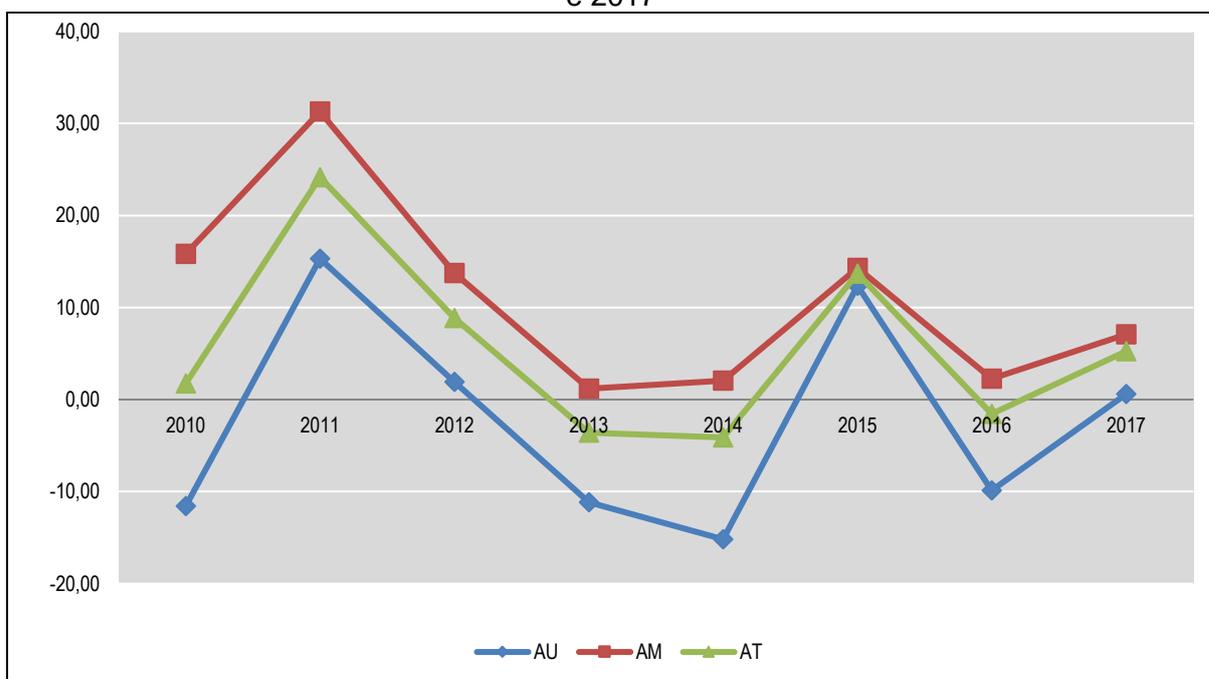
$$I = \left(\frac{\text{valor presente}}{\text{valor passado}} \right)^{\frac{1}{n}} - 1$$

em que n = intervalo de tempo entre os dados.

No que concerne à taxa média negativa de produção, a área de Ciências Sociais, da qual fazem parte as áreas de informação, possui índices consideráveis de autoria única. King (2013), em pesquisa sobre a presença da autoria única em 21 áreas de pesquisa, na base de dados *Web of Science*, entre os anos de 1981 a 2012, verificou que o percentual da autoria única nas Ciências Sociais é o mais elevado, equivalendo a 40% dos artigos. Os recém-referenciados Carvalho e Caregnato (2016), em investigação na Brapci, entre os anos de 2005 a 2014, acharam índices de autoria única de 42,65% nos artigos de periódicos, resultado semelhante ao de King (2013).

O comportamento verificado no Gráfico 1 (de redução da produção de artigos em autoria única) pode ser um indicativo de desenvolvimento das áreas de informação. Corroborar isso a pesquisa de Almeida e Vilan Filho (2017) em seu estudo sobre a evolução da autoria múltipla nos artigos das áreas de informação no Brasil de 2010 a 2015. Os autores encontraram crescimento de coautoria em torno de 77% para a Biblioteconomia e para a Ciência da Informação; 50% para a Arquivologia; e 30% para a Museologia.

Gráfico 2 – Comportamento da taxa de crescimento dos artigos em autoria única, autoria múltipla e autoria total das áreas de informação do Brasil indexados na ABCDM entre 2009 e 2017



Legenda: AU - autoria única; AM - autoria múltipla; e AT – autoria total.

Fonte: Dados da pesquisa.

A proporção entre autoria única e autoria múltipla se altera em maior grau quando são analisados os elementos de autoria (referente à relação autor-artigo), como apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 – Número de elementos de autoria dos artigos em autoria única (n=1680) e múltipla (n=7888) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=9568)

Ano	F(AU)	%(AU)	I(AU)	F(AM)	%(AM)	I(AM)	\bar{x}	Total	I(total)
2009	207	29,40	-	497	70,60	-	2,54	704	-
2010	183	23,43	-11,59	598	76,57	20,32	2,63	781	10,94
2011	211	21,91	15,30	752	78,09	25,75	2,52	963	23,30
2012	215	20,13	1,90	853	79,87	13,43	2,52	1068	10,90
2013	191	17,56	-11,16	897	82,44	5,16	2,62	1088	1,87
2014	162	14,74	-15,18	937	85,26	4,46	2,68	1099	1,01
2015	182	14,40	12,35	1082	85,60	15,47	2,71	1264	15,01
2016	164	12,88	-9,89	1109	87,12	2,50	2,71	1273	0,71
2017	165	12,42	0,61	1163	87,58	4,87	2,66	1328	4,32
Total	1680	17,56	-	7888	82,44	-	-	9568	-

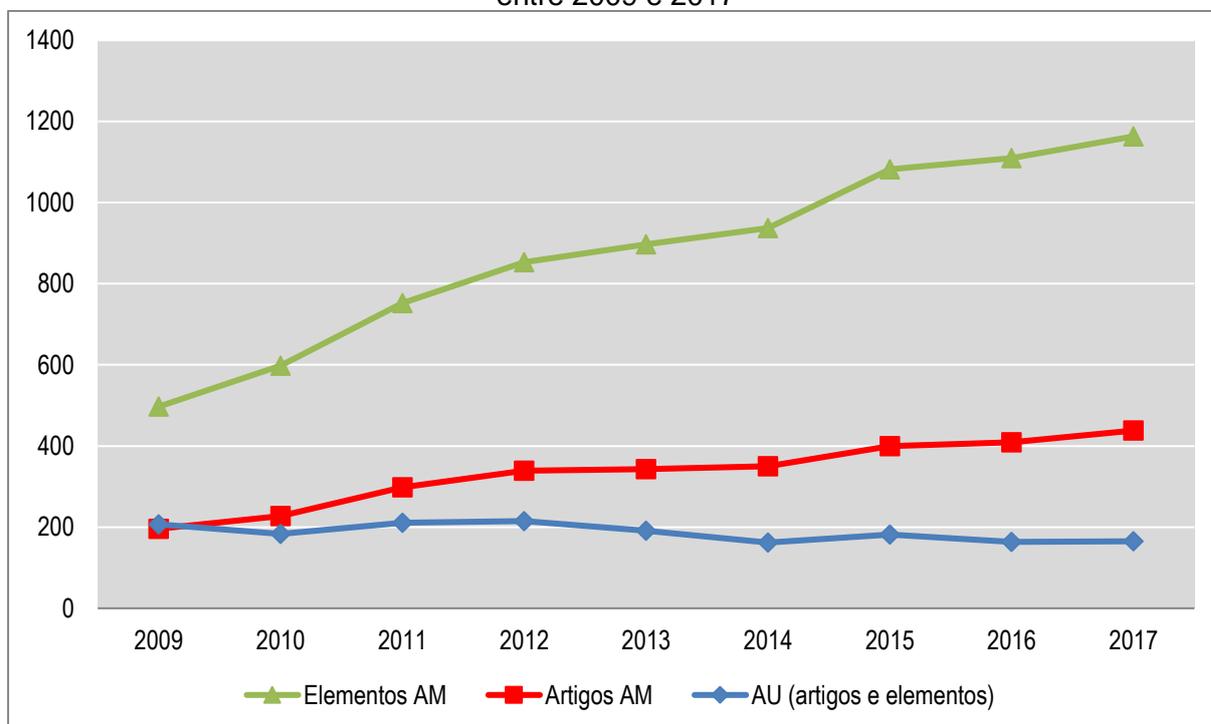
Legenda: F - frequência; AU - autoria única; I – taxa de crescimento; AM - autoria múltipla; e \bar{x} = (elementos de autoria/número de artigos).

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao longo dos anos analisados, a autoria única vem diminuindo a sua proporção, ocupando cerca de 1/6 (17,56%) da totalidade de elementos de autoria. Já a autoria múltipla vem aumentando a sua proporção, ocupando 82,44% (5/6 aproximadamente) da totalidade de elementos de autoria. Como pode ser visto no Gráfico 3, ainda que a proporção de elementos de autoria dos artigos em autoria múltipla esteja evoluindo, importante observar que a média do número de elementos de autoria por cada artigo na autoria múltipla também vem aumentando ao longo dos anos (exceção para o último ano examinado, de 2017, provavelmente porque à época da coleta de dados nem todos os periódicos analisados estavam em dia com suas publicações), como comentado por Greene (2007), em seu ensaio para a *Nature*, quando verificou que o número de artigos e cartas na revista é o mesmo desde 1950, mas que possui cerca de 4 vezes mais autores.

Assim, no Gráfico 3 observa-se que, obviamente, a quantidade de elementos de autoria única é a mesma quantidade de artigos em autoria única, apresentando a mesma linha no gráfico. Entretanto, verifica-se que o crescimento no número de elementos de autoria múltipla é superior ao crescimento nos artigos em autoria múltipla, indicando aumento do número de autores por artigo.

Gráfico 3 – Evolução temporal dos elementos de autoria dos artigos em autoria única (n=1680) e autoria múltipla (n=7888) e dos artigos em autoria única (n=1680) e autoria múltipla (n=3000) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017

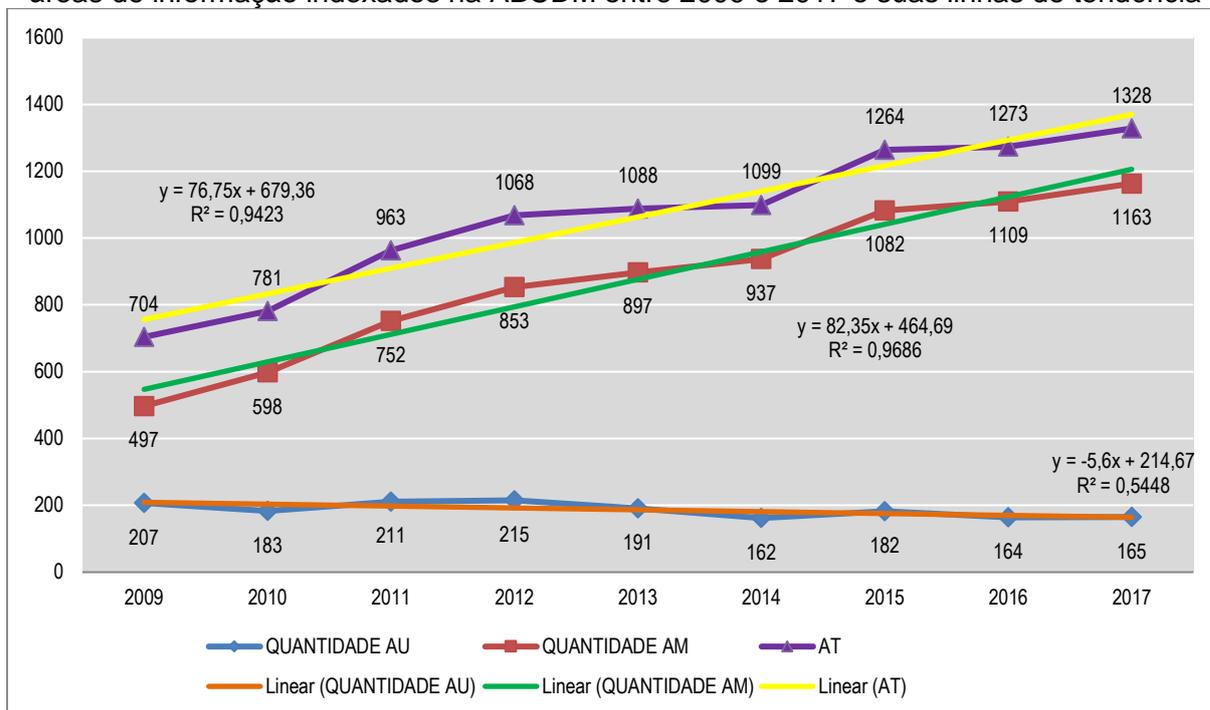


Legenda: AU – autoria única e AM – autoria múltipla.

Fonte: Dados da pesquisa.

Da mesma forma que a quantidade de artigos, a despeito da queda no número de elementos de autoria dos artigos em autoria única, considerando-se os valores encontrados para o coeficiente de determinação (R^2), conforme o Gráfico 4 mostra, ainda que o período de tempo analisado não tenha sido longo, não se observa um desenvolvimento linear para a autoria única. Tal resultado indica oscilação na quantidade de artigos para cada ano estudado.

Gráfico 4 – Evolução temporal dos elementos de autoria dos artigos em autoria única (n=1680), autoria múltipla (n=7888) e autoria total (n=9568) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas linhas de tendência



Legenda: AU - autoria única; AM - autoria múltipla; e AT – autoria total.

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, no Gráfico 4, a relação entre a variável dependente (elementos de autoria dos artigos em autoria única, elementos de autoria dos artigos em autoria múltipla e elementos de autoria dos artigos na sua totalidade) e a variável independente (ano de publicação dos artigos) também apresenta o respectivo valor do coeficiente de determinação (R^2). Desse modo, o resultado de 0,5448 para os elementos de autoria dos artigos em autoria única, não próximo a 1, indica que 54,48% da variação da variável elementos de autoria dos artigos em autoria única são explicados pela variável ano de publicação através da regressão linear simples. Do mesmo modo, 96,86% da variação dos elementos de autoria dos artigos em autoria múltipla e 94,23% dos elementos de autoria dos artigos na sua totalidade são explicados pela variável ano de publicação através da regressão linear simples, nestes casos, podendo-se verificar a relação entre as variáveis.

No que diz respeito à taxa de crescimento exposta na Tabela 2, no período analisado os elementos de autoria dos artigos em autoria única apresentaram taxa média negativa de 2,79%, em contrapartida aos elementos de autoria dos artigos em autoria múltipla, com taxa média de 11,21%, e à própria taxa total de crescimento de

elementos de autoria, com taxa média de 8,26%.

Os 1680 artigos em autoria única foram escritos por 1241 autores diferentes. Entre estes, 1021 autores (82,27%) escreveram 1 único artigo em autoria única, ou seja, escreveram 1021 artigos (60,77%); os demais 220 autores (17,73%) foram responsáveis, então, por escrever 659 artigos (39,23%), dando uma média de 2,99 artigos por autor, com desvio-padrão de 2,15 e variância de 4,64.

O número de autores que escreveu 1 único artigo em autoria única aqui neste estudo (82,27%) superou o percentual achado no estudo de Meza, Sabaj e Matsuda (2017), que foi de 76,44% do total encontrado na base de dados SciELO Chile, entre 2010 e 2014. Em consequência, por outro lado, enquanto aqui se encontrou 17,73% dos autores escrevendo mais de 1 artigo em autoria única, Meza, Sabaj e Matsuda (2017) identificaram 23,56%. No já comentado estudo de Aufran, Borges e Mena-Chalco (2015), 26,26% dos autores vinculados a programas brasileiros de pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) não publicaram em coautoria por um período de 4 anos. Considerando-se as políticas de produção científica dos programas de pós-graduação da área de Ciência da Informação, tal resultado é bastante surpreendente, dando fortes indícios de que a escrita solitária pode ser preferência no modo de produzir de alguns autores ou de que esses autores lutam contra as forças do campo científico de Bourdieu (1983), não se submetendo às exigências das instituições e das agências de fomento. Davarpanah e Aslekia (2008) encontraram 89,93% de autores que escreveram somente 1 único artigo em autoria única, entre os anos de 2000 e 2004, em estudo a respeito dos periódicos internacionais na base de dados LIS, sobre Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Ainda dentre estes 1241 autores, quando pesquisados um a um na base de dados ABCDM, foi verificado que 910 (73,32%) deles escreveram somente 1 artigo no período analisado (no caso, o artigo em autoria única aqui analisado). Os demais 331 autores (26,67%) escreveram artigos em coautoria também, além dos artigos em autoria única.

A título de contextualização, os 3000 artigos em autoria múltipla foram escritos por 7888 elementos de autoria (4407 autores diferentes), dando uma média de 2,62 elementos de autoria por artigo. Entre estes elementos de autoria, 3269 (41,44%) escreveram 1 único artigo em coautoria e 4619 (58,55%) escreveram mais de 1 artigo em coautoria (os números variam desde 2 até 30 artigos).

A produção de artigos por autor encontra-se distribuída conforme apresentado na Tabela 3:

Tabela 3 – Número de autores (n=1241) por número de artigos em autoria única (n=1680) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017

Número de artigos	Número de autores	% (n=1241)	% Ac	Total de artigos	% (n=1680)	% Ac
20	1	0,08	0,08	20	1,19	1,19
17	1	0,08	0,16	17	1,01	2,20
12	1	0,08	0,24	12	0,71	2,91
9	1	0,08	0,32	9	0,54	3,45
8	3	0,24	0,56	24	1,43	4,88
7	6	0,48	1,05	42	2,50	7,38
6	6	0,48	1,53	36	2,14	9,52
5	9	0,73	2,26	45	2,68	12,20
4	16	1,29	3,55	64	3,81	16,01
3	38	3,06	6,61	114	6,79	22,80
2	138	11,12	17,73	276	16,43	39,23
1	1021	82,27	100,00	1021	60,77	100,00
Total	1241	100,00	-	1680	100,00	-

Legenda: Ac – acumulada.

Fonte: Dados da pesquisa.

Uma análise mais profunda da Tabela 3 permite verificar que uma considerável parcela de elementos de autoria (60,77%) produziu apenas 1 artigo em autoria única no período analisado. Além disso, os elementos de autoria mais produtivos não chegam a ser os responsáveis pela maior parte da produção total de artigos em autoria única. Dessa forma, não se confirma a Lei de Lotka, em que uma grande proporção da produção científica seria produzida por um pequeno número de autores, e uma pequena proporção da produção científica seria produzida por um grande número de autores (PRICE, 1963). No entanto, o fato de 60,77% dos elementos de autoria produzirem somente 1 artigo em autoria única vai ao encontro da Lei de Lotka com os acréscimos de Price (1963), quando afirma que 60% dos autores produzem 1 único documento.

Ainda que a Lei de Lotka não se confirme em parte, a ideia de Price, de que 1/3 da literatura é produzida por menos de 1/10 dos autores mais produtivos, se faz presente (PRICE, 1963). Cerca de 560 artigos (1/3 do total de 1680 artigos) são produzidos por aproximadamente 126,5 autores (de um total de 1241 autores). Contudo, Price acreditava que a média encontrada seria de 3,5 documentos por

autor (ARAÚJO, 2006), e aqui foi encontrada uma média de 4,42. Já a lei do elitismo de Price não foi confirmada aqui, pois o número de membros da elite (raiz quadrada do número total de autores) corresponde a 35,22 autores, que produzem aproximadamente 383 artigos, que não corresponde à metade da produção total de artigos em autoria única, que seria de 840 artigos.

Em relação ao idioma de publicação dos artigos em autoria única há, como já esperado, predominância da língua portuguesa, caracterizando a produção científica das áreas de informação como ciência local, conforme mostra a Tabela 4.

Tabela 4 – Número de artigos em autoria única (n=1680) e em autoria múltipla (n=3000) dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e seus idiomas

Idioma	F(AU)	%(AU)	F(AM)	%(AM)	Total	%(total)
Português	1519	90,42	2814	93,80	4333	92,59
Espanhol	95	5,65	90	3,00	185	3,95
Inglês	58	3,45	94	3,13	152	3,25
Francês	8	0,48	2	0,07	10	0,21
Total	1680	100,00	3000	100,00	4680	100,00

Legenda: F - frequência; AU - autoria única; e AM - autoria múltipla.

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se que as proporções dos idiomas não alteram muito entre os artigos em autoria única e os artigos em autoria múltipla. Contudo, verifica-se que os idiomas estrangeiros estão ligeiramente mais presentes nos artigos em autoria única do que nos artigos em autoria múltipla.

A Tabela 5 representa o comportamento anual dos idiomas de publicação dos artigos em autoria única.

Tabela 5 – Evolução temporal do número de artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e seus idiomas (n=1680)

Ano	Português	%	Espanhol	%	Inglês	%	Francês	%	Total
2009	193	93,24	6	2,90	4	1,93	4	1,93	207
2010	178	97,27	4	2,19	1	0,55	0	0,00	183
2011	197	93,36	8	3,79	6	2,84	0	0,00	211
2012	204	94,88	7	3,26	4	1,86	0	0,00	215
2013	168	87,96	16	8,38	5	2,62	2	1,05	191
2014	145	89,51	12	7,41	4	2,47	1	0,62	162
2015	137	75,27	25	13,74	19	10,44	1	0,55	182
2016	150	91,46	6	3,66	8	4,88	0	0,00	164
2017	147	89,09	11	6,67	7	4,24	0	0,00	165
Total	1519	-	95	-	58	-	8	-	1680

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 5 merece destaque o ano de 2010, em que mais de 97% dos artigos foram escritos em português. Além deste, também merece destaque o ano de 2015 que apresentou o maior percentual de idiomas estrangeiros (13,74% para o espanhol e 10,44% para o inglês).

Entre os 95 artigos escritos em espanhol, 4 eram de elementos de autoria vinculados a instituições nacionais (3 de Brasília (Distrito Federal) e 1 do Paraná); os restantes 91 eram da Espanha (41); México (13); Argentina (9); Cuba e Uruguai (cada um com 6); Colômbia (5); Estados Unidos (3); Chile (2); Alemanha, Costa Rica, Nicarágua, Paraguai, Peru e Venezuela (cada um com 1). Já entre os 58 artigos escritos em inglês, 10 eram vinculados a instituições nacionais (3 do Rio de Janeiro, 3 de São Paulo, 1 da Bahia, 1 de Brasília (Distrito Federal), 1 de Minas Gerais e 1 do Paraná); os restantes eram dos Estados Unidos, com 10; França e Reino Unido, cada um com 4; Canadá, Espanha, Índia, Nigéria e Portugal, cada um com 3; Itália, com 2; Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Croácia, Fiji, Japão, Luxemburgo, México, Países Baixos, Peru, República Tcheca e Suécia, cada um com 1. E entre os 8 artigos no idioma francês, 4 eram da França, 3 do Canadá e 1 do Senegal.

Interessante que entre os artigos publicados em outros idiomas que não o português estejam elementos de autoria vinculados a instituições brasileiras. Resta saber em um estudo futuro se estes elementos de autoria são realmente provenientes de outros países ou se escreveram em outro idioma visando à internacionalização das suas pesquisas, ainda que tenham publicado em periódico

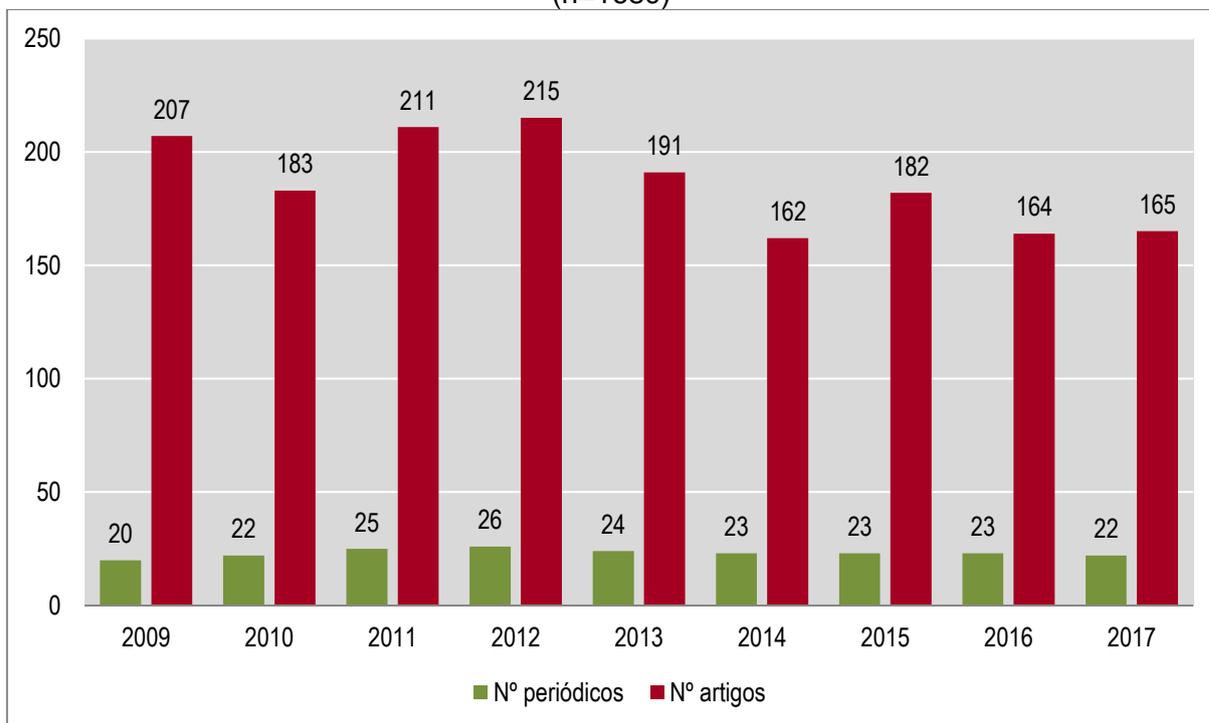
nacional.

Também é interessante observar que entre os artigos escritos em português, havia 168 artigos que estavam vinculados a instituições estrangeiras. Dentre estes artigos, 60 eram de Portugal (ainda que seja o mesmo idioma); 29 dos Estados Unidos; 21 da França; 9 da Espanha; 8 do Reino Unido; 5 da Itália; 4 da Índia, México e Moçambique (cada um); 3 da Alemanha, Canadá e Países Baixos (cada um); 2 da Argentina; e 1 da Bélgica, Cingapura, Colômbia, Coreia do Sul, Cuba, Filipinas, Finlândia, Israel, Malásia, Nigéria, Noruega, República Tcheca e Uruguai (cada um). Acredita-se que estes sejam casos, em sua maioria, de autores brasileiros que estejam vinculados a instituições estrangeiras (salvo os de Portugal, em que não se pode fazer essa inferência); contudo também há casos de autores estrangeiros, vinculados a instituições estrangeiras, mas que possuem como objeto de estudo o Brasil (ou seja, acabaram por estudar o idioma).

Assim, de um modo geral, o português predomina nas publicações dos artigos em autoria única. Isso impacta, segundo dados da UNESCO (2015), na falta de progresso no impacto global da ciência brasileira como um todo, já que as citações de publicações brasileiras estão abaixo da média do G20, pois as revistas brasileiras têm circulação limitada, ficando, desse modo, fora do radar internacional.

No que se refere aos periódicos, os 1680 artigos em autoria única foram publicados em 27 revistas diferentes. Seu comportamento ao longo dos anos analisados pode ser acompanhado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Evolução temporal do número de periódicos brasileiros das áreas de informação e de seus respectivos artigos em autoria única indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680)



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao longo dos anos analisados, a média de artigos em autoria única por publicação ficou em 8,10. A menor média aconteceu no ano de 2014, com 7,04; e a maior média ocorreu no ano de 2009, com média de 10,35. Pode-se dizer que a proporção de número de artigos por número de periódicos não teve considerável variação ao longo dos anos.

A Tabela 6 representa a distribuição desses artigos entre os periódicos indexados na base de dados ABCDM, contextualizada juntamente à distribuição dos artigos em autoria múltipla (a tabela está classificada em ordem decrescente conforme o percentual de artigos em autoria única sobre a totalidade de artigos no periódico avaliado).

Tabela 6 – Número de artigos em autoria única (n=1680) e em autoria múltipla (n=3000) por periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017

Periódico	F(AU)	%(AU)(1)	F(AM)	%(AM)(2)	F(AT)	%(AU/AT)
Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	36	2,14	3	0,10	39	92,31
Estudos Históricos	87	5,18	11	0,37	98	88,78
Anais do Museu Histórico Nacional	45	2,68	12	0,40	57	78,95
Acervo	184	10,95	52	1,73	236	77,97
Anais do Museu Paulista	47	2,80	15	0,50	62	75,81
MUSAS	27	1,61	9	0,30	36	75,00
Arquivo e Administração	17	1,01	6	0,20	23	73,91
Museologia e Interdisciplinaridade	65	3,87	25	0,83	90	72,22
Museologia e Patrimônio	66	3,93	64	2,13	130	50,77
Biblos	72	4,29	90	3,00	162	44,44
InCID	58	3,45	75	2,50	133	43,61
Ponto de Acesso	76	4,52	103	3,43	179	42,46
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	44	2,62	61	2,03	105	41,90
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	54	3,21	78	2,60	132	40,91
Ciência da Informação	86	5,12	147	4,90	233	36,91
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	69	4,11	127	4,23	196	35,20
Brazilian Journal of Information Science	47	2,80	89	2,97	136	34,56
DataGramaZero	75	4,46	153	5,10	228	32,89
Em Questão	101	6,01	217	7,23	318	31,76
Encontros Bibli	70	4,17	198	6,60	268	26,12
Revista ACB	47	2,80	140	4,67	187	25,13
Transinformação	38	2,26	115	3,83	153	24,84
Informação e Informação	69	4,11	226	7,53	295	23,39
Informação e Sociedade	61	3,63	263	8,77	324	18,83
Perspectivas em Ciência da Informação	78	4,64	341	11,37	419	18,62
Perspectivas em Gestão e Conhecimento	36	2,14	202	6,73	238	15,13
Biblionline	25	1,49	178	5,93	203	12,32
Total	1680	100,00	3000	100,00	4680	35,90

Legenda: F - frequência; AU - autoria única; AM - autoria múltipla; e AT – autoria total.

Fonte: Dados da pesquisa.

Notas: (1) Percentual calculado sobre o total de artigos em autoria única, ou seja, 1680.

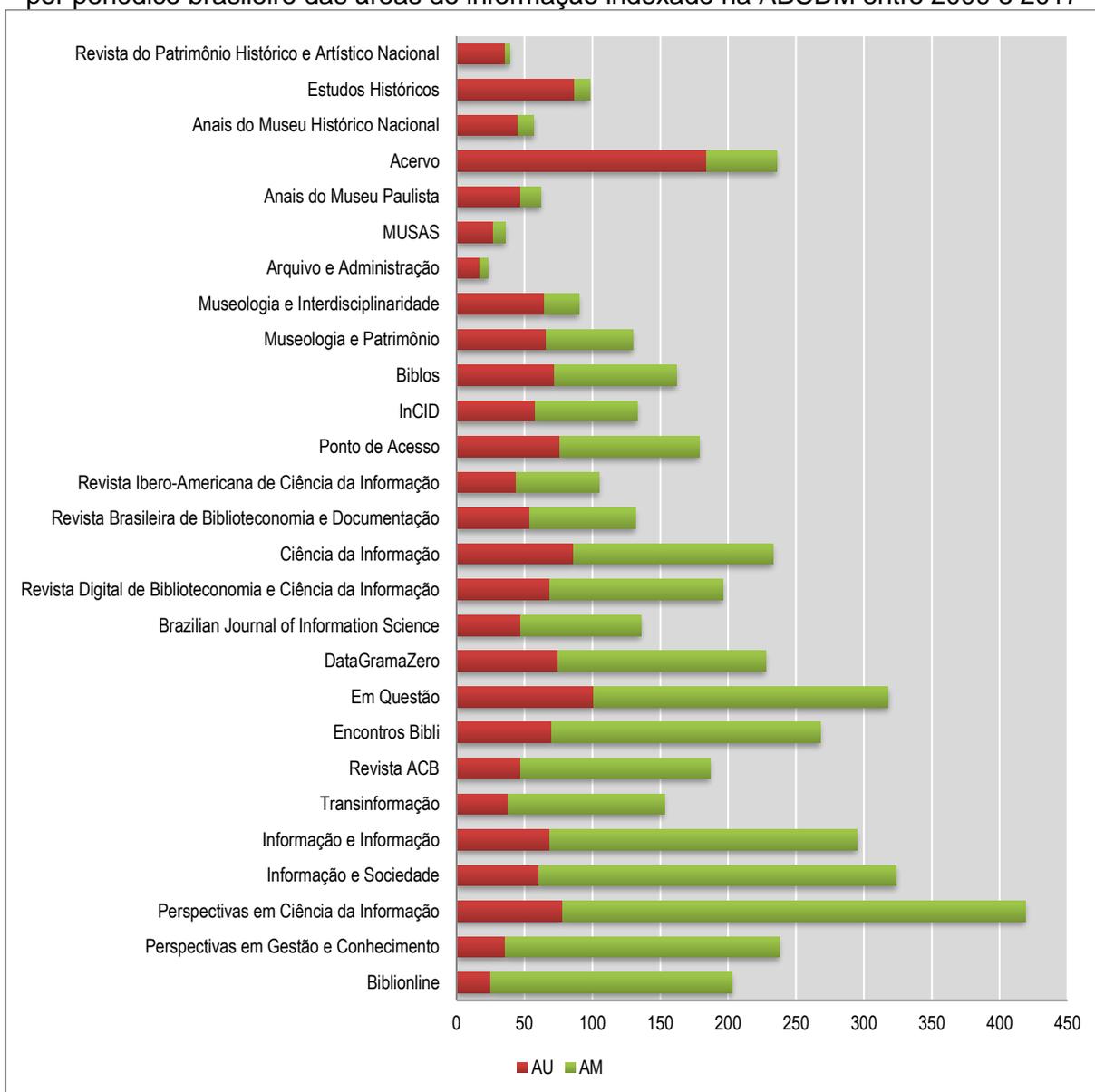
(2) Percentual calculado sobre o total de artigos em autoria múltipla, ou seja, 3000.

De acordo com a Tabela 6, entre os 27 periódicos analisados, 9 possuem mais artigos em autoria única do que em coautoria: Revista do Patrimônio Histórico

e Artístico Nacional, Estudos Históricos, Anais do Museu Histórico Nacional, Acervo, Anais do Museu Paulista, MUSAS, Arquivo e Administração, Museologia e Interdisciplinaridade e Museologia e Patrimônio. Estas revistas são da área de Museologia (em sua maioria) e da área de Arquivologia (em menor número), as quais possuem aproximação com as Ciências Humanas, assim como a área de Biblioteconomia (ao contrário da área de Ciência da Informação, que se aproxima mais das ciências duras, como, por exemplo, a Ciência da Computação). Deve-se levar em consideração nesta análise que o tamanho da coleção dos periódicos varia muito, explicando as diferenças percentuais entre as colunas $\%(AU)$ e $\%(AU/AT)$.

Em números absolutos, os periódicos que mais publicaram artigos em autoria única são Acervo, Em Questão e Estudos Históricos; e os que menos publicaram são MUSAS, Biblionline e Arquivo e Administração. Estas informações da Tabela 6 ficam mais fáceis de visualizar através do Gráfico 6.

Gráfico 6 – Número de artigos em autoria única (n=1680) e em autoria múltipla (n=3000) por periódico brasileiro das áreas de informação indexado na ABCDM entre 2009 e 2017



Legenda: AU - autoria única; e AM - autoria múltipla.

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 7 mostra como foi a distribuição dos artigos em autoria única nos periódicos durante os anos analisados.

Tabela 7 – Evolução temporal de artigos em autoria única por periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680)

Periódico	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total	%
Acervo	22	16	28	10	17	28	24	18	21	184	10,95
Em Questão	14	18	11	20	14	5	13	1	5	101	6,01
Estudos Históricos	18	16	13	16	10	0	0	13	1	87	5,18
Ciência da Informação	9	9	10	6	20	7	12	10	3	86	5,12
Perspectivas em Ciência da Informação	13	9	5	7	7	20	8	5	4	78	4,64
Ponto de Acesso	12	10	8	11	12	6	9	7	1	76	4,52
DataGramZero	13	17	14	9	11	7	4	0	0	75	4,46
Biblos	27	10	4	6	5	12	2	4	2	72	4,29
Encontros Bibli	14	8	11	10	6	5	7	6	3	70	4,17
Informação e Informação	5	9	5	4	6	9	13	3	15	69	4,11
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	8	6	12	7	7	7	8	10	4	69	4,11
Museologia e Patrimônio	10	9	9	5	6	6	8	6	7	66	3,93
Museologia e Interdisciplinaridade	0	0	0	17	12	4	8	6	18	65	3,87
Informação e Sociedade	5	5	5	19	3	2	8	7	7	61	3,63
InCID	0	14	12	12	6	2	6	4	2	58	3,45
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	5	5	4	5	4	4	12	3	12	54	3,21
Anais do Museu Paulista	0	1	4	3	6	0	3	22	8	47	2,80
Brazilian Journal of Information Science	3	1	6	5	5	5	4	7	11	47	2,80
Revista ACB	3	7	6	3	8	5	6	5	4	47	2,80
Anais do Museu Histórico Nacional	0	6	7	6	8	6	7	5	0	45	2,68
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	6	0	9	4	3	4	7	6	5	44	2,62
Transinformação	6	4	7	5	3	4	4	5	0	38	2,26
Perspectivas em Gestão e Conhecimento	0	0	7	8	10	6	4	0	1	36	2,14
Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	0	0	0	10	0	0	0	0	26	36	2,14
MUSAS	10	0	5	0	0	5	0	7	0	27	1,61
Biblionline	0	1	3	2	2	3	5	4	5	25	1,49
Arquivo e Administração	4	2	6	5	0	0	0	0	0	17	1,01
Total	207	183	211	215	191	162	182	164	165	1680	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

Como já descrito, em números absolutos, os periódicos que mais publicaram artigos em autoria única são Acervo, Em Questão e Estudos Históricos; e os que menos publicaram são MUSAS, Biblionline e Arquivo e Administração. Contudo, chama a atenção os anos em que alguns periódicos não apresentaram publicação

alguma de artigos em autoria única⁴⁷. No caso dos periódicos Estudos Históricos e Anais do Museu Paulista, porque somente são cadastrados na base de dados ABCDM artigos cujos temas sejam relacionados às áreas de informação, é muito provável que nos anos ausentes não tivessem tido artigos referentes a essas áreas; DataGramZero publicou seu último número em 2015, por isso nada aparece nos anos de 2016 e 2017; Museologia e Interdisciplinaridade publicou seu primeiro número no ano de 2012, logo nada aparece nos anos de 2009, 2010 e 2011; InCID publicou seu primeiro número no ano de 2010, por isso nada consta no ano de 2009; Anais do Museu Histórico Nacional não apresenta os artigos do ano de 2009 cadastrados (a página do periódico ficou meses fora do ar) e os artigos do ano de 2017 ainda não foram publicados; Transinformação, à época da coleta dos dados desta pesquisa, ainda não tinha seus artigos do ano de 2017 na base de dados ABCDM; Perspectivas em Gestão e Conhecimento publicou seu primeiro número em 2011, portanto 2009 e 2010 não constam, e os artigos do ano de 2016 não estavam na base de dados quando à época da coleta dos dados; Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é um periódico com publicação irregular, tendo publicado seus números apenas nos anos de 2012 e 2017, deixando de fora, então de 2009 a 2011 e de 2013 a 2016; MUSAS também é um periódico com publicação irregular, não tendo números nos anos de 2010, 2012, 2013, 2015 e 2017; Biblionline realmente não publicou artigo algum em autoria única nos anos zerados; e Arquivo e Administração teve seu último número publicado no ano de 2014, e os números dos anos de 2013 e 2014 não estavam na base de dados à época da coleta de dados, em virtude da irregularidade da publicação do periódico. Como já descrito no tópico *3.4 Limitações da pesquisa*, ainda que existam características específicas de publicação dos periódicos de Museologia e ainda que tenha havido atrasos de publicações, tal limitação não comprometeu as análises realizadas.

Entre os 27 periódicos estudados, os que mais publicaram artigos em outros idiomas foram: Brazilian Journal of Information Science (com 40,43% das suas publicações), Ciência da Informação (com 26,74%), Transinformação (com 23,68%), Encontros Bibli (com 22,86%) e Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (com 20,45%). Três destes periódicos - Ciência da Informação, Transinformação e

⁴⁷ Contato com o editor da base de dados ABCDM, em setembro de 2019, através do endereço de e-mail jeiro@unb.br, permitiu averiguar os motivos pelos quais alguns periódicos não apresentaram artigos em autoria única em determinados anos.

Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação - estão indexados nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, ambas de prestígio internacional. Estes periódicos muito provavelmente publicam artigos em outros idiomas buscando tornarem-se ou permanecerem como referência de qualidade e credibilidade, desta forma, aumentando a sua visibilidade, como bem colocam Packer e Meneghini (2006). Mas ao analisar-se os idiomas de modo individual, os periódicos que mais publicaram em espanhol, por exemplo, foram *Ciência da Informação*, com 12,63% das suas publicações, e *Acervo*, com 9,47%; em inglês, os periódicos que mais publicaram foram: *Brazilian Journal of Information Science* (25,86%), *Ciência da Informação* (17,24%) e *Acervo* (17,24%); e em francês foi *Encontros Bibli* (62,50%) que mais publicou artigos. Os periódicos *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, *Estudos Históricos*, *Anais do Museu Histórico Nacional*, *MUSAS*, *Revista ACB* e *Biblionline* publicaram artigos somente em português durante o período analisado.

A Tabela 8 mostra o número de artigos de cada periódico que cada região do Brasil e cada continente publicaram (os dados da América do Sul são apresentados sem os dados do Brasil).

Tabela 8 – Periódicos brasileiros das áreas de informação dos artigos em autoria única indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e regiões brasileiras e continentes dos elementos de autoria (n=1680)

Periódico	Sudeste		Nordeste	Centro-Oeste	Norte	Europa	América do Norte	América do Sul	Ásia	África	América Central	Oceania	Total
	Sul	Sul											
Acervo (RJ)	106	11	9	12	3	19	20	2	0	0	1	1	184
Em Questão (RS)	37	32	10	2	1	14	2	3	0	0	0	0	101
Estudos Históricos (RJ)	54	9	5	1	1	11	3	1	2	0	0	0	87
Ciência da Informação (DF)	27	7	7	15	1	13	9	4	0	0	3	0	86
Perspectivas em Ciência da Informação (MG)	48	7	6	5	2	7	1	1	0	0	1	0	78
Ponto de Acesso (BA)	30	7	15	6	1	14	0	1	0	2	0	0	76
DataGramZero (RJ)	43	11	9	7	2	0	3	0	0	0	0	0	75
Biblos (RS)	13	50	6	2	0	1	0	0	0	0	0	0	72
Encontros Bibli (SC)	26	5	7	8	2	7	8	6	0	1	0	0	70
Informação e Informação (PR)	38	9	10	2	0	8	1	1	0	0	0	0	69
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (SP)	31	12	13	6	2	4	0	1	0	0	0	0	69
Museologia e Patrimônio (RJ)	31	6	8	6	0	11	1	2	1	0	0	0	66
Museologia e Interdisciplinaridade (DF)	21	7	9	12	1	12	1	1	1	0	0	0	65
Informação e Sociedade (PB)	24	7	18	8	0	2	1	0	1	0	0	0	61
InCID (SP)	32	3	5	6	0	6	6	0	0	0	0	0	58
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (SP)	31	6	6	6	1	1	2	1	0	0	0	0	54
Brazilian Journal of Information Science (SP)	13	3	2	5	2	7	3	0	6	4	1	1	47
Anais do Museu Paulista (SP)	32	1	5	1	1	5	0	2	0	0	0	0	47
Revista ACB (SC)	15	20	4	2	5	1	0	0	0	0	0	0	47
Anais do Museu Histórico Nacional (RJ)	27	1	5	0	0	9	1	0	2	0	0	0	45
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (DF)	7	1	2	22	0	7	1	1	0	2	1	0	44
Transinformação (SP)	18	4	3	5	0	5	0	1	0	0	2	0	38
Perspectivas em Gestão e Conhecimento (PB)	14	3	8	2	0	6	1	2	0	0	0	0	36
Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (RJ)	21	1	3	2	1	5	2	1	0	0	0	0	36
MUSAS (DF)	15	1	4	3	0	3	1	0	0	0	0	0	27
Biblionline (PB)	12	3	6	1	3	0	0	0	0	0	0	0	25
Arquivo e Administração (RJ)	9	0	0	2	0	4	2	0	0	0	0	0	17
Total	775	227	185	149	29	182	69	31	13	9	9	2	1680

Legenda: RJ - Rio de Janeiro; RS - Rio Grande do Sul; DF - Distrito Federal; MG - Minas Gerais; BA - Bahia; SC - Santa Catarina; PR - Paraná; SP - São Paulo; e PB - Paraíba.

Fonte: Dados da pesquisa.

Através da Tabela 8 observa-se que os elementos de autoria vinculados a

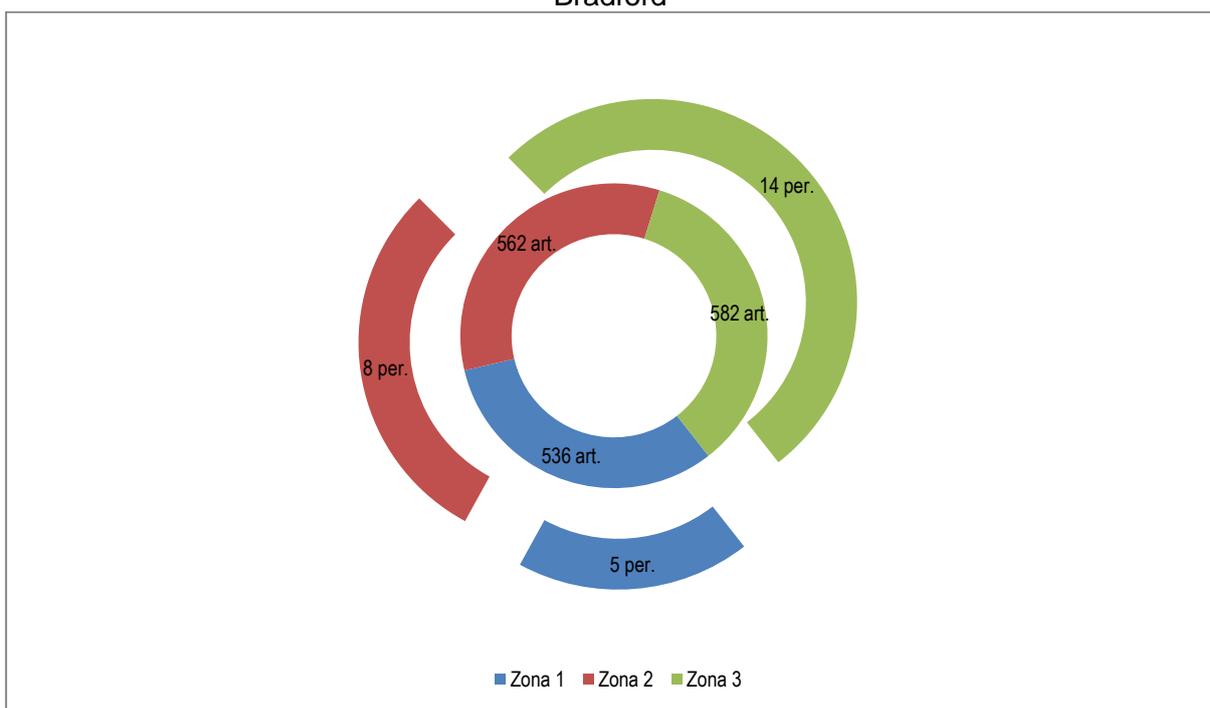
instituições da região Sudeste do Brasil publicaram mais nos periódicos Acervo, Estudos Históricos, Perspectivas em Ciência da Informação e DataGramZero. Acervo, Estudos Históricos e DataGramZero são do Rio de Janeiro e Perspectivas em Ciência da Informação, de Minas Gerais. Diante disso, parece haver certa tendência em publicar-se nos periódicos geograficamente próximos à instituição de estudo e/ou trabalho. Já os elementos de autoria vinculados a instituições da região Sul do Brasil publicaram mais nos periódicos Biblos, Em Questão e Revista ACB, todos da região Sul (os 2 primeiros do Rio Grande do Sul e o último de Santa Catarina), novamente apresentando a tendência em se publicar em periódicos geograficamente próximos às instituições de estudo/trabalho. Na região Nordeste os elementos de autoria publicaram mais nos periódicos Informação e Sociedade (PB), Ponto de Acesso (BA), Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (SP), Em Questão (RS) e Informação e Informação (PR); neste caso, os 2 primeiros periódicos são da região Nordeste do Brasil. Já na região Centro-Oeste os elementos de autoria publicaram mais na Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, Ciência da Informação, Acervo e Museologia e Interdisciplinaridade; com exceção do periódico Acervo, que é do Rio de Janeiro, os outros 3 são do Distrito Federal (região Centro-Oeste brasileira), denotando, no que diz respeito ao periódico de publicação, característica endogênica. E na região Norte os elementos de autoria publicaram mais nos periódicos Revista ACB (SC), Acervo (RJ) e Biblionline (PB) – vale destacar que nenhum dos periódicos analisados pertence à região Norte do Brasil (aliás, entre os 27 periódicos aqui estudados, 7 são do Rio de Janeiro; 6 de São Paulo; 4 do Distrito Federal; 3 da Paraíba; 2 do Rio Grande do Sul; 2 de Santa Catarina; 1 da Bahia; 1 de Minas Gerais; e 1 do Paraná).

Por meio da Tabela 8 ainda se observa que os elementos de autoria da Europa publicaram mais nos periódicos Acervo (RJ), Em Questão (RS), Ponto de Acesso (BA), Ciência da Informação (DF), Museologia e Interdisciplinaridade (DF), Estudos Históricos (RJ) e Museologia e Patrimônio (RJ). Os elementos de autoria da América do Norte publicaram mais nos periódicos Acervo (RJ), Ciência da Informação (DF) e Encontros Bibli (SC). Já os elementos de autoria da América do Sul (sem o Brasil) publicaram mais nos periódicos Encontros Bibli (SC), Ciência da Informação (DF) e Em Questão (RS). Importante ressaltar que os pesquisadores da América do Sul que mais publicaram são provenientes da Argentina e do Uruguai, próximos da região Sul brasileira. Os elementos de autoria da Ásia publicaram mais

nos periódicos Brazilian Journal of Information Science (SP), Estudos Históricos (RJ) e Anais do Museu Histórico Nacional (RJ), e os da África, nos periódicos Brazilian Journal of Information Science (SP), Ponto de Acesso (BA) e Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (DF). E os elementos de autoria da América Central publicaram mais nos periódicos Ciência da Informação (DF) e Transinformação (SP), e os da Oceania, nos periódicos Brazilian Journal of Information Science (SP) e Acervo (RJ).

Levando-se em consideração os números absolutos de artigos em autoria única publicados nos periódicos aqui avaliados, foi possível constatar a Lei de Dispersão de Bradford (MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2006), conforme mostra o Gráfico 7.

Gráfico 7 – Distribuição dos artigos em autoria única e dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 segundo as zonas de dispersão de Bradford



Legenda: art. – artigo; e per. - periódico.

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se no Gráfico 7 que a Zona 1 é composta por apenas 5 periódicos (Acervo, Em Questão, Estudos Históricos, Ciência da Informação e Perspectivas em Ciência da Informação), responsáveis pela publicação de 536 artigos, ou seja, 18,51% dos periódicos são responsáveis por, aproximadamente, 1/3 das publicações. Já a Zona 2 é formada por 8 (29,62%) periódicos (Ponto de Acesso,

DataGramaZero, Biblos, Encontros Bibli, Informação e Informação, Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Museologia e Patrimônio e Museologia e Interdisciplinaridade), que publicaram 562 artigos, correspondendo a 26,62% do total de periódicos analisados. E a Zona 3 é formada por 14 periódicos (51,85% do total de periódicos), os quais publicaram 582 artigos, sendo formada pelas revistas: Informação e Sociedade, InCID, Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, Revista ACB, Brazilian Journal of Information Science, Anais do Museu Paulista, Anais do Museu Histórico Nacional, Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, Transinformação, Perspectivas em Gestão e Conhecimento, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, MUSAS, Biblionline e Arquivo e Administração. Pelo Gráfico 7, então, certifica-se o que a Lei de Dispersão de Bradford afirma, de que poucos periódicos publicam muitos artigos (MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2006). Além disso, pode-se depreender que a publicação desses artigos não se encontra dissipada.

Os artigos ainda foram analisados tendo em consideração a sua área de pesquisa. Ao serem incluídos na base de dados ABCDM, cada artigo é avaliado e classificado dentro de umas das áreas: Arquivologia (A), Biblioteconomia (B), Ciência da Informação (C), Documentação (D) ou Museologia (M); naqueles casos em que o artigo não se encaixe em nenhuma destas áreas, como, por exemplo, artigos das áreas de História, Arquitetura, Educação, Engenharia etc., então ele é classificado como Outros (O); há ainda casos em que o artigo se encaixa em mais de uma classificação, podendo ser classificado como, por exemplo, BC, CM, AO, BCO etc. Assim, os artigos foram classificados conforme a Tabela 9.

Tabela 9 – Evolução temporal dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas áreas de pesquisa (n=1680)

(continua)

Área	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%	2013	%	2014	%	2015	%	2016	%	2017	%	Total	%	%Ac	R ²
C	28	13,53	51	27,87	53	25,12	54	25,12	52	27,23	35	21,60	49	26,92	14	8,54	20	12,12	356	21,19	21,19	0,25
B	35	16,91	25	13,66	23	10,90	18	8,37	14	7,33	40	24,69	38	20,88	37	22,56	31	18,79	261	15,54	36,73	0,12
M	22	10,63	6	3,28	18	8,53	18	8,37	25	13,09	13	8,02	21	11,54	39	23,78	38	23,03	200	11,90	48,63	0,49
A	11	5,31	6	3,28	20	9,48	11	5,12	10	5,24	13	8,02	15	8,24	14	8,54	5	3,03	105	6,25	54,88	0,01
BC	26	12,56	5	2,73	3	1,42	6	2,79	6	3,14	4	2,47	7	3,85	16	9,76	12	7,27	85	5,06	59,94	0,01
CO	0	0,00	12	6,56	10	4,74	20	9,30	7	3,66	10	6,17	9	4,95	4	2,44	0	0,00	72	4,29	64,23	0,07
MO	4	1,93	8	4,37	7	3,32	13	6,05	13	6,81	4	2,47	3	1,65	6	3,66	3	1,82	61	3,63	67,86	0,10
AO	1	0,48	1	0,55	14	6,64	7	3,26	5	2,62	10	6,17	3	1,65	3	1,83	5	3,03	49	2,92	70,77	0,00
D	1	0,48	2	1,09	3	1,42	3	1,40	2	1,05	3	1,85	13	7,14	0	0,00	0	0,00	27	1,61	72,38	0,01
BO	0	0,00	3	1,64	5	2,37	5	2,33	7	3,66	1	0,62	2	1,10	0	0,00	2	1,21	25	1,49	73,87	0,04
AC	0	0,00	0	0,00	2	0,95	1	0,47	2	1,05	1	0,62	2	1,10	2	1,22	5	3,03	15	0,89	74,76	0,63
ABM	0	0,00	0	0,00	2	0,95	0	0,00	2	1,05	2	1,23	2	1,10	1	0,61	1	0,61	10	0,60	75,36	0,20
CD	0	0,00	1	0,55	3	1,42	0	0,00	1	0,52	0	0,00	1	0,55	0	0,00	1	0,61	7	0,42	75,77	0,02
DO	0	0,00	1	0,55	2	0,95	3	1,40	0	0,00	0	0,00	1	0,55	0	0,00	0	0,00	7	0,42	76,19	0,11
AD	0	0,00	1	0,55	1	0,47	1	0,47	1	0,52	0	0,00	1	0,55	1	0,61	0	0,00	6	0,36	76,55	0,01
AM	1	0,48	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	1,05	1	0,62	0	0,00	0	0,00	1	0,61	5	0,30	76,85	0,00
BCO	2	0,97	1	0,55	0	0,00	0	0,00	1	0,52	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,61	5	0,30	77,14	0,19
CM	0	0,00	0	0,00	1	0,47	1	0,47	0	0,00	2	1,23	0	0,00	0	0,00	0	0,00	4	0,24	77,38	0,00
ABCM	0	0,00	0	0,00	2	0,95	0	0,00	0	0,00	1	0,62	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	0,18	77,56	0,04
AB	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,52	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	1,21	3	0,18	77,74	0,27
AMO	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	1,21	2	0,12	77,86	0,30
BCD	1	0,48	1	0,55	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	0,12	77,98	0,53
BM	1	0,48	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,52	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	0,12	78,10	0,17
ABC	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,61	1	0,06	78,15	0,30
ADO	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,52	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,06	78,21	0,00

(conclusão)

Área	2009	%	2010	%	2011	%	2012	%	2013	%	2014	%	2015	%	2016	%	2017	%	Total	%	%Ac	R ²
BMO	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,61	1	0,06	78,27	0,30
DM	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,47	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0,06	78,33	0,02
O (1)	74	35,75	59	32,24	42	19,91	53	24,65	38	19,90	22	13,58	15	8,24	27	16,46	34	20,61	364	21,67	100,00	0,68
Total	207	100,00	183	100,00	211	100,00	215	100,00	191	100,00	162	100,00	182	100,00	164	100,00	165	100,00	1680	100,00	-	0,54

Legenda: A - Arquivologia; B - Biblioteconomia; C - Ciência da Informação; D - Documentação; M - Museologia; O – Outros; Ac – acumulada; e R² - coeficiente de determinação.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: (1) Ainda que Outros não seja uma área de pesquisa, ela aparece relacionada como tal nesta tabela e nas demais para fins de facilitar a apresentação e discussão dos resultados.

Através da Tabela 9 averigua-se que a área Ciência da Informação é a mais presente entre os artigos analisados, seguida das áreas de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia. As áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia, sozinhas, são responsáveis por 54,88% dos artigos. Crê-se que as áreas de Museologia e Arquivologia estejam representadas em menor percentual quando comparadas às áreas da Ciência da Informação e Biblioteconomia porque são áreas de estudo mais recentes, ainda que a área de Museologia tenha apresentado significativo crescimento nos 2 últimos anos analisados.

Por meio da Tabela 9 também pode ser observado que as combinações das áreas corresponderam a 23,45% das publicações. Essas interligações podem ser justificadas, provavelmente, pela proximidade histórica das áreas de informação no Brasil (ARAÚJO, 2011; PINHEIRO, 2012; TANUS; ARAÚJO, 2012). A combinação BC é a mais presente entre as apresentadas, indo ao encontro do pensamento de Saracevic (1996), de que a Biblioteconomia é a área mais próxima da Ciência da Informação.

Destaca-se também o percentual encontrado de 21,67% para os artigos classificados como Outros, fortalecendo a característica interdisciplinar dos periódicos brasileiros das áreas de informação. Este resultado encontrado é um forte indício de que outras áreas de pesquisa, tais como, por exemplo, História, Arquitetura e Educação, estão bastante próximas das áreas de informação, mostrando o caráter interdisciplinar destas áreas. Almeida e Vilan Filho (2017), em pesquisa já referida, encontraram um percentual de 33,57% de artigos classificados como Outros. À vista disso, pode-se inferir que os autores que publicam em autoria única possuem tendência menor em escrever trabalhos interdisciplinares quando comparados àqueles que escrevem artigos em autoria múltipla. Importante reforçar a ideia de que estes artigos que foram classificados como Outros, não foram classificados como das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e/ou Museologia. Isso pode significar que os autores desses artigos podem ter área ou mesmo tema de interesse de pesquisa singular e/ou especializada, como bem colocado por Eliyan (2014).

Para cada uma das áreas foi calculado o coeficiente de determinação (R^2), a fim de verificar alguma tendência. Contudo, os valores dos coeficientes de determinação encontrados para as diferentes áreas de pesquisa não indicaram

desenvolvimento linear algum.

Ainda em relação à área dos artigos, foi elaborada a Tabela 10, a fim de verificar sua relação com os idiomas dos artigos.

Tabela 10 – Idiomas dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas áreas de pesquisa (n=1680)

Área	P	%	E	%	In	%	Fr	%	T	TE	%
C	320	89,89	20	5,62	16	4,49	0	0,00	356	36	10,11
B	231	88,51	17	6,51	10	3,83	3	1,15	261	30	11,49
M	184	92,00	8	4,00	7	3,50	1	0,50	200	16	8,00
A	92	87,62	6	5,71	5	4,76	2	1,90	105	13	12,38
BC	70	82,35	12	14,12	3	3,53	0	0,00	85	15	17,65
CO	67	93,06	4	5,56	1	1,39	0	0,00	72	5	6,94
MO	57	93,44	3	4,92	0	0,00	1	1,64	61	4	6,56
AO	45	91,84	4	8,16	0	0,00	0	0,00	49	4	8,16
D	17	62,96	7	25,93	3	11,11	0	0,00	27	10	37,04
BO	19	76,00	2	8,00	4	16,00	0	0,00	25	6	24,00
AC	15	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	15	0	0,00
ABM	10	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	10	0	0,00
DO	6	85,71	1	14,29	0	0,00	0	0,00	7	1	14,29
CD	7	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	7	0	0,00
AD	4	66,67	2	33,33	0	0,00	0	0,00	6	2	33,33
BCO	4	80,00	1	20,00	0	0,00	0	0,00	5	1	20,00
AM	5	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	5	0	0,00
CM	4	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	4	0	0,00
ABCM	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	0	0,00
AB	3	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	3	0	0,00
AMO	1	50,00	0	0,00	1	50,00	0	0,00	2	1	50,00
BCD	1	50,00	0	0,00	1	50,00	0	0,00	2	1	50,00
BM	2	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	2	0	0,00
ABC	1	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0	0,00
ADO	1	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0	0,00
BMO	1	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0	0,00
DM	1	100,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	1	0	0,00
O	348	95,60	8	2,20	7	1,92	1	0,27	364	16	4,40
Total	1519	90,42	95	5,65	58	3,45	8	0,48	1680	161	9,58

Legenda: P - português; E - espanhol; In - inglês; Fr - francês; T - total idiomas; TE - total idiomas estrangeiros.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na língua portuguesa a ordem decrescente das áreas de pesquisa não altera significativamente quando comparadas as Tabela 9 e 10. Na língua espanhola e inglesa, quem mais publica são os autores cujos artigos são da área de Ciência da Informação, seguidos dos da Biblioteconomia (provavelmente, em função das suas

bases teóricas e históricas). Em relação à língua francesa os autores que mais publicam são da área de Biblioteconomia e Arquivologia (provavelmente também, em função das suas bases teóricas e históricas).

Em referência às palavras-chave, elas foram usadas para determinar os temas de pesquisa dos artigos analisados, já que representam o conteúdo de uma pesquisa. Foi encontrado um total de 6375 palavras-chave (1524 artigos com palavras-chave e 156 artigos sem palavras-chave). Essas palavras-chave, após limpeza, concentraram-se em 3351 tipos diferentes, conforme Tabela 11.

Tabela 11 – Quantidades e tipos de palavras-chave dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=6375)

Quartil	Quantidade de palavras-chave	%	Tipos de palavras-chave	%
1º quartil	1653	25,93	79	2,36
2º quartil	1596	25,04	410	12,24
3º quartil	1595	25,02	1331	39,72
4º quartil	1531	24,02	1531	45,69
Total	6375	100,00	3351	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

As palavras-chave colocadas em ordem decrescente de frequência revelam que no 1º quartil há 79 tipos diferentes de palavras-chave, como mostrado na Tabela 11. Observa-se que a quantidade de tipos de palavras-chave aumenta nos outros quartis, culminando no 4º quartil com um número igual entre quantidade e tipos de palavras-chave.

A Figura 3 mostra a nuvem das principais palavras-chave (as que apareceram 3 ou mais vezes), que totalizam 3069 palavras-chave divididas em 399 tipos diferentes.

Figura 4 – Nuvem das principais palavras-chave (com frequência igual ou maior que 3) dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 classificados como Outros (n=252)



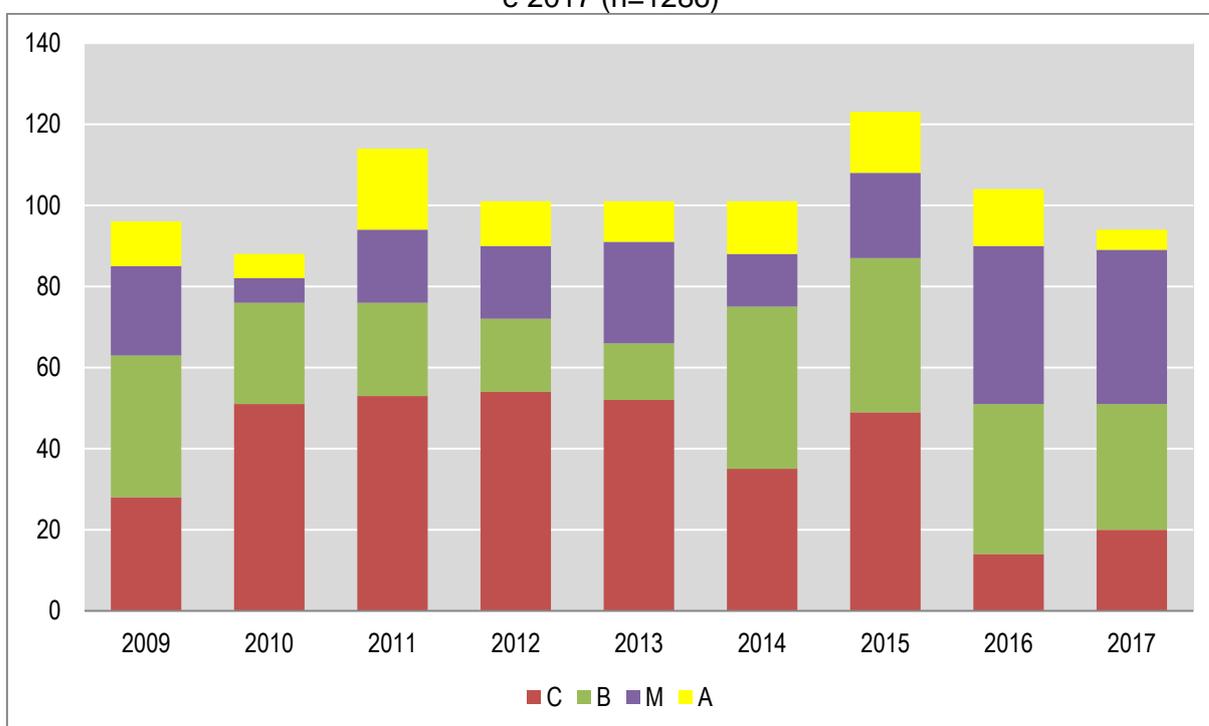
Fonte: Dados da pesquisa.

A Figura 4 apresenta 57 tipos diferentes de palavras-chave (frequência total de 252 palavras-chave). Não representado na Figura 4, Outros possui um total de 1337 palavras-chave, divididos em 1058 tipos diferentes, corroborando a ideia de que as palavras-chave desses artigos se encontram dispersas.

A Figura 5 permite verificar o comportamento das palavras-chave ao longo dos anos analisados.

Com exceção dos anos de 2014 e 2016, nos outros anos a palavra-chave com maior destaque nas nuvens é *Ciência da Informação*. Em 2014 a palavra-chave que mais apareceu foi *biblioteca pública* e em 2016, *patrimônio cultural*. Neste mesmo ano de 2014 o maior percentual de artigos foi exatamente da área de Biblioteconomia (conforme Tabela 9). E no ano de 2016 o maior percentual de artigos foi justamente da área de Museologia (de acordo com a Tabela 9). Esta análise pode ser melhor percebida através do Gráfico 8.

Gráfico 8 – Evolução temporal das principais áreas de pesquisa dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1286)



Legenda: C – Ciência da Informação; B – Biblioteconomia; M – Museologia; e A – Arquivologia.

Fonte: Dados da pesquisa.

O Gráfico 8, então, vai ao encontro dos temas de pesquisa ano a ano. O objetivo não foi o de mostrar números, mas o de comparar com as nuvens de palavras-chave, como descrito no parágrafo anterior.

Houve 2598 palavras-chave (40,75%) que apareceram somente 1 única vez, de acordo com a Tabela 12.

Tabela 12 – Frequência das palavras-chave dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=6375)

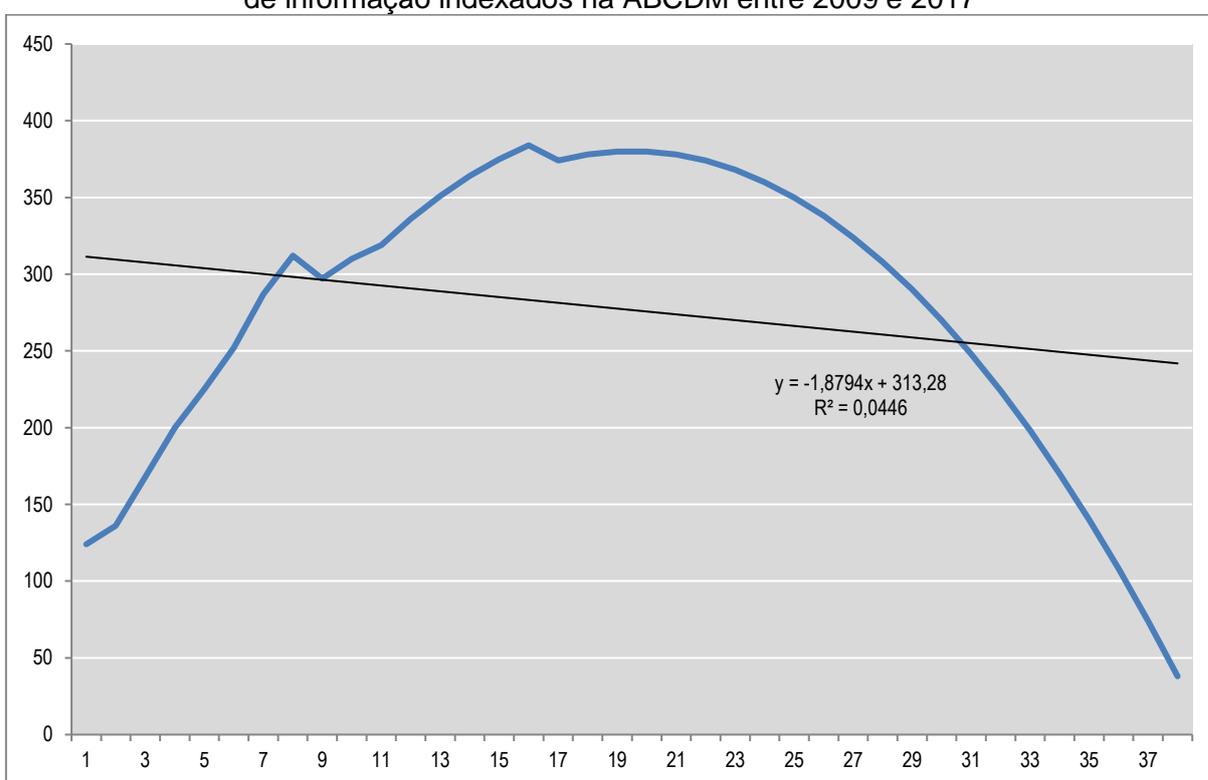
F	Q	Total	%(n=6375)	%Ac	R	Cz
124	1	124	1,95	1,95	1	124
68	1	68	1,07	3,01	2	136
56	2	112	1,76	4,77	3	168
50	1	50	0,78	5,55	4	200
45	1	45	0,71	6,26	5	225
42	1	42	0,66	6,92	6	252
41	1	41	0,64	7,56	7	287
39	1	39	0,61	8,17	8	312
33	1	33	0,52	8,69	9	297
31	2	62	0,97	9,66	10	310
29	2	58	0,91	10,57	11	319
28	3	84	1,32	11,89	12	336
27	1	27	0,42	12,31	13	351
26	1	26	0,41	12,72	14	364
25	1	25	0,39	13,11	15	375
24	2	48	0,75	13,87	16	384
22	2	44	0,69	14,56	17	374
21	2	42	0,66	15,22	18	378
20	2	40	0,63	15,84	19	380
19	1	19	0,30	16,14	20	380
18	1	18	0,28	16,42	21	378
17	2	34	0,53	16,96	22	374
16	3	48	0,75	17,71	23	368
15	8	120	1,88	19,59	24	360
14	7	98	1,54	21,13	25	350
13	4	52	0,82	21,95	26	338
12	4	48	0,75	22,70	27	324
11	7	77	1,21	23,91	28	308
10	3	30	0,47	24,38	29	290
9	16	144	2,26	26,64	30	270
8	14	112	1,76	28,39	31	248
7	19	133	2,09	30,48	32	224
6	41	246	3,86	34,34	33	198
5	45	225	3,53	37,87	34	170
4	67	268	4,20	42,07	35	140
3	129	387	6,07	48,14	36	108
2	354	708	11,11	59,25	37	74
1	2598	2598	40,75	100,00	38	38
Total	3351	6375	100,00	-	-	-

Legenda: F – frequência com que determinada palavra-chave aparece; Q – quantidade de palavras-chave que aparecem com aquela frequência; Ac – acumulada; R – ordem da série, segundo frequência decrescente; e Cz – constante da Lei de Zipf ($Cz=R.F$).

Fonte: Dados da pesquisa.

Através da Tabela 12 fica claro que são poucos os tipos de palavras-chave que aparecem muitas vezes, como, por exemplo, na ordem da série 1, houve 1 tipo de palavra-chave que apareceu 124 vezes. No outro extremo na Tabela 12, na ordem 38, houve 2598 tipos de palavras-chave que apareceram 1 única vez. A Tabela 12 possibilitou que se construísse o Gráfico 9, que utilizou a constante da Lei de Zipf (coluna Cz da Tabela 12).

Gráfico 9 – Comportamento da constante da primeira Lei de Zipft ao longo das ordens de série das palavras-chave dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017



Fonte: Dados da pesquisa.

A parábola encontrada no Gráfico 9 apresentou linha de tendência com R^2 igual a 0,0446, não tendendo à constância o resultado da multiplicação da ordem de série pela frequência de ocorrência. Tal resultado encontrado, então, não seguiu a Lei de Zipf (MEADOWS, 1999; ARAÚJO, 2006).

A partir da amostra dos 313 autores, como descrito na seção 3.1.1 *Coleta, tratamento e análise de dados*, foi verificado se cada um dos artigos desses 313 autores era de cunho teórico ou de teor mais aplicado. Encontrou-se que 203 (64,86%) artigos possuíam caráter teórico e que 110 artigos (35,14%) tinham caráter mais aplicado. Este resultado vai ao encontro do estudo de Farber (2005), em que

apurou tendência de pesquisas de cunho teórico na autoria única em diversas disciplinas nas universidades de Israel. Além dele, Chuang e Ho (2014) encontraram uma maior porcentagem de artigos de revisão e a palavra “teoria” como a mais presente nos títulos dos artigos em autoria única analisados da coleção *Science Citation Index Expanded*, da *Web of Science*. Noor (2013) também registrou que trabalhos em autoria única são, em sua maioria, revisões, porém nas áreas da Física Experimental e Engenharia.

4.1.2 Perfil dos autores

A fim de traçar o perfil dos autores, foram analisados 1680 elementos de autoria. Eles foram investigados quanto à formação acadêmica, vínculo institucional e localização. Além disso, foram identificados os pesquisadores com maior produção científica.

No que diz respeito à formação acadêmica, a Tabela 13 apresenta os resultados encontrados.

Tabela 13 – Formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680)

Titulação	Frequência	%
Doutorado	1003	59,70
Doutorando	214	12,74
Mestrado	167	9,94
Mestrando	102	6,07
Especialização	48	2,86
Especializando	3	0,18
Graduação	125	7,44
Graduando	18	1,07
Total	1680	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 13 mostra que quase 60% dos elementos de autoria são doutores, denotando a alta qualificação dos autores que publicam artigos em autoria única. Se considerarmos os doutorandos, esse percentual sobe para 72,44%, isto é, mais de 2/3 da totalidade. Ainda entre os elementos de autoria com doutorado, há 123 pós-doutores e 36 pós-doutorandos, ou seja, 12,26% e 3,59% do total de doutores. Dentro dessa ideia está a pesquisa de Castanha e Grácio (2017) a respeito do tipo

de coautoria presente na produção científica dos bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da área da Ciência da Informação no Brasil, entre 2012 e 2016. No nível mais elevado de Produtividade em Pesquisa – PQ-1A/B – quase 1/3 (30,14%) dos artigos eram em autoria única. O elevado percentual encontrado aqui de doutores pode ser reflexo do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que resultou em um aumento da pós-graduação brasileira de 30% no número de doutoramentos entre 2008 e 2012, segundo dados da UNESCO (2015). Aliás, Motoyama (2004) já colocara que o investimento do Estado na pós-graduação (com aumento do número de programas de pós-graduação e do número de pós-graduandos e titulados, e com uma melhor qualificação do corpo docente nas universidades), desde o ano de 1986, permitiu a formação de numerosos cientistas capacitados, formando a base para a realização de projetos maiores.

Encontrou-se 99 áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria. A Tabela 14 apresenta aproximadamente até o terceiro quartil e a tabela completa é apresentada no Apêndice C.

Tabela 14 – Principais áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1278)

Área	Frequência	% (n=1680)	% Acumulada
Ciência da Informação	445	26,49	26,49
História	256	15,24	41,73
Ciências da Comunicação	122	7,26	48,99
Biblioteconomia	97	5,77	54,76
Educação	77	4,58	59,35
Ciências Sociais	54	3,21	62,56
Artes	44	2,62	65,18
Museologia	41	2,44	67,62
Antropologia	40	2,38	70,00
Engenharia	36	2,14	72,14
Administração	33	1,96	74,11
Ciências da Comunicação e Informação	33	1,96	76,07

Fonte: Dados da pesquisa.

Não foi surpresa a área de formação acadêmica Ciência da Informação aparecer em primeiro lugar na Tabela 14. Contudo, História e Ciências da Comunicação estarem em segundo e terceiro lugares, respectivamente, teria sido

bastante inesperado se não se soubesse previamente que 21,67% dos artigos foram classificados como *Outros* (conforme tópico 4.1.1 *Produção científica*). Ademais, pela Capes, a área de Comunicação faz parte do mesmo grupo da área de Informação. Na Tabela 14, História e Ciências da Comunicação apareceram, até mesmo, à frente de Biblioteconomia e Museologia. A Arquivologia, então, sequer está presente até o terceiro quartil (ela parece em 14º lugar, conforme Apêndice C). Contudo, no que se refere às Ciências da Comunicação, Nascimento, Paiva e Melo (2019), em pesquisa sobre a produção qualificada dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, entre os anos de 2013 a 2016, acreditam que a presença da Comunicação como área de formação seja resultado da contribuição da Escola de Comunicação e Artes (USP), a qual foi um dos primeiros programas de pós-graduação no país em Ciência da Informação. Aliás, as autoras encontraram as áreas do conhecimento de Ciência da Informação e de Comunicação como as principais áreas de doutoramento dos docentes dos PPG analisados. As autoras encontraram também uma gama de áreas de formação, concluindo, assim como aqui, que “Um perfil acadêmico interdisciplinar indica, ou melhor, reflete a mesma característica do campo científico observado.” (NASCIMENTO; PAIVA; MELO, 2019, p. 14).

À vista disso, isto é, porque existem diversos pesquisadores de áreas de formação com características distintas publicando nos periódicos brasileiros das áreas de informação, é que se acredita que a autoria única, ainda que em declínio, como constatado na Tabela 1, não será extinta. Crê-se que a conclusão do estudo de Abt (2007), ainda que aplicado às áreas de Astronomia, Física, Química e Biologia, se emprega aqui, ou seja, a quantidade de artigos em autoria única nunca chegará a zero, ainda mais se considerando as peculiaridades das diferentes áreas de pesquisa que publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação. Além disso,

Cada comunidade científica, ainda, apresenta, por vezes, velocidades e processos díspares de pesquisa, partilha, recolha, utilização e preservação das informações, dados e do próprio conhecimento que são muitas vezes, também, acentuados por diferenças regionais e institucionais/acadêmicas. (GOMES, 2013, p. 10).

Um claro exemplo refere-se aos pesquisadores da área de História, que publicam em periódicos brasileiros das áreas de informação, como pode ser observado na Tabela 15 mais adiante, e que publicam frequentemente artigos em autoria única, por ser uma característica inerente da área de pesquisa (MEADOWS, 1999; SINGLE-AUTHOR..., 2017). Outro estudo que fortifica a pesquisa de Abt (2007) é o de Sindagi e Anandhalli (2018). Isso porque a investigação de Sindagi e Anandhalli (2018) foi sobre a tendência de autoria e pesquisa colaborativa sobre câncer de pulmão, cuja área – Ciências da Saúde – conhecidamente, publica muito em coautoria, e encontrou um resultado que vai à contramão da maioria dos estudos. Os autores constataram que existe tendência de crescimento de publicação em autoria única de 11,61% até o ano de 2021 e de 32% para o período até 2031.

Considerando-se apenas a Tabela 14, verifica-se a diversidade das áreas de formação, que não da informação – História, Ciências da Comunicação, Educação, Artes, Antropologia, Engenharia e Administração – as quais, provavelmente, são responsáveis pelos artigos classificados como Outros. E essas áreas de formação, tão diversificadas, justificam a variedade das palavras-chave nos artigos classificados como Outros e a sua alta dispersão.

Importante registrar que o INEP apresenta uma classificação de áreas diferente da CAPES. De acordo com a CAPES, a área de Comunicação e Informação é formada pela Comunicação, Ciência da Informação e Museologia (com programas de pós-graduação em Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Comunicação, Jornalismo e Museologia) (COORDENAÇÃO..., 2017, 2019). Já segundo o INEP (2019), a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da informação fazem parte da área de “Biblioteconomia, Informação, Arquivos”, que, por sua vez, faz parte da área geral de “Ciências Sociais, Negócios e Direito”; e a Museologia, juntamente com a Arqueologia e a História, fazem parte da área de “História e Arqueologia”, que, por seu turno, constituem a área geral de “Humanidades e Artes”. Esta classificação do INEP justifica consideravelmente a presença de autores com formação nas áreas de História e Arqueologia, entre outros, publicando nos periódicos brasileiros das áreas de informação. Não é à toa que os autores que mais publicam nos periódicos da área de Museologia tenham formação acadêmica, em sua maioria, nas áreas de História, Museologia, Artes, Arquitetura, Antropologia, entre outras.

Considerando-se somente as áreas de formação ligadas às áreas de

informação, obteve-se um total de 693 (41,25%) elementos de autoria. Para tanto, foram consideradas as áreas de formação: Ciência da Informação; Biblioteconomia; Museologia; Arquivologia; Documentação; Biblioteconomia e Ciência da Informação; Memória Social, Biblioteconomia e Documentação; Ciência da Informação e Documentação; Documentação e Informação; Documentação, Arquivos e Bibliotecas; Bens Culturais e Projetos Sociais; Conservação dos Bens Culturais; Difusão do Conhecimento; Filosofia/Biblioteconomia; Políticas de Informação e Organização do Conhecimento; e Processos e Manifestações Culturais. Este resultado implica dizer que 58,75% (987) dos elementos de autoria possuem área de formação acadêmica distinta das consideradas áreas de informação, e que estão publicando nos periódicos fora de suas áreas. Isso pode ser consequência da interdisciplinaridade das áreas de informação ou pode significar que os pesquisadores das áreas de informação estão perdendo espaço dentro dos seus próprios periódicos.

A junção dos dados apresentados – titulação e área de formação dos elementos de autoria – é apresentada parcialmente na Tabela 15. A tabela completa desses dados é exposta no Apêndice D.

Tabela 15 – Principais áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas titulações (n=1278)

Área	Doutorado	%	Doutorando	%	Mestrado	%	Mestrando	%	Especialização	%	Especializando	%	Graduação	%	Graduando	%	Total	%
Ciência da Informação	241	14,35	86	5,12	53	3,15	60	3,57	4	0,24	0	0	1	0,06	0	0	445	26,49
História	193	11,49	25	1,49	13	0,77	10	0,60	0	0	0	0	9	0,54	6	0,36	256	15,24
Ciências da Comunicação	96	5,71	11	0,65	8	0,48	3	0,18	1	0,06	1	0,06	2	0,12	0	0	122	7,26
Biblioteconomia	3	0,18	1	0,06	8	0,48	1	0,06	8	0,48	1	0,06	67	3,99	8	0,48	97	5,77
Educação	50	2,98	10	0,60	10	0,60	1	0,06	6	0,36	0	0	0	0	0	0	77	4,58
Ciências Sociais	42	2,50	6	0,36	2	0,12	3	0,18	0	0	0	0	1	0,06	0	0	54	3,21
Artes	25	1,49	6	0,36	7	0,42	1	0,06	1	0,06	0	0	4	0,24	0	0	44	2,62
Museologia	18	1,07	5	0,30	6	0,36	2	0,12	1	0,06	0	0	6	0,36	3	0,18	41	2,44
Antropologia	34	2,02	5	0,30	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	40	2,38
Engenharia	20	1,19	5	0,30	7	0,42	0	0	0	0	0	0	4	0,24	0	0	36	2,14
Ciências da Comunicação e Informação	20	1,19	7	0,42	4	0,24	2	0,12	0	0	0	0	0	0	0	0	33	1,96
Administração	17	1,01	1	0,06	5	0,30	0	0	9	0,54	0	0	1	0,06	0	0	33	1,96

Fonte: Dados da pesquisa.

Pela Tabela 15 pode-se observar que nas áreas especificadas prevalecem os autores com doutorado. A exceção fica por conta da área de Biblioteconomia (talvez porque existam poucos programas de doutorado em Biblioteconomia no país), em que preponderam os autores com graduação completa; por outro lado, foi a única área que teve representantes em todas as categorias de titulação. Na Sinopse Estatística da Educação Superior 2017, do INEP (2019), apresentada na seção 2.3.2 *Contextualização da graduação nas áreas de informação no Brasil*, o maior número de matrículas de alunos da graduação é justamente o da Biblioteconomia, talvez, assim, justificando os dados encontrados. Isso pode ser resultado do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que aumentou o número de universidades públicas no Brasil em aproximadamente 25% e em cerca de 80% do número de alunos entre 2007 e 2013, conforme dados da UNESCO (2015).

A titulação dos autores também foi cruzada com os periódicos de publicação dos artigos, resultando a Tabela 16.

Tabela 16 – Periódicos brasileiros das áreas de informação dos artigos em autoria única indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e titulações dos elementos de autoria (n=1680)

(continua)

Periódico	Doutorado		Doutorando		Mestrado		Mestrando		Especialização		Especializando		Graduação		Graduando		Total
		%		%		%		%		%		%		%		%	
Acervo	128	69,57	13	7,07	22	11,96	5	2,72	10	5,43	0	0,00	6	3,26	0	0,00	184
Em Questão	73	72,28	20	19,80	6	5,94	1	0,99	0	0,00	0	0,00	1	0,99	0	0,00	101
Estudos Históricos	67	77,01	14	16,09	4	4,60	1	1,15	0	0,00	0	0,00	1	1,15	0	0,00	87
Ciência da Informação	62	72,09	6	6,98	9	10,47	2	2,33	1	1,16	0	0,00	6	6,98	0	0,00	86
Perspectivas em Ciência da Informação	40	51,28	18	23,08	9	11,54	6	7,69	2	2,56	0	0,00	3	3,85	0	0,00	78
Ponto de Acesso	36	47,37	11	14,47	18	23,68	7	9,21	1	1,32	1	1,32	2	2,63	0	0,00	76
DataGramZero	43	57,33	12	16,00	6	8,00	8	10,67	1	1,33	0	0,00	5	6,67	0	0,00	75
Biblos	23	31,94	13	18,06	4	5,56	5	6,94	3	4,17	0	0,00	15	20,83	9	12,50	72
Encontros Bibli	39	55,71	6	8,57	5	7,14	8	11,43	2	2,86	2	2,86	7	10,00	1	1,43	70
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	12	17,39	12	17,39	13	18,84	15	21,74	7	10,14	0	0,00	10	14,49	0	0,00	69
Informação e Informação	54	78,26	8	11,59	2	2,90	3	4,35	0	0,00	0	0,00	2	2,90	0	0,00	69
Museologia e Patrimônio	46	69,70	6	9,09	5	7,58	5	7,58	0	0,00	0	0,00	4	6,06	0	0,00	66
Museologia e Interdisciplinaridade	44	67,69	7	10,77	5	7,69	6	9,23	1	1,54	0	0,00	1	1,54	1	1,54	65
Informação e Sociedade	60	98,36	1	1,64	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	61
InCID	41	70,69	10	17,24	3	5,17	2	3,45	0	0,00	0	0,00	2	3,45	0	0,00	58
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	16	29,63	6	11,11	11	20,37	6	11,11	6	11,11	0	0,00	7	12,96	2	3,70	54
Revista ACB	6	12,77	4	8,51	10	21,28	6	12,77	8	17,02	0	0,00	12	25,53	1	2,13	47
Brazilian Journal of Information Science	28	59,57	9	19,15	4	8,51	2	4,26	0	0,00	0	0,00	4	8,51	0	0,00	47
Anais do Museu Paulista	41	87,23	3	6,38	1	2,13	1	2,13	0	0,00	0	0,00	1	2,13	0	0,00	47

(conclusão)

Periódico	Doutorado		Doutorando		Mestrado		Mestrando		Especialização		Especializando		Graduação		Graduando		Total
		%		%		%		%		%		%		%		%	
Anais do Museu Histórico Nacional	16	35,56	7	15,56	5	11,11	2	4,44	0	0,00	0	0,00	12	26,67	3	6,67	45
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	23	52,27	11	25,00	2	4,55	2	4,55	3	6,82	0	0,00	3	6,82	0	0,00	44
Transinformação	24	63,16	6	15,79	6	15,79	1	2,63	0	0,00	0	0,00	1	2,63	0	0,00	38
Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	31	86,11	1	2,78	1	2,78	0	0,00	1	2,78	0	0,00	2	5,56	0	0,00	36
Perspectivas em Gestão e Conhecimento	26	72,22	5	13,89	5	13,89	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00	36
MUSAS	13	48,15	5	18,52	1	3,70	1	3,70	1	3,70	0	0,00	6	22,22	0	0,00	27
Biblionline	2	8,00	0	0,00	5	20,00	7	28,00	0	0,00	0	0,00	10	40,00	1	4,00	25
Arquivo e Administração	9	52,94	0	0,00	5	29,41	0	0,00	1	5,88	0	0,00	2	11,76	0	0,00	17
Total	1003	59,70	214	12,74	167	9,94	102	6,07	48	2,86	3	0,18	125	7,44	18	1,07	1680

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, os periódicos que mais publicaram artigos de doutores foram Informação e Sociedade, Anais do Museu Paulista e Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; de doutorandos, Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação e Perspectivas em Ciência da Informação (entre os 27 periódicos, houve 2 que não publicaram artigo algum de doutorando); de mestres, Arquivo e Administração, Ponto de Acesso e Revista ACB (somente a revista Informação e Sociedade não publicou artigo algum de mestre); de mestrando, Biblionline e Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (houve 4 periódicos que não publicaram artigos de mestrandos); de especialista, Revista ACB, Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação e Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (houve 12 periódicos que não publicaram artigos de especialistas); de especializando, somente Encontros Bibli e Ponto de Acesso, ou seja, 25 periódicos não publicaram artigo algum de especializando; de graduados, Biblionline, Anais do Museu Histórico Nacional (que está entre as revistas que mais publicam artigos de doutores), Revista ACB, MUSAS e Biblos (houve 2 periódicos que não publicaram artigos de graduados); e graduandos, Biblos (houve 20 periódicos que não publicaram artigos de graduandos).

Acerca da área de formação acadêmica de cada autor e da área de pesquisa em que publicou seu artigo, na área de pesquisa da Arquivologia, quem mais publicou foram autores com formação acadêmica nas áreas de Ciência da Informação, História e Arquivologia; na área de pesquisa da Biblioteconomia, quem mais publicou foram autores com formação acadêmica nas áreas de Ciência da Informação e Biblioteconomia; na área de pesquisa da Ciência da Informação, quem mais publicou foram autores com formação acadêmica em Ciência de Informação; na área de pesquisa da Museologia, quem mais publicou foram autores com formação acadêmica nas áreas de História, Museologia e Artes.

No que concerne ao vínculo institucional dos elementos de autoria, foram encontradas 386 instituições. A Tabela 17 apresenta as instituições presentes até o segundo quartil (a tabela completa é apresentada no Apêndice E).

Tabela 17 – Principais instituições dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=843)

Instituição	F	%	%Ac
Universidade de São Paulo (USP)	115	6,85	6,85
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	104	6,19	13,04
Universidade de Brasília (UNB)	90	5,36	18,39
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	74	4,40	22,80
Universidade Federal Fluminense (UFF)	60	3,57	26,37
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	59	3,51	29,88
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP)	50	2,98	32,86
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	43	2,56	35,42
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	41	2,44	37,86
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	37	2,20	40,06
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	34	2,02	42,08
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	31	1,85	43,93
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	31	1,85	45,77
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	25	1,49	47,26
Universidade Federal do Ceará (UFC)	25	1,49	48,75
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	24	1,43	50,18

Legenda: F – frequência e Ac - acumulada.

Fonte: Dados da pesquisa.

As instituições relacionadas na Tabela 17 são todas públicas, reforçando a ideia de que a pesquisa realizada no país vem principalmente do financiamento do Estado, além de serem instituições consolidadas na pesquisa científica. Ainda as instituições colocadas nos primeiros lugares não somente são de renome internacional (caso da USP), como estão entre as mais antigas do país (caso da UFMG), detentoras de considerável visibilidade. Outro ponto importante a ser levantado diz respeito à localização dessas instituições: elas estão em grande número na região Sudeste do país, região economicamente mais desenvolvida. Aliás, os estados da região Sudeste brasileira possuem produção científica significativa nas áreas de informação. Ademais, estão na Tabela 17 as instituições Universidade de Brasília (UNB), na 3ª posição, e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na 11ª posição. Estas instituições são as que possuem maior número de grupos de pesquisa na área de Ciência da Informação, no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP), da Plataforma Lattes, do CNPq, conforme dados apresentados no tópico *2.3.1 Contextualização da pós-graduação nas áreas de informação no Brasil*. Neste mesmo tópico são apresentados os dados da área de Museologia, em que a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),

na 4ª posição da tabela, é a instituição com o maior número de grupos de pesquisa. Esperava-se que as instituições que possuíssem elevado número de grupos de pesquisa não fossem ser destaque na produção em autoria única.

No caso mais específico do estado de São Paulo, a UNESCO (2015) considera que dois fatores explicam o êxito na produção científica. O primeiro fator seria o sistema bem financiado das universidades estaduais, como a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), todas presentes nos *rankings* universitários internacionais. O segundo fator seria o papel desempenhado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O sistema universitário e a FAPESP possuem a alocação de uma parcela fixa das receitas de impostos sobre vendas do Estado como seus orçamentos anuais e têm autonomia quanto ao uso desta receita, conforme informações da UNESCO (2015). Desse modo, como aventado por Meadows (1999), universidades ricas possibilitam boas condições de pesquisa, atraindo pesquisadores e alunos de alta qualidade, trazendo maior receita de volta. Contudo, Chang (2008, p. 288) suscita a ideia de que uma grande organização necessariamente não aumenta a possibilidade de que o conhecimento produzido seja de valor alto, não parecendo ser este o caso do estado de São Paulo.

Entre as instituições listadas na Tabela 17, apenas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) não possuem programas de pós-graduação nas áreas de Ciência da Informação e Museologia, segundo dados do *Relatório da Avaliação Quadrienal 2017* (COORDENAÇÃO..., 2017). Como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) possuía, à época do Relatório, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, ela não consta no *Relatório da Avaliação Quadrienal 2017* como tendo programas de pós-graduação nas áreas relacionadas.

Pesquisa realizada por Queiroz e Vilan Filho (2016), a respeito da produção dos artigos publicados em autoria única nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia, entre os anos de 2002 a 2013, no Brasil, encontrou um total de 435 instituições, número superior ao encontrado aqui, que foi de 386 instituições. Mas em ambas as pesquisas tiveram destaque a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade

de Brasília (UNB) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Destaca-se a Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) que na pesquisa referida não aparece e aqui está na sétima posição.

Melo e Vilan Filho (2017), em investigação sobre as instituições com maior produção no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), principal evento da área no Brasil, entre 2010 e 2015, encontraram resultados diversos dos encontrados aqui, evidenciando diferenças de produção institucional entre canais de comunicação. Os autores obtiveram como instituições com maior produção a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP). Estudo de Vilan Filho (2014) sugere a existência de correspondência sincrônica entre os periódicos das áreas de informação e o ENANCIB, alcançada primeiramente no evento e depois nos periódicos, com 5 anos de intervalo; talvez estando aí a incongruência da comparação dos resultados encontrados nas duas pesquisas.

Com respeito à titulação e ao vínculo institucional dos autores, entre os doutores quem mais publica são aqueles vinculados à Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UNB) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – exatamente a mesma ordem das instituições mais produtivas (Tabela 17). Entre os doutorandos são aqueles ligados à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de São Paulo (USP) e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Este resultado não foi surpresa, já que 55,93% dos alunos e 55,81% das bolsas de pós-graduação vêm da região Sudeste, conforme dados relacionados na *Distribuição de Discentes de Pós-graduação no Brasil por Estado e na Distribuição de bolsas de Pós-graduação*, da GeoCapes (2019), tendo o ano de 2018 como base (exceção, é claro, à UNB, que fica localizada na região Centro-Oeste, e, em parte, ao IBICT, que possui sedes tanto no Rio de Janeiro quanto em Brasília, Distrito Federal).

Já entre os mestres, quem mais publica são aqueles vinculados à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade de São Paulo (USP). Entre os mestrandos são aqueles ligados à Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG).

Entre os especialistas quem mais publica são aqueles vinculados à Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz). Entre os especializandos são aqueles ligados à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e à Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

Entre os graduados quem mais publica são aqueles vinculados à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E entre os graduandos, são aqueles ligados à Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Em relação aos alunos de doutorado, entre os 16 alunos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 13 são da Ciência da Informação; entre os 15 alunos da Universidade de Brasília (UNB), 11 são da Ciência da Informação; entre os 14 alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 6 são da Ciência da Informação; entre os 12 alunos da Universidade de São Paulo (USP), 5 são da Ciência da Informação; e todos os 11 alunos do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) são da Ciência da Informação. E em relação aos alunos de mestrado, entre os 16 alunos da Universidade de São Paulo (USP), 12 são da Ciência da Informação; e entre os 12 alunos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 10 são da Ciência da Informação. Tais resultados chamaram a atenção, pois é sabido que a área da Ciência da Informação, dentro dos seus programas de pós-graduação, incentiva a coautoria entre aluno e orientador.

No que tange à área de formação e ao vínculo institucional, tomando-se por base as instituições da Tabela 17, na Universidade de São Paulo (USP) os autores têm formação, principalmente, nas áreas de Ciência da Informação, Ciências da Comunicação, História e Arquitetura; na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em Ciência da Informação; na Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Ceará (UFC), em Ciência da Informação e História; na Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ), em Ciência da Informação, Ciências da Comunicação e História; na Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP), em Ciência da Informação e Ciências da Comunicação; na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Ciências da Comunicação e Informação; na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em História; na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Ciência da Informação, Literatura, Educação e Engenharia; e na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Biblioteconomia.

Entre os 1680 elementos de autoria, 1365 (81,25%) estão vinculados a instituições brasileiras, mais precisamente, a 218 instituições. Tais instituições brasileiras estão distribuídas em 24 estados (Amapá, Rondônia e Roraima não apareceram), conforme apresentado na Tabela 18.

Tabela 18 – Frequência dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e seus estados (n=1365)

Estado	Região	Frequência	% (n=1365)	% (n=1680)
Rio de Janeiro	Sudeste	354	25,93	21,07
São Paulo	Sudeste	254	18,61	15,12
Minas Gerais	Sudeste	142	10,40	8,45
Rio Grande do Sul	Sul	130	9,52	7,74
Brasília (DF)	Centro-Oeste	122	8,94	7,26
Santa Catarina	Sul	65	4,76	3,87
Bahia	Nordeste	48	3,52	2,86
Pernambuco	Nordeste	41	3,00	2,44
Paraná	Sul	32	2,34	1,90
Paraíba	Nordeste	30	2,20	1,79
Ceará	Nordeste	28	2,05	1,67
Espírito Santo	Sudeste	25	1,83	1,49
Pará	Norte	25	1,83	1,49
Goiás	Centro-Oeste	18	1,32	1,07
Alagoas	Nordeste	11	0,81	0,65
Sergipe	Nordeste	9	0,66	0,54
Piauí	Nordeste	8	0,59	0,48
Maranhão	Nordeste	5	0,37	0,30
Mato Grosso	Centro-Oeste	5	0,37	0,30
Rio Grande do Norte	Nordeste	5	0,37	0,30
Mato Grosso do Sul	Centro-Oeste	4	0,29	0,24
Amazonas	Norte	3	0,22	0,18
Rio de Janeiro	Sudeste	1	0,07	0,06
Tocantins	Norte	1	0,07	0,06
Total	-	1365	100,00	81,25

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, no geral, a região que concentra o maior número de elementos de autoria é a região Sudeste, com 775 (46,13%), seguida das regiões Sul, com 227 (13,51%), Nordeste, com 185 (11,01%), Centro-Oeste, com 149 (8,87%), e Norte, com 29 (1,73%), totalizando 81,25% da produção. Ressalta-se que a região Sudeste sempre se destaca, pois concentra um grande número de instituições de ensino e pesquisa de renome, como averiguado pela UNESCO (2015), quando coloca que a excelência da pesquisa brasileira se concentra em poucas instituições situadas mais para o sul do país. Além disso, essa maior concentração de elementos de autoria pode estar centrada no fato de que os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, de acordo com Pinheiro (2013), foram os primeiros a possuir programas de pós-graduação em Ciência da informação no país – IBICT com UFRJ, no ano de 1970, sendo pioneiro no Brasil e na América Latina; USP, desde 1972 (junto com a Comunicação) e desde 2006 como parte autônoma; e UFMG, desde 1976.

Dados do *Relatório da Avaliação Quadrienal 2017* (COORDENAÇÃO..., 2017) mostram que o maior número de programas de pós-graduação no Brasil está na região Sudeste. Além disso, na região Sudeste também estão o maior número de docentes, segundo a *Distribuição de Docentes no Brasil por Área de Avaliação*, da GeoCapes (2019), referente ao ano de 2018, e de discentes de pós-graduação, de acordo com a *Distribuição de Discentes de Pós-graduação no Brasil por Estado*, também da GeoCapes (2019), e também tendo o ano de 2018 como base.

Em relação ao número de docentes e de discentes de pós-graduação, bem como o número de bolsas, segundo a *Distribuição de Docentes no Brasil por Área de Avaliação*, a *Distribuição de Discentes de Pós-graduação no Brasil por Estado* e a *Distribuição de bolsas de Pós-graduação*, da GeoCapes (2019), após a região Sudeste, a segunda região com maior número de professores, alunos e bolsas é a Nordeste, seguida da Sul, Centro-Oeste e Norte. As regiões Nordeste e Sul nesta pesquisa aparecem em ordem inversa em relação a da GeoCapes, apontando diferenças entre a produção total (apresentada pela GeoCapes) e a produção da autoria única (objeto de estudo desta tese).

Assim, não se acredita que distâncias geográficas possam ser razões para a autoria única. Neste ponto, discordando-se da ideia postada em *Single-Author papers: a good or bad sign?* (2017) e reforçando-se o entendimento de Gomes (2013), de que o computador, a *internet* e a *word wide web* modificaram a comunicação científica.

Pesquisa de Queiroz e Vilan Filho (2016) apresentou diferenças em relação ao encontrado aqui. Na referida pesquisa, 86,20% dos elementos de autoria eram vinculados ao Brasil, percentual mais elevado do que o encontrado nesta pesquisa, que foi de 81,25%, quase 5% a menos.

Na mencionada pesquisa, assim como nesta, as regiões Sudeste e Sul são as que apresentaram maiores produções científicas. No entanto - considerando-se os dados da coluna “% (n=1365)” da Tabela 18 - o percentual de participação da região Sudeste aumentou de 52,62% para 56,85%, diferença de cerca de 4%, continuando a ser responsável por mais da metade da produção de artigos em autoria única no país. E a participação da região Sul diminuiu de 20,23% para 16,63%, totalizando uma queda de aproximadamente 3,5%, ainda que a maior parte dos seus elementos de autoria seja da área de História (47 elementos de autoria de um total de 227, isto é, 20,70%).

Além disso, se na pesquisa de Queiroz e Vilan Filho (2016) a região Centro-Oeste ocupava a terceira colocação, com participação de 14,33%, e a região Nordeste ocupava o quarto lugar, com 11,26%, aqui nesta pesquisa a situação inverteu. Dados mais recentes, então, mostram que a terceira colocação agora é da região Nordeste, com participação de 13,55% (aumento de mais de 2%), e que o quarto lugar é da região Centro-Oeste, com 10,92% (queda de quase 3,5%). Interessante observar que os elementos de autoria da região Nordeste são em grande parte da área de Ciência da Informação (70 dos 185 elementos de autoria, isto é, 37,83%). Essa informação dá indícios que os pesquisadores das áreas de informação também publicam sozinhos, diferentemente do que se pensava, de que autores de outras áreas (como História, por exemplo, que culturalmente escrevem sozinhos) publicavam nos periódicos das áreas de informação, dando este caráter às áreas de informação.

A região Norte, assim como a região Nordeste, aumentou sua participação, passando de 1,56% para 2,12% (aumento de pouco mais de 0,5%), mas permanecendo na quinta e última colocação. Nesta região, os elementos de autoria são, em sua maioria, da área de Biblioteconomia, com 10 elementos de autoria de um total de 29, ou seja, 34,48%, cabendo aqui a mesma observação feita no parágrafo anterior a respeito de que os autores das áreas de informação também publicam em autoria única. Uma tabela completa das regiões brasileiras com as áreas de formação dos elementos de autoria é apresentada no Apêndice F.

A tabela 18 também permite que se verifique os estados com maiores produções de artigos em autoria única. Como esperado, já que a região Sudeste é a que possui maior produção de artigos deste tipo, os estados com maior produção foram Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Em quarto e sexto lugares estão Rio Grande do Sul e Santa Catarina, representando a região Sul, segunda com maior produção de artigos em autoria única. No entanto, na quinta colocação aparece Brasília (Distrito Federal), pertencente à região Centro-Oeste, que está na quarta posição como mais produtiva de artigos em autoria única. A terceira região mais produtiva somente vai encontrar seu representante na sétima posição (Bahia).

Na pesquisa de Queiroz e Vilan Filho (2016), assim como aqui, Rio de Janeiro e São Paulo também ocupam a primeira e segunda colocações, assim como o Rio Grande do Sul e Santa Catarina no quarto e sexto lugares, respectivamente. Contudo, se na citada pesquisa Brasília (Distrito Federal) ocupava a terceira posição e Minas Gerais a quinta, agora tiveram suas posições invertidas.

No entanto, ao fazer-se uma análise levando em consideração a quantidade de instituições por estado e a produção de artigos, chega-se à Tabela 19.

Tabela 19 – Quantidade de instituições e de artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 por estado de afiliação do autor (n=1365)

Estado	Quantidade de instituições	Quantidade de artigos	Média
Espírito Santo	2	25	12,50
Alagoas	1	11	11,00
Pernambuco	4	41	10,25
Ceará	3	28	9,33
Goiás	2	18	9,00
Sergipe	1	9	9,00
Brasília (DF)	16	122	7,63
Rio de Janeiro	47	354	7,53
Paraíba	4	30	7,50
São Paulo	36	254	7,06
Minas Gerais	22	142	6,45
Bahia	8	48	6,00
Rio Grande do Sul	24	130	5,42
Mato Grosso	1	5	5,00
Santa Catarina	16	65	4,06
Pará	7	25	3,57
Paraná	10	32	3,20
Maranhão	2	5	2,50
Rio Grande do Norte	2	5	2,50
Piauí	4	8	2,00
Amazonas	2	3	1,50
Mato Grosso do Sul	3	4	1,33
Tocantins	1	1	1,00
Total	218	1365	6,26

Fonte: Dados da pesquisa.

Então, quando se considera a média de artigos por instituição, o cenário muda bastante. Ainda que o estado com maior média seja da região Sudeste, os estados que vem em seguida – Alagoas, Pernambuco, Ceará, Goiás e Sergipe – vem da região Nordeste, a exceção de Goiás, que é da região Centro-Oeste brasileira. Levando em conta as instituições da Tabela 17, os estados de Alagoas, Goiás e Sergipe sequer tem alguma instituição representante ali.

Os restantes 315 elementos de autoria estão distribuídos entre 40 países diferentes (além do Brasil), de acordo com a Tabela 20.

Tabela 20 – Frequência dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 por país estrangeiro de afiliação do autor (n=315)

País	Continente	Frequência	% (n=315)	% (n=1680)
Portugal	Europa	63	20,00	3,75
Espanha	Europa	53	16,83	3,15
Estados Unidos	América do Norte	42	13,33	2,50
França	Europa	29	9,21	1,73
México	América do Norte	18	5,71	1,07
Argentina	América do Sul	12	3,81	0,71
Reino Unido	Europa	12	3,81	0,71
Canadá	América do Norte	9	2,86	0,54
Cuba	América Central	7	2,22	0,42
Índia	Ásia	7	2,22	0,42
Itália	Europa	7	2,22	0,42
Uruguai	América do Sul	7	2,22	0,42
Colômbia	América do Sul	6	1,90	0,36
Alemanha	Europa	4	1,27	0,24
Moçambique	África	4	1,27	0,24
Nigéria	África	4	1,27	0,24
Países Baixos	Europa	4	1,27	0,24
Bélgica	Europa	2	0,63	0,12
Chile	América do Sul	2	0,63	0,12
Peru	América do Sul	2	0,63	0,12
República Tcheca	Europa	2	0,63	0,12
Austrália	Oceania	1	0,32	0,06
Áustria	Europa	1	0,32	0,06
Cingapura	Ásia	1	0,32	0,06
Coreia do Sul	Ásia	1	0,32	0,06
Costa Rica	América Central	1	0,32	0,06
Croácia	Europa	1	0,32	0,06
Fiji	Oceania	1	0,32	0,06
Filipinas	Ásia	1	0,32	0,06
Finlândia	Europa	1	0,32	0,06
Israel	Ásia	1	0,32	0,06
Japão	Ásia	1	0,32	0,06
Luxemburgo	Europa	1	0,32	0,06
Malásia	Ásia	1	0,32	0,06
Nicarágua	América Central	1	0,32	0,06
Noruega	Europa	1	0,32	0,06
Paraguai	América do Sul	1	0,32	0,06
Senegal	África	1	0,32	0,06
Suécia	Europa	1	0,32	0,06
Venezuela	América do Sul	1	0,32	0,06
Total	-	315	100,00	18,75

Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda que se leve em conta a Tabela 20, se considerarmos a participação do Brasil, o continente que mais aparece é o da América do Sul, com 1396 (83,10%) elementos de autoria, sendo 31 (1,85%) advindos da Argentina, Uruguai, Colômbia, Chile, Peru, Paraguai e Venezuela. Os demais elementos de autoria são da Europa, com 182 (10,83%); seguida da América do Norte, com 69 (4,11%); Ásia, com 13 (0,77%); América Central e África, ambas com 9 (0,54%) cada uma; e Oceania, com 2 (0,12%).

Observando-se a Tabela 20 também é possível averiguar que Portugal e Espanha são os países que mais publicaram nos periódicos brasileiros das áreas de informação. Uma possível explicação para isso pode estar na proximidade dos idiomas (português e espanhol são línguas latinas). Além disso, conforme dados já apresentados da *Distribuição de bolsas de graduação e Pós-graduação no exterior por país de destino*, da GeoCapes (2019), relativos ao ano de 2018, nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação e Museologia, a região ibérica (aqui representada por Portugal e Espanha) é relevante na concessão de bolsas: das 9 bolsas de doutorado pleno, 5 estão em Portugal e na Espanha; entre as 10 bolsas de doutorado sanduíche, 5 estão lá também na região ibérica; e também há 1 bolsa de pós-doutorado em Portugal. Nos Estados Unidos, que aparece na terceira colocação da Tabela 20, também têm 2 bolsas de doutorado pleno, 2 bolsas de doutorado sanduíche e 1 bolsa de professor-pesquisador. E, ainda que se pudesse ponderar que estudos de pós-graduação implicassem trabalhos em coautoria, pesquisa de Queiroz e Vilan Filho (2018) apresenta que nem sempre colaborações entre orientandos e orientadores resultam em coautoria nas áreas de informação (isso também é percebido mais adiante, no item 4.2.1 *Razões para a autoria única*).

No entanto, ao fazer-se uma análise levando em consideração a quantidade de instituições por país e a produção de artigos, chega-se à Tabela 21.

Tabela 21 – Quantidade de instituições e de artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 por país estrangeiro (n=315)

País	Quantidade de instituições	Quantidade de artigos	Média
México	5	18	3,60
Uruguai	2	7	3,50
Portugal	19	63	3,32
Espanha	20	53	2,65
Canadá	4	9	2,25
Colômbia	3	6	2,00
República Tcheca	1	2	2,00
França	15	29	1,93
Cuba	4	7	1,75
Estados Unidos	28	42	1,50
Índia	5	7	1,40
Alemanha	3	4	1,33
Argentina	9	12	1,33
Moçambique	3	4	1,33
Países Baixos	3	4	1,33
Reino Unido	9	12	1,33
Itália	6	7	1,17
Austrália	1	1	1,00
Áustria	1	1	1,00
Bélgica	2	2	1,00
Chile	2	2	1,00
Cingapura	1	1	1,00
Coreia do Sul	1	1	1,00
Costa Rica	1	1	1,00
Croácia	1	1	1,00
Fiji	1	1	1,00
Filipinas	1	1	1,00
Finlândia	1	1	1,00
Israel	1	1	1,00
Japão	1	1	1,00
Luxemburgo	1	1	1,00
Malásia	1	1	1,00
Nicarágua	1	1	1,00
Nigéria	4	4	1,00
Noruega	1	1	1,00
Paraguai	1	1	1,00
Peru	2	2	1,00
Senegal	1	1	1,00
Suécia	1	1	1,00
Venezuela	1	1	1,00
Total	168	315	1,88

Fonte: Dados da pesquisa.

Então, quando se considera a média de artigos por instituição, o cenário também altera. Em primeiro lugar aparece o México, da América Central, continente que tem uma baixa participação no total de artigos estudados. Em seguida vem o Uruguai, que ao menos está entre os 12 países mais frequentes. Portugal e Espanha aparecem em seguida, mas também são os países estrangeiros com maior número de artigos. Quando comparada esta Tabela 21 com a Tabela 19 (com dados do Brasil), percebe-se que na Tabela 21 as médias são menores, dando a ideia de que a produção dos artigos se encontra mais diluída entre as instituições.

No tocante aos autores com maior produção científica de artigos em autoria única publicados nos periódicos brasileiros das áreas de informação, chegou-se à Tabela 22, em que são apresentados 10% dos autores mais produtivos. Percebe-se que os autores mais produtivos advêm das instituições mais produtivas também, podendo-se afirmar, inclusive, que a quantidade produzida por um pesquisador tem ligação com a quantidade de docentes da sua área geográfica.

Tabela 22 – Autores mais produtivos de artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=19)

Autor	Instituição	F(AU)	%(AU)	%Ac	F(AM)	FT
Jorge Santa Anna	UFMG, UFES	20	1,19	1,19	17	37
Carlos Alberto Ávila Araújo	UFMG	17	1,01	2,20	29	46
Jéssica Camara Siqueira	USP	12	0,71	2,92	0	12
Bruno César Brulon Soares	UNIRIO, UFF	9	0,54	3,45	2	11
Ronaldo Ferreira de Araújo	UFAL	8	0,48	4,40	7	15
Rubén Urbizagástegui Alvarado	UNESP, UC, UCR	8	0,48	4,88	5	13
Aldo de Albuquerque Barreto	CNPq, IBICT, UNIGRANRIO	8	0,48	3,93	1	9
Jonathas Luiz Carvalho Silva	UFBA, UFCA, UFC	7	0,42	6,13	11	18
Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque	UNB	7	0,42	6,96	11	18
Gustavo Silva Saldanha	IBICT, UNIRIO, UFRJ	7	0,42	5,71	9	16
Roberto Lopes dos Santos Júnior	IBICT, UNIRIO, UFPA, UFRJ	7	0,42	7,38	5	12
Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus	UFMG	7	0,42	5,30	4	11
Jorge Caldera Serrano	UEX	7	0,42	6,55	4	11
Marco Antônio de Almeida	USP	6	0,36	8,81	6	12
Angélica Alves da Cunha Marques	UNB	6	0,36	7,74	3	9
Clovis Carvalho Britto	UNB, UFBA, UFS	6	0,36	8,10	2	8
Jackson da Silva Medeiros	UFRGS, UFF	6	0,36	8,45	2	8
Rita de Cássia do Vale Caribé	UNB	6	0,36	9,17	2	8
Rodrigo Rabello da Silva	IBICT, UNESP	6	0,36	9,52	1	7

Legenda: F – frequência; AU – autoria única; Ac – acumulada; AM – autoria múltipla; FT – frequência total; UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais; UFES - Universidade Federal do Espírito Santo; USP - Universidade de São Paulo; UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; UFF - Universidade Federal Fluminense; UFAL - Universidade Federal de Alagoas; UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; UC - University of California; UCR - University of California Riverside; CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; UNIGRANRIO - Universidade do Grande Rio; UFBA - Universidade Federal da Bahia; UFCA - Universidade Federal do Cariri; UFC - Universidade Federal do Ceará; UNB - Universidade de Brasília; UFPA - Universidade Federal do Pará; UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro; UEX - Universidad de Extremadura; UFS - Universidade Federal de Sergipe; e UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Fonte: Dados da pesquisa.

Concentrando a análise somente nos 3% de autores mais produtivos, o primeiro deles, o autor Jorge Santa Anna, quando pesquisado na base de dados ABCDM, apresentou, além dos 20 artigos em autoria única, 17 artigos em autoria múltipla. Percebe-se, assim, que ele é um pesquisador que publicou bastante, afinal foram 37 artigos em um período de 9 anos. E nota-se também que os seus artigos em autoria única são em maior número que os em coautoria. O autor tem graduação em Biblioteconomia e Arquivologia, mestrado em Gestão & Organização do

Conhecimento e doutorado em andamento também em Gestão & Organização do Conhecimento.

Já o autor Carlos Alberto Ávila Araújo, quando pesquisado na base de dados ABCDM, apresentou, além dos 17 artigos em autoria única, 29 artigos em autoria múltipla. Também se percebe que ele é um pesquisador que publicou muito, pois foram 46 artigos publicados entre 2009 e 2017, de acordo com a base de dados. Contudo, ao contrário de Jorge Santa Anna, seus artigos em autoria múltipla são maioria. O autor possui graduação e mestrado em Comunicação Social e doutorado em Ciência da Informação.

E Jéssica Camara Siqueira, quando pesquisada na base de dados ABCDM, apresentou somente os 12 artigos em autoria única da Tabela 22, isto é, não apresentou artigo algum em autoria múltipla. A autora, ainda que tenha doutorado em Filologia e Língua Portuguesa, isto é, fora das aqui consideradas áreas de informação, tem graduação em Biblioteconomia e mestrado em Ciência da Informação.

Entre os 19 autores analisados, 14 possuem mais artigos em autoria única do que em autoria múltipla, 4 possuem menos artigos em autoria única do que em autoria múltipla e 1 possui quantidades iguais de artigos em autoria única e múltipla. O fato de 14 dos 19 autores terem uma quantidade maior de artigos em autoria única do que em autoria múltipla pode ser indício de que estes autores têm preferência por produzir assim ou que sejam de áreas de pesquisa em que escrever sozinho faz parte da cultura da área, como, por exemplo, nas áreas de História e de Ciências da Comunicação. Nesse sentido, o já comentado estudo de Fu e Ho (2018), a respeito da área de Engenharia Ambiental, mostra que apenas 3% dos 7895 autores possuíam artigos em autoria única; no entanto, entre os 26 principais autores, 11 tinham artigos em autoria única, sendo que a porcentagem de autores no topo que tinham artigos em autoria única foi muito superior à média encontrada.

Um dos pontos que chama bastante a atenção ao se observar a Tabela 22 é que 10 dos 19 autores listados foram vinculados a mais de uma instituição no período analisado de 9 anos (2009 a 2017) – para Bourdieu (1999, p. 16), o trânsito por diversas instituições permite aumentar o capital social do pesquisador. Esse resultado pode indicar que os autores trocaram de emprego ou que estavam estudando em determinada instituição e depois se empregaram em outra ou que estavam estudando no período em questão (fazendo doutorado e depois pós-

doutorado em diferentes instituições, por exemplo). Mas é interessante observar que, em se tratando dos casos de estudo, estes autores optaram por escrever seus artigos em autoria única, sem a coautoria dos seus orientadores.

Outro ponto a ser comentado é a presença de 2 autores vinculados a instituições estrangeiras entre os 19 autores presentes na Tabela 22. Um deles é o Rubén Urbizagástegui Alvarado, que apareceu vinculado à *University of California* (UC) e à *University of California Riverside* (UCR), nos Estados Unidos. Ele também esteve vinculado à instituição nacional, no caso a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Além dele, o outro autor é o Jorge Caldera Serrano, vinculado à *Universidad de Extremadura* (UEX), na Espanha. Dois autores sabidamente estrangeiros estarem entre os mais produtivos de artigos em autoria única nos periódicos brasileiros pode ser um indício da qualidade das revistas nacionais (e por isso a preferência desses autores por publicar nelas).

É significativo registrar novamente, mesmo que não exibido na Tabela 22, que 9 autores publicaram 5 artigos cada um; 16 autores, 4 artigos cada; 38 autores, 3 artigos cada um; 138 autores, 2 artigos cada; e 1021 autores, 1 artigo cada, conforme já apresentado na Tabela 3. Acredita-se que esses 1021 autores que publicaram somente 1 artigo em autoria única sejam os considerados autores transientes. Parreiras et al. (2006), em investigação a respeito da colaboração e da produção científica na Ciência da Informação no Brasil, já haviam evidenciado a concentração de artigos em autoria única de autores denominados por eles como transientes, isto é, com 1 único artigo publicado na área. Da mesma maneira, Meza, Sabaj e Matsuda (2017), em estudo a respeito da autoria única na base de dados SciELO Chile, entre 2010 e 2014, constataram que, nas Ciências Sociais, 665 (76,44%) autores contribuíram com apenas 1 artigo, isto é, os autores únicos tendiam a ser ocasionais (escreviam sozinhos e apenas uma vez).

4.1.3 Impacto científico

Para a análise do impacto científico através das citações recebidas foi utilizada amostra com 313 autores, conforme descrito na seção 3.1.1 *Coleta, tratamento e análise de dados*. No entanto, 1 autor não foi encontrado (tampouco seu artigo selecionado), assim, restando para esta análise 312 autores, os quais foram estudados, primeiramente, sob a ótica da sua produção total de artigos

publicados a partir de 2009 e, após, sob a ótica dos artigos selecionados para a amostra.

4.1.3.1 Impacto científico da produção total de artigos

Os autores possuíam desde 1 até 319 artigos (entre publicações em autoria única e coautoria), conforme Apêndice G. O autor com 319 artigos é um sociólogo estrangeiro considerado um dos pensadores mais influentes do mundo (talvez, justificando, assim, o número elevado de publicações).

Entre os 312 autores analisados, 16 (5,12%) possuíam o mesmo número de artigos em autoria única e em autoria múltipla; 172 (55,12%) possuíam número de artigos em autoria única superior ao de artigos em autoria múltipla (destes, 65 (20,83%) não possuíam artigos em autoria múltipla); e 124 (39,74%) possuíam número de artigos em autoria única inferior ao de artigos em autoria múltipla. Estes resultados direcionam para a ideia de que existe uma parcela de autores da comunidade científica das áreas de informação que tem preferência pela escrita em autoria única.

Os autores receberam até 4709 citações. Houve 24 (7,69%) autores que não receberam citação alguma (entre publicações em autoria única e múltipla). E o autor com maior número de citações (4709) é o mesmo sociólogo estrangeiro citado anteriormente, com o maior número de artigos.

O artigo mais citado recebeu 1306 citações, pertencendo ao mesmo sociólogo estrangeiro mencionado antes. O referido artigo é em autoria múltipla. Estas 1306 citações recebidas por 1 único artigo correspondem a 27,73% do total de citações que este autor recebeu. Aliás, considerando-se o percentual de citações do artigo mais citado de cada autor dentro do total de citações recebidas por ele, em 41 (13,14%) casos este percentual é igual ou superior a 50%, indo ao encontro do que Meadows (1999) coloca, de que um número limitado de publicações recebe a maioria das citações do pesquisador. Ainda no que diz respeito ao artigo mais citado de cada autor (no caso, de 288 (92,30%) autores, já que 24 (7,69%) não receberam citação), houve 194 (67,36%) casos em que o artigo mais citado era em autoria única e 94 (32,63%) casos em que o artigo mais citado era em autoria múltipla. Embora o artigo mais citado seja em autoria múltipla, segundo estudo de Hart (2007), apoiado no conceito de que artigos em coautoria são de qualidade superior

aos artigos escritos em autoria única, em que usou a contagem de citações dos periódicos na literatura acadêmica de Biblioteconomia, foi averiguado que nenhuma evidência estatística de significância foi achada para sustentar a superioridade dos artigos em coautoria.

O autor com maior quantidade de artigos em autoria única apresentou 206 publicações (novamente, o sociólogo estrangeiro). Ele também foi o autor que teve o maior número de citações para artigos em autoria única, com 2565 citações (distribuídas entre seus 206 artigos em autoria única, dando uma média de 12,45 citações por artigo). Interessante observar que os 3 autores com maior número de citações nos seus artigos em autoria única são vinculados a renomadas universidades estrangeiras, fortalecendo o entendimento de Reif (1961) quando afirma existir relação direta entre prestígio do cientista e prestígio da instituição.

No entanto, em se tratando somente dos artigos em autoria única, o autor que possui a maior média de citações (22,86) possui somente 7 artigos em autoria única (ante os seus 17 artigos em autoria múltipla, com média de 2 citações por artigo). Isso vem ao encontro do que Ziman (1988) descreve, de que um pesquisador que tenha publicado 1 único trabalho pode ser mais reconhecido do que outro pesquisador que tenha escrito diversos trabalhos. Neste caso, o autor com maior média de citação tem 29,42 vezes menos artigos do que o autor com maior quantidade de artigos em autoria única publicados (ainda que, nesta situação, o autor com menor média de citação seja altamente reconhecido pela comunidade científica, até mesmo pelo conjunto de sua obra (ZIMAN, 1988), como já descrito).

Este número de citações recebidas pelos artigos em autoria única pode ser justificado pelo trabalho de Pinto e Costa (2018). Na pesquisa desses autores, eles encontraram que 54,4% dos docentes das Ciências Sociais da Universidade do Minho, em Portugal, preferem realizar suas pesquisas em obras em autoria única. A investigação dos autores não vai além, mas caso fossem averiguadas as razões pelas quais esses docentes preferem obras em autoria única, acredita-se que, provavelmente, os motivos seriam em torno da qualidade desses trabalhos, como visto mais adiante no tópico *4.2.1 Razões para a autoria única*. Neste mesmo sentido, pesquisa de Hartley e Cabanac (2016) sobre *blogs* científicos mostrou que os *posts* escritos em pares foram ligeiramente menos legíveis do que os *posts* em autoria única. Segundo os autores, tal resultado desafia a visão atual sobre as vantagens de escrever em pares. Finlay, Ni e Sugimoto (2012), em estudo sobre

qualidade da pesquisa colaborativa *versus* pesquisa em autoria única, verificaram que os artigos em autoria única se saíram melhor do que os artigos em coautoria no quesito aproveitamento pelos estudantes de graduação. Nesse sentido também se encontra a pesquisa de Chang (2008), a qual identificou os fatores críticos que impulsionam o valor do conhecimento criado por cientistas individuais e grupos de pesquisa, constatando que 1 único autor tenderá a gerar conhecimento mais valioso. Esta geração de conhecimento mais valioso, provavelmente, resulta em um número maior de citações.

Em relação à média de citação dos artigos, ao comparar-se a média de citação da totalidade de cada autor (autoria única mais autoria múltipla) com a média de citação dos artigos em autoria única, em 50 (16,02%) casos a média foi a mesma; em 155 (49,67%), a média de citação dos artigos em autoria única superou a média de citação total; em 83 (26,60%), a média de citação total dos artigos superou a média de citação dos artigos em autoria única; e em 24 (7,69%), não houve citações. King (2013) já averiguara que, apesar de a autoria única estar em declínio, as pesquisas publicadas sob essa forma possuem peso substancial dentro da comunidade científica, pois são bastante citadas.

Ainda em relação à média de citação de artigos, mas entre os artigos em autoria única e múltipla, entre os 312 autores aqui analisados, 24 (7,69%) não possuíam citação, como já descrito; 47 (15,06%) não possuíam artigos em autoria múltipla (não sendo possível, logicamente, de se obter uma média); 156 (50,00%) possuíam média de artigos em autoria única superior à em autoria múltipla (entre estes, 37 (11,85%) autores não receberam citação nos seus artigos em autoria múltipla); 84 (26,92%) possuíam média de artigos em autoria única inferior à em autoria múltipla (destes, 17 (5,44%) autores não receberam citação dos seus artigos em autoria única); e 1 (0,32%) possuía média de citação igual nas autorias única e múltipla.

À vista disso, os resultados aqui encontrados contrariam a tese de Meadows (1999), de que trabalhos em colaboração (acreditando-se que tenham resultado em coautoria) receberiam mais citações. Contudo, os resultados vão ao encontro do estudo de Fu e Ho (2018), em que as citações por publicação de artigo em autoria única foram maiores que as citações de artigos em coautoria, ainda que na área de Engenharia Ambiental, concluindo que os artigos em autoria única (juntamente com país único e instituição única) foram mais visíveis do que artigos envolvendo

colaboração.

4.1.3.2 Impacto científico dos artigos da amostra

No que diz respeito especificamente aos artigos selecionados para esta etapa da pesquisa, entre os 313 artigos da amostra, 31 (9,90%) deles não foram encontrados, 94 (30,03%) não receberam citação alguma e 188 (60,06%) receberam entre 1 e 31 citações no período analisado. Entre estes 188 artigos em autoria única que receberam citações, 66 (35,10%) foram os artigos mais citados dos autores (e isso se considerando a totalidade de artigos do autor, isto é, os artigos em autoria única e os em coautoria). Ademais, entre estes 188 artigos que receberam as 1015 citações, apenas 33 (17,55%) deles receberam 504 (49,66%) do total das citações, isto é, estes 33 elementos de autoria foram responsáveis por praticamente metade das citações recebidas. E entre estes 33 elementos de autoria, considerando-se as quantidades totais de artigos existentes no *Harzing's Publish or Perish* quando na coleta, 16 (8,51%) deles possuíam maior quantidade de artigos em autoria única e 17 (9,04%) possuíam maior quantidade de artigos em autoria múltipla, revelando equilíbrio nas quantidades.

A Tabela 23 apresenta a quantidade de citações recebidas por estes artigos ao longo dos anos analisados.

Tabela 23 – Evolução temporal da quantidade de citações (n=1015) e de artigos (n=282) dos autores dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017

Ano	Quantidade de citações	Quantidade de artigos	Média
2009	240	31	7,74
2010	111	25	4,44
2011	192	41	4,68
2012	174	33	5,27
2013	114	42	2,71
2014	74	24	3,08
2015	63	31	2,03
2016	29	19	1,53
2017	18	36	0,50
Total	1015	282	3,60

Fonte: Dados da pesquisa.

Entre os 313 artigos selecionados, como já descrito, 31 não foram encontrados no *Harzing's Publish or Perish*, justificando, dessa forma, os 282 artigos apresentados na Tabela 23. A média de citação dos artigos analisados cai no decorrer dos anos, pois os artigos mais antigos têm mais tempo de citação que os mais recentes, embora Meadows (1999) descreva que em algumas áreas de pesquisa seja mais usual citar literaturas mais recentes do que as mais antigas.

Levando-se em consideração os 282 artigos referidos no parágrafo anterior, foram recebidas 1015 citações, dando uma média de 3,59 citações por artigo, com desvio-padrão de 5,17, variância de 27,76 e mediana igual a 2. O número de citações por artigo não ser alto pode significar que os autores que escrevem artigos em autoria única não publiquem assuntos da moda (conforme dispersão dos temas de pesquisa), deixando-se levar pela criatividade e inovação, ainda que envolva risco de insucesso, podendo trazer dificuldades para a obtenção de verbas para pesquisa (RABÓCZKAY, 2019).

Agora, tendo em vista somente os 188 artigos que receberam as 1015 citações, no que concerne aos idiomas, o Português (89,16%) predomina, como já esperado, ante o Espanhol (6,31%) e o Inglês (4,53%). Na totalidade dos artigos analisados na tese, o Português apresentou percentual de 90,42%, o Espanhol, de 5,65%, o Inglês, de 3,45%, e o Francês, que nem aparece aqui, de 0,48% (Tabela 4). No entanto, a maior média de citação é dos artigos em Espanhol (5,82 citações/artigo), seguidos dos artigos em Português (5,39 citações/artigo) e em Inglês (5,11 citações/artigo). Apesar dessas médias não serem muito díspares, chama a atenção os artigos em Espanhol possuírem média maior de citação. Neste caso, infere-se que os pesquisadores (que citaram os documentos analisados nesta tese), de uma maneira geral, preferem citar trabalhos em outros idiomas, talvez para dar maior credibilidade a sua própria investigação.

No tocante aos periódicos, constatou-se que Ciência da Informação (9,85%), Perspectivas em Ciência da Informação (8,37%) e Acervo (8,28%) são os que possuem mais citações, conforme a Tabela 24. Na totalidade dos artigos investigados na tese, os periódicos que mais publicaram artigos em autoria única foram Acervo (10,95%), Em Questão (6,01%) e Estudos Históricos (5,18%) (Tabela 7). Porém, as maiores médias de citação são dos periódicos Museologia e Patrimônio (10,83 citações/artigo), InCID (8,38 citações/artigo), Informação e Sociedade (7,30 citações/artigo), Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da

Informação (7,30 citações/artigo), Ciência da Informação (7,14 citações/artigo) e Perspectivas em Ciência da Informação (7,08 citações/artigo). Somente os 2 últimos periódicos pertencem à Zona 1 de Bradford. Os periódicos Anais do Museu Histórico Nacional e Arquivo e Administração não estão contemplados na Tabela 24, pois os artigos selecionados para a amostra não foram encontrados ou não receberam citações, como pesquisado no *Harzing's Publish or Perish*.

Tabela 24 – Frequência e citação dos artigos em autoria única e seus periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188)

Periódico	F	Citação	%	\bar{x} citação
Museologia e Patrimônio	6	65	6,40	10,83
InCID	8	67	6,60	8,38
Informação e Sociedade	10	73	7,19	7,30
Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação	10	73	7,19	7,30
Ciência da Informação	14	100	9,85	7,14
Perspectivas em Ciência da Informação	12	85	8,37	7,08
Transinformação	8	55	5,42	6,88
Perspectivas em Gestão e Conhecimento	6	40	3,94	6,67
Estudos Históricos	11	68	6,70	6,18
Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação	4	23	2,27	5,75
Ponto de Acesso	3	17	1,67	5,67
Museologia e Interdisciplinaridade	4	21	2,07	5,25
MUSAS	2	10	0,99	5,00
Anais do Museu Paulista	4	17	1,67	4,25
Em Questão	15	63	6,21	4,20
Encontros Bibli	11	45	4,43	4,09
Acervo	21	84	8,28	4,00
DataGramZero	6	22	2,17	3,67
Informação e Informação	8	27	2,66	3,38
Brazilian Journal of Information Science	4	13	1,28	3,25
Revista ACB	4	13	1,28	3,25
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	5	12	1,18	2,40
Biblionline	2	4	0,39	2,00
Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	1	2	0,20	2,00
Biblos	9	16	1,58	1,78
Total	188	1015	100,00	5,40

Legenda: F- frequência e \bar{x} – média.

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação às áreas de pesquisa, verificou-se que os artigos mais citados são das áreas de Ciência da Informação (26,90%) e Biblioteconomia (16,45%), de acordo com a Tabela 25. Na totalidade dos artigos estudados na tese, as áreas de

pesquisa que mais se destacaram também foram Ciência da Informação e Biblioteconomia (Tabela 9). Contudo, as maiores médias de citação são dos artigos das áreas de pesquisa CD (Ciência da Informação/Documentação), com 18 citações/artigo, e MO (Museologia/Outros), com 8,17 citações/artigo.

Tabela 25 – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por área de pesquisa

Área	Frequência	Citação	% Citação	Média de citação
CD	2	36	3,55	18,00
MO	6	49	4,83	8,17
C	41	273	26,90	6,66
M	10	65	6,40	6,50
CO	9	54	5,32	6,00
BCO	1	6	0,59	6,00
BC	13	69	6,80	5,31
AO	7	35	3,45	5,00
CM	3	15	1,48	5,00
A	12	59	5,81	4,92
B	37	167	16,45	4,51
BO	4	13	1,28	3,25
D	1	3	0,30	3,00
DO	1	3	0,30	3,00
AM	1	2	0,20	2,00
AC	2	2	0,20	1,00
O	38	164	16,16	4,32
Total	188	1015	100,00	5,40

Fonte: Dados da pesquisa.

Em referência às palavras-chave, as mais frequentes entre os artigos mais citados foram *Ciência da Informação* (1,78%) e *bibliotecas* (1,37%). Na totalidade dos artigos examinados na tese, as palavras-chave que mais se sobressaíram foram *Ciência da Informação* (1,95%) e *museu* (1,07%) (Figura 3). Entretanto, a maior média de citação é do artigo cujas palavras-chave são: *documento digital*, *políticas de preservação* e *preservação da cultura*, com 31 citações/artigo. Na já comentada pesquisa de Nascimento, Paiva e Melo (2019), as temáticas mais representativas dos únicos 35 artigos, entre os 1273 analisados, presentes na base de dados *Web of Science*, foram Ciência da Informação (coincidindo com o resultado daqui) e organização do conhecimento.

No que diz respeito à formação acadêmica, averiguou-se que os doutores

receberam 63,94% das citações, seguidos dos doutorandos, com 9,66%, totalizando 73,60%, como mostrado na Tabela 26. Na totalidade dos artigos avaliados na tese, encontrou-se um percentual de 72,44% de doutores e doutorandos (Tabela 13), não muito distante do encontrado para os artigos citados. As maiores médias de citação são dos doutores, com 6,43 citações/artigo, e do único graduando analisado neste caso, com 6 citações/artigo.

Tabela 26 – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por formação acadêmica dos elementos de autoria

Formação acadêmica	Frequência	Citação	%	Média de citação
Doutorado	101	649	63,94	6,43
Graduando	1	6	0,59	6,00
Mestrado	18	93	9,16	5,17
Doutorando	19	98	9,66	5,16
Mestrando	11	45	4,43	4,09
Graduação	19	69	6,8	3,63
Especialização	6	19	1,87	3,17
Pós-doutorado	11	33	3,25	3,00
Pós-doutorando	2	3	0,3	1,50
Total	188	1015	100,00	5,40

Fonte: Dados da pesquisa.

Tendo em consideração as áreas de formação acadêmica, apurou-se que os artigos mais citados foram aqueles cujos elementos de autoria são das áreas de Ciência da Informação (28,08%), Ciências Sociais (10,84%), Ciências da Comunicação (9,56%) e História (8,08%), de acordo com a Tabela 27. Na totalidade dos artigos analisados na tese, as áreas de formação acadêmica que mais apareceram foram: Ciência da Informação (26,49%) e História (15,24%) (Tabela 14). Todavia, as maiores médias de citação foram das áreas de formação acadêmica de Tecnologia (26 citações/artigo), Jornalismo (13 citações/artigo) e Linguística e Letras (13 citações/artigo).

Tabela 27 – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por área de formação acadêmica dos elementos de autoria

Área	F	Citação	%	\bar{x} citação
Tecnologia	1	26	2,56	26,00
Jornalismo	1	13	1,28	13,00
Linguística e Letras	1	13	1,28	13,00
Ciências Sociais	10	110	10,84	11,00
Economia	2	21	2,07	10,50
Ciências	3	28	2,76	9,33
Educação Física	1	9	0,89	9,00
Metodologia do Ensino Superior	1	9	0,89	9,00
Engenharia	6	50	4,93	8,33
Biblioteconomia e Ciência da Informação	3	19	1,87	6,33
Documentação	3	19	1,87	6,33
Ciência da Informação	51	285	28,08	5,59
Ciências da Comunicação	18	97	9,56	5,39
Educação	7	35	3,45	5,00
Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação	1	5	0,49	5,00
História	17	82	8,08	4,82
Ciências Humanas	2	9	0,89	4,50
Memória Social	3	13	1,28	4,33
Administração	6	24	2,36	4,00
Filosofia	2	8	0,79	4,00
Biblioteconomia	17	65	6,40	3,82
Artes	4	15	1,48	3,75
Antropologia	5	18	1,77	3,60
Linguística	2	6	0,59	3,00
Docência Superior	1	3	0,30	3,00
Arquivologia	3	8	0,79	2,67
Museologia	3	6	0,59	2,00
Ciência Política	1	2	0,20	2,00
Cinema	1	2	0,20	2,00
Geografia	1	2	0,20	2,00
Arquitetura	2	3	0,30	1,50
Ciências da Comunicação e Informação	3	4	0,39	1,33
Biblioteconomia e Documentação	1	1	0,10	1,00
Ciências Matemáticas	1	1	0,10	1,00
Governo	1	1	0,10	1,00
Rio Grande do Sul: Sociedade Política e Cultura	1	1	0,10	1,00
Saúde Pública	1	1	0,10	1,00
Serviço Social	1	1	0,10	1,00
Total	188	1015	100,00	5,40

Legenda: F – frequência e \bar{x} – média.

Fonte: Dados da pesquisa.

No que tange às instituições, constatou-se que Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) são as que mais têm citações, com 8,97% e 7,09% do total, respectivamente (Apêndice H). Na totalidade dos artigos investigados na tese, as instituições mais presentes são: Universidade de São Paulo (USP), com 6,85%; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com 6,19%; Universidade de Brasília (UNB), com 5,36%; e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com 4,40% (Tabela 17). Mas as maiores médias de citação vêm da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com 31 citações/artigo; Universidade de Lisboa (ULisboa), com 26 citações/artigo; Câmara dos Deputados (CD), com 21 citações/artigo; e University of Leuven (KU Leuven), com 20 citações/artigo. Estas instituições, a exceção da Câmara dos Deputados, são todas de renome, indo ao encontro do pensamento de Reif (1961) e de Bourdieu (2004b), de que o reconhecimento atribuído pelos pares é afetado pela consciência da posição ocupada pelos pesquisadores nas hierarquias sociais (capital simbólico), isto é, existe relação direta entre prestígio do cientista e prestígio da instituição.

Já em relação às regiões, verificou-se que os artigos mais citados vêm do Rio de Janeiro e de São Paulo, com 20,39% e 16,25% do total, respectivamente, conforme Tabela 28. A Tabela 18 permitiu verificar que estes são os lugares com maior número de elementos de autoria. No entanto, as maiores médias de citação são da Bélgica (20 citações/artigo), Alemanha (13 citações/artigo), México (11 citações/artigo), Estados Unidos (10,6 citações/artigo) e Uruguai (10,5 citações/artigo). Somente na sexta colocação é que aparece alguma região brasileira, no caso, Goiás, com 9 citações/artigo. Além disso, conforme Tabela 20, percebe-se que não existe um expressivo número de artigos cujos autores estejam vinculados a instituições estrangeiras. Nesse sentido, da mesma forma que no idioma, depreende-se que os pesquisadores (que citaram os documentos examinados nesta tese), de um modo geral, preferem citar trabalhos de outros países, talvez para dar maior credibilidade a sua própria investigação.

Tabela 28 – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=188) por localização dos elementos de autoria

Localização	Frequência	Citação	%	Média de citação
Bélgica	1	20	1,97	20,00
Alemanha	1	13	1,28	13,00
México	2	22	2,17	11,00
Estados Unidos	5	53	5,22	10,60
Uruguai	2	21	2,07	10,50
Goiás	2	18	1,77	9,00
Peru	1	8	0,79	8,00
Alagoas	2	15	1,48	7,50
Brasília (DF)	9	66	6,50	7,33
Pernambuco	6	41	4,04	6,83
São Paulo	26	165	16,26	6,35
Canadá	1	6	0,59	6,00
Nicarágua	1	6	0,59	6,00
Bahia	6	35	3,45	5,83
Índia	2	11	1,08	5,50
Ceará	4	21	2,07	5,25
Rio de Janeiro	40	207	20,39	5,18
Portugal	9	46	4,53	5,11
Santa Catarina	8	40	3,94	5,00
Cuba	1	5	0,49	5,00
Minas Gerais	13	63	6,21	4,85
Argentina	1	4	0,39	4,00
Sergipe	1	4	0,39	4,00
Paraíba	5	19	1,87	3,80
França	4	14	1,38	3,50
Espírito Santo	2	7	0,69	3,50
Pará	3	9	0,89	3,00
Luxemburgo	1	3	0,30	3,00
Rio Grande do Sul	14	41	4,04	2,93
Espanha	6	17	1,67	2,83
Paraná	3	8	0,79	2,67
Países Baixos	1	2	0,20	2,00
Itália	1	1	0,10	1,00
Nigéria	1	1	0,10	1,00
Paraguai	1	1	0,10	1,00
Piauí	1	1	0,10	1,00
Rio Grande do Norte	1	1	0,10	1,00
Total	188	1015	100,00	5,40

Fonte: Dados da pesquisa.

No tocante ao teor dos artigos citados, verificou-se que a proporção entre artigos de cunho mais teórico e mais aplicado se mantêm quando na análise de

quadrantes. Assim, no primeiro quadrante dos artigos mais citados, obteve-se 63,64% de artigos de cunho teórico e 36,36% de artigos de teor mais aplicado; no segundo e no terceiro quadrantes, 66,67% de artigos de cunho teórico e 33,33% de artigos de teor mais aplicado; e no quarto quadrante, 66,49 de artigos de cunho teórico e 33,51 de artigos de teor mais aplicado. Bastante interessante notar que os artigos de teor mais teórico sempre ocupam cerca de 2/3 do total, indo ao encontro das pesquisas de Farber (2005) e Chuang e Ho (2014).

Estas análises, como descrito, foram realizadas no *Harzing's Publish or Perish*. No entanto, ao considerar-se somente as informações da base de dados ABCDM, encontrou-se que entre os 313 autores, 27 (8,62%) possuíam o mesmo número de artigos em autoria única e múltipla; 48 (15,33%) possuíam artigos em autoria múltipla em número maior; 238 (76,03%) possuíam artigos em autoria única em número maior, sendo que entre estes, 205 (65,49%) não possuíam artigos em autoria múltipla. Isso pode ser um forte indicativo da preferência desses autores pela autoria única.

Importante registrar também que entre estes 313 elementos de autoria analisados, hoje, 191 (61,02%) participam de grupo de pesquisa e 73 (23,32%) não participam (infelizmente, não foi possível encontrar esta informação para 49 (15,65%) dos elementos de autoria analisados). Da mesma forma, desses 313 elementos de autoria, atualmente, 162 (51,75%) participam de algum programa de pós-graduação e 96 (30,67%) não participam (também não foi possível verificar esta informação para 55 (17,57%) dos elementos de autoria analisados). Não seria errado pensar-se que porque estes autores participam de grupo de pesquisa, tenderiam a escrever artigos em coautoria, mas não parece ser o que aconteceu na amostra escolhida.

4.2 Resultados qualitativos

Nesta seção são identificados e examinados os motivos que representam a explicação para que os autores tenham publicado seus artigos em autoria única. Assim, a seguir são apresentados e analisados os tópicos referentes: às razões para escrever artigos em autoria única; à existência ou não de colaboração durante a pesquisa e as razões para a não coautoria; e à valorização ou não dos artigos em

autoria única e suas explicações⁴⁸.

4.2.1 Razões para a autoria única

Levando em consideração a premissa de Bourdieu (1996), mencionada na *Introdução* desta tese, de que os indivíduos não realizam atos gratuitos, perguntou-se *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?*, a qual foram dadas 153 respostas (ainda que tenham feito parte da amostra 103 pesquisadores, conforme explicado na seção 3.3.1 *Coleta de dados*). Nesta questão as respostas foram classificadas em 7 categorias apresentadas abaixo.

4.2.1.1 Resultado de pesquisa individual e reflexão

A categoria com maior número de respostas foi *resultado de pesquisa individual e reflexão*, com 39 respostas. A maior parte destas respostas, exatamente 20 delas, revelava que os autores realizaram suas pesquisas de maneira individual, em muitos casos, durante vários anos (dando indicativos de que estes pesquisadores são especialistas nos seus temas de pesquisa, ou, até mesmo, nas suas áreas de pesquisa).

Talvez por isso o entrevistado P150⁴⁹ (21 maio 2019) acredite que “O panorama da pesquisa em CI no Brasil é um panorama solitário. A maioria das pesquisas é individual.” Além dele, outro pesquisador também considerou que “Pesquisar é atividade muito solitária.” (P088, 21 maio 2019).

Importante ponderar, como tratado no tópico 2.3 *Áreas de informação*, que as áreas de informação – Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e

⁴⁸ Por vezes os entrevistados misturavam suas respostas, isto é, por exemplo, respondiam na questão 2 a pergunta da questão 1 (acredita-se que isso tenha sido resultado do desenvolvimento das ideias dos entrevistados, quase que em como uma conversa). No entanto, como critério quase que cartesiano, tendo como exemplo, na questão 1 analisou-se somente as respostas dadas à questão 1. Por esse motivo, às vezes, encontram-se citações dos entrevistados ao longo do texto que não foram computadas como respostas às questões por estarem deslocadas da sua pergunta. No entanto, por seu imensurável valor, as declarações foram incorporadas ao texto, a fim de substanciar os argumentos desenvolvidos.

⁴⁹ Os autores dos artigos em autoria única que responderam ao questionário na fase qualitativa desta pesquisa foram identificados com a letra P, de pesquisador, mais um número composto por 3 dígitos, para fins de controle interno da pesquisadora desta tese e para resguardar a identidade dos entrevistados.

Museologia – são diferentes, conseqüentemente, o modo de fazer pesquisa também é diverso. Ademais, inclusive dentro de uma mesma área (neste caso, a grande área de informação), os pesquisadores podem ter percepções desiguais a respeito de determinado assunto, como será visto mais adiante em *4.2.3 Valorização dos artigos em autoria única*. Tanto é assim que Tanus e Araújo (2012) consideram que a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Ciência da Informação e a Museologia são campos científicos diferentes, cada um com seus objetos próprios de estudo, suas comunidades científicas, seus periódicos, seus eventos, seus grupos de pesquisa, seus conselhos, seus cursos etc.; por outro lado, tais campos possuem em comum também objetos de estudo, eventos, grupos de pesquisa, periódicos etc.

Dentro desta categoria *de pesquisa individual e reflexão* houve respostas (12 delas) indicando que a autoria única nos artigos foi um momento de reflexão do autor a respeito das próprias pesquisas realizadas, como um exercício pessoal, dessa forma, desenvolvendo linhas próprias de argumentação e, em consequência, aprimorando suas capacidades teóricas e empíricas. Não ao acaso que um dos entrevistados expôs: “Acredito que o texto com um único autor - é meu caso - é quando existe algum ponto de vista individual, uma exposição própria do argumento.” (P281, 25 maio 2019). Desse modo, para esses entrevistados a autoria única possibilitou uma concepção maior da realidade, através da busca de diferentes caminhos e da superação de adversidades pessoais, sem interferência de pressões externas.

Assim, a autoria única pode ser simplesmente um momento próprio de um pesquisador, em que ele necessita de espaço para refletir, expandir seus pensamentos, desenvolver um conceito ou adicionar ideias livres (NOOR, 2013). O autor que escreve sozinho pode estar em busca de liberdade para expor suas ideias, sem estar preso ou mesmo sem interferência do pensamento de outros autores. Talvez ele necessite de espaço para poder se afastar e enxergar seu objeto de pesquisa de outro foco, com olhar mais crítico. Não de graça que um dos entrevistados revelou:

Há também períodos de mergulho reflexivos, para encadeamento de percepções advindas do esforço das leituras e análises produzidas em um determinado intervalo de tempo, cujo aprofundamento requer um pouco de solidão para posterior compartilhamento. (P186, 24 maio 2019).

E esses momentos próprios de reflexão podem proporcionar o surgimento de novas ideias, com quebra de paradigmas (NOOR, 2013; ELIYAN, 2014) e contribuições ao progresso da ciência, formando o capital científico puro proposto por Bourdieu (2004b). A opinião do entrevistado abaixo segue esse sentido:

Considero fundamental a autoria única quando o pesquisador pretende enunciar uma tese, defender uma ideia nova ou mesmo quando quer se libertar do politicamente correto da área. Nesses casos, a autoria individual confere-lhe autonomia para lidar com o fenômeno sem limitações ideológico-políticas vigentes num determinado campo. (P307, 17 jun. 2019).

Merton (1957) já havia manifestado que existia certa motivação psicológica do pesquisador para atingir a originalidade na sua pesquisa, como resposta à pressão institucional e à pressão dos pares, desta forma podendo obter reconhecimento. E essa originalidade na pesquisa, que contribui para o avanço da ciência, também na opinião de Bourdieu (1983), pode motivar o reconhecimento do pesquisador pelos pares, o qual, segundo Reif (1961) é uma necessidade do pesquisador.

Por esse ângulo, traz-se à tona novamente o pensamento de Bourdieu (2004b), quando diz que a vida científica é dura e que os pesquisadores sofrem muito, pois “[...] se libertar do politicamente correto da área [...]” (P307, 17 jun. 2019), como citado antes, não é fácil, já que o autor tem de ir contra as forças do campo. Pode-se inferir que esses pesquisadores que conseguem isso sejam mais tolerantes e audazes, porque não é simples ser diferente/incomum dentro da comunidade científica.

Outro pesquisador vai nessa linha de pensamento:

[...] a elaboração dos conceitos e discernimentos teóricos [na autoria única] exige o afunilamento das ideias e a concentração em determinado campo de estudo, não sendo, portanto, uma regra vigente na academia brasileira. (P228, 26 maio 2019).

Em outras palavras, o autor único vai à contramão da ciência. Bourdieu (2004a, p. 28) mesmo coloca que os indivíduos não são passivos, que não estão à mercê das forças do campo científico, pois têm disposições adquiridas (*habitus*). No entanto, ousa-se aqui discordar de Bourdieu, nem todos os indivíduos são não

passivos, podendo acomodar-se às regras do campo científico, se isso for conveniente.

Além disso tudo, os pesquisadores viram a autoria única como forma de provar a sua capacidade de pesquisa, demonstrando que é possível pesquisar sozinho e, ainda por cima, com qualidade, configurando o pesquisador em si, manifestando todo um empenho pessoal. E essa qualidade nos trabalhos tem relação com a visibilidade do pesquisador, como colocado por Cole e Cole (1968). Ademais, Packer e Meneghini (2006) também explanam que visibilidade, qualidade e credibilidade estão inter-relacionadas, isto é, a alta qualidade de um trabalho científico acarreta credibilidade por parte da comunidade acadêmica, podendo impulsionar a visibilidade do pesquisador.

Os entrevistados ainda manifestaram que “A autoria única é excelente para desenvolver habilidades de pesquisa, pois o controle e a avaliação de resultados dependem de uma única pessoa.” (P035, 24 maio 2019), e também que:

A autoria única valoriza o trabalho individual e o ‘nome’ do pesquisador. Parece-me uma opção limitadora, ainda que necessária (especialmente nas teses) para o desenvolvimento intelectual e das técnicas de investigação. (P277, 29 maio 2019).

Assim, a “valorização do nome” do pesquisador pela autoria única vai ao encontro de tudo que foi discutido em *2.2.1 Consagração pela autoria única*. Isso quer dizer que o autor está em busca da satisfação da sua necessidade de estima (MASLOW, 2001), buscando satisfazer-se pessoalmente em primeiro lugar (HOCHMAN, 1994), através do reconhecimento pelos pares (ZIMAN, 1988; BOURDIEU, 2004b; MERTON, 2013). E nada mais supremo que não dividir esse reconhecimento, tomando-o só para si.

Entre os entrevistados, houve ainda quem quisesse apenas experimentar um novo método de pesquisa e, por isso mesmo, achou que pesquisar sozinho seria o melhor. Também existiu quem escrevesse seu artigo sozinho porque queria comprovar que orientador também trabalha (e não somente os orientandos) – provavelmente, em razão das declarações feitas por alguns entrevistados a respeito da falsa coautoria, como tratado mais adiante em *4.2.4 Outros aspectos da autoria única*.

Ainda na categoria *de pesquisa individual e reflexão* tiveram respostas (4

delas) as quais indicaram que a autoria única era justificada porque os artigos eram relatos de experiências profissionais individuais e, por isso mesmo, não teria como ser escrita em parceria com outro autor. Não por acaso que 2 dos entrevistados ponderaram:

Acho que a autoria única é um reflexo do momento pelo qual o pesquisador está passando. Há trabalhos que são relatos de experiência, e que pela própria natureza indicam que apenas quem a vivenciou terá propriedade para discutir o assunto. Há também momentos de ressignificação da carreira, em que o pesquisador está estudando um novo campo e prefere publicar sozinho. (P109, 17 jun. 2019).

Nesse sentido, acho importante a produção autoral única, como formato que caracteriza trajetórias específicas e a formação de uma obra ou corpus de pensamento mais singular. Esse tipo de trabalho mais 'autoral' demarcaria contribuições mais específicas ou com um viés diferenciado à área de conhecimento, particularmente aqueles trabalhos com características mais teóricas ou ensaísticas. (P009, 20 maio 2019).

Nesta categoria de *pesquisa individual e reflexão* existiram pesquisadores que perceberam a autoria única como oportunidade de trabalhar sozinhos (3 respostas), de modo independente, com possibilidade de publicar num periódico de renome. Aliás, Packer e Meneghini (2006) colocam que a visibilidade de um pesquisador está relacionada com a visibilidade do periódico em que é publicado o resultado da pesquisa.

A respeito disso, foram ponderações destes entrevistados: “Penso que a autoria única [...] resultando num trabalho ‘solitário’ do(a) autor(a) que muitas vezes se sente bem trabalhando sozinho.” (P157, 22 maio 2019); “Pessoalmente, tenho total preferência por autoria única.” (P203, 22 maio 2019); “Eu gosto de trabalhar sozinho em meus escritos.” (P225, 22 maio 2019, tradução nossa); e “Gosto muito de escrever sozinho.” (P279, 25 maio 2019). Tais declarações indicam, assim, uma predileção do pesquisador por escrever sozinho (ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017), isto é, um gosto totalmente pessoal. Há de considerar-se também que o autor que trabalha sozinho possui certa predisposição psicológica para o trabalho solitário.

Destarte, a autoria única para eles foi uma experiência gratificante, em que tiveram a chance de estar sozinhos, coordenando seu próprio tempo e

administrando recursos de pesquisa, pois, como reconhecido por um dos entrevistados: “Penso que a autoria única é o que se tem sempre, é o que autor pode contar de antemão, consigo mesmo.” (P124, 21 maio 2019). Nesta linha de pensamento, outro pesquisador admitiu:

A autoria única sempre me parece mais fácil, autônoma, porque depende da minha cadência, das minhas leituras. [...] Gosto da autoria única quando estou a estudar um tema com menos potencial de interlocução [...] (P097, 21 maio 2019).

Houve um autor que esclareceu que “Este [artigo] em especial tomei a decisão de publicar sozinho porque já estava cursando o doutorado.” (P110, 25 maio 2019). Em outras palavras, seria a oportunidade de trabalhar sozinho e também de ser reconhecido pelos pares, pois, de acordo com Maltrás-Barba (2003), para ser um cientista, não basta possuir um título ou ocupar um cargo de pesquisador. Neste caso, aventa-se que o pesquisador em questão pode ter optado pela autoria única, como colocado por Noor (2013) e Eliyan (2014), como forma de libertação de dar coautoria ou como forma de libertação do sentimento de dívida para com outros pesquisadores.

4.2.1.2 Resultado de trabalho acadêmico

A segunda categoria com maior número de respostas foi *resultado de trabalho acadêmico*, com 38 respostas (quase empatada com a primeira categoria). A maior parte destas respostas, mais precisamente 30 delas, expressava que os artigos eram resultados ou continuações de tese de doutorado (12 respostas), dissertação de mestrado (8 respostas), trabalho de conclusão de curso (5 respostas) tanto da graduação quanto da pós-graduação (especialização), pesquisa de pós-doutorado (4 respostas) e relatório de iniciação científica (1 resposta).

Tal resultado foi inesperado, pois se pensava, em um primeiro momento, que os artigos derivados desses tipos de trabalho fossem escritos, na maioria das vezes, em coautoria entre orientando (ou pesquisador ou estagiário pós-doutoral, conforme o caso) e orientador (ou supervisor, no caso dos pós-doutorandos), tanto que, por exemplo, Nascimento (2011) credita o aumento da coautoria ao resultado de políticas indiretas de incentivo à produção colaborativa, tais como a distribuição de

bolsas-sanduíche e os estágios pós-doutorais. Contudo, em áreas como a da História e da Letras, as quais publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação, é de praxe que os orientandos não publiquem trabalhos junto a seus orientadores, pois é uma característica inerente dessas áreas de pesquisa.

Dessa forma, de maneira geral, entende-se que estes entrevistados não consideram a relação orientando/orientador como colaborativa a ponto de se transformar em coautoria nos artigos. Isso fica claro quando, por exemplo, leva-se em conta o depoimento: “Porque ele [o artigo] é um resumo da tese de doutorado, trabalho classicamente individual.” (P300, 22 maio 2019). Por outro lado, um pesquisador entrevistado declarou: “O trabalho acadêmico é coletivo. A elaboração de um artigo ou livro pode ter autoria única.” (P064, 21 maio 2019), indo de encontro ao que alguns entrevistados manifestaram.

Ainda dentro desta categoria de *resultado de trabalho acadêmico* houve 8 respostas que revelaram que os artigos eram fruto de trabalho de disciplinas do doutorado (3 respostas), da graduação (3 respostas), do mestrado (1 resposta) e do anteprojeto para seleção de doutorado (1 resposta). As respostas aqui, novamente, apresentam casos em que os alunos orientandos não escreveram junto com seus orientadores. Mais uma vez, pode ser o caso daqueles pesquisadores da História e Letras, por exemplo, cujas áreas não possuem a cultura da publicação do orientando em parceria com o orientador.

4.2.1.3 Desinteresse dos pesquisadores

A terceira categoria com maior número de respostas foi *desinteresse dos pesquisadores*, com 30 respostas. Alguns pesquisadores (8 deles) relataram que o motivo para a autoria única estava ligado ao tema propriamente dito do artigo.

Desse modo, ou o tema de pesquisa não era de interesse ou mesmo de conhecimento de outros pesquisadores; ou ninguém pesquisava a respeito do tema do artigo; ou o assunto era bastante alternativo para seus colegas. Logo, os temas de pesquisa são, diversas vezes, de interesse muito peculiar ou, ainda, os temas de pesquisa e os referenciais teóricos não coincidem com os dos pesquisadores mais próximos. E quando há algo novo a ser explorado, os indivíduos, de modo geral, ficam reticentes em se arriscar, preferindo a comodidade do que é certo.

Estes resultados vão em direção do que Eliyan (2014) já havia aventado, de

que alguns temas podem ser únicos e/ou muito especializados, não sendo de interesse pela maior parte da comunidade científica. E Noor (2013) já havia mostrado a dificuldade de encontrar coautores para determinados temas. Tanto que para o pesquisador P114 (21 maio 2019): “[A autoria única] é uma forma solitária. Estou ansioso por trabalhos em parceria. Estou seduzindo pessoas para se interessarem pelos temas que estou estudando.” Nesse segmento vai a declaração do pesquisador P209 (22 maio 2019): “Muitas vezes escrevo sozinho por não identificar autores que estudem o mesmo tema ou que tenham disponibilidade para colaborar.” Nessa perspectiva, seguem as assertivas:

Não identifiquei oportunidades para participar de grupos de estudo na linha de pesquisa à qual estava vinculado, talvez em função dos meus interesses acadêmicos - leitura, bibliotecas públicas e políticas públicas para a área - não serem prioridade na Ciência da Informação [...]. (P279, 25 maio 2019).

A Academia, mesmo próxima, não tinha interesse em discussões sobre museus comunitários, naquele período. Nunca houve linhas de pesquisa, patrocínio, era tudo experimento, entrega, afeto pelas pessoas e religião que permitia compreender o patrimônio cultural. (P176, 17 jun. 2019).

[...] é um artigo de teoria política/filosofia política normativa e analítica e, como é sabido, este é um campo em que coautorias são muito raras [...]. É um campo cujo tipo de reflexão comporta muito diálogo e muito debate, mas, raramente, coautoria [...]. Coautoria exige um tipo de confluência e concordância de ideias que não existe em teoria política, teoria moral, filosofia política e filosofia moral, assim como são raros em teoria literária e literatura. São características de campos do pensar que justificam isso. (P296, 23 maio 2019).

De certa forma, então, através desses depoimentos, depreende-se que, por vezes, os pesquisadores encontram-se isolados dentro das suas áreas de pesquisa, e esse isolamento não é físico nem tecnológico, pois parece não haver um compartilhamento de ideias em comum ou o apoio para o estudo de determinados temas. Essa questão já tinha sido levantada no tópico 2.2.2 *Estado do conhecimento*, quando se discutiu que a autoria única mostrava independência ou isolamento (SINGLE-AUTHOR..., 2017).

Interessante observar que temas citados nas declarações, tais como leitura, bibliotecas públicas, políticas públicas e museus comunitários não fossem de interesse pela comunidade científica à época, já que, com certeza, são de interesse

da sociedade. Assim, quando Maltrás Barba (2003) coloca que o cientista busca o reconhecimento, pois ele é necessário para o desenvolvimento profissional, principalmente em tempos de poucos recursos e infraestruturas para a pesquisa, já que o prestígio dá acesso a maior quantidade de recursos, instalações e financiamentos, se infere que determinados temas, mesmo que de interesse da sociedade, não são pesquisados porque não dão o retorno necessário para a vida profissional do pesquisador. Desse modo, percebe-se que a ciência, infelizmente, em alguns casos, está ligada à economia.

No entanto, temas de pesquisa singulares parecem receber o respeito dos outros pesquisadores, como, por exemplo, no depoimento: “Penso ser importante [a autoria única] quando a temática de pesquisa é original e incipiente em território nacional.” (P251, 30 maio 2019). Isso porque, conforme Cole e Cole (1968), há ligação entre visibilidade do pesquisador e a especialidade da área de pesquisa.

Nesta categoria *desinteresse dos pesquisadores* tiveram 7 respostas relacionadas ao envolvimento dos autores convidados. Dessa maneira, 5 das respostas apontaram que os colegas convidados simplesmente não se interessaram em escrever o artigo em coautoria, recusando o convite, não ficando esclarecidos através das respostas recebidas os reais motivos para tal desinteresse.

Também houve o caso em que os pesquisadores convidados para escrever em coautoria sequer responderam ao convite. Diante disso, “[...] é difícil ter acesso a alguns doutores e eles nem sempre respondem ao pedido/convite para escrever junto.” (P209, 22 maio 2019). E existiu a situação em que os membros do grupo de pesquisa decidiram que um dos integrantes escrevesse o artigo em autoria única, ainda que todos tivessem colaborado para a pesquisa em si, caracterizando a situação já descrita de que a autoria única na comunicação científica pode ser decorrente de colaboração (LUUKKONEN; PERSSON; SIVERTSEN, 1992), sem que resulte em coautoria.

Na categoria de *desinteresse dos pesquisadores*, 6 das respostas referiam-se aos próprios colegas pesquisadores. Dessa forma, foi mencionado que os colegas convidados para escrever conjuntamente o artigo: ou não percebiam a coautoria como um caminho para uma maior produção científica; ou não estavam habituados com o modo de escrever científico; ou não eram especialistas no assunto a ponto de serem capazes de trocar experiências e contribuir com informações, a fim de colaborar na escrita do artigo. Não à toa que um dos entrevistados revelou: “Acho

que é difícil encontrar parceiros nas humanidades que possuam competências complementares.” (P134, 22 maio 2019).

Também dentro da categoria *desinteresse dos pesquisadores*, 6 das respostas colocaram que outro pesquisador seria prescindível. Dessa maneira, os entrevistados expuseram que: não eram necessários mais pesquisadores para aquele objeto de estudo em questão; o custo da pesquisa era baixo, logo não era preciso outro pesquisador; e o artigo todo já estava pronto “no pensamento”, portanto não era essencial que outro pesquisador participasse. Assim, infere-se que a área de pesquisa desses entrevistados não requer laboratórios nem equipe de pessoas, possibilitando o trabalho só, de forma independente - em contraposição às vantagens da colaboração, debatidos por Katz e Martin (1997). Inclusive, em relação ao custo da pesquisa, um entrevistado (da área de História) afirmou: “Na minha área, via de regra, fica mais fácil conseguir algum tipo de financiamento quando a pesquisa é realizada sozinha.” (P031, 21 maio 2019).

À vista disso, considerando-se que não somente os pesquisadores das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação, mas também que os pesquisadores das áreas de História, Ciências da Comunicação e Letras, entre tantas, também publicam nesses periódicos, é que se acredita na perenidade da autoria única. Isso porque, tendo em conta que os autores que publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação formam a comunidade de pesquisadores científicos dessas áreas de informação, já que publicam artigos pertinentes a essas áreas, esses mesmos pesquisadores são incentivados a investigar e escrever sozinhos. Nesse sentido, aqui se reforça as ideias de Abt (2007), de que os trabalhos em autoria única continuarão a ser publicados.

Soma-se a isso a proximidade histórica no Brasil entre as áreas de Arquivologia e História e entre a Museologia e História, como bem colocado por Araújo (2011), justificando, assim, a inextinguibilidade da autoria única nas áreas de informação, já que a autoria única parece ser uma característica inerente de determinadas áreas de pesquisa (MEADOWS, 1999; SINGLE-AUTHOR..., 2017). Tanto é assim que um dos entrevistados declarou: “A maioria dos meus colegas no GT 9: Museologia e Patrimônio e Informação do ENANCIB publica sozinho.” (P093, 23 maio 2019).

Na categoria *desinteresse dos pesquisadores* tiveram 2 respostas relativas ao

desprendimento do autor aqui estudado. A primeira resposta referia-se ao fato de que simplesmente não existiu a oportunidade de convidar alguém para escrever o artigo em coautoria. A segunda resposta revelou que não foi imaginado que outras pessoas pudessem ter interesse em escrever sobre o assunto tratado, revelando que o pesquisador não discutiu com seus colegas, conforme previsto no Modelo de Comunicação Científica para as Comunidades de Ciências Sociais e Humanas (Figura 1).

Não ao acaso que um dos entrevistados exteriorizou: “Nunca parei muito para pensar na questão da autoria única, embora sempre tenha notado que as ‘ciências da natureza’ produzem bastante desta forma.” (P241, 25 maio 2019) – o que, em verdade, parece não acontecer. Talvez os pesquisadores desta categoria sejam oriundos da mesma situação dos entrevistados os quais afirmaram que não foram incentivados para a coautoria durante a sua formação acadêmica, como mostrado mais adiante em *4.2.4 Outros aspectos da autoria única*.

Ainda na categoria *desinteresse dos pesquisadores*, houve 1 resposta em que o pesquisador convidado não aceitou entrar como autor no artigo porque achou que não havia feito uma grande contribuição ao texto a ponto de entrar como coautor. Nesse ponto, como já visto e como discutido mais adiante, verifica-se que nem todos pensam assim, pois alguns entrevistados manifestaram-se a respeito da falsa coautoria, em *4.2.4 Outros aspectos da autoria única*.

4.2.1.4 Enfoque pessoal

A quarta categoria com maior número de repostas foi *enfoque pessoal*, com 18 repostas. Algumas dessas repostas (8 delas) diziam respeito ao desejo e/ou à necessidade dos pesquisadores de publicar um artigo científico, pois a comunicação científica favorece não só a produção científica, mas também a visibilidade dos pesquisadores e sua provável credibilidade no meio social (TARGINO, 2000, p. 10).

Assim, 2 das justificativas para a autoria única diziam respeito ao puro desejo de publicar um artigo científico e à intenção de atender a um interesse pessoal de trabalho. As outras 6 repostas referiam-se à necessidade dos pesquisadores de publicar um artigo de periódico: sob risco de desligamento como docente de programa de pós-graduação e/ou de instituição (no caso das instituições não públicas brasileiras) – dessa forma, correspondendo à explicação de Ziman (1988),

de que um cientista também produz conhecimentos por razões econômicas; para entrar em um programa de doutorado; por causa da bolsa de pesquisa docente individual; por causa da bolsa de pós-doutorado; por exigência da instituição em que trabalha (neste caso, a instituição em questão não é brasileira); e por exigência do grupo de trabalho criado pela União para atender demanda judicial (ao mesmo tempo em que incomum esta situação, ela reforça a ideia de que a autoria única não perecerá, pois mais casos como este podem surgir, indo de encontro ao que Price (1963) e Greene (2007) escreveram, de que a autoria única desapareceria).

A questão do risco de desligamento como docente de programa de pós-graduação e/ou de instituição está diretamente ligada, então, à pressão sobre os pesquisadores por publicações por parte de universidades, instituições de pesquisa, agentes financeiros e governos. Eles parecem ter a autoria única como fator principal para efetivação de empregos, conquista de promoções e obtenção de subsídio para pesquisa (ARGENTINA, 2012; CHINCHILLA-RODRÍGUEZ; MIGUEL; MOYA-ANEGÓN, 2014; ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017).

Nesta categoria de *ênfoque pessoal* tiveram 5 respostas relacionadas às vantagens em se trabalhar sozinho. Assim sendo, os entrevistados responderam que planejam melhor e conduzem com mais acerto e de modo mais eficiente sua pesquisa quando trabalham sozinhos; possuem facilidade em desenvolver uma análise de forma individualizada, isto é, em escrever sozinhos; e acham mais fácil conciliar a escrita solitária com outras atividades docentes.

Por isso, alguns pesquisadores declararam: “[...] vejo [a autoria única] como uma possibilidade de maior liberdade para escrever.” (P254, 22 maio 2019); e “Tenho mais facilidade para escrever sozinho, gosto de assumir os riscos.” (P206, 22 maio 2019). Por isso, quem gosta de assumir riscos – como o pesquisador P206 (22 maio 2019) – pode acabar por se sobressair dentro da comunidade científica, conforme Noor (2013) apresenta. Nesse sentido, outra declaração foi:

A autoria única traz a vantagem que o pesquisador pode ser criativo, até mesmo para cumprir os buracos dos assuntos que ele não domina tanto. Nem sempre o resultado é melhor porque você atuou com um especialista em uma área. (P134, 22 maio 2019).

Ainda na categoria *ênfoque pessoal* houve 2 respostas em que os entrevistados estavam interessados em despertar o interesse para a sua pesquisa,

dessa maneira, cumprindo um dos princípios básicos da ciência, explicados por Ziman (1988), que é o de publicar os resultados de pesquisa. Desse modo, os artigos em autoria única tinham como foco chamar a atenção para a pesquisa em si, com forte interesse na sua divulgação para a sociedade, além do interesse na comunicação que abriria perspectivas para o museu em construção (no caso específico), como pode ser visto nos depoimentos:

Muitas vezes um pesquisador é lançado a um estudo que ainda não encontra eco na comunidade científica. Ao publicar seu artigo em autoria única ele busca parceiros (dos mais diversos níveis) que vão abraçar o objeto de estudo e possibilitar avançar na pesquisa para encontrar (ou não) uma resposta capaz [de] incitar novos estudiosos. (P237, 24 maio 2019).

Perceba que estou no limiar das duas ciências e os pesquisadores não se sentem confortáveis em absorver o trabalho. Dessa maneira, publiquei, em autoria única, o artigo [...] para instigar autores a desenvolver a pesquisa [...]. (P237, 24 maio 2019).

Posto isso, depreende-se que os pesquisadores destas declarações atendem à norma do universalismo de Merton (1968). Assim, novas contribuições científicas devem ser colocadas à disposição da comunidade científica para o bem desenvolver da ciência.

Dentro da categoria *ênfoque pessoal* tiveram 2 respostas que diziam respeito à solitude do pesquisador entrevistado. Uma das respostas trazia que o pesquisador nunca havia sido coautor de um artigo, então que não tivera a ideia de convidar outro pesquisador para escrever, talvez por não ter sido incentivado para isso durante sua formação, como será visto em 4.2.4 *Outros aspectos da autoria única*. A outra resposta informava que o pesquisador não possuía vínculo acadêmico tampouco contato ou amizade com outros pesquisadores. Estas argumentações possibilitam evidenciar a autoria única como consequência do isolamento pessoal do pesquisador (SINGLE-AUTHOR..., 2017), a qual pode ser uma característica inerente dele.

E a última resposta da categoria *ênfoque pessoal* foi relacionada à inexperiência do entrevistado. Tal resposta dizia respeito à falta de maturidade acadêmica: “[...] na época considerei que apesar de o artigo ser resultado da pesquisa do mestrado, não havia necessidade de inserir o orientador como coautor,

visto que havia escrito sozinha.” (P109, 17 jun. 2019). Esta declaração vai no mesmo sentido da declaração do pesquisador P218 (22 maio 2019), discutida mais adiante em 4.2.4 *Outros aspectos da autoria única*, pois menciona a respeito da cultura que existe nos programas de pós-graduação brasileiros de que sejam publicados artigos do orientando juntamente com o professor orientador.

4.2.1.5 Resultado de palestra

A quinta categoria com maior número de respostas foi *resultado de palestra*, com 10 respostas. Assim, serviram como motivação para o desenvolvimento de artigos em autoria única: convite para ministrar aulas pontuais em programas de pós-graduação, pedido para palestrar em conferências, trabalhos submetidos a encontros das áreas de pesquisa e exposições para eventos (curadoria).

4.2.1.6 Tempo e contratempo

Assim como a anterior, a categoria *tempo e contratempo* também apresentou 10 respostas. Alguns entrevistados (7 deles) responderam que ao escrever sozinhos conseguem elaborar seu artigo com mais calma, estendendo seu prazo; já outros pesquisadores, por outro lado, alegaram que conseguem obter maior velocidade na publicação de seus artigos quando trabalham sozinhos; outros ainda afirmaram que conseguem organizar melhor seu próprio tempo escrevendo sozinhos; e teve casos em que foi alegada falta de tempo para interagir com outros colegas. Em relação ao tempo, Hartley (2005) e Hartley e Cabanac (2016) já haviam escrito que a escrita em autoria única implicava em intervalo de tempo menor entre a produção e a publicação do artigo, já que tanto a escrita quanto as correções são realizadas mais paulatinamente quando há duas ou mais pessoas envolvidas.

Em relação à falta de tempo para interagir com outro colega, uma das declarações foi: “Como [...] não temos ainda um mestrado, isto implica que os docentes têm que envidar esforços visando a promover a produtividade sem abrir mão da sua autonomia.” (P228, 26 maio 2019). Tal depoimento vai ao encontro do que Meadows (1999) descreveu ao analisar a profissionalização da pesquisa, julgando que um pesquisador deve dedicar-se somente a ela. No Brasil o docente exerce a função de pesquisador e, por vezes, a de administrador também. Assim,

infere-se que o docente publica sozinho porque não tem tempo de interagir com outro pesquisador.

Outra declaração foi: “Mas quando se tem tempo limitado, não se conhece outro pesquisador disposto a trabalhar no seu próprio ritmo, é mais fácil agir só.” (P240, 30 maio 2019). Acrescentam-se a esse depoimento:

Apesar de ser positivo, trabalhar em conjunto torna o processo de escrita mais moroso, enquanto que trabalhando sozinho é possível finalizar uma pesquisa com maior brevidade, de acordo com o tempo que pode ser alocado no projeto. (P209, 22 maio 2019).

A produção de um artigo que gere uma possibilidade real de publicação requer, a partir das exigências atuais dos Conselhos Editoriais, um aprofundamento teórico e uma análise robusta, o que nem sempre é possível conciliar tempo e dedicação quando se trata de mais de um autor. (P228, 26 maio 2019).

[...] a publicação do produto [em autoria única], [...] em verdade é uma vitória da academia na medida em que expõe que a produtividade, apesar do tempo que em muitos casos não dispomos, pode ser trabalhada sob a aura solitária. (P228, 26 maio 2019).

Ainda dentro desta categoria *tempo e contratempo* houve 2 respostas indicando que a autoria única se deu porque não houve conciliação entre os diferentes pontos de vista dos pesquisadores e porque não existiram confluência e concordância de ideias de temas (característica da área) para a escrita em coautoria. Tal resultado vai ao encontro do discorrido no tópico 2.2 *Autoria única*, em que Hartley e Cabanac (2016) apontam as desvantagens da colaboração, subentendidas como razões para a autoria única. Os autores levantam a possibilidade do surgimento de problemas caso os colegas não concordem a respeito de determinado ponto de vista.

Na categoria *tempo e contratempo* existiu 1 resposta em que a autoria única era justificada em função da relação desgastada entre orientando e orientador (por divergências teóricas e metodológicas). Assim, convergindo para o entendimento de Meadows (1999), de que os motivos pessoais para a não colaboração científica (estendendo-se para a coautoria) são maioria. Nesse sentido, não se pode esquecer que os pesquisadores são indivíduos dotados de características e gostos diferentes; assim, como qualquer comunidade, a existência de conflitos é inevitável.

4.2.1.7 Convite do periódico

E a sétima e última categoria, com 8 respostas, foi *convite do periódico*. Neste caso, houve 5 casos em que o editor do periódico convidou o pesquisador a escrever um artigo em autoria única, 2 casos em que o convite aconteceu para números especiais das revistas e 1 caso em que o convite aconteceu decorrente de participação do pesquisador em evento.

4.2.2 Colaboração na autoria única

À pergunta *No caso deste artigo, houve alguma colaboração durante a pesquisa? Se sim, por que não resultou em coautoria?* foram dadas, neste âmbito, 102 respostas, pois um dos entrevistados não respondeu à questão.

O resultado com maior número de respostas foi *não*, com 85 respostas. Neste ponto, este resultado vai de encontro ao que Greene (2007) descreveu, de que a colaboração na pesquisa é universal e essencial, pois o que se verifica nas próximas análises é que pode existir a pesquisa solitária e de qualidade. Tanto é assim que Chang (2008) identificou em sua pesquisa os fatores críticos que impulsionam o valor do conhecimento criado por cientistas individuais e grupos de pesquisa, concluindo que um único autor tenderá a gerar conhecimento mais valioso.

Em 59 destas respostas para os entrevistados não houve colaboração alguma durante a pesquisa do artigo publicado. Ainda que não tivesse sido solicitado na pergunta, alguns pesquisadores (mais precisamente 10 deles) justificaram suas respostas. Diante disso, houve casos em que a participação de outras pessoas não foi considerada como coautoria, visto que, por exemplo, na opinião dos entrevistados, foram trabalhos pontuais ou de tradução ou de participação como objeto de estudo ou de colaboração enquanto diálogos e debates em seminários, salas de aula, orientações etc.

Além disso, outras justificativas para a não colaboração foram: não necessidade de auxílio financeiro; desinteresse de outros pesquisadores, porque não dominavam e/ou desprezavam a metodologia a ser aplicada; ninguém mais possuía acesso aos dados para escrever o artigo (somente quem trabalhava na coordenação e o autor estava trabalhando sozinho naquele momento); relação desgastada com o orientador, por divergências teóricas e metodológicas; e

inexistência de auxílio dos colegas, ainda que tenha sido solicitado a diversos deles. Neste último caso, tendo como referência o Modelo de Comunicação Científica para as Comunidades de Ciências Sociais e Humanas, de Pinto e Costa (2018, p. 155), apresentado na Figura 1, foi pulada a etapa de discussão com colegas. No entanto, mesmo diante da negativa de colaboração dos entrevistados, pode-se verificar as etapas deste Modelo nas respostas dos demais pesquisadores, principalmente no que tange à discussão com os colegas.

Um dos autores registrou que: “No caso das pesquisas, habitualmente desenvolvo de forma individual, ainda que atreladas a grupos.” (P171, 21 maio 2019). Dessa forma, ocorrendo como nos primórdios da pesquisa científica, em que havia discussão de ideias com os pares, mas a pesquisa em si era realizada isoladamente (MEADOWS, 1999; LE COADIC, 2004). Este pesquisador completou sua resposta informando ainda que este é um costume da sua área de pesquisa. Além dele, outros pesquisadores fizeram semelhantes registros:

Na minha área de pesquisa, a autoria única é quase que o caminho natural de divulgação dos resultados de pesquisas monográficas. Mesmo quando se trata de um livro ou um dossiê ligado a um grupo de pesquisa, o que ocorre é a divulgação de pesquisas monográficas realizadas em paralelo, apenas enfileiradas em uma mesma publicação. (P140, 28 maio 2019).

[...] autoria única não necessariamente se encontra apartada de um trabalho coletivo e cooperativo. Trocas, discussões e negociações me parecem natural no ambiente acadêmico, independente do pesquisador estar ou não a produzir ‘solitariamente’ ou acompanhado por outras gentis mãos. (P144, 21 maio 2019).

Nesse segmento, outro pesquisador descreveu: “Na minha área de conhecimento a autoria comumente é ‘única’ por motivos éticos. Mesmo num grande projeto (como os que lidero), a participação e contribuição é sempre individual.” (P201, 23 maio 2019). Levando-se em consideração estes depoimentos, claramente percebe-se o aventado no início desta tese, de que a autoria única pode ter nascido da colaboração entre pesquisadores, como pode ser visto na declaração:

Tive apoio de bolsistas de iniciação científica e de alunos de mestrado que me auxiliaram na coleta dos dados. Não foi um trabalho de coautoria, mas de auxílio à pesquisa. A análise foi feita por mim. (P297, 27 maio 2019).

Acrescenta-se o depoimento do pesquisador P064 (21 maio 2019): “Pesquisadores auxiliaram no tratamento dos mapas, do levantamento de dados etc., sem que pudessem ser considerados como coautores.” Nesse ponto, mais uma vez, verifica-se certo emaranhado no que realmente caracterizaria a coautoria. Alguns pesquisadores consideram que a participação na etapa da investigação em si implicaria coautoria, já outros entrevistados não consideram. Acha-se plausível que haja essa divergência de conceitos nas diferentes áreas de pesquisa (e nos periódicos brasileiros das áreas de informação, como indicado no 4.1.2 *Perfil dos autores*, já que existe uma gama de tipos de formação acadêmica, o que justificaria isso), no entanto, essa discordância de ideias foi verificada entre membros da mesma área de pesquisa. Aliás, essa discrepância de concepção pode acarretar injustiças no que diz respeito à concessão de coautoria.

Entre os entrevistados que responderam *não*, 24 deles escreveram artigos em autoria única oriundos de trabalhos acadêmicos supervisionados. A maior parte dessas respostas (18 delas) mostrou que os artigos analisados eram resultantes de tese, dissertação, trabalho de conclusão de curso e pesquisa de pós-doutorado. Tomando por base o dissertado na seção 4.2.1 *Razões para a autoria única*, esperava-se que os artigos de periódicos resultantes de trabalhos acadêmicos fossem derivados da colaboração entre orientando e orientador (ou entre pesquisador pós-doutoral e supervisor), mas não foi o observado aqui.

Da mesma forma que as razões para a autoria única podem estar concentradas no aspecto cultural de como produzir ciência de determinada área, essas razões podem estar centralizadas na relação adversa entre orientando e orientador: “Não contei nem com a devida orientação durante o processo de mestrado ou mesmo no doutorado houve, para ser sincero, então não faz sentido a coautoria.” (P263, 23 maio 2019).

Ainda dentro deste grupo de respostas *não*, pois os artigos em autoria única foram oriundos de trabalhos acadêmicos supervisionados, houve algumas argumentações que se julgou serem referentes ao *status quo* dos pesquisadores. Essas alegações foram: “Sobre a autoria única, seja de artigos ou livros, pode significar muito para o ego de muitas pessoas.” (P015, 21 maio 2019); “A autoria única valoriza [...] o ‘nome’ do pesquisador.” (P277, 29 maio 2019) - como já colocado; e “[...] a publicação do produto [em autoria única], [...] supostamente consigne uma conquista solitária [...]” (P228, 26 maio 2019).

Tais argumentos vão ao encontro do dissertado no tópico 2.2 *Autoria única* desta tese, de que o autor busca reconhecimento pela comunidade científica. Merton (1957) acredita que o autor quer glorificação só para si, assim como Bourdieu (1983) profere que as estratégias do cientista são para a obtenção do reconhecimento dos pares-concorrentes. Nesse sentido, Ziman (1988) explica que um cientista produz conhecimentos também por razões psicológicas (gratificação pessoal por meio do seu reconhecimento pela comunidade científica). Maltrás Barba (2003), da mesma forma, como recém-referido, descreve que o cientista busca o reconhecimento porque ele é útil e imprescindível para o desenvolvimento profissional individual. E Noor (2013) também trouxe a hipótese de que o pesquisador publica sozinho porque quer ganhar todo o crédito.

Assim, pressupondo-se que um artigo seja reconhecido substancialmente pelos pares, na percepção de muitos indivíduos, é melhor receber as honras sozinho do que as dividir com alguém, como bem colocado por Merton (1957), Bourdieu (1983), Ziman (1988) e Chartier (2014). Afinal, o que importa é ter mais prestígio do que os outros colegas cientistas (MERTON, 2013). Nesse sentido, a asserção do pesquisador P015 (21 maio 2019), em parágrafo anterior, vai à direção do que o pesquisador P271 (23 maio 2019, tradução nossa) pensa: “Parece que as mídias sociais promovem a autoria única, mesmo que o trabalho colaborativo seja mais favorável.”

Ademais, tiveram 2 respostas descrevendo que não existiu colaboração, mas que houve participação intelectual do orientador e que o professor da disciplina avaliou e indicou bibliografia. Isto posto, percebe-se novamente que não existe um consenso a respeito do que seja colaboração e, conseqüentemente, se essa colaboração seria ou não coautoria. Ainda entre as respostas, houve 2 relatando que não houve colaboração porque os artigos eram revisões de literatura, 1 explicando que a realização da pesquisa de campo ocorreu totalmente só e 1 não justificada para inexistência de colaboração - neste último caso, a falta de resposta foi previamente prevista na obra de Kothari (2004), ao levantar a hipótese da omissão de respostas ao questionário pelo fato do entrevistador não estar presente.

Ainda entre os resultados *não*, 2 respostas indicaram não ter existido colaboração, mas ter havido participação/auxílio de outras pessoas (todos substantivos utilizados pelos entrevistados). Desse modo, em um dos casos houve participação dos bolsistas de iniciação científica, porém eles não se interessaram em

escrever o artigo. No outro caso houve auxílio de pesquisadores no tratamento de mapas e no levantamento de dados, mas para o entrevistado isso não configurou coautoria.

O segundo resultado com maior número de respostas foi *sim*, com 16 respostas, contudo foram poucos os entrevistados que justificaram suas respostas. Assim, 7 das respostas apontaram que houve colaboração: de outros bibliotecários (mas a escrita do artigo foi individual); de ex-orientador e de professor (porém tal colaboração não resultou em coautoria); de outros pesquisadores e de orientandos; de bolsistas de iniciação científica e de mestrandos; de colegas de disciplina dos entrevistados para a pesquisa; e de especialistas em informática. De mais a mais, em 5 das respostas foi considerado que houve colaboração do orientador (2 casos), do orientador e dos colegas do núcleo de pesquisa (1 caso), do orientador e dos avaliadores do periódico a qual foi submetido o artigo (1 caso) e do orientador, porém de modo insuficiente (1 caso).

Tais respostas vêm ao encontro do que fora colocado por Luukkonen, Persson e Sivertsen (1992) e Katz e Martin (1997), de que nem sempre uma colaboração resulta em coautoria, como no caso dos especialistas em informática, pois o foco de interesse nos resultados da pesquisa, muitas vezes, é diferente. Em síntese, como aventado, houve colaboração na pesquisa, mas não houve interesse em publicação conjunta.

Dessa maneira, um dos pesquisadores declarou: “É raro não haver colaboração - neste caso, a do orientador e vários avaliadores - mas isso não redundaria necessariamente em coautoria.” (P300, 22 maio 2019). Além dele, outro pesquisador também declarou:

Durante minha pesquisa, trabalhei algumas vezes com especialistas em informática, que não aparecem como coautores, na medida em que o escopo das publicações não lhes interessa. (P226, 30 maio 2019, tradução nossa).

Houve somente 1 resposta em que foi considerada a colaboração da agência de fomento (e acredita-se que entre os 103 entrevistados, mais pesquisadores tenham recebido apoio financeiro de agências de fomento). Somam-se a estas respostas os 2 casos em que a pesquisa foi em grupo, mas que ninguém quis escrever o artigo (com exceção do autor), e que o orientador não quis ser coautor.

Uma das respostas apenas trouxe que existiu colaboração, contudo não houve comentário algum a respeito.

Ainda houve um único caso em que a resposta foi *não* e *sim* ao mesmo tempo. O *não* foi porque não foi encontrada interlocução com outros pesquisadores sobre o tema à época e também porque o supervisor de pós-doutorado não foi exatamente um coautor. Por outro lado, a resposta também foi *sim*, já que nos congressos os colegas sempre davam suas impressões a respeito da pesquisa.

Em vista disso tudo, pode ser que pela complexidade do assunto, não exista uma resposta taxativa “não” ou “sim” à pergunta realizada. Isso porque se observou a inexistência de um consenso entre as áreas a respeito do que seja colaboração e do que seja coautoria.

4.2.3 Valorização dos artigos em autoria única

À pergunta *Na sua área de pesquisa, o que é mais valorizado: artigos em autoria única ou artigos em coautoria? Por quê?* foram dadas 104 respostas, pois alguns dos entrevistados deram mais de uma resposta. Além disso, foram poucos os entrevistados que responderam a segunda parte - *Por quê?* - da pergunta.

O resultado com maior número de respostas foi *Autoria Múltipla*, com 31 respostas. Assim, algumas respostas declaravam que os artigos em autoria múltipla são mais valorizados: porque aumentam a produção científica do pesquisador; sobretudo nos trabalhos com instituições de diferentes países; já que são a “moda” do momento; principalmente se forem entre membros pertencentes ao mesmo grupo de pesquisa; dado que na Europa a ideia de equipe é para somar forças e não para dividir o trabalho (opinião de pesquisador vinculado à instituição brasileira, mas que tem experiência no exterior, então, tal comentário parece soar como uma crítica ao modo como a autoria múltipla, muitas vezes, se dá no Brasil); posto que nas instituições de ensino, especialmente nos programas de pós-graduação, existe a cultura da publicação conjunta entre orientando e orientador, mesmo que este último seja ausente (interessante colocar que mesmo que exista tal cultura em algumas áreas, como visto aqui, por vezes, não existe tal publicação conjunta por motivos outros); e porque projetos de abertura de programas de pós-graduação são mais facilmente aprovados pela CAPES quando existe produção científica em conjunto (conforme relatado, isso acontece na área da Administração). Somam-se a estes

comentários outros que revelaram que os artigos em autoria múltipla são mais valorizados: somente nas publicações com até 3 autores; ainda que não sejam mais valorizados na sua área de pesquisa (História); e apesar do entrevistado produzir mais em autoria única.

Alguns entrevistados, ao pronunciarem-se a respeito dos seus artigos em autoria única, colocaram:

O artigo em foco foi produzido em 2011 e na ocasião (dois ciclos de avaliação atrás), na minha área, a coautoria não era tão relevante. Ainda havia uma visão um pouco ensaística, digamos, onde a produção individual era bem recebida. Hoje, a produção em conjunto, como resultado de uma investigação com outros pesquisadores, mestrandos ou doutorandos é altamente valorizada. (P082, 22 maio 2019).

Vejo a autoria única como uma ação cada vez menos utilizada no âmbito da ciência. Podem existir fatores diversos para esse fato, podemos citar, a influência das agências de fomento e a visibilidade⁵⁰. (P238, 23 maio 2019).

Nessa perspectiva pode-se perguntar se a avaliação das agências de fomento foi a responsável pela mudança no cenário do tipo de autoria nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação. Canchumani e Leta (2017), como já descrito, acreditam que sim, já que as frequentes avaliações das agências de fomento no Brasil podem estar incentivando os pesquisadores a publicar em coautoria, a fim de aumentar os números de artigos de periódicos, visto que esse é um dos critérios nas avaliações. Bourdieu (2004b), como já apresentado, também coloca que houve inflação da coautoria, por razões econômicas e por pressão do ambiente competitivo e empresarial. A dificuldade de conseguir financiamento de projetos em autoria única em determinadas áreas também foi levantada por Eliyan (2014).

Nesse sentido, outro pesquisador ponderou:

⁵⁰ A ser discutida no próximo tópico 4.3 *Integração dos resultados quantitativos e qualitativos*.

Em determinado momento o trabalho em coautoria parece ser uma exigência; em outro, uma aparente alteração de critérios por parte das agências de fomento leva a crer que a autoria única é mais valorizada. (P090, 21 maio 2019).

Enfim, mais uma vez, parece que o dinamismo da pesquisa científica é determinado pelas agências de fomento e pelas instituições. Não à toa que outros entrevistados relataram:

Os programas de pós-graduação, induzidos pela avaliação CAPES e pela Pró-reitoria de pesquisa [...] (e creio que de outras [universidades]), valorizam muito mais os trabalhos em coautoria. Parte-se do pressuposto de que a ciência é sempre uma tarefa coletiva. Mas existem pontos fora da curva, que não podem ser desprezados. Essa pouca valorização [da autoria única] se nota também no financiamento de pesquisa, que acaba se concentrando em grupos de pesquisa, projetos temáticos, etc. Quase já não há bolsa de Mestrado, Doutorado fora de um temático ou de grandes grupos. Parece-me uma política desacertada. (P268, 22 maio 2019).

[...] na avaliação da CAPES [...] cada vez mais a coautoria está sendo valorizada, imposta diria. Isso não é explícito, mas uma política em prática. A Pró-Reitoria de Pós-Graduação [...] vem também valorizando a coautoria, sem discussões ou debates. Isso nos incomoda (ciências humanas e sociais), pois é uma conduta das áreas de exatas e biológicas. (P201, 23 maio 2019).

Como dissertado em *2.2.1 Consagração pela autoria única*, a respeito das forças do campo de Bourdieu (2004b), pode ser que alguns dos autores que publicam seus artigos em autoria única vão de encontro às regras explícitas e implícitas das instituições e das agências de fomento, não sendo passivos, não estando sob as forças do campo, pois possuem disposições adquiridas (*habitus*), como recém-aventado. E percebe-se por este estudo que os pesquisadores se comportam de modo diferente, conforme suas áreas de pesquisa, conseqüentemente, reagem de modo diferente às pressões e leis sociais (TANUS; ARAÚJO, 2012), dessa forma, justificando porque algumas áreas agem e pensam de maneira diversa.

Já o pesquisador P211 (22 maio 2019) manifesta que: “São valorizados artigos em coautoria, suponho que pela ideia de projetar uma imagem de colaboração unívoca dos grupos e componentes desses grupos de estudos.” (P211, 22 maio 2019). Em outras palavras, não pelo bem maior da ciência, como trazido por

Merton (1968), em que o cientista deve se preocupar com a evolução do conhecimento, mas sim pelos próprios interesses pessoais.

O segundo resultado com maior número de respostas foi *Autoria Única*, com 27 respostas. Os argumentos apresentados por alguns entrevistados foram: a autoria única é vista como mais séria dentro da comunidade científica; a autoria única, além de mais valorizada, é a mais comum; a autoria única promove maior facilidade na obtenção de financiamento para a pesquisa; e a autoria única é um costume da área. Observa-se que algumas justificativas são exatamente contrárias a alguns argumentos dados para a maior valorização dos artigos em *Autoria Múltipla*, como, por exemplo, na questão da obtenção de financiamento.

Nesse sentido, ainda em relação à pergunta *Na sua área de pesquisa, o que é mais valorizado: artigos em autoria única ou artigos em coautoria? Por quê?*, alguns pesquisadores responderam: “Autoria única, pois será a única forma de garantir que o autor contribuiu mesmo para o trabalho.” (P307, 27 maio 2019); “Acredito que as autorias únicas são mais valorizadas devido a maior dedicação do autor ao trabalho desenvolvido.” (P235, 23 maio 2019); “Por ter vivido várias experiências de artigos com coautorias, entendo que muitas vezes o artigo em autoria única é visto como mais sério.” (P136, 21 maio 2019); e “Em relação aos colegas, se os leitores levarem o(s) autor(es) e o conteúdo em conta no mesmo nível, a autoria única tem mais visibilidade do que coautoria [...]” (P271, 23 maio 2019). Tais declarações vêm ao encontro de Eliyan (2014) quando coloca que a autoria única passa a ideia de ser mais séria, meritória e respeitável.

Outras respostas à pergunta foram: “Creio que a produção individual seja mais efetiva para seleções, concursos e pontuação acadêmica.” (P122, 22 maio 2019); e “Artigos em autoria única são mais valorizados (muitos concursos pontuam coautoria com a metade do valor de uma publicação única).” (P277, 29 maio 2019). A existência de instituições e também de países que têm em suas políticas uma maior valorização da autoria única já tinha sido aventada no tópico 2.2.2 *Estado do conhecimento* (NOOR, 2013; ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017).

Ainda em relação a maior valorização dos artigos em *Autoria Única*, um pesquisador ponderou: “Sob uma perspectiva filosófica e psicológica não acredito em ‘autoria única’, mas as regras sociais da comunicação científica ainda utilizam esse critério como valor de reconhecimento.” (P210, 23 maio 2019). Já outro pesquisador foi bastante incisivo: “É evidente que tem mais prestígio o autor que

escreve sozinho.” (P284, 23 maio 2019, tradução nossa). Nesse ponto de vista, outros pesquisadores declararam:

Atualmente, pelo menos nos campos espanhol e europeu, a autoria única é mais importante em termos de sua avaliação. Além disso, em muitos projetos, os artigos de vários autores são ‘penalizados’ (o caso da tese de doutorado para ‘compilação’ de publicações é um caso óbvio. Você dificilmente pode apresentar uma tese para a compilação de artigos se forem escritos por vários autores). O mesmo se aplica aos periódicos de impacto, que geralmente valorizam melhor as contribuições individuais. (P226, 30 maio 2019, tradução nossa).

Em minha área (Letras, Linguística), os artigos de autoria única são muito mais valorizados e comuns. E é de se considerar que na Linguística ainda há abertura para coautorias. Na área de Literatura é ainda mais difícil pensar em trabalhos coautorais. [...] Na área de Letras, as coautorias podem ser mal vistas. Sabemos que elas são importantes, ajudam a aumentar o impacto dos textos, sua dispersão, mas ainda há uma resistência a isso, em grande parte dos casos. (P097, 21 maio 2019).

Da mesma forma, os artigos em autoria única são compreendidos na Ciência da Informação: “Na CI, percebo que existe certo destaque aos artigos em autoria única, principalmente, quando publicado numa revista A1 ou A2⁵¹.” (P110, 25 maio 2019). Nesse sentido, Eliyan (2014) já tinha revelado que em determinadas áreas as publicações em autoria única são consideradas meritórias, em detrimento das publicações com vários autores.

Este resultado vai em direção ao encontrado na já citada pesquisa de Fu e Ho (2018) a respeito das tendências, características, impacto da citação e redes de colaboração, em artigos altamente citados da Engenharia Ambiental, entre 1967 e 2013, na *Web of Science*. Este estudo verificou que os artigos em autoria única (junto com país único e instituição única) foram mais visíveis (obtiveram mais citações) do que artigos em coautoria.

⁵¹ O Qualis-Periódicos, disponível na Plataforma Sucupira (no endereço <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>), da CAPES, é um sistema de avaliação dos periódicos científicos, o qual classifica essas revistas, segundo uma série de critérios, tais como, por exemplo, número de bases de dados em que está indexada, número de instituições que publicam na revista etc. Os estratos de classificação utilizados atualmente são, em ordem decrescente de qualidade: A1, A2, B1, B2, B3, B4 e B5. Tais estratos são utilizados para respaldar os processos de avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil.

O terceiro resultado com maior número de respostas foi *Autoria Única e Múltipla*, com 17 respostas. Neste aspecto, 9 entrevistados expuseram que os artigos em autoria única e em autoria múltipla são valorizados de modo equivalente dentro da sua área de pesquisa. Houve quem frisasse que a valorização dos artigos em autoria única e múltipla é idêntica, desde que não ultrapassasse 3 autores por artigo. Nota-se que, de um modo geral, os entrevistados não apreciam muito artigos com muitos autores, diferentemente de áreas como, por exemplo, a da Física de Altas Energias. Teve quem considerasse os artigos em autoria única e em autoria múltipla com igual valorização, ainda que os colegas publicassem seus trabalhos em autoria única em maior parte. Outro entrevistado, provavelmente sob pressão do *publish or perish* (ARGENTINA, 2012; CHINCHILLA-RODRÍGUEZ; MIGUEL; MOYA-ANEGÓN, 2014; ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017), declarou: “O que importa é publicar.” (P276, 26 maio 2019), não interessa de que modo.

Dentro deste grupo de 9 entrevistados, havia 1 da área de Biblioteconomia, em dissonância com o profissional da área de Biblioteconomia mencionado em parágrafo anterior que acreditava na maior valorização dos artigos em autoria única. Isso demonstra que não há um consenso dentro das áreas de informação a respeito do que é mais valorizado, se artigos em autoria única ou múltipla. Acredita-se que as respostas foram embasadas nas experiências pessoais dos pesquisadores e não como resultante da visão geral que se tem da área de pesquisa.

Ainda dentro do resultado *Autoria Única e Múltipla*, 8 entrevistados responderam que tanto os artigos em autoria única quanto os em autoria múltipla são valorizados (mas não enfatizaram se ambos são valorizados de modo igual). Desse jeito, houve quem acreditasse que os artigos em autoria múltipla são mais valorizados pelos programas de pós-graduação, mas que os artigos em autoria única são mais valorizados pelos pares. Também houve quem alegasse que os artigos em autoria múltipla são mais valorizados para quem é mestrando ou doutorando, pois a escrita tem de ser em conjunto, contudo, se o indivíduo já for um pesquisador formado, os trabalhos em autoria única são mais valorizados. Nesse segmento, aventando, mais uma vez, a discussão a respeito da relação orientando e orientador, pois não se sabe se a pesquisa e a escrita foram realmente em conjunto ou se foram resultado da exigência do programa de pós-graduação.

Dando continuidade, houve quem achasse que os artigos em autoria múltipla são mais valorizados porque são “moda”, mas que os artigos em autoria única são

mais valorizados em relação aos colegas. Ainda houve quem respondesse que os artigos em autoria múltipla são mais valorizados pelos órgãos de fomento, pelos colegas e pelas instituições de ensino e pesquisa, no entanto os artigos em autoria única são mais valorizados pelos sistemas de avaliação (periódicos, *Plubons*⁵² etc.).

O quarto resultado com maior número de respostas foi *Desconhecimento*. Neste ponto, 11 entrevistados afirmaram desconhecer o que é mais valorizado dentro da sua área de pesquisa. Uma das respostas trazia que não havia este tipo de registro na sua área de pesquisa. Outra resposta alegava que tal valorização talvez não fosse um importante critério de avaliação de qualidade de artigos.

O quinto resultado com maior número de respostas foi *Indiferente*, com 8 respostas. Os pesquisadores, em verdade, mostraram-se alheios quanto a maior valorização dos artigos em autoria única ou múltipla. Entre as respostas, 2 eram contraditórias, pois traziam que a valorização era indiferente, mas que os artigos em autoria múltipla eram melhores e mais valorizados. Outra das respostas indicava que tanto fazia e que os artigos com muitos autores não eram valorizados. Houve 1 resposta *Indiferente* em virtude de no país do pesquisador não existir sistema de avaliação da ciência.

Importante registrar que 9 entrevistados não responderam à questão. Eles não deixaram a questão em branco, simplesmente discorreram a respeito de assuntos que não estavam ligados à pergunta. Tal fato já havia sido previsto no tópico 3.3.1 *Coleta de dados* desta tese, tendo por base os autores Sekaran (2003), Kothari (2004) e Connaway e Powell (2010).

4.2.4 Outros aspectos da autoria única

À pergunta *Gostaria de comentar algo mais sobre autoria única?* foram dadas poucas mas interessantes respostas. Outrossim, dentro das perguntas anteriores já apresentadas, muitos autores desenvolviam além das respostas solicitadas, contribuindo imensuravelmente às discussões com francas argumentações, como proferido por Connaway e Powell (2010). Dessa maneira, as respostas e as contribuições mais significativas são a seguir apresentadas.

⁵² *Plubons* é um *site* comercial o qual fornece serviço gratuito para os pesquisadores a fim de que rastreiem, verifiquem e mostrem sua própria revisão por pares e suas contribuições editoriais para periódicos científicos, isto é, os pesquisadores adicionam críticas aos periódicos.

Assim sendo, para alguns entrevistados a autoria única é fruto de muita pesquisa e reflexão, o que requer mais esforços por parte do pesquisador. Nessa perspectiva, Chuang e Ho (2014) explicam que a autoria única é vista como o padrão-ouro, também sendo um forte testemunho dos esforços de um cientista e uma conquista científica notável, que pode resultar na consagração do pesquisador. Eliyan (2014) também coloca que os pesquisadores que publicam em autoria única são os que conseguiram muito em seu campo, atingindo resultados específicos.

Por isso, alguns entrevistados acreditam que a autoria única é uma opção somente quando o projeto de pesquisa está bastante maduro e foi bem pensado ao longo do tempo, o que consideram como uma situação rara. Assim, a autoria única seria a comprovação do elevado nível de competência para efetivação total de um projeto de pesquisa (ARGENTINA, 2012; NOOR, 2013; CHUANG; HO, 2014; ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017). Nesse sentido, como já colocado, a autoria única é prestigiada, já que o autor é considerado eficiente, aplicado e vitorioso, quase como um herói (ELIYAN, 2014).

Não ao acaso que alguns pesquisadores declararam: “A autoria única parece expressar domínio amplo do autor sobre o tema abordado.” (P264, 23 maio 2019); “Há momento para tudo, tanto autoria única como coautoria. Minhas experiências demonstram [que na autoria única há] um processo mais lento mas um resultado mais corposo.” (P300, 22 maio 2019); e “Aprecio produzir sozinho, mas isto me impõe uma disciplina maior e a cobrança de bases teóricas consistentes, contemporâneas e confiáveis.” (P228, 26 maio 2019) – aspectos todos abordados por Noor (2013), Chuang e Ho (2014), Eliyan (2014) e em Argentina (2012) e Single-Author... (2017).

Nesse sentido, foi comentado também a respeito da qualidade dos trabalhos em autoria única:

Talvez, o que pode levar a produção científica de qualidade de autoria única, é o nível de conhecimento do pesquisador sobre determinado tema e a maturidade deste autor/pesquisador. Pois, a liberdade ao escrever é maior comparado aos trabalhos em coautoria. (P204, 07 jun. 2019).

Não por acaso que no já exposto estudo de Pinto e Costa (2018), sobre o sistema de produção e divulgação do conhecimento nas comunidades de Ciências

Sociais e Humanidades, com docentes da Universidade do Minho (Portugal), de 2007 a 2008, foi verificado que a maioria das comunidades prefere realizar pesquisas em fontes em autoria única. Infere-se que tal resultado seja em função da qualidade dessas pesquisas realizadas. Nesse sentido, na pesquisa apresentada de Hartley e Cabanac (2016), sobre o *blog* científico *LSE Impact of the Social Sciences*, verificou-se que os *posts* em autoria única foram mais legíveis do que os *posts* em coautoria.

Também nessa linha de pensamento, o estudo mostrado de Finlay, Ni e Sugimoto (2012), que avaliou a qualidade da pesquisa colaborativa *versus* pesquisa em autoria única na percepção dos estudantes de graduação do curso na Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação (SLIS), em Indiana, em 2010, averiguou que os trabalhos em autoria única eram melhores aproveitados pelos alunos. Além disso, Castanha e Grácio (2017) em investigação já apresentada sobre o tipo de coautoria presente na produção científica dos bolsistas de Produtividade em Pesquisa (PQ), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da área da Ciência da Informação no Brasil, de 2012 a 2016, encontraram 30,14% de autoria única na produção de artigos dos pesquisadores PQ-1A/B, dando indícios de que pesquisadores mais qualificados também publicam sozinhos.

Diante disso, há quem considere a autoria única mais árdua: “Acredito que a autoria única torna a pesquisa mais trabalhosa.” (P272, 23 maio 2019). Em vista disso, o pesquisador P235 (23 maio 2019) declara: “A autoria única, enquanto trabalho solo, requer mais atenção, dedicação, cuidado. Em tempos de *publish or perish* vejo essa opção sendo cada vez mais esparsa.” Por isso o pesquisador P268 alega:

Autoria única é mais difícil e não dilui a responsabilidade; há menos segurança; e as trocas de ideias são diferentes. Mas ao ir para a publicação, o rigor é o mesmo e até maior. O diálogo e a segurança acabam acontecendo com os revisores do artigo. (P268, 22 maio 2019).

Neste ponto, surge a figura dos revisores de artigo, corroborando à discussão de quem é colaborador, mais uma vez. No entanto, acredita-se fortemente que o revisor de periódico, ao avaliar um artigo submetido, não esteja exercendo o papel de colaborador (ainda que possa estar discutindo com o autor em alguns casos)

nem de coautor.

Outro ponto levantado pelos pesquisadores é de que a autoria única é também, como já descrito, reflexo da forma de comunicar os resultados da pesquisa de determinada área. Desse modo, a explicação gira em torno de: “Minha formação original é em História, [...], e naquela área a autoria única é muito valorizada [...]. Talvez, por ter vindo desta área tenho o hábito de escrever textos em autoria única.” (P172, 24 maio 2019), isto é, a autoria única é uma característica inerente da área de pesquisa (MEADOWS, 1999; SINGLE-AUTHOR..., 2017). Outras explicações para isso são:

Há certa ‘aura’, que envolve o mundo acadêmico na área da Museologia, que valoriza o esforço solitário da escrita, o que certamente, no meu entender, é gerado desde a formação no curso, o que prejudica posteriormente a compreensão de como escrever em dupla ou com demais intelectuais. (P176, 17 jun. 2019).

Creio que a autoria única é o padrão da minha área - não somos acostumados a pensar em alternativas. [...] Porém, creio que estamos geralmente muito mais focados nas especificidades e singularidades de nossos objetos do que nas aproximações que eles possuem com os temas de outros pesquisadores. (P141, 22 maio 2019).

Assim, torna-se mais complicado para um pesquisador, que foi constituído sob estas condições, desvencilhar-se da essência da sua formação acadêmica. Mas, ao mesmo tempo em que existe esta “aura” em torno da autoria única, como colocado, por outro lado, também existe um estigma em relação a ela, pois 16 dos entrevistados fizeram questão de declarar que “também publicavam artigos em coautoria”, como se fosse negativa a publicação em autoria única. Por esse ângulo, como já colocado, a autoria única pode ter sido superada em quantidade de publicações pela autora múltipla por pressões externas, como declarado: “Observo que devido a grande demanda sobre os pesquisadores a opção pela autoria única tende a ser menor.” (P235, 23 maio 2019).

Em outro aspecto, foi colocado por alguns entrevistados que a autoria única e a autoria múltipla são ambas necessárias para o bem desenvolvimento da ciência, como bem colocam os seguintes pesquisadores:

[...] considero firmemente que autoria única e coautoria dependem do tipo de questão e objeto com que se trabalha. Em pesquisas empíricas, coautorias fazem um sentido gigantesco. Em pesquisas de teoria normativa, teoria analítica, filosofia política e filosofia moral (minhas áreas), fazem muito menos sentido. (P296, 23 maio 2019).

[A autoria única] precisa ser valorizada. Hoje os pesquisadores lideram 'laboratórios', grupos de pesquisa, pesquisa etc. São dinâmicas contemporâneas positivas e construtivas, interações necessárias, mas a 'autoria única' não pode ser anulada, o indivíduo não pode ser apagado. (P201, 23 maio 2019).

Em outro ponto de vista, alguns entrevistados criticaram a falsa coautoria, isto é, aqueles artigos de periódicos em que o autor não colaborou na pesquisa nem na escrita, mas que teve seu nome creditado ao artigo, como já descrito por Noor (2013). Assim, quanto mais publicações, melhor, como bem colocado por Eliyan (2014); inclusive o pesquisador P291 (22 maio 2019) declarou: "Imagino que a coautoria seja mais valorizada pelo 'aumento da produtividade' [...]". Não à toa que um dos entrevistados criticou: "Artigos com 4, 5 ou até 6 autores [...] há uma grande percepção de 'clube de amigos'." (P022, 21 maio 2019). Além dele, outro pesquisador também revelou:

Comprometem-se com a ética da ciência quando aparecem coautores que não trabalharam na redação do texto ou orientadores de teses que publicam conjuntamente com seus discípulos parte de suas teses ou aqueles assinados pelos membros de um grupo de pesquisa, mas que nem todos trabalharam na publicação. (P284, 23 maio 2019, tradução nossa).

Esses entrevistados acreditam que a coautoria foi distorcida nos últimos tempos com o propósito de cumprir as exigências dos programas de pós-graduação. O pesquisador P228 (26 maio 2019) mesmo revelou que projetos de abertura de programas de pós-graduação são mais facilmente aprovados pela CAPES quando existe produção científica em conjunto (isso na área da Administração). Essa pressão pelo cumprimento dessas exigências também pode ser percebida nas seguintes declarações:

Por outro lado, ela [a autoria múltipla] tem sido deturpada, em alguma medida, como forma de inflar artificialmente a produção dos programas de pós-graduação, para atender às formas de avaliação das agências de fomento. (P009, 20 maio 2019).

Percebo que, em alguns casos, o artigo com muitos coautores parece perder 'um pouco' a unicidade da ideia central. Digo isso, porque com a demanda cada vez mais ferrenha imposta pelos sistemas de avaliação, dos quais os programas de pós-graduação estão restritos, termina que, em alguns casos, não necessariamente se trata de uma colaboração, mas sim de uma parceria entre autores que precisam publicar algo no quadriênio para não 'perecer' frente as agências de fomento, atender as exigências do seu credenciamento no PPG, dentre outros. (P110, 25 maio 2019).

Minha impressão é que todos estão preocupados com o volume de publicações, o que faz com que artigos que deveriam ser publicados como autoria única ganhe coautores, em um jogo de camaradagem. Participações mínimas resultam em coautoria, nessa troca de gentilezas. É simplesmente uma forma de lidar com a pressão de atingir uma meta numérica de publicações. (P276, 26 maio 2019).

Nesse sentido, um dos entrevistados declarou que muitos colegas chegam a aceitar o convite para colaborar na pesquisa e na escrita de artigos, mas que acabam por não realizar trabalho algum. Outro entrevistado revelou que gosta de trabalhar em parceria, mas somente quando encontra um colaborador efetivo. Eis estes depoimentos:

Eu normalmente convido colegas para fazer pesquisas em parceria. Alguns colegas aceitam, porém não realizam trabalho algum. Então, se eu faço a coleta dos dados, faço a revisão da literatura e escrevo o artigo, para que necessito incluir os nomes de colegas que se comprometeram a trabalhar em parceria mas não fizeram colaboração alguma? Não fizeram a parte encomendada e comprometida. (P002, 21 maio 2019).

Gosto de coautorias, faço-as, mas sempre que encontro um/a parceiro/a efetivo/a, isto é, quando encontro pessoas que dialogam e escrevem mesmo em parceria. (P097, 21 maio 2019).

Dando seguimento, percebe-se, ao longo das análises feitas, que há uma divergência quanto à coautoria entre orientandos e orientadores. Assim como alguns entrevistados consideram a parceria orientando-orientador como coautoria, outros não consideram.

Alguns orientandos justificaram a autoria única nos seus artigos de periódicos

resultantes de seus trabalhos acadêmicos: “Por ser o produto de um trabalho de tese que desenvolvi com meu próprio esforço, o trabalho dos diretores é mais um papel burocrático do que realmente aconselhar uma tese.” (P277, 29 maio 2019); “Os historiadores geralmente pensam a coautoria como uma burla ao sistema, onde alguns fazem a pesquisa e o professor mais renomado ‘ganha’ a coautoria.” (P248, 22 maio 2019, tradução nossa); e “Acredito que nos programas de pós-graduação no Brasil exista uma cultura de que sejam publicados artigos com o professor orientador, ainda que este seja ausente.” (P218, 22 maio 2019). Outros pesquisadores declararam:

[...] porém nem sempre é possível conseguir uma participação real, principalmente quando ainda somos estudantes. Na maioria das vezes o que ocorre é o mestrando ou doutorando fazendo o trabalho todo e o doutor somente coloca o nome (nem todos colaboram por baixo interesse ou falta de tempo). (P209, 22 maio 2019).

Pois muitas vezes, por experiência própria e de colegas próximos, muitos artigos são escritos para disciplinas, então leva o nome do orientador e do professor e na verdade a contribuição deles é quase insignificante. (P158, 12 jul. 2019).

Tenho feito levantamentos bibliográficos sobre a literatura acadêmica produzida no Brasil. O que noto nessa literatura é que existe muita ‘coautoria’ falsa ou espúria. Quando pergunto a certos colegas, me dizem: “como negar ‘coautoria’ com os assessores de minha tese ainda que eles/elas não aportaram nada para minha tese?” Isso me faz pensar que existe uma espécie de ‘coautoria’ forçada ou espúria, que se espelha na grande quantidade de produção e publicação de certos acadêmicos brasileiros. (P002, 21 maio 2019).

A dinâmica dos grupos científicos estabelece critérios [...]. São esquemas implícitos (regras de coexistência) que não são para discussão para novatos [...]. Esses esquemas são irrigados em todas as práticas disciplinares, desde o treinamento educacional até a pesquisa, e estabelecem padrões para a publicação de artigos, incluindo diretrizes para determinar as autorias. Existem universidades nas quais tudo que um estudante publica deve ter como coautor o tutor ou o coordenador (mesmo que seja uma menção secundária). (P294, 24 maio 2019, tradução nossa).

Não sem motivo que a autoria única, por vezes, é justificada como forma de libertação, após obrigatoriedade de dar coautoria para outros pesquisadores (orientadores, colegas mais antigos, líderes de grupos de pesquisa etc.), ou depois de se livrarem do sentimento de endividamento para com outros autores (NOOR,

2013; ELIYAN, 2014). Não por acaso que um dos pesquisadores revelou:

[...] artigos com autoria única me parecem ser a grande maioria. Os artigos em coautoria são, na maior parte, realizados pela parceria orientador e orientando. Artigos em coautoria baseados numa relação horizontal entre os autores me parece ser bastante raro. (P141, 22 maio 2019).

Alguns entrevistados consideram ainda que o orientador só é merecedor de coautoria no que se refere à pesquisa propriamente dita. Este não seria o caso, por exemplo, dos artigos derivados da revisão de literatura (como parte da dissertação ou tese, por exemplo).

Contudo, os entrevistados que são orientadores (no caso, com formação acadêmica nas áreas de História, Estudos Linguísticos e Engenharia) também possuem suas opiniões a respeito da coautoria entre orientando e orientador:

Sou contra incorporar orientadores e supervisores de pesquisa como coautores. Tenho trabalhos escritos em coautoria. Mas todos espelham as condições em que foram produzidos. (P062, 21 maio 2019).

Coautorias produtivistas e *fake*, tais como essas de orientadores que colocam seus nomes nos trabalhos dos estudantes me parecem antiéticas e até criminosas. Não gosto, não faço, não promovo. (P097, 21 maio 2019).

A minha experiência em grupos de pesquisa se mostrou desequilibrada, reproduzindo, inacreditavelmente e em algum grau, o desequilíbrio observado nos "conhecidos" trabalhos em grupo propostos por professores e desenvolvidos por alunos nos cursos fundamentais e médios, onde uns se empenham mais que outros e o resultado do trabalho em grupo acaba revelando essa situação desigual. Ou seja, uns trabalham ou dedicam-se mais que outros; prazos não são cumpridos; a sequência de etapas da pesquisa sofre interrupções etc. (P040, 27 maio 2019).

Porém um dos entrevistados declarou perceber outro viés na relação entre orientando e orientador:

Na nossa área das Ciências Sociais constato que se publica muito mais sozinho, diferentemente da área das Ciências Exatas onde diversos alunos publicam junto com seu orientador ou vários cientistas de um mesmo laboratório publicam juntos seus resultados

de pesquisas. Acho que nas Ciências Sociais os trabalhos são mais qualitativos, em geral, cada um na sua área do conhecimento e em determinado viés. (P093, 23 maio 2019).

Nessa direção, um já comentado pesquisador declarou a respeito do seu artigo em autoria única: “Penso que de vez em quando é bom mostrar que o orientador também trabalha e tem capacidade de pesquisa, não sendo só uma pessoa que orienta e os outros é que trabalham/pesquisam.” (P268, 22 maio 2019).

Houve um depoimento em que o entrevistado explanou: “Colaborações mais ou menos informais sempre ocorrem em uma pesquisa, começando pelo próprio processo de orientação e passando pelo diálogo com os pares.” (P140, 28 maio 2019). Tal declaração foi imprevista, já que o pesquisador considerou informal a relação orientando-orientador.

Sob outro aspecto, um dos entrevistados informou que na Argentina os artigos em autoria única são avaliados de modo separado dos artigos em coautoria: “Atualmente, no CONICET (Argentina), o coautor é premiado com metade da pontuação de publicações de autoria única.” (P278, 22 maio 2019, tradução nossa). Não à toa que Chinchilla-Rodríguez, Miguel e Moya-Anegón (2014) já haviam comentado que na Argentina a colaboração é penalizada até certo ponto, sendo recompensada a produção por um único autor. Tanto que no já citado documento *Criterios de evaluación de la producción científica de las humanidades y ciencias sociales*, da *Comisión Interinstitucional de elaboración de criterios de evaluación para las humanidades y ciencias sociales* (CIECEHCS) é afirmado que nos sistemas de avaliação para a promoção acadêmico-universitária na Europa Ocidental, nos Estados Unidos e Canadá, em humanidades e ciências sociais, é exigida a publicação de um livro em autoria única como instância de demonstração do nível de maturação intelectual progressiva do candidato (ARGENTINA, 2012), como forma de justificar a valorização dos trabalhos argentinos em autoria única.

Na Espanha um dos entrevistados revelou também sentir-se penalizado por publicar seus artigos em autoria múltipla:

Na minha opinião, penalizar as publicações de vários autores rompe com um princípio que eu entendo ser fundamental no meu setor (que é a gestão de documentos e arquivos). Neste setor, um valor inevitável é o trabalho cooperativo e interdisciplinar, e isso deve ser refletido em publicações compartilhadas. (P226, 30 maio 2019, tradução nossa).

O entrevistado P277 (29 maio 2018) relatou que em Portugal em muitos concursos as produções em coautoria pontuam metade do valor das produções em autoria única. Em virtude disso, a autoria única acaba por ser mais valorizada.

Em se tratando de países estrangeiros ainda, um pesquisador da República Dominicana (doutorando na Espanha) informou: “Acontece nos países latino-americanos que a colaboração científica internacional é uma necessidade e, portanto, um sinal de dependência científica.” (P275, 23 maio 2019, tradução nossa). Deveras interessante a colocação deste pesquisador, pois, ao menos no Brasil, a coautoria, principalmente com autores estrangeiros, é muito bem quista. Esse mesmo pesquisador confirmou que na República Dominicana não há sistema de avaliação da produção científica.

Ainda no que se refere aos países estrangeiros, o pesquisador P294 (24 maio 2019, tradução nossa) colocou:

Algumas revistas no México dispensaram o serviço de ‘revisores de estilo’, já que, de acordo com certas interpretações da Lei Federal de Direitos Autorais, um revisor de estilo faz contribuições para o conteúdo de um texto, então você poderia reivindicar alguma menção [como coautor]. (P294, 24 maio 2019, tradução nossa).

Nesse sentido, novamente, há certo desentendimento do que seja colaborador e coautor. De qualquer modo, estas peculiaridades de alguns países levantadas pelos pesquisadores entrevistados aquecem as discussões a respeito da perenidade da autoria única em determinadas áreas, trazendo, talvez, novas perspectivas às áreas de pesquisa brasileiras.

Seguindo essa linha de pensamento, o pesquisador P122 (22 maio 2019) entende, assim como outros entrevistados, que os trabalhos em autoria única são mais valorizados em seleções, concursos e pontuação acadêmica. Este pesquisador está vinculado à instituição brasileira privada. Então se pode depreender que instituições privadas possuem exigências diversas das instituições públicas.

Diante de todas essas respostas dos entrevistados ao questionário, retomam-se as razões propostas por Beaver e Rosen (1978) para a colaboração científica (aqui estendidas para a coautoria), pois muitas dessas razões também servem à autoria única (como verificado, que também se vale da colaboração, por vezes). Assim, esses autores descreveram como razões para a colaboração:

- a) reconhecimento: mas que também foi apontado, por exemplo, pelo pesquisador P110 (25 maio 2019), como razão para a sua produção em autoria única;
- b) acesso a equipamentos especiais e aumento da capacitação, para obter financiamento, visibilidade e reconhecimento: contudo, como exemplo, o pesquisador P277 (29 maio 2019) fala no reconhecimento através da autoria única. Além disso, o pesquisador P031 (21 maio 2019) declarou ser mais fácil conseguir financiamento quando a pesquisa é realizada sozinha. Ademais, outro pesquisador não foi necessário porque o custo da pesquisa não era elevado;
- c) mero acaso: razão também verificada na autoria única, como revelado pelo pesquisador P241 (25 maio 2019);
- d) obtenção de experiência e estímulo ou capacitação: também indicada pelos pesquisadores P281 (25 maio 2019), P186 (24 maio 2019), P307 (17 jun. 2019), P228 (26 maio 2019), P035 (24 maio 2019) e P109 (17 jun. 2019) na autoria única;
- e) parceria com pesquisadores com habilidades específicas: contudo os pesquisadores P209 (22 maio 2019) e P279 (25 maio 2019) se manifestaram a respeito exatamente da dificuldade de encontrar outro pesquisador com determinadas habilidades;
- f) aumento da eficiência no uso do tempo e no trabalho: quesito antagônico ao colocado pelos pesquisadores P240 (30 maio 2019), P209 (22 maio 2019) e P228 (26 maio 2019), os quais alegaram trabalhar mais rápido quando sozinhos, melhorando sua eficiência;
- g) amparo de discípulos pesquisadores: que foi o caso, por exemplo, dos pesquisadores P297 (27 maio 2019) e P064 (21 maio 2019), cuja pesquisa não resultou em coautoria;
- h) visibilidade: que também pode ser obtida com a autoria única, como declararam os pesquisadores P015 (21 maio 2019), P277 (29 maio 2019),

P228 (26 maio 2019), P271 (23 maio 2019) e P284 (23 maio 2019);

- i) aumento da produção científica, associada à alta qualidade: neste caso, declarada como, por vezes, falsa coautoria (P009, 20 maio 2019; P110, 25 maio 2019; P276, 26 maio 2019; P002, 21 maio 2019; P209, 22 maio 2019; P158, 12 jul. 2019; P294, 24 maio 2019).

Em vista disso tudo, percebe-se que muitas das motivações para a colaboração e/ou coautoria presentes na literatura servem da mesma forma para a autoria única. Dessa maneira, essas razões propostas não parecem ser assim tão determinantes apenas para a colaboração/coautoria, ainda que as expliquem.

4.3 Integração dos resultados quantitativos e qualitativos

A fim de que se obtivesse uma análise mais rica nesta tese, neste tópico fez-se a apreciação da integração dos resultados quantitativos e qualitativos encontrados. Assim, sempre que possível e sempre que significativo, fez-se o cruzamento entre os resultados quantitativos e qualitativos. Acredita-se, dessa forma, que os cruzamentos a seguir apresentados ajudem a entender mais ainda os resultados encontrados - ora os resultados quantitativos são explicados pelos resultados qualitativos, ora os resultados qualitativos são explicados pelos resultados quantitativos - à vista disso, requintando os propósitos desta tese.

Na análise da evolução temporal dos artigos em autoria única, verificou-se que a sua linha de tendência era de $R^2 = 0,5448$ (Gráfico 1). Este resultado não próximo ao valor 1 talvez possa ser explicado pelo fato de que as áreas de Museologia e de Arquivologia (em parte) possuem tendência em publicar em autoria única, como relatado por alguns entrevistados. Mas também este resultado não próximo ao valor 1 talvez possa ser explicado pelo fato de que o grupo de pesquisadores que publica nos periódicos brasileiros das áreas de informação tem formação acadêmica em diversas outras áreas que não as de informação, correspondendo a 58,75% dos elementos de autoria (ante os 41,25% dos elementos de autoria que possuem formação acadêmica nas áreas de informação). Não por acaso que nas respostas ao questionário, muitos entrevistados justificaram a sua autoria única por pertencer a áreas de pesquisa que possuem a cultura da publicação em autoria única, como o caso, por exemplo, das áreas de História e Ciências da Comunicação. Aliás, no já comentado estudo de King (2013), a área das

Ciências Sociais foi a que apresentou maior percentual de artigos em autoria única. Assim, reforça-se a ideia da perenidade da autoria única, ao contrário das ideias de Meadows (1999) e de Greene (2007), ainda que, nos anos estudados aqui, a autoria única apresente taxa média negativa de produção.

Em relação ao número de elementos de autoria dos artigos em autoria única e múltipla averiguou-se que a média do número de elementos de autoria por artigo na autoria múltipla estava aumentando ao longo dos anos estudados (Tabela 2). Coincidentemente ou não, houve manifestações por parte de alguns dos entrevistados em relação à falsa coautoria da qual alguns colegas estariam se beneficiando, provavelmente por pressão dos programas de pós-graduação e pelas agências de fomento. Dessa maneira, essa avaliação corresponde exatamente aos estudos de Bourdieu (2004b) e de Canchumani e Leta (2017), a respeito da pressão em cima dos pesquisadores pelo aumento da produção científica.

A respeito dos idiomas estrangeiros foi apurado que os artigos em autoria única superaram os em autoria múltipla (Tabela 4). Esse resultado pode ser um indicativo de que no exterior, como descrito por alguns entrevistados, a autoria única é mais valorizada que a autoria múltipla, como nos relatados casos, por exemplo, da Argentina, Espanha e México. A propósito, isso já havia sido explanado por Chinchilla-Rodríguez, Miguel e Moya-Anegón (2014) no tópico 2.2.1 *Consagração pela autoria única*.

No que diz respeito aos periódicos, constatou-se que as revistas que mais publicaram artigos em autoria única são das áreas de Museologia e Arquivologia. E estas áreas possuem forte ligação com as áreas de História, Artes etc., de acordo com Araújo (2011). Não à toa que os entrevistados destas áreas afirmaram que existe o hábito da publicação em autoria única.

Além disso, parece haver certa preocupação dos pesquisadores em publicar seus artigos em periódicos de qualidade. Tanto é assim que o pesquisador P110 (25 maio 2019) declarou: “[...] eu estava ansioso para publicar de forma independente numa revista com Qualis alto na CI.”, talvez porque este mesmo pesquisador enxergava que “Na CI, percebo que existe certo destaque aos artigos em autoria única, principalmente, quando publicado numa revista A1 ou A2.” (P110, 25 maio 2019). Nesse sentido, como já mostrado, o pesquisador P226 (30 maio 2019, tradução nossa) descreve: “[...] O mesmo se aplica aos periódicos de impacto, que geralmente valorizam melhor as contribuições individuais.” Assim, não sem motivo

que entre os 5 periódicos que mais publicaram artigos em autoria única, 1 possui Qualis A1 (Perspectivas em Ciência da Informação) e o outro tenha Qualis A2 (Em Questão). Desse modo, essa agregação de resultados convergiu para o pensamento de Ziman (1988), de que o autor procura publicar seu trabalho em um periódico de reputação, buscando reconhecimento.

Ainda no que diz respeito aos periódicos, à pergunta *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?* foi respondido *convite do periódico*. Tal resultado foi inesperado, até mesmo pelo comportamento verificado na Tabela 6, em que 2/3 dos periódicos analisados apresentaram maior número de artigos em coautoria do que em autoria única no período estudado. Porque os artigos em autoria múltipla estão em crescimento (Gráfico 1), esperava-se que os periódicos, de um modo geral, dessem preferência aos artigos em coautoria. Apesar de que determinados periódicos sejam voltados mais para certas áreas, como, por exemplo, Museologia, em que se tem tradição na publicação em autoria única, verificou-se que os periódicos que realizaram os convites são das áreas de Ciência da Informação (em sua maioria), Arquivologia e Biblioteconomia. Resta a indagação dos motivos pelos quais esses periódicos solicitaram que os artigos fossem estritamente em autoria única. Será porque os artigos em autoria única, como visto em 4.1.3.1 *Impacto científico da produção total de artigos*, são mais citados? Packer e Meneghini (2006) descrevem que um periódico se faz reconhecido, isto é, se torna referência de qualidade e credibilidade para a comunidade científica, quando possui visibilidade, que pode ser alcançada pelas altas citações. Vale esclarecer que 3/4 desses periódicos que teceram os convites aos pesquisadores têm mais publicações em autoria múltipla do que em autoria única.

Com referência às palavras-chave, para verificação dos temas de pesquisa dos elementos de autoria (Figura 3), encontrou-se como palavra-chave mais presente *Ciência da Informação*, porém com apenas 1,95%. Em seguida apareceu a palavra-chave *museu*, mas com também apenas 1,07%. Todas as demais palavras-chave ficaram abaixo do valor de 1%. Não sem motivo que à pergunta *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?* foi respondido *desinteresse dos pesquisadores* em função do tema do artigo.

Assim, o pesquisador P281 (25 maio 2019) acredita que os textos em autoria única também servem para expor pontos de vista pessoais, não sendo por acaso que nesta análise das palavras-chaves não se verificou um tema que se

sobressaísse, indicando que os assuntos tratados nos artigos em autoria única estão dispersos e são únicos. Este resultado vai bem ao encontro do colocado por alguns entrevistados, de que a autoria única se deu porque seu tema de pesquisa era muito especializado – como levantado por Eliyan (2014) – tanto que 40,75% das palavras-chave apareceram 1 única vez (soma-se aqui a quantidade de artigos classificados como Outros, que leva a pensar possuírem temas de pesquisa diversos).

Além disso, para Cole e Cole (1968), a visibilidade de um cientista possui relação direta com a especialidade da área de pesquisa, assim, pode ser que um pesquisador se dedique a determinado tema dentro da sua área porque queira se sobressair perante a comunidade científica. Tanto é assim que Bourdieu (1983) descreve que todas as práticas científicas são voltadas para a aquisição de autoridade, caracterizando o interesse por determinada disciplina ou método científico.

Ainda no que se refere ao tema de pesquisa - com a corroboração dos pesquisadores P279 (25 maio 2019), P176 (17 jun. 2019) e P296 (23 maio 2019), ao relatarem que não havia interesse na colaboração e/ou na coautoria por parte de outros pesquisadores, nem investimento por parte das instituições - é que se percebe como as áreas de informação são recentes (TANUS; ARAÚJO, 2012). Em outras palavras, à contemporaneidade das áreas de informação, somadas ao dinamismo próprio da sociedade, conjectura-se que existem vários temas ainda a serem explorados pelos pesquisadores. E isso tem repercussão quando no tipo de artigo produzido em sua maioria, no caso, teórico, como visto mais adiante, isto é, porque são áreas mais recentes, ainda há muito que ser descoberto e embasado.

E essas novas explorações são essenciais para o desenvolvimento das áreas de pesquisa. Por exemplo, P176 (17 jun. 2019) declarou que “A Academia [...] não tinha interesse em discussões sobre museus comunitários, naquele período.”, ou seja, infere-se que, hoje, a academia tem interesse. Isso também pode ser percebido na categoria *enfoque pessoal*, em que os entrevistados estavam interessados em *despertar o interesse para a sua pesquisa* (ainda dentro da pergunta *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?*). Não sem motivo que o já comentado pesquisador P237 (24 maio 2019) afirmou que alguns temas ainda não são objetos de estudo da comunidade científica, e que o artigo em autoria única objetivava buscar parceiros para colaboração, permitindo o avanço na pesquisa. Nesse mesmo ponto de vista, o

também já comentado pesquisador P237 (24 maio 2019) relatou que escreveu seu artigo em autoria única para estimular outros autores a desenvolver a pesquisa. Desse jeito, para despertar o interesse da academia foi necessário que 1 ou mais pesquisadores tivessem o pioneirismo de investigar o assunto. Só dessa maneira a ciência consegue evoluir.

Na análise dos artigos verificou-se também que 64,86% deles eram de cunho teórico. Este resultado vai em direção ao manifestado pelos pesquisadores P307 (17 jun. 2019) e P009 (20 maio 2019), de que a autoria única está presente, principalmente, em trabalhos mais conceituais, como declarado pelo pesquisador P279 (25 maio 2019): “Dependendo do tipo do texto - um ensaio, por exemplo - a autoria única é necessária.” Não por acaso que o pesquisador P060 (21 maio 2019, tradução nossa) admitiu: “Geralmente, as monografias que publiquei foram escritas individualmente, assim como os artigos de natureza teórica.” (P060, 21 maio 2019, tradução nossa). Essa conjuntura já havia sido identificada por Farber (2005), Vanz e Stumpf (2010) e King (2013), de que as publicações em autoria única possuíam viés mais teórico.

Com respeito à formação acadêmica averiguou-se que 2/3 dos elementos de autoria, isto é, a maioria dos elementos de autoria (Tabela 13), possuem doutorado ou estavam estudando para se tornarem doutores. Assim, tomando por base a declaração do pesquisador P110 (25 maio 2019), de que publicou seu artigo em autoria única porque estava cursando o doutorado, depreende-se que o autor que publica sozinho se sente maduro o suficiente para executar uma pesquisa sozinho, como forma de demonstrar sua competência. Nesse sentido, pensa-se que o pesquisador que publica sozinho é altamente capaz (ARGENTINA, 2012; NOOR, 2013; CHUANG; HO, 2014; ELIYAN, 2014; SINGLE-AUTHOR..., 2017).

Como apresentado no tópico 4.1.2 *Perfil dos autores*, considerável parcela dos alunos de doutorado e mestrado são da área da Ciência da Informação (Tabela 15), cujos programas de pós-graduação incentivam a coautoria entre orientando e orientador. As respostas ao questionário ajudaram a entender um pouco mais a ausência de coautoria entre orientandos e orientadores. Isso em razão de que, conforme alguns relatos, por vezes, a relação aluno-professor se encontrava desgastada, desse modo, não confluindo para a coautoria, ou o artigo referia-se somente à revisão de literatura, tipo de trabalho que alguns entrevistados não consideraram como colaborativo a ponto de resultar em coautoria.

Nesse sentido, a segunda categoria com maior número de respostas para a pergunta *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?* foi *resultado de trabalho acadêmico* (19,60% das respostas). Tal resultado vai ao encontro do número de estudantes (doutorandos, mestrandos, especializando e graduandos) encontrados, de 20,06% (conforme Tabela 13). Neste ponto, recapitulando-se o colocado por Noor (2013) e Eliyan (2014), de que a autoria única pode ser uma forma de libertação da obrigação de dar coautoria ou do sentimento de dívida perante outros pesquisadores.

Nesse contexto, ainda que nas respostas dos entrevistados – como, por exemplo, na declaração do pesquisador P097 (21 maio 2019) – parecesse prevalecer que os autores que escrevem em autoria única sejam das áreas de Letras, História, Ciências da Comunicação etc., foi encontrado que 41,25% dos elementos de autoria possuem área de formação acadêmica ligada às áreas de informação. Diante disso, acredita-se que o hábito de escrever sozinho também faça parte, ao menos em alguma parcela, dos costumes das áreas de informação (no caso da Museologia, uma grande parcela). Além disso, diante da pressão de alguns programas de pós-graduação pela coautoria entre orientando e orientador, pode ser que algum orientando ou ex-orientando tenha feito sua publicação em autoria única em busca do reconhecimento individual, como bem colocado por Merton (1957), Bourdieu (1983), Ziman (1988) e Chartier (2014).

Ainda dentro da pergunta *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?* em que uma das categorias foi *resultado de trabalho acadêmico*, verificou-se que 27 dos 30 pesquisadores entrevistados pertenciam às grandes áreas das Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas. Dessa maneira, entrando em concordância com o argumento exposto anteriormente, de que: “Em disciplinas das ciências sociais e das ciências humanas, [...], os pesquisadores estabelecidos estão menos dispostos a conceder coautoria aos subordinados [...]” (PONTILLE, 2004, apud LARIVIÈRE, 2012, p. 23)⁵³. Soma-se a isso o fato de que Larivière (2012) descreve que nas Ciências Sociais e Humanas os alunos trabalham em casa, com menos interação com seus professores, como tratado no tópico 2.2 *Autoria única*, isto é, os alunos tendem a ficar envolvidos remotamente como seus

⁵³ PONTILLE, David. **La Signature Scientifique**: une sociologie pragmatique de l'attribution. Paris: CNRS Éditions, 2004. Apud LARIVIÈRE, 2012.

professores, ensejando a produção em autoria única.

Assim como tratado na seção 4.1.2 *Perfil dos autores*, não se considera que as distâncias geográficas sejam justificativas para a autoria única, como postado em *Single-Author papers: a good or bad sign?* (2017). E isso foi confirmado por alguns entrevistados, os quais afirmaram que a pesquisa é uma atividade solitária, que nunca experimentaram a coautoria e que não possuíam vínculo acadêmico nem amizade com outros pesquisadores, mas que não colocaram a sua localização como um fator motivador para a autoria única. Tudo isso reforça a ideia de que a autoria única pode ser consequência do isolamento pessoal (ou intelectual) do pesquisador e não geográfico (SINGLE-AUTHOR..., 2017).

Assim, por exemplo, o pesquisador P088 (21 maio 2019) mesmo considera o ato de pesquisar uma atividade muito solitária. Pois bem, o referido pesquisador é da área de Museologia, a qual, segundo alguns entrevistados, tem a produção científica em autoria única como uma qualidade da área. Deve-se considerar também que a Museologia, por vezes, está ligada à área da Comunicação e Informação, conforme a CAPES, e, por vezes, está ligada às áreas da História e Arqueologia, de acordo com dados da INEP, talvez, por isso, incorporando características da área de História, que costuma publicar em autoria única.

No que se refere à análise de citação, abordada em 4.1.3 *Impacto científico*, 21,08% dos artigos selecionados para a amostra correspondiam aos trabalhos mais citados dos autores, provavelmente, como colocado pelo pesquisador P204 (07 jun. 2019), pela qualidade dos trabalhos em autoria única; e essa qualidade da produção científica está ligada à visibilidade do pesquisador, para Cole e Cole (1968). Não muito distante deste percentual, estavam os 25,96% de autores que acreditam que os artigos em autoria única são mais valorizados que os em autoria múltipla. Diante da proximidade dos valores encontrados, acredita-se que alguns pesquisadores possam ter respondido na questão que os artigos em autoria única são mais valorizados, tendo por base, por exemplo, as suas próprias citações recebidas.

Aliás, entre os 27 pesquisadores que responderam acreditar que os artigos em autoria única são mais valorizados que os em autoria múltipla, 10 deles possuem como artigo mais citado algum artigo seu em autoria única (5 têm como artigo mais citado o em autoria múltipla e 12 não tiveram citações), indo ao encontro do que Meadows (1999) colocara, de que a colaboração/coautoria recebe mais citações. E entre os 31 pesquisadores que responderam acreditar que os artigos em autoria

múltipla são mais valorizados, 11 deles possuem como artigo mais citado algum artigo seu em autoria única (11 têm como artigo mais citado o em autoria múltipla e 9 não tiveram citações). Já entre os 17 pesquisadores que acreditavam na igual valorização entre autoria única e autoria múltipla, dentro dos artigos mais citados, 9 são em autoria única e 3 são em autoria múltipla (5 não obtiveram citações). Entre os 11 pesquisadores que afirmaram desconhecer qual tipo de autoria era mais valorizada, considerando-se os artigos mais citados, 5 são em autoria única e 1 é em autoria múltipla (5 não receberam citações). Entre os 8 pesquisadores que consideraram ser indiferentes à valorização entre autoria única e múltipla, levando-se em conta os artigos mais citados, 3 são em autoria múltipla e 2 são em autoria única (3 não tiveram citações). Nesse sentido, principalmente entre aqueles 10 pesquisadores que consideraram a autoria única como mais valorizada e que possuíam artigo em autoria única como mais citado, e entre aqueles 11 pesquisadores que consideraram a autoria múltipla como mais valorizada e que possuíam artigo em autoria múltipla como mais citado, pode ser que eles tenham ciência de quais são os seus artigos mais citados.

Ainda que estes pesquisadores entrevistados não tenham respondido *ipsis litteris* que o motivo da maior valorização dos artigos em autoria única seja porque proporciona maiores citações, crê-se que esta pode ser uma das fortes razões para tal, já que altas citações podem implicar em reconhecimento, conforme Merton (1957), Reif (1961), Bourdieu (1983), Hochman (1994), Ziman (1988), Meadows (1999) e Maltrás Barba (2003). E ainda que o próprio Ziman (1988) questione se o número de citações é válido como medida de importância científica, este é, geralmente, a medida utilizada para identificar o caráter de referência (MALTRÁS BARBA, 2003; MUELLER, 2003; GOMES, 2013) e, em consequência, de visibilidade (e como efeito, de prestígio) (PACKER; MENECHINI, 2006).

No que se refere à valorização dos artigos, comentada anteriormente, o pesquisador P157 (21 maio 2019) mencionou que na sua área de pesquisa não havia registro do que seria mais valorizado, se artigos em autoria única ou múltipla. Este pesquisador, à época da publicação do seu artigo, pertencia à área da Ciência da Informação e estava vinculado à instituição pública, sendo hoje participante de grupo de pesquisa. Foi imprevisto receber tal resposta, já que a área de Ciência da Informação possui estudos a respeito desse assunto. Será este um pesquisador que pensa a ciência como um bem comum, sem ligar para o que é mais valorizado (se

seus artigos em autoria única ou múltipla), indo de encontro ao pensamento de Hochman (1994) de que o pesquisador busca satisfazer-se pessoalmente, acima dos interesses da ciência (isto é, busca maior visibilidade)? Supõe-se que sim.

Ainda alguns pesquisadores - P015 (21 maio 2019), P277 (29 maio 2019) e P228 (26 maio 2019) – comentaram que a autoria única diz respeito à busca de renome do pesquisador pela comunidade científica. Nessa linha de pensamento, da busca pelo reconhecimento, o pesquisador P271 (23 maio 2019) coloca que as mídias sociais promovem a autoria única, em detrimento da autoria múltipla. Este pesquisador entrevistado é estrangeiro, logo sua opinião é baseada na realidade do seu país, no caso, a França. Aliás, tendo por base as respostas ao questionário aplicado, de um modo geral, os pesquisadores estrangeiros percebem os artigos em autoria única como mais valorizados que os em autoria múltipla, como quando colocado pelo pesquisador espanhol P284 (23 maio 2019) de que era “evidente” o maior prestígio de quem escreve sozinho.

A propósito, entre os autores entrevistados que responderam que os artigos em autoria única são mais valorizados havia pesquisadores das áreas de Letras, História, Economia etc., mas também havia pesquisadores das áreas da Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia. Ademais, existiam autores de outros países, tais como Canadá, Espanha, México e Portugal, publicando nos periódicos brasileiros das áreas de informação, considerados periféricos, indicando que estes autores são específicos, que aqui publicam por considerarem mais rápido e fácil ou por motivos pessoais. Outrossim, havia pesquisador do Brasil vinculado à instituição não pública. Essa diversidade de formação acadêmica, de nacionalidade e de vínculo institucional ajuda a entender a percepção desses pesquisadores de maior valorização dos artigos em autoria única. E porque esses pesquisadores publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação, mais uma vez, reforça-se a ideia de que a autoria única não desaparecerá. Aliás, reiterando a ideia de Tanus e Araújo (2012), a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Ciência da Informação e a Museologia são campos científicos diferentes e possuem cada um objetos próprios de estudo, comunidades científicas, periódicos, eventos, grupos de pesquisa, conselhos, cursos etc., mas com diversos pontos de convergência (objetos de estudo, comunidade científica, periódicos, eventos, grupos de pesquisa etc.). Assim, entende-se por que publicam, por exemplo, em um mesmo periódico, mas pesquisam e escrevem de forma diferente.

Interessante notar que 61,02% e 51,75% dos autores da amostra participam de grupos de pesquisa e de programas de pós-graduação, respectivamente (na amostra inicial de 313 elementos de autoria). No entanto, 83,33% dos entrevistados responderam que *não* houve colaboração na sua pesquisa à pergunta *No caso deste artigo, houve alguma colaboração durante a pesquisa? Se sim, por que não resultou em coautoria?* Entre esses entrevistados que responderam *não*, houve 1 dos pesquisadores que afirmou: “Tive apoio de bolsistas de iniciação científica e de alunos de mestrado que me auxiliaram na coleta dos dados. Não foi um trabalho de coautoria, mas de auxílio à pesquisa.” (P297, 27 maio 2019). Tal resposta vai de encontro, por exemplo, ao que pensa o pesquisador P002 (21 maio 2019), que considera a existência de coautoria nas etapas de coleta de dados, revisão de literatura e escrita do artigo. O primeiro autor referido é da área da Antropologia e o segundo, da Ciência da Informação. Percebe-se, então, que as áreas compreendem a pesquisa em si e o ato de escrever de forma diferente, ainda que publiquem nos mesmos periódicos brasileiros das áreas de informação, justificando a gama de percepções encontradas nesta pesquisa.

Nesse sentido, os pesquisadores P171 (21 maio 2019) e P140 (28 maio 2019) relataram que nas suas áreas – História – as pesquisas são desenvolvidas de modo individual, ainda que vinculadas a grupos de pesquisa. Por outro lado, o pesquisador P201 (23 maio 2019), da área de Ciências da Comunicação, revelou que, embora dentro de um mesmo projeto, a participação e a contribuição são individuais.

Havia uma suposição de que os pesquisadores que participassem de grupos de pesquisa e de programas de pós-graduação tendessem a escrever em coautoria, mas não foi o observado aqui. Inclusive entre os entrevistados, alguns relataram que, ainda que participantes de grupos de pesquisa e de programas de pós-graduação, havia o hábito das publicações da área de pesquisa ser em autoria única, como relatado acima, contrariando as expectativas. Desse modo, reforça-se o pensamento de Luukkonen, Persson e Sivertsen (1992) de que a autoria única na comunicação científica pode ser decorrente de colaboração, sem que resulte em coautoria. Nesse sentido, compreende-se a existência concomitante de expressiva produção científica em autoria única e de considerável número de grupos de pesquisa nas instituições Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade de Brasília (UNB) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pois os pesquisadores com suas diferentes áreas de formação acadêmica

possuem formas inerentes de produzir ciência.

5 CONCLUSÃO

Na parte introdutória desta tese abordou-se o progresso socioeconômico dos países a partir do desenvolvimento em ciência, tecnologia e inovação, através da pesquisa. Em verdade, antes de tudo, pensa-se que pouco importa se a pesquisa é desenvolvida de maneira individual ou em grupo e, da mesma forma, se a publicação dos resultados da pesquisa é feita em autoria única ou múltipla. Acredita-se que realmente interessa o desenvolvimento de uma pesquisa que sirva ao progresso da nação e ao bem-estar da sociedade.

Nessa perspectiva, verificou-se que as publicações em autoria única têm muito a oferecer, ao contrário do que é enunciado por muitas outras pesquisas, as quais preveem o fim dos trabalhos em autoria única. Aliás, tendo como exemplo alguns países mais desenvolvidos socioeconomicamente, as publicações em autoria única são uma exigência em determinadas áreas de pesquisa. Dessa forma, não se vislumbra o fim das publicações em autoria única a curto, a médio, nem em longo prazo. Assim, neste caso aqui específico, pode ser que se as publicações brasileiras nos periódicos das áreas de informação, caso se espelhem em países como França e Espanha, tenham os trabalhos em autoria única ainda incrementados num futuro próximo. Além do mais, percebe-se que o homem na sociedade contemporânea, de um modo geral, tem se encaminhado para certo individualismo; quiçá tal cultura não se reflita na publicação científica, haja vista o surpreendente estudo de Sindagi e Anandhalli (2018), que encontrou tendência de crescimento de publicação em autoria única sobre câncer de pulmão nos próximos anos.

Diante disso, tem-se a pretensão de que esta tese tenha importância para a formulação de políticas e para as tomadas de decisões a respeito das áreas que publicam os resultados de suas pesquisas nos periódicos brasileiros das áreas de informação. Como visto, no Brasil, por exemplo, ainda que as áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação tenham a maioria dos seus artigos de periódicos em autoria múltipla, áreas como Museologia, História e Letras voltam-se para os artigos de periódicos em autoria única. Dessa forma, determinados editais de agências de fomento que exigem a autoria múltipla na publicação dos resultados da pesquisa vão de encontro às características inerentes de certas áreas do conhecimento, como, por exemplo, a área da Linguística denotada aqui. Acredita-se que a definição de políticas públicas científicas e a tomada de decisões mais

adequadas e específicas, com diversas estratégias de subsídio, conforme as práticas de pesquisa e de publicação de cada área, inclusive incentivariam a uma maior produção científica, potencializando a economia do conhecimento.

Não por acaso que se intencionava com essa tese formar um mapeamento mais completo dessas áreas de pesquisa, juntamente às demais investigações existentes a respeito das áreas de informação, servindo como base para a proposta de decisões políticas e de investimentos. Nesse sentido, cumpridos os propósitos de investigar a produção e o impacto científico da autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação (Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia), além de pesquisar as razões pelas quais os autores publicam em autoria única, acredita-se fortemente que se tenha atingido os objetivos desta pesquisa. Dessa forma, o problema de pesquisa levantado no tópico introdutório, de desconhecimento das características da produção científica e do impacto científico, bem como das razões da perseverança da autoria única nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação, foi esclarecido. Nesse seguimento também, as questões de pesquisa - quais as características da produção científica, qual o impacto dessa produção científica e quais as razões dos autores para publicarem sozinhos – foram plenamente respondidas ao longo das páginas. Ademais, as motivações alegadas para a justificativa de realização dessa tese ganharam força.

Por esse ângulo, algumas das hipóteses suscitadas no tópico *1.2 Hipóteses* puderam ser consideradas corretas. Assim, a *hipótese 1 (H1)* sugeria que os autores dos artigos em autoria única colaboraram com outros pesquisadores, mas não publicaram trabalhos em coautoria. Tal hipótese foi apreciada como aceitável, tendo por base as respostas dadas à pergunta *No caso deste artigo, houve alguma colaboração durante a pesquisa? Se sim, por que não resultou em coautoria?*, apresentadas no tópico *4.2.2 Colaboração na autoria única*. As respostas de alguns dos entrevistados traziam que nas suas pesquisas havia tido colaboração de outros profissionais/especialistas, orientadores, docentes, orientandos, bolsistas, colegas de disciplina e de grupo de pesquisa, entrevistados para a pesquisa etc., mas que tal colaboração não havia resultado em coautoria. Dessa forma, indo em direção aos pressupostos de Luukkonen, Persson e Sivertsen (1992) e Katz e Martin (1997).

Na *hipótese 2 (H2)* acreditava-se que os temas de pesquisa dos artigos em autoria única fossem de menor interesse por parte da comunidade científica das

áreas de informação. Esta hipótese também pode ser admissível, levando-se em conta as respostas à pergunta *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?*, apresentada no tópico *4.2.1 Razões para a autoria única*. Alguns dos entrevistados relataram que seus artigos foram escritos em autoria única porque não houve interesse de outros pesquisadores em escrever tal artigo em coautoria (também é possível que os próprios autores entrevistados não quisessem outro autor). Em vista disso, ou o tema de pesquisa não era de interesse ou de conhecimento de outros pesquisadores, ou ninguém pesquisava a respeito do tema, ou o assunto era bastante alternativo para seus colegas, isto é, neste caso, a autoria única é mais um reflexo do tipo de questão trabalhada e do objeto de pesquisa em si, do que uma consequência das próprias preferências do autor. Em função disso, para alguns autores, nada mais restava do que a escrita solitária. E essa singularidade do tema de pesquisa foi percebida com o baixo percentual encontrado para a palavra-chave mais presente entre os artigos analisados (apenas 1,95%) e também com o fato de que 40,75% das palavras-chave aparecerem 1 única vez, caracterizando os temas dos artigos analisados como disseminados e incomuns. No entanto, como visto, os artigos em autoria única são bastante citados.

Já a hipótese 3 (*H3*) trazia que os autores de maior visibilidade entre os artigos em autoria única tendiam a publicar mais sozinhos do que em coautoria. Tendo em conta os 188 artigos em autoria única que receberam citações e foram analisados, e considerando-se apenas os 33 elementos de autoria, responsáveis por 49,66% das citações, como mostrado no tópico *4.1.3.2 Impacto científico dos artigos da amostra*, verificou-se que 17 elementos de autoria possuíam maior quantidade de artigos em autoria múltipla e 16 em autoria única, isto é, praticamente, empatados. Assim, observou-se um certo equilíbrio no resultado encontrado.

A hipótese 4 (*H4*), por sua vez, aventava que um pequeno número de autores seria responsável pela maior parte da produção analisada em autoria única, conforme Lei de Lotka. Esta hipótese não foi considerada razoável, como pode ser observado na Tabela 3, em que 82,27% dos autores foram responsáveis por 60,77% da produção de artigos.

Na hipótese 5 (*H5*) cogitou-se que as palavras-chave dos artigos analisados seguiriam a Lei de Zipf, tendendo à constância o resultado da multiplicação da ordem de série pela frequência de ocorrência. Tal hipótese também não foi apreciada como plausível, como mostrado no Gráfico 9, já que a parábola

encontrada apresentou linha de tendência com R^2 igual a 0,0446, não tendendo à constância.

E a hipótese 6 (H_6) propunha que os periódicos seguiriam a Lei de Dispersão de Bradford, em que poucos periódicos publicariam muitos artigos. Esta hipótese foi tomada como admissível, como demonstrado no Gráfico 7, em que as zonas 1, 2 e 3 são formadas por 5, 8 e 14 periódicos, respectivamente, com cada zona publicando aproximadamente 1/3 dos artigos analisados.

Assim, entre as 6 hipóteses levantadas, 3 foram consideradas aceitáveis, 2 foram interpretadas como não razoáveis e 1 mostrou equilíbrio, ainda que se tenha considerado as hipóteses referentes aos resultados qualitativos mais importantes para esta pesquisa. Aliás, como previsto no tópico 3 *Metodologia*, as pesquisas quantitativa e qualitativa serviram uma à outra, sendo que os resultados qualitativos assumiram um peso maior na compreensão da pesquisa como um todo. Isso uma vez que o questionário com perguntas abertas permitiu aos entrevistados que respondessem livremente, por vezes, desviando do assunto tratado, como se necessitassem revelar alguns aspectos do seu mundo profissional. Obviamente, este “ouvindo as vozes” dos entrevistados, como bem colocado por Creswell e Clark (2013, p. 28), enriqueceu de modo inestimável esta pesquisa.

Assim, no que tange à pesquisa quantitativa, em relação aos seus resultados, já era esperada a taxa média negativa de produção dos artigos em autoria única. Contudo, o comportamento de oscilação das taxas anuais de crescimento da autoria única, múltipla e total (Tabela 1) - dependentes da evolução da produção total - ser parecido foi impensado, o que relativizou a queda da produção de artigos em autoria única. Concomitante a isso, o aumento da média do número de elementos de autoria nos artigos de autoria múltipla (Gráfico 3) pode ser indício da pressão por parte das agências de fomento e dos sistemas de avaliação em cima dos pesquisadores pelo aumento da produção científica. Nessa linha de pensamento, entre os 1241 autores analisados, o fato de 73,32% deles possuírem somente 1 artigo na base de dados ABCDM, os chamados autores transientes, chamou a atenção, por seu elevado percentual.

Aliás, em relação às agências de fomento, tanto na revisão de literatura desta tese quanto nas respostas de alguns dos entrevistados, foi levantada a questão da pressão exercida por elas em cima dos pesquisadores de determinadas áreas pela produção em coautoria. Nesse sentido, surge à mente se essa pressão das

agências de fomento não foi a responsável pela transformação no cenário do tipo de autoria nos artigos de periódicos brasileiros das áreas de informação nos últimos anos. Tendo por base o que Bourdieu (2004b, p. 34) coloca, de que a atividade científica implica um custo econômico, e o nível de autonomia de uma ciência depende do grau de necessidade de recursos econômicos que ela exige para se concretizar, pode-se pensar que as áreas de Ciência da Informação e Biblioteconomia, por serem recentes no Brasil e por precisarem se consolidar ainda mais, submetem-se às exigências pela coautoria das agências de fomento e também dos sistemas de avaliação.

A predominância do idioma português nos artigos analisados também não foi inesperada. Entretanto não se conjecturava que os idiomas estrangeiros estivessem mais presentes nos artigos de autoria única do que nos artigos de autoria múltipla, nem que houvesse autores estrangeiros escrevendo artigos na língua portuguesa.

A presença de artigos em autoria única em sua maioria nos periódicos da área de Museologia já denotava que os pesquisadores dessa área tivessem como característica inerente a publicação de trabalhos em autoria única. Em relação aos periódicos ainda, despertou interesse em alguns casos o caráter endogênico, em que os elementos de autoria fizeram suas publicações em revistas geograficamente próximas às suas instituições de estudo/trabalho/pesquisa.

Quanto à análise do perfil dos autores, foi imprevisto encontrar as áreas de História e Ciências da Comunicação entre as áreas de formação acadêmica mais frequentes. Esperava-se sim encontrar áreas distintas (que não as áreas de informação – Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Museologia), mas não que ocupassem as posições de maior frequência. Contudo, tal resultado fez sentido, já que Outros apresentou considerável frequência (assim como o resultado dos temas dos artigos, em que a frequência das palavras-chave se encontrava bastante dissipada). Ainda no que diz respeito às áreas de formação acadêmica, aliás, considerou-se elevado o percentual encontrado de 41,25% de autores com formação acadêmica nas áreas de informação, já que áreas como Biblioteconomia e Ciência da Informação, por exemplo, possuem incentivos para a produção em coautoria.

Em relação às instituições, não foi surpresa os elementos de autoria estarem em sua maioria ligados a instituições com tradição em pesquisa, visto que já havia se aventado a possibilidade de grandes pesquisadores estarem ligados a

instituições de renome. Nesse seguimento, também não foi inesperado, então, a região Sudeste do Brasil concentrar maior número de elementos de autoria, mesmo porque tal região possui maior número de programas de pós-graduação, de docentes, de discentes de pós-graduação e de bolsas ligados às áreas de informação. No entanto, destaca-se que o cenário mudou quando na análise da média entre quantidade de instituições e de artigos (Tabela 19), em que estados antes não proeminentes em termos de produção científica, passaram a ocupar as primeiras colocações.

Quanto à análise do impacto científico, os autores selecionados para a amostra possuíam mais artigos em autoria única do que em autoria múltipla, sendo que os artigos mais citados de cada autor eram, em sua maioria, em autoria única. Assim, esta análise permitiu verificar que há pesquisadores – que publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação – os quais parecem priorizar as publicações em autoria única, ou, ao menos, as têm sob considerável percentual dentro da sua produção total. Além disso, as médias de citação dos artigos em autoria única superaram as médias de citação dos artigos em autoria múltipla e dos artigos em sua totalidade. Estes resultados reforçaram a ideia da qualidade dos artigos em autoria única, somados ao resultado de que 1/3 dos artigos analisados na amostra são os mais citados dos autores estudados.

Ademais, não parece haver ligação entre pertencer a grupos de pesquisa e/ou programas de pós-graduação e a autoria única. Isso porque, ao contrário do que se imaginava, a maioria dos elementos de autoria da amostra faz parte de grupos de pesquisa e de programas de pós-graduação. Acreditava-se que um e/ou outro ensejava à autoria múltipla, o que não foi observado aqui, provavelmente, devido à diversidade das áreas de formação acadêmica.

Já no que diz respeito à pesquisa qualitativa, em relação aos seus resultados à pergunta *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?*, ganhou destaque a resposta *resultado de pesquisa individual e reflexão*. De certa forma, esta resposta foi inesperada, visto que, em plena época de *publish or perish*, em que os pesquisadores se veem pressionados pelas suas instituições, seus colegas, sistemas de avaliação e agências de fomento por maior produção científica, encontrar pesquisadores que encontrem tempo e decidam refletir a respeito da sua pesquisa, como exercício pessoal, desenvolvendo suas próprias capacidades, sem se deixar levar por forças externas, não parece muito comum

atualmente.

Aliás, ainda nesse seguimento da pressão pela produção científica, verificou-se que a noção da facilidade de obtenção de financiamento nas pesquisas colaborativas foi desmistificada parcialmente, quando alguns entrevistados alegaram ser mais simples o conseguimento de subsídios quando a pesquisa é realizada de forma sozinha (isto é, varia de área para área). Da mesma forma, estes entrevistados também relataram que a produção científica em autoria única é mais exigida pelas suas instituições e valorizada pelos seus pares, como declaradas na categoria *ênfoque pessoal*. Claro que esse quadro se deu em algumas áreas de pesquisa (Museologia, História, Letras, Ciências da Comunicação etc.) e em determinados países (Espanha, Argentina, Portugal, México etc.). Aliás, as declarações dos entrevistados de outros países foram deveras interessantes para se conhecer como a autoria única é percebida no estrangeiro.

Além disso, outra resposta que merece ênfase é *resultado de trabalho acadêmico*, talvez por seu teor controverso, como discutido anteriormente. Havia uma ideia pré-concebida de que trabalhos de pesquisa orientados fossem colaborativos e que, então, resultassem em coautoria. No entanto, não foi o constatado nesta tese, visto que as áreas de pesquisa possuem características diferentes de produção científica, e como os artigos dos periódicos brasileiros das áreas de informação advêm de pesquisadores com formação acadêmica em diversas áreas, tal concepção foi derrubada em parte.

Nesse sentido, percebeu-se que, em função da diversidade das áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria, não há um consenso entre os pesquisadores que publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação a respeito do que seja colaboração e do que seja coautoria. Isso porque tais conceitos sofrem influência das características das áreas de pesquisa desde a graduação dos pesquisadores. Compreende-se que isso não significa que os diferentes entendimentos sobre colaboração e coautoria estejam certos ou errados dependendo da área de pesquisa, mas apenas justificam a, em primeira vista, incoerência de algumas respostas encontradas aqui à pergunta *No caso deste artigo, houve alguma colaboração durante a pesquisa? Se sim, por que não resultou em coautoria?* Constatou-se tal situação quando na categorização da relação entre orientando e orientador, se é ou não colaborativa, se resulta ou não em coautoria. Neste contexto, acredita-se que a colaboração e a coautoria entre orientando e

orientador não devam ser pautadas por regras formais e informais da área de pesquisa, mas sim pela real situação da relação entre orientando e orientador caso a caso, se houve verdadeiramente colaboração e coautoria.

Nessa sequência, Hilário e Grácio (2018) bem escrevem, quando consideram que a colaboração científica e coautoria são diferentes perspectivas da ciência, a primeira associada à atividade científica em si, reportando a questões da sociologia da ciência e da epistemologia do campo, e a segunda subordinada ao campo da comunicação científica, carregando aspectos epistemológicos do campo em que se materializa. E aqui se ousa rearranjar tal assertiva, pois se acredita que o mais irrestrito seria “consideram que a colaboração científica e a *autoria propriamente dita* são diferentes perspectivas da ciência”, já que cada área de pesquisa possui suas características próprias de publicação (autoria única ou coautoria).

Da mesma forma, não parece existir consonância sobre a valorização da autoria única e da autoria múltipla, como percebido nas respostas à pergunta *Na sua área de pesquisa, o que é mais valorizado: artigos em autoria única ou artigos em coautoria? Por quê?* Isso visto que, inclusive dentro de uma mesma área de pesquisa, ora alguns entrevistados responderam que a autoria única era mais valorizada, ora outros entrevistados responderam que a autoria múltipla era mais valorizada.

Ainda em relação à resposta *resultado de trabalho acadêmico*, alguns entrevistados manifestaram-se de modo crítico a respeito da falsa coautoria. Foi aventado que a falsa coautoria seja resultado da pressão exercida pelos sistemas de avaliação e agências de fomento em cima dos pesquisadores para aumentar a produção científica. Contudo, julga-se que a ética na ciência deva ter mais valor e importância, cabendo a cada pesquisador saber lidar com essa pressão. Em relação à autoria múltipla, de modo algum se questiona a sua importância para a ciência. Ela é necessária em várias áreas de pesquisa, seja por motivos econômicos, como o compartilhamento de equipamentos e laboratórios, por exemplo, seja por motivos intelectuais (mais cabeças pensam melhor que uma). No entanto, o que se questiona é se a autoria múltipla cresceu de uma necessidade sentida pelos pesquisadores para o avanço da ciência ou se foi algo forçado pelas instituições e agências de fomento.

Outra resposta à questão *Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?* que é digna de ênfase é *desinteresse dos pesquisadores*.

Apesar de todo registro histórico a respeito das descobertas científicas, em que paradigmas foram quebrados, porque pesquisadores se atreveram a tentar o novo e opor-se ao tradicional, ainda há indivíduos que preferem não ousar, não assumir riscos, não investigar o incerto. Tanto é assim que alguns entrevistados responderam ter escrito o artigo em autoria única para chamar a atenção para a pesquisa em si, na categoria de resposta *ênfoque pessoal*.

A resposta *convite do periódico* à questão requer distinção, pois foi surpreendente a solicitação por parte de algumas revistas para que pesquisadores escrevessem artigos em autoria única, já que muitos estudos levam a acreditar que os artigos mais citados são aqueles em autoria múltipla. Diante do fato observado nesta tese, de que muitos artigos em autoria única têm altas citações, neste ponto foi suscitado o pressuposto de que os periódicos façam o controle das suas próprias citações. Supondo que o façam, e supondo que exista a percepção de que os artigos em autoria única retornam mais citações, as revistas começariam a incentivar os artigos em autoria única. Tanto que alguns entrevistados declararam que os periódicos de renome tinham preferência pelos artigos em autoria única, ao responderem à pergunta *Na sua área de pesquisa, o que é mais valorizado: artigos em autoria única ou artigos em coautoria? Por quê?* Por exemplo mesmo, no fechamento desta tese, importante periódico no Brasil da área de Ciência da Informação publicou um número especial: dos 17 artigos, 11 eram em autoria única.

Desse modo, diante de todos os resultados, discussões e conclusões encontrados nesta tese, com diferenças de formação acadêmica, nacionalidade e vínculo institucional, acredita-se que a autoria única não se extinguirá. Assim, uma forte razão para isso centra-se nas diferentes áreas de formação acadêmica dos autores que publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação. Exatamente porque essas áreas de pesquisa possuem características de produção e publicação científicas diferentes (algumas áreas primam pela autoria única, outras, pela autoria múltipla) é que não se pode contar com o fim das publicações em autoria única. E essa pluralidade nas áreas de formação acadêmica dos pesquisadores é que dá a característica da interdisciplinaridade das áreas de informação. Além disso, a própria área de informação Museologia tem como característica inerente de sua área de pesquisa a publicação em autoria única. E, de um modo geral, mesmo dentro das áreas de informação, há pesquisadores que publicam e parecem valorizar mais a autoria única. Não à toa, como recém-

colocado, que 41,25% dos elementos de autoria possuíam área de formação acadêmica ligada às áreas de informação. Soma-se a tudo isso a circunstância de que nos periódicos brasileiros das áreas de informação publicam pesquisadores estrangeiros, que, em alguns casos, têm a autoria única como preceito. Acrescenta-se a isso também a conjuntura de que existem pesquisadores cujas instituições de trabalho exigem a produção em autoria única. Então, 1/3 da produção científica de artigos das áreas de informação talvez seja reflexo do fato de que essas áreas de pesquisa sejam mais recentes no Brasil, ou talvez seja uma característica das comunidades dessas áreas.

As razões pessoais dos pesquisadores são outra importante causa para a inextinguibilidade das publicações em autoria única. Isso dado que motivos tais como, por exemplo, preferência por trabalhar sozinho (gosto pessoal) e superação própria (comprovação da capacidade de pesquisa e escrita autônoma) são circunstâncias difíceis de se prever estatisticamente, pois são intrínsecas ao ser humano.

A valorização da produção científica em autoria única por parte dos pesquisadores que publicam nos periódicos brasileiros das áreas de informação é outra razão para a sua não extinção. Ainda que ela não tenha sido a resposta mais frequente à pergunta *Na sua área de pesquisa, o que é mais valorizado: artigos em autoria única ou artigos em coautoria? Por quê?*, há de se considerar que ela tenha recebido 25,96% das respostas ante os 29,80% da autoria múltipla. Diante disso, percebe-se que a autoria única pode ser consequência da tentativa de obtenção de consagração pelo autor, através do seu reconhecimento, como discutido por Merton (1957), Reif (1961), Bourdieu (1983), Hochman (1994), Ziman (1988), Meadows (1999) e Maltrás Barba (2003).

Todo este estudo e suas descobertas, assim como qualquer outra pesquisa, ao mesmo tempo em que atenderam aos objetivos desta tese, desencadearam um leque de outras indagações, as quais servirão como catalisadoras de novas investigações. Assim sendo, desta tese floresceram questionamentos, que aqui se transmudaram em propostas para os seguintes estudos futuros: (1) determinação das áreas de pesquisa dos artigos que foram determinados como Outros ao serem incluídos na base de dados ABCDM, a fim de conhecer quais são essas outras áreas do conhecimento, ainda que se tenha ciência da dificuldade cada vez maior de se classificar de modo taxativo a área do conhecimento de certos artigos, devido ao

caráter interdisciplinar das pesquisas como um todo; (2) levantamento de quais instituições, bem como de quais países, valorizam mais a produção científica em autoria única das áreas de informação, com o objetivo de ter um panorama mundial ou por continente; (3) verificação da metodologia utilizada nos artigos em autoria única, diante das afirmações de alguns entrevistados de terem publicado artigo em autoria única por estar testando nova metodologia de pesquisa; (4) investigar os reais motivos da colaboração e da coautoria (por pressão dos sistemas de avaliação? Por força das agências de fomento? Etc.); (5) aplicação deste estudo a respeito da produção em autoria única em outras áreas de pesquisa e em outros canais de comunicação; e (6) identificação dos motivos pelas quais as agências de fomento parecem priorizar a autoria múltipla em determinadas áreas de pesquisa (mesmo que não seja o tipo de produção padrão da área, como os casos relatados das áreas de Letras e Ciências da Comunicação) – Eliyan (2014, *on-line*, tradução nossa), por exemplo, traz que a coautoria é incentivada para poder distribuir os limitados fundos financeiros a um maior número de pesquisadores possível. Assim, a continuidade desta pesquisa a respeito da autoria única nos periódicos brasileiros das áreas de informação, na configuração destes estudos sugeridos, tem sua pertinência para o desenvolvimento científico das áreas analisadas e também para a construção contínua do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABT, Helmut A. The future of single-authored papers. **Scientometrics**, Budapeste, v. 73, n. 3, p. 353-358, Nov. 2007.

ADLER, Patricia A.; ADLER, Peter. The epistemology of numbers. *In*: BAKER, Sarah Elsie; EDWARDS, Rosalind. **How many qualitative interviews is enough?** Expert voices and early career reflections on sampling and cases in qualitative research. Discussion Paper. NCRM. 2012. p. 8-11. Disponível em: http://eprints.ncrm.ac.uk/2273/4/how_many_interviews.pdf. Acesso em: 19 jul. 2018.

ALMEIDA, Letícia Cabral; VILAN FILHO, Jayme Leiro. **Evolução da autoria múltipla nos artigos das áreas de informação no Brasil (2010-2015)**. Brasília: UNB, 2017. 5 p. Relatório Pibic 2016/2017.

ALVES, Bruno Henrique; OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de. Aportes bibliométricos à produção científica nos principais periódicos da área de Ciência da Informação no Brasil (2006-2010). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2015. p. 1-20. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2760/1152>. Acesso em: 18 out. 2017.

ANDRÉS, Ana. **Measuring academic research: how to undertake a bibliometric study**. Oxford: Chandos Publishing, 2009.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, maio 2011.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O que é Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 1-30, jan./abr. 2014.

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

ARGENTINA. Comisión Interinstitucional de Elaboración de Criterios de Evaluación para las Humanidades y Ciencias Sociales. Centro de Estudios e Investigaciones Laborales CONICET. **Criterios de evaluación de la producción científica de las Humanidades y Ciencias Sociales**. 2012. Disponível em: <http://www.ceil-conicet.gov.ar/2012/12/criterios-de-evaluacion-de-la-produccion-cientifica-de-las-humanidades-y-ciencias-sociales-ciechcs-comision-interinstitucional-de-elaboracion-de-criterios-de-evaluacion-para-las-humanidades-y-cie/>. Acesso em: 28 mar. 2018.

AUGUSTO, Otávio. Tese de Ex-UNB é considerada a mais importante para a Biologia no mundo. **Correio Braziliense**, Brasília, 30 mar. 2018. Disponível em: <http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/eu->

estudante/ensino_ensinosuperior/2018/03/30/ensino_ensinosuperior_interna,669807/tese-de-ex-unb-e-considerada-a-mais-importante-para-biologia-no-mundo.shtml. Acesso em: 01 abr. 2018.

AUTRAN, Marynice de Medeiros Matos; BORGES, Maria Manuel; MENA-CHALCO, Jesús Pascual. A coautoria acadêmica interprogramas da pós-graduação em Ciência da Informação: uma análise baseada em métricas em grafos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2015. p. 1-21. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3048/1158>. Acesso em: 08 nov. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BARROS, Thiago Henrique Bragato; MORAES, João Batista Ernesto de. Arquivística, História e Ciência da Informação: diálogos e duelos. *In*: ENCONTRO IBÉRICO EDICIC, 6., 2013, Porto. **Atas [...]**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - CETAC.MEDIA, 2013. p. 168-180.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som: um manual prático**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BEAVER, D. deB.; ROSEN, R. Studies in scientific collaboration: part I. The professional origins of scientific co-authorship. **Scientometrics**, Dordrecht, v. 1, n. 1, p. 65-84, Sep. 1978. Disponível em: <http://rd.springer.com/article/10.1007/BF02016840>. Acesso em: 22 mar. 2016.

BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? *In*: _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996. cap. 5, p. 137-156. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B4UG_F2QeFUIRI9DZIVwQ2otMGM/edit. Acesso em: 20 mar. 2018.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. cap. 4. p. 122-155. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/Terceiros/Cursos/2010/2010_O_campo_cientifico.pdf. Acesso em: 17 nov. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004b.

BRIDGSTOCK, M. The quality of single and multiple auth. **Scientometrics**, Budapeste, v. 21, n. 1, p. 37-48, May 1991.

BUSH, Vannevar. As we may think. **Atlantic Monthly**, Boston, v. 176, n. 1, p. 101-108, Jul. 1945.

CANCHUMANI, Roberto Mario Lovón; LETA, Jacqueline. Colaboração e produtividade científica: a propósito do vínculo institucional do autor. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília.

Anais [...]. Marília: UNESP, 2017. p. 1-15. Disponível em:

<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/585/814>. Acesso em: 09 nov. 2017.

CAPURRO, Rafael; HJØRLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CARVALHO, Rodrigo Aquino de; CAREGNATO, Sônia Elisa. Primeiro vs todos os demais autores citados: estudo empírico em artigos na base Brapci. *In: ENCONTRO BRASILEIRO DE BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA*, 5., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2016. p. 1-8.

CASTANHA, Rafael Gutierrez; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. Autoria na produção científica da Ciência da Informação: uma análise dos artigos dos bolsistas produtividade em pesquisa (2012 - 2016). *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. p. 1-8. Disponível em:

<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/498/1047>. Acesso em: 08 nov. 2017.

CHANG, Chen-chi. The of value knowledge created by individual scientists and research groups. **Journal of Scholarly Publishing**, [S.l.], v. 39, n. 3, p. 274-293, Apr. 2008.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: UNESP, 2014.

CHINCHILLA-RODRÍGUEZ, Zaida; MIGUEL, Sandra; MOYA-ANEGÓN, Félix de. What factors affect the visibility of Argentinean publications in humanities and Social Sciences in Scopus? Some evidence beyond the geographic realm of research. **Scientometrics**, Budapeste, v. 102, n. 1, p. 789-810, Ago. 2014.

CHUANG, Kun-yang; HO, Yuh-shan. Bibliometric profile of top-cited single-author articles in the Science Citation Index Expanded. **Journal of Informetrics**, [S.l.], v. 8, n. 4, p. 951-962, Oct. 2014.

COELHO, Gabriel Bandeira. Sociologia do Conhecimento e da Ciência: da sua emergência a Pierre Bourdieu. **Sinais**, Vitória, v. 21, n. 2, p. 266-294, jul. 2017.

COLE, Stephen; COLE, Jonathan R. Visibility and the structural bases of awareness of scientific research. **American Sociological Review**, Washington, v. 33, n. 3, p. 397-413, Jun. 1968. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2091914>. Acesso em: 08 nov. 2017.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (México). Organização das Nações Unidas. **Ciencia, tecnología e innovación en la Economía digital**: la situación de América Latina y el Caribe. Santiago: CEPAL,

2016. 96 p. Disponível em:

http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/40530/S1600833_es.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 28 fev. 2018.

CONNAWAY, Lynn Silipigni; POWELL, Ronald R. **Basic research methods for librarians**. 5th. ed. Santa Barbara: Libraries Unlimited, 2010.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Plataforma Lattes. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>. Acesso em: 11 abr. 2018.

COOK, Terry. Arquivologia e pós-modernismo: novas formulações para velhos conceitos. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 123-148, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/40936>. Acesso em: 31 out. 2018.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Documento de área – Área 31: Comunicação e Informação**. Brasília, 2019. 20 p. Elaborado pela Comissão Responsável pela Avaliação. Disponível em: http://capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/COMUNICACAO.pdf. Acesso em: 18 ago. 2019.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Relatório da avaliação quadrienal 2017: Comunicação e Informação**. Brasília, 2017. 60 p. Elaborado pela Diretoria de Avaliação. Disponível em: <http://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-Comunicacao-quadrienal.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

CÔRTEZ, Pedro Luiz. Considerações sobre a evolução da Ciência e da Comunicação Científica. *In*: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da (Org.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006. p. 33-55.

COSTA, Sely Maria Souza. **The impact of computer usage on scholarly communication amongst academic social scientists**. 1999. 318 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Loughborough University, Inglaterra, 1999. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/2025>. Acesso em: 30 out. 2018.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, John W. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2014.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. **Pesquisa de métodos mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

CRONIN, Blaise. **The citation process: the role and significance of citations in scientific communication**. London: Taylor Graham, 1984.

DAVARPANA, M. R.; ASLEKIA, S. A Scientometric analysis of international LIS Journals: productivity and characteristics. **Scientometrics**, Budapeste, v. 77, n. 1, p. 21-39, Jul. 2008.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus : Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura, 2013. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf. Acesso em: 05 nov. 2018.

DING, Ying; CRONIN, Blaise. Popular and/or prestigious? Measures of scholarly esteem. **Information Processing & Management**, [S.l.], v. 47, n. 1, p. 80-96, Jan. 2011.

DUPUIS, Rachelle J.; SHANNAHAN, Kirby. **Independent research**: an exploratory look at single-author publications by young researchers in marketing's top journals. [2006]. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.495.3685&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.

ELIYAN, Faysal F. (Org.). **Why is it becoming increasingly rare to see single-authored journal papers?** 2014. Fórum iniciado por Faysal F. Eliyan, com 46 respostas. Disponível em: https://www.researchgate.net/post/Why_is_it_becoming_increasingly_rare_to_see_single-authored_journal_papers. Acesso em: 27 mar. 2018.

FARBER, M. Single-authored publications in the Sciences at Israeli Universities. **Journal of Information Science**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 62-66, Feb. 2005.

FEDDERKE, J. W. The objectivity of National Research Foundation peer review in South Africa assessed against bibliometric indexes. **Scientometrics**, Budapeste, v. 97, n. 2, p. 177-206, Mar. 2013.

FINLAY, S. Craig; NI, Chaoqun; SUGIMOTO, Cassidy R. New methods for an old debate: utilizing reader response to investigate the relationship between collaboration and quality in academic journal articles. **Library & Information Science Research**, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 131-137, Apr. 2012.

FONSECA, Maria Odila. Informação, arquivos e instituições arquivísticas. **Arquivo & Administração**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 33-44, 1998.

FU, Hui-zhen; HO, Yuh-shan. Collaborative characteristics and networks of national, institutional and individual contributors using highly cited articles in Environmental Engineering in Science Citation Index Expanded. **Current Science**, [S.l.], v. 115, n. 3, p. 410-421, Aug. 2018.

GABRIEL JUNIOR, René Faustino. Panorama dos 45 anos das revistas de Ciência da Informação no Brasil: um estudo na Brapci. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. p. 1-19. Disponível em:

<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/626/581>. Acesso em: 09 nov. 2017.

GEOCAPES. **Site institucional**. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em: 18 ago. 2019.

GLÄNZEL, Wolfgang. **Bibliometrics as a research field: a course on theory and application of bibliometric indicators**. [S.l.]: [s.n.], 2003.

GOMES, Cristina Marques. **Comunicação científica: alicerces, transformações e tendências**. Covilhã: Labcom Books, 2013.

GREENE, Mott. The demise of the lone author. **Nature**, Londres, v. 450, n. 7173, p. 1165, Dec. 2007. Disponível em: <http://www-nature.ez45.periodicos.capes.gov.br/articles/4501165a>. Acesso em: 27 mar. 2018.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Alma Educação, 2014.

HART, Richard L. Collaboration and article quality in the literature of academic Librarianship. **The Journal of Academic Librarianship**, [S.l.], v. 33, n. 2, p. 190-195, Mar. 2007.

HARTLEY, James. Refereeing and the single author. **Journal of Information Science**, [S.l.], v. 31, n. 3, p. 251-256, Jun. 2005.

HARTLEY, James; CABANAC, Guillaume. Are two authors better than one? Can writing in pairs affect the readability of academic blogs? **Scientometrics**, Budapeste, v. 109, n. 3, p. 2119-2122, Sep. 2016.

HARZING, A. W. **Publish or perish**. 2007. Disponível em: <http://www.harzing.com/pop.htm>. Acesso em 29 jul. 2016.

HILÁRIO, Carla Mara; GRÁCIO, Maria Cláudia Cabrini. Análise de citações considerando a contribuição dos autores e ordem da autoria nos artigos do Journal of Informetrics. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 4327-4342. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/viewFile/1479/1860>. Acesso em: 19 ago. 2019.

HOCHMAN, Gilberto. A Ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERA, Vera (Org.). **Filosofia, História e Sociologia das Ciências: abordagens contemporâneas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994. cap. 8.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse estatística da educação superior 2017**. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 14 ago. 2019.

KATZ, J. Sylvan; MARTIN, Ben R. What is research collaboration? **Research Policy**, Amsterdam, v. 26, n. 1, p. 1-18, Mar. 1997.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KING, Christopher. **Single-author papers: a waning share of output, but still providing the tools for progress**. 2013. Disponível em: <http://sciencewatch.com/articles/single-author-papers-waning-share-output-still-providing-tools-progress>. Acesso em: 05 abr. 2016.

KOTHARI, C. R. **Research methodology: methods and techniques**. 2. ed. rev. New Delhi: New Age International, 2004.

KOUSHA, Kayvan; THELWALL, Mike. Sources of Google Scholar citations outside the Science Citation Index: a comparison between four science disciplines. **Scientometrics**, [S.l.], v. 74, n. 2, p. 273-294, Nov. 2008. Disponível em: [https://link-springer-com.ez45.periodicos.capes.gov.br/content/pdf/10.1007/s11192-008-0217-x.pdf](https://link.springer-com.ez45.periodicos.capes.gov.br/content/pdf/10.1007/s11192-008-0217-x.pdf). Acesso em: 17 abr. 2018.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

KVALE, Steinar. **Interviews: an introduction to qualitative research interviewing**. Thousand Oaks: Sage, 1996.

LARIVIÈRE, Vincent. L'internationalisation de la recherche scientifique Québécoise: comparaisons nationales, disciplinaires et effets de sexe, 1980-2005. *In*: QUÉBEC. Institut de la Statistique du Québec. Gouvernement Du Québec (Org.). **Compendium d'indicateurs de l'activité scientifique et technologique au Québec: l'internationalisation de la science et de la technologie**. Montreal: Institut de la Statistique du Québec, 2007. p. 63-80.

LARIVIÈRE, Vincent. On the shoulders of students? The contribution of PhD students to the advancement of knowledge. **Scientometrics**, Budapeste, v. 90, n. 2, p. 463-481, Feb. 2012.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEITE, Fernando César Lima. **[Correspondência]**. Destinatário: Daniela Gralha de Caneda Queiroz. Brasília, DF, 25 set. 2018. 1 bilhete.

LIPETZ, Ben-Ami. Aspects of JASIS authorship through five decades. **Journal of the American Society for Information Science**, [S.l.], v. 50, n. 11, p. 994-1003, 1999.

LUUKKONEN, T.; PERSSON, O.; SIVERTSEN, G. Understanding patterns of international scientific collaboration. **Science, Technology & Human Values**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 101-126, Jan. 1992.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio 1998.

MALTRÁS BARBA, Bruno. **Los indicadores bibliométricos: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia**. Gijón: Trea, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASLOW, Abraham Harold. **Maslow no gerenciamento**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MATHERS, Nigel; FOX, Nick; HUNN, Amanda. **Surveys and questionnaires**. London: National Institute for Health Research, 2009.

MAYRING, Philipp. **Introdução à pesquisa social qualitativa: uma introdução para pensar qualitativamente**. 5. ed. Weinheim: Beltz, 2002.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MELO, Izabel Cecília Yumi Tsuboi; VILAN FILHO, Jayme Leiro. **Análise da produção de artigos científicos e trabalhos de ENANCIB (2010-2015): instituições mais produtivas**. Brasília: UNB, 2017. 4 p. Relatório Pibic 2016/2017.

MENZEL, Herbert. Scientific communication: five themes from Social Science research. **American Psychologist**, Washington, v. 21, n. 11, p. 999-1004, Nov. 1966.

MERTON, Robert K. O efeito Mateus na Ciência II: a vantagem cumulativa e o simbolismo da propriedade intelectual. *In*: MARCOVICH, Anne; SHINN, Terry (Org.). **Ensaio de Sociologia na Ciência**. São Paulo: Editora 34, 2013. cap. 8.

MERTON, Robert K. Priorities in scientific discovery: a chapter in the sociology of science. **American Sociological Review: Official Journal of the American Sociological Society**, [S. l.], v. 22, n. 6, p. 635-659, Dec. 1957.

MERTON, Robert K. **Social theory and social structure**. Ed. Ampliada. New York: The Free Press, 1968. Disponível em:
https://archive.org/details/robert_k_merton_social_theory_and_social_structure. Acesso em: 08 mar. 2018.

MEZA, Paulina; SABAJ, Omar; MATSUDA, Ken. La autoría única en SciELO Chile: prácticas autoriales en las áreas de la ciencia. **Biblios: Journal of Librarianship and Information Science**, [S.l.], n. 66, p. 11-19, Jul. 2017.

MOTOYAMA, Shozo. Ciência e tecnologia no Brasil: para onde? *In*: ____ (Org.). **Prelúdio para uma História: ciência e tecnologia no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 14-58.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A Ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeanette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte, UFMG, 2003. p. 21-34.

NASCIMENTO, Bruna Silva do. **A Ciência da Informação no Brasil**: um retrato da área através do estudo de autoria e da análise das redes de colaboração científica. 2011. Dissertação (Mestrado), Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. 153 f.

NASCIMENTO, Bruna Silva do; PAIVA, Simone Borges; MELO, Kelly Castelo Branco da Silva. O desafio da internacionalização dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil: uma análise cientométrica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 1-20. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1222/947>. Acesso em: 14 nov. 2019.

NOOR, M. M. (Org.). **What is your opinion on single author papers?** 2013. Fórum iniciado por M. M. Noor, com 32 respostas. Disponível em: https://www.researchgate.net/post/What_is_your_opinion_on_single_author_papers. Acesso em: 27 mar. 2018.

NOURI, Ahmad. **A study about research & research methods**. [S.l.]: Arab British Academy for Higher Education, [20--?].

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (Brasília). **ONU**: Ciência é decisiva para acabar com pobreza extrema e combater a mudança climática. 2016a. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-ciencia-e-decisiva-para-acabar-com-pobreza-extrema-e-combater-a-mudanca-climatica/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (Brasília). **UNESCO**: Ciência e tecnologia dão respostas para a construção do desenvolvimento sustentável. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unesco-ciencia-e-tecnologia-dao-respostas-para-a-construcao-do-desenvolvimento-sustentavel/>. Acesso em: 28 fev. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (Paris). **Países do G20 respondem por 92% dos gastos mundiais em pesquisa**. 2016b. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/the_g20_accounts_for_92_of_global_spending_on_research/. Acesso em: 28 fev. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (Paris). **Relatório de Ciência da UNESCO**: rumo a 2030 - visão geral e cenário brasileiro. Paris: UNESCO, 2015. 60 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002354/235407por.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

ORTEGA, Cristina Dotta. A documentação como uma das origens da Ciência da

Informação e base fértil para sua fundamentação. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 3, n. 1, p. 3-35, jan. 2009.

OTLET, Paul. Documentos e documentação. *In*: CONGRESSO MUNDIAL DA DOCUMENTAÇÃO UNIVERSAL, 1937, Paris. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/otlet/>. Acesso em: 05 mar. 2016.

PACKER, Abel L.; MENEGHINI, Rogério. Visibilidade da produção científica. *In*: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da (Org.). **Comunicação e produção científica**: contexto, indicadores, avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. cap. 9.

PARREIRAS, Fernando Silva et al. RedeCI: colaboração e produção científica em ciência da informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 302-317, set./dez. 2006.

PAYNE, Geoff; PAYNE, Judy. **Key concepts in social research**. [S. l.]: Sage Publications, 2004.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Confluências interdisciplinares entre Ciência da Informação e Museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v.1, n.1, p. 7-31, jan. 2012.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. *In*: AQUINO, Miriam de Albuquerque (Org.). **O campo da Ciência da Informação**: gênese, conexões e especificidades. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2002. p. 61-86.

PINTO, Carlos Sousa; COSTA, Joaquim Luís. Padrões de comunicação em diferentes comunidades científicas. *In*: COSTA, Sely Maria de Souza; LEITE, Fernando César Lima; TAVARES, Rosemeire Barbosa (Orgs.). **Comunicação da informação, gestão da informação e gestão do conhecimento**. Brasília: IBICT, 2018. p. 145-159.

PRICE, Derek J. de Solla. **Little Science, big Science**. New York: Columbia University, 1963.

QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; VILAN FILHO, Jayme Leiro. Autoria única nas áreas da informação no Brasil (2002-2013). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2016. p. 1-8.

QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; VILAN FILHO, Jayme Leiro. Autoria única nas áreas de informação no Brasil: características da produção de artigos científicos (2010-2015). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. p. 1-21. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/450/811>. Acesso em: 19 mar. 2018.

QUEIROZ, Daniela Gralha de Caneda; VILAN FILHO, Jayme Leiro. Autoria única nos periódicos brasileiros das áreas de informação: em busca das razões. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2018. p. 1-18.

RABÓCZKAY, Tibor. Significado real do número de citações de um artigo científico. **Jornal da USP**. São Paulo, p. 1-1. 26 jul. 2019. Disponível em: jornal.usp.br/?p=260820. Acesso em: 09 out. 2019.

REIF, F. The competitive world of the pure scientist: the quest for prestige can cause conflict between the goals of science and the goals of the scientist. **Science**, Washington, v. 134, n. 3494, p. 1957-1962, Dec. 1961.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 155-172, jan. 2009.

SANZ-CASADO, Elias. **O papel dos rankings para os novos desafios das universidades**. Porto Alegre: UFRGS, 19 nov. 2014. Palestra ministrada aos professores e alunos da FABICO.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan. 1996.

SARACEVIC, Tefko. Interdisciplinary nature of Information Science. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-9, jan. 1995.

SEKARAN, Uma. **Research methods for business: a skill building approach**. 4th. ed. [S.l.]: John Wiley & Sons, 2003.

SINDAGI, Shridevi Prakash; ANANDHALLI, Gavisiddappa Bhalappa. Authorship trend and collaborative research in lung cancer: a time series analysis study. **Library Philosophy and Practice**, Lincoln, n. 1, p. 1-21, Feb. 2018.

SINGLE-AUTHOR papers: a good or bad sign? 2017. Chronicle Forums, do jornal The Chronicle of Higher Education, de Washington. Disponível em: <https://www.chronicle.com/forums/index.php?topic=204676.msg3507179#msg3507179>. Acesso em: 29 mar. 2018.

SONDERGAARD, Trine Fjordback; ANDERSEN, Jack; HJØRLAND, Birger. Documents and the Communication of Scientific and Scholarly Information: revising and updating the UNISIST model. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 59, n. 3, p. 278-320, 2003.

STUMPF, Ida Regina Chittó. Revistas universitárias brasileiras: barreiras na sua produção. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 45-57, jan. 1997.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. A biblioteconomia e a “construção do social”. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v. 41, n. 2, p.167-

178, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rib/v41n2/0120-0976-rib-41-02-00167.pdf>. Acesso em: 31 oct. 2018.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Proximidades conceituais entre Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 27-36, 2012.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 1-27, 2000.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaços de produção de conhecimento. *In*: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus (Org.). **Museu e Museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p. 61-82.

TÓFOLI, Luís Fernando; SOUSA, Maria Lidiary Tributino de; OLIVEIRA, Pedro Santos de. **Analisando uma pesquisa qualitativa**. [S.l.], 2012. 11 slides, color. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/tofoli/analizando-dados-de-uma-pesquisa-qualitativa-2012>. Acesso em: 14 jan. 2018.

VANZ, Samile Andréa de Souza. **Cientometria e bibliometria: contexto, características e aplicação**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 98 slides, color. 1 arquivo.

VANZ, Samile Andréa de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudos de citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 247-259, jul. 2003.

VANZ, Samile Andréa de Souza; STUMPF, Ida Regina Chittó. Colaboração científica: revisão teórico-conceitual. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 42-55, maio 2010.

VILAN FILHO, Jayme Leiro. A colaboração científica nas áreas de informação no Brasil (1972 - 2013). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 258-269, jan. 2016.

VILAN FILHO, Jayme Leiro. Produção e colaboração científica nas áreas de informação: comparando artigos de periódicos brasileiros com trabalhos de ENANCIB (1994-2013). *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 3395 - 3408.

WEINSTOCK, M. **Citation indexes**. *IN*: **ENCYCLOPAEDIA of library and information science**. New York: M. Dekker, 1971. v. 5, p. 16-40.

ZIMAN, John. **An introduction to Science studies: the philosophical and social aspects of science and technology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

APÊNDICE A - Questionário para entrevistas

Prezado XXX,

O Grupo de Pesquisa Comunicação Científica (DGP/CNPq) da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UNB), no âmbito de estudos sobre a evolução e as dinâmicas da comunidade científica brasileira das áreas de informação - Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação e Museologia - está realizando um estudo sobre autoria única.

O seu artigo intitulado "XXX", publicado no periódico XXX, em XXX, foi selecionado na amostra da pesquisa que prevê uma fase qualitativa com apenas 4 perguntas que se encontram ao final deste *e-mail*. Elas podem ser respondidas por este *e-mail* mesmo.

Aproveito para informar que não haverá divulgação de nomes, somente utilização das respostas em caráter sigiloso.

Desde já agradecemos e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos,

Daniela Gralha de Caneda Queiroz
Doutoranda (matr. UNB 160067553)
Contato: 00 + 55 + 51 + 98156-8008
daniela.caneda@gmail.com

Prof. Dr. Jayme Leiro Vilan Filho (FCI/UNB)
Líder do Grupo Comunicação Científica
Contato: 00 + 55 + 61 + 3107-2640
jleiro@unb.br

=====

PERGUNTAS:

- 1) Quais são as razões que o levaram a escrever este artigo em autoria única?
- 2) No caso deste artigo, houve alguma colaboração durante a pesquisa*? Se sim, por que não resultou em coautoria?

(*colaboração aqui entendida como trabalho conjunto em um projeto de pesquisa juntamente com outro(s) pesquisador(es), compartilhando recursos financeiros, físicos e/ou intelectuais)

3) Na sua área de pesquisa, o que é mais valorizado**: artigos em autoria única ou artigos em coautoria? Por quê?

(**pelas agências financiadoras de pesquisa, sistemas de avaliação, instituições de ensino e pesquisa e/ou colegas)

4) Gostaria de comentar algo mais sobre autoria única?

Ao final, por favor, envie a mensagem para o endereço daniela.caneda@gmail.com

Muito obrigada!

Daniela Gralha de Caneda Queiroz

Contato: 00 + 55 + 51 + 98156-8008

daniela.caneda@gmail.com

(continua)

Respostas dadas	1ª categorização	2ª categorização	3ª categorização	Categorização final
<p>Acredita que é possível pesquisar sozinho e com qualidade</p> <p>Exercício pessoal, para aprender o método de pesquisa</p> <p>Interpretação geral do tema pesquisado e orientado</p> <p>Leituras exploratórias e reflexões individuais, decorrentes da reformulação de disciplinas (revisão bibliográfica) e da revisão de perspectivas e possibilidades de pesquisa</p> <p>Mostrar que o orientador também trabalha</p> <p>Mostrar que tem capacidade de pesquisa</p> <p>Pesquisa experimental</p> <p>Ponto de vista individual, exposição própria do argumento</p> <p>Reflexão</p> <p>Reflexão individual</p> <p>Reflexão sobre o assunto</p> <p>Resultado de pesquisa/estudo para dar aula em disciplinas</p>	<p>Acredita que é possível pesquisar sozinho e com qualidade</p> <p>Exercício pessoal, para aprender o método de pesquisa</p> <p>Interpretação geral do tema pesquisado e orientado</p> <p>Leituras exploratórias e reflexões individuais</p> <p>Mostrar que o orientador também trabalha</p> <p>Mostrar que tem capacidade de pesquisa</p> <p>Pesquisa experimental</p> <p>Ponto de vista individual</p> <p>Reflexão</p> <p>Resultado de pesquisa/estudo para dar aula em disciplinas</p>	<p>Exercício pessoal, para aprender o método de pesquisa</p> <p>Interpretação geral do tema pesquisado e orientado</p> <p>Mostrar que o orientador também trabalha</p> <p>Mostrar que tem capacidade de pesquisa</p> <p>Pesquisa experimental</p> <p>Reflexão</p> <p>Resultado de pesquisa/estudo para dar aula em disciplinas</p>	<p>Exercício pessoal, para aprender o método de pesquisa</p> <p>Reflexão</p>	<p>Resultado de pesquisa individual e reflexão</p>
<p>Ansiosa para publicar de forma independente numa revista com Qualis alto na CI</p> <p>Oportunidade de escrever um trabalho sozinha</p> <p>Oportunidade de estar sozinho, com tempo e recursos documentais (experiência gratificante)</p>	<p>Ansiosa para publicar de forma independente numa revista com qualis alto na CI</p> <p>Oportunidade de escrever um trabalho sozinha</p>	<p>Publicar de forma independente</p> <p>Oportunidade de escrever sozinha</p>	<p>Oportunidade de trabalhar sozinho</p>	

(continua)

Respostas dadas	1ª categorização	2ª categorização	3ª categorização	Categorização final
<p>Algumas partes são da dissertação</p> <p>Continuação da dissertação</p> <p>Continuação da tese</p> <p>Continuação da tese</p> <p>Desenvolvido a partir do TCC</p> <p>Fruto de TCC em pós-graduação</p> <p>Parte da tese</p> <p>Parte da tese</p> <p>Parte de dissertação</p> <p>Parte de monografia (especialização), com pouco suporte da orientadora</p> <p>Parte de pesquisa de pós-doutorado</p> <p>Parte de TCC</p> <p>Parte de tese</p> <p>Resultado de pesquisa destinada a conclusão de especialização à distância</p> <p>Resultado de PROIC (programa de iniciação científica)</p>	<p>Algumas partes são da dissertação</p> <p>Continuação da dissertação</p> <p>Continuação da tese</p> <p>Desenvolvido a partir do TCC</p> <p>Fruto de TCC em pós-graduação</p> <p>Parte de dissertação</p> <p>Parte de monografia (especialização)</p> <p>Parte de pesquisa de pós-doutorado</p> <p>Parte de TCC</p> <p>Parte de tese</p> <p>Resultado de pesquisa destinada a conclusão de especialização à distância</p> <p>Resultado de PROIC</p>	<p>Continuação da dissertação</p> <p>Continuação da tese</p> <p>Continuação do TCC</p> <p>Parte da dissertação</p> <p>Parte de monografia</p> <p>Parte de pesquisa de pós-doutorado</p> <p>Parte de tese</p> <p>Parte do TCC</p> <p>Resultado de pesquisa destinada a conclusão de especialização à distância</p> <p>Resultado de PROIC</p>	<p>Parte de tese, dissertação, TCC, projeto de pesquisa, pesquisa de pós-doc, monografia de especialização, iniciação científica</p>	<p>Resultado de trabalho acadêmico</p>

(continua)

Respostas dadas	1ª categorização	2ª categorização	3ª categorização	Categorização final
<p>Anteprojeto para entrar no doutorado</p> <p>Exigência do professor da disciplina na graduação</p> <p>Resultado de uma disciplina no mestrado</p> <p>Seminário para disciplina do doutorado</p> <p>Trabalho final de disciplina da graduação</p> <p>Trabalho final de disciplina da graduação</p> <p>Trabalho final de disciplina no doutorado</p> <p>Trabalho para disciplina do doutorado</p>	<p>Anteprojeto para entrar no doutorado</p> <p>Exigência do professor da disciplina na graduação</p> <p>Resultado de uma disciplina no mestrado</p> <p>Seminário para disciplina do doutorado</p> <p>Trabalho final de disciplina da graduação</p> <p>Trabalho final de disciplina no doutorado</p> <p>Trabalho para disciplina do doutorado</p>	<p>Anteprojeto para entrar no doutorado</p> <p>Trabalho de disciplina da graduação</p> <p>Trabalho de disciplina no doutorado</p> <p>Trabalho de disciplina no mestrado</p>	<p>Trabalhos individuais exigidos durante a vida acadêmica</p>	<p>Resultado de trabalho acadêmico</p>
<p>Assunto alternativo, não merecedor do interesse das pessoas</p> <p>Desinteresse dos colegas em publicar uma revisão de literatura sobre um assunto pouco discutido</p> <p>Nenhum orientando estava pesquisando o assunto</p> <p>Ninguém estava disposto a discutir o tema, ou seja, não houve colaboração, por isso a AU</p> <p>Ninguém estava interessado em escrever sobre o assunto</p> <p>Ninguém estuda o tema</p> <p>Ninguém tinha conhecimento do assunto</p> <p>Tipo de tema (trabalho histórico)</p>	<p>Assunto alternativo, não merecedor do interesse das pessoas</p> <p>Desinteresse dos colegas em publicar uma revisão de literatura sobre um assunto pouco discutido</p> <p>Nenhum orientando estava pesquisando o assunto</p> <p>Ninguém estava interessado em escrever sobre o assunto</p> <p>Ninguém estuda o tema</p>	<p>Ninguém estava interessado em escrever sobre o assunto</p> <p>Ninguém estuda o tema</p>	<p>Falta de interesse pelo tema por parte dos outros pesquisadores</p>	<p>Desinteresse dos pesquisadores</p>
<p>Não pensou que outras pessoas tivessem interesse em escrever sobre o assunto</p> <p>Não teve oportunidade de convidar alguém para escrever</p>	<p>Não pensou que outras pessoas tivessem interesse</p> <p>Não teve oportunidade de convidar</p>	<p>Não pensou que alguém tivesse interesse em escrever em coautoria</p> <p>Não teve oportunidade de convidar</p>	<p>Não teve oportunidade de convidar e não pensou que alguém tivesse interesse em escrever em coautoria</p>	

(continua)

Respostas dadas	1ª categorização	2ª categorização	3ª categorização	Categorização final
<p>Ausência de interesse de outro pesquisador Falta de respostas aos convites enviados para colaborar O grupo decidiu que "eu" escrevesse o artigo sozinha O orientador não quis participar (TCC) Os bolsistas de iniciação científica não se interessaram em participar do artigo Os colegas não aceitaram o convite Os colegas não se interessaram em escrever</p>	<p>Ausência de interesse de outro pesquisador Falta de respostas aos convites enviados para colaborar O grupo decidiu que "eu" escrevesse o artigo sozinha Os colegas não aceitaram o convite</p>	<p>Ausência de interesse de outro pesquisador O grupo decidiu que "eu" escrevesse o artigo sozinha</p>	<p>Falta de interesse dos outros pesquisadores</p>	Desinteresse dos pesquisadores
<p>Ausência de pesquisador que pudesse colaborar Estava trabalhando em um centro não acadêmico onde não tinha colegas sobre minha especialidade Não havia especialistas no assunto para troca de experiências e informações Os colegas não estavam habituados com a escrita científica Os colegas não percebiam a coautoria como caminho para maior produção Tema era pouco discutido na literatura (havia poucos pesquisadores para contribuir)</p>	<p>Ausência de pesquisador que pudesse colaborar Os colegas não estavam habituados com a escrita científica Os colegas não percebiam a coautoria como caminho para maior produção Tema era pouco discutido na literatura (havia poucos pesquisadores para contribuir)</p>	<p>Os colegas não estavam habituados com a escrita científica Tema era pouco discutido na literatura (havia poucos pesquisadores para contribuir)</p>	<p>Falta de visão científica dos colegas, inexistência de alguém capaz de colaborar</p>	
<p>Ex-orientadora não achou que tenha feito grande contribuição ao artigo a ponto de entrar como coautora (mas o artigo não era ligado ao tema da dissertação)</p>	<p>Ex-orientadora não achou que tenha feito grande contribuição ao artigo a ponto de entrar como coautora</p>	<p>O outro pesquisador não achava que merecia entrar como coautor do artigo</p>	<p>O outro pesquisador achou que não merecia entrar como coautor</p>	

(continua)

Respostas dadas	1ª categorização	2ª categorização	3ª categorização	Categorização final
"Eu já o tinha praticamente "pronto" no pensamento" Custo baixo Fui estruturando os conteúdos que foram se tornando textos e constituindo-se em artigo Não achou necessário ter alguém escrevendo junto O objeto de estudo do artigo não requeria mais pessoas O tema já estava desenvolvido e já vislumbrava um artigo	"Eu já o tinha praticamente "pronto" no pensamento" Custo baixo Não achou necessário ter alguém escrevendo junto O tema já estava desenvolvido e já vislumbrava um artigo	Custo baixo Não achou necessário ter alguém escrevendo junto	Sem necessidade de outros pesquisadores	Desinteresse dos pesquisadores
Bolsa de pesquisa docente individual Desejo de publicar Interesse de trabalho (curadoria) Necessidade de publicar, para entrar no doutorado Necessidade de publicar, sob risco de desligamento do PPG e/ou demissão da instituição Participou de um grupo de trabalho específico (criado pela união em atendimento judicial) Resultado esperado pela bolsa de pós-doc Solicitado pela coordenação do Latindex	Bolsa de pesquisa Desejo de publicar Interesse de trabalho (curadoria) Necessidade de publicar	Desejo de publicar Necessidade de publicar	Desejo e/ou necessidade de publicar	Enfoque pessoal
Facilidade de conciliação com outras atividades docentes Facilidade em desenvolver a análise de forma individualizada Facilidade em escrever sozinho Mais eficiente e melhor conduzido Planeja a pesquisa melhor quando sozinho	Facilidade de conciliação com outras atividades docentes Facilidade em desenvolver a análise de forma individualizada Planeja a pesquisa melhor quando sozinho	Facilidade de conciliação com outras atividades docentes Planeja a pesquisa melhor quando sozinho	Trabalha melhor sozinho	
Falta de maturidade acadêmica	Imaturidade acadêmica	Inexperiência acadêmica	Inexperiência	

(continua)

Respostas dadas	1ª categorização	2ª categorização	3ª categorização	Categorização final
Eu nunca tinha sido coautor de um artigo e isso não teria passado pela minha cabeça Não possui contato/amizade/vínculo acadêmico com outros pesquisadores	Eu nunca tinha sido coautor Não possui contato/amizade/vínculo acadêmico	Nunca foi coautor Não possui contatos acadêmicos	Autor solitário	Enfoque pessoal
Chamar atenção para o assunto Nem imaginaria que seria ou não o autor, estava mais interessado na comunicação que abriria perspectivas para o Museu em construção. Eu estava buscando por meio daquela publicação comunicar a sociedade	Chamar atenção para o assunto Interessado na comunicação que abriria perspectivas para o Museu em construção	Chamar atenção para o assunto	Chamar a atenção	
Atualização de documento apresentado em conferência Convite para palestra Decorrente de <i>paper</i> Demanda de um simpósio Nasceu a partir de uma aula dada num PPG como convidada Pesquisa para uma exposição na qual seria curadora Resultado de conferência ministrada Resultado de discurso em uma conferência Resultado de exposição em evento Resultado de trabalho para evento	Convite para palestra Decorrente de <i>paper</i> Demanda de um simpósio Nasceu a partir de uma aula dada num PPG como convidada Pesquisa para uma exposição na qual seria curadora Resultado de conferência ministrada Resultado de trabalho para evento	Convite para palestra, simpósio, evento, conferência Decorrente de <i>paper</i> Nasceu a partir de uma aula dada num PPG como convidada Pesquisa para uma exposição na qual seria curadora	Convite para palestra, simpósio, evento, conferência, aula Pesquisa para uma exposição na qual seria curadora	Resultado de palestra
Dificuldade de conciliar tempo e dedicação quando se trata de mais de um autor Falta de tempo para interagir com outro colega Foi elaborado com calma Impossibilidade de conciliar o tempo com outro colega Mais velocidade para publicação Prazo Se organiza melhor sozinho na questão tempo	Dificuldade de conciliar tempo e dedicação quando se trata de mais de um autor Foi elaborado com calma Mais velocidade para publicação Prazo Se organiza melhor sozinho na questão tempo	Foi elaborado com calma Mais velocidade para publicação Se organiza melhor sozinho	Tempo	Tempo e contratempo

(conclusão)

Respostas dadas	1ª categorização	2ª categorização	3ª categorização	Categorização final
Ausência de confluência e concordância de ideias de temas (característica da área) Dificuldade de conciliar pontos de vista	Ausência de confluência e concordância de ideias de temas Dificuldade de conciliar pontos de vista	Dificuldade de conciliar pontos de vista	Dificuldade de conciliar pontos de vista	Tempo e contratempo
Relação com a orientadora desgastada, por divergências teóricas e metodológicas, apontadas por ela apenas no final do processo	Relação com a orientadora desgastada, por divergências teóricas e metodológicas	Relação com a orientadora desgastada	Problemas com a orientadora	
A editora da revista solicitou um artigo individual Convite da revista Convite de periódico Convite do periódico Convite para número especial de revista Convite para número especial de revista Revista solicitou artigo a partir da participação em evento Solicitação do periódico	A editora da revista solicitou um artigo individual Convite da revista Convite de periódico Convite do periódico Convite para número especial de revista Revista solicitou artigo a partir da participação em evento Solicitação do periódico	A editora da revista solicitou um artigo individual Convite de periódico Convite para número especial de revista Revista solicitou artigo a partir da participação em evento	Convite de periódico	Convite do periódico

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE C – Áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680)

(continua)

Área	Frequência	% (n=1680)	% Acumulada
Ciência da Informação	445	26,49	26,49
História	256	15,24	41,73
Ciências da Comunicação	122	7,26	48,99
Biblioteconomia	97	5,77	54,76
Educação	77	4,58	59,35
Ciências Sociais	54	3,21	62,56
Artes	44	2,62	65,18
Museologia	41	2,44	67,62
Antropologia	40	2,38	70,00
Engenharia	36	2,14	72,14
Administração	33	1,96	74,11
Ciências da Comunicação e Informação	33	1,96	76,07
Arquitetura	32	1,90	77,98
Arquivologia	27	1,61	79,58
Documentação	26	1,55	81,13
Filosofia	23	1,37	82,50
Biblioteconomia e Ciência da Informação	20	1,19	83,69
Ciências	19	1,13	84,82
Linguística	19	1,13	85,95
Literatura	19	1,13	87,08
Memória Social	16	0,95	88,04
Letras	13	0,77	88,81
Ciência Política	12	0,71	89,52
Economia	12	0,71	90,24
Ciências Humanas	9	0,54	90,77
Ciências Jurídicas	9	0,54	91,31
Cinema	9	0,54	91,85
Geografia	7	0,42	92,26
Ciência da Computação	6	0,36	92,62
Psicologia	6	0,36	92,98
Biblioteconomia e Documentação	5	0,30	93,27
Arqueologia	4	0,24	93,51
Ciência, Tecnologia e Sociedade	4	0,24	93,75
Educação Física	4	0,24	93,99
Serviço Social	4	0,24	94,23
Ciência da Informação e Documentação	3	0,18	94,40
Documentação e Informação	3	0,18	94,58
Documentação, Arquivos e Bibliotecas	3	0,18	94,76

(continua)

Área	Frequência	% (n=1680)	% Acumulada
Física	3	0,18	94,94
Informática	3	0,18	95,12
Jornalismo	3	0,18	95,30
Meio Ambiente	3	0,18	95,48
Multimeios	3	0,18	95,65
Música	3	0,18	95,83
Planejamento do Desenvolvimento	3	0,18	96,01
Relações Internacionais	3	0,18	96,19
Saúde Pública	3	0,18	96,37
Bens Culturais e Projetos Sociais	2	0,12	96,49
Docência Superior	2	0,12	96,61
Fotografia	2	0,12	96,73
Geologia	2	0,12	96,85
Linguística e Letras	2	0,12	96,96
Planejamento Urbano e Regional	2	0,12	97,08
Políticas Públicas	2	0,12	97,20
Rio Grande do Sul: Sociedade Política e Cultura	2	0,12	97,32
Tecnologia	2	0,12	97,44
Assessoria Parlamentar e Relações Legislativo/Executivo	1	0,06	97,50
Astrofísica	1	0,06	97,56
Botânica	1	0,06	97,62
Ciências Biológicas	1	0,06	97,68
Ciências Contábeis	1	0,06	97,74
Ciências da Religião	1	0,06	97,80
Ciências da Saúde	1	0,06	97,86
Ciências Matemáticas	1	0,06	97,92
Conservação dos Bens Culturais	1	0,06	97,98
Conservação e Restauração	1	0,06	98,04
Controladoria e Contabilidade	1	0,06	98,10
Cultura e Turismo	1	0,06	98,15
Desenvolvimento Local	1	0,06	98,21
Desenvolvimento Sustentável	1	0,06	98,27
Difusão do Conhecimento	1	0,06	98,33
Educação Profissional em Saúde	1	0,06	98,39
Educação, Cultura e Organizações Sociais	1	0,06	98,45
Estatística	1	0,06	98,51
Estudos Latinoamericanos	1	0,06	98,57
Estudos Liberais	1	0,06	98,63
Farmácia	1	0,06	98,69
Filologia	1	0,06	98,75
Filosofia/Biblioteconomia	1	0,06	98,81
Governo	1	0,06	98,87
História e Filosofia	1	0,06	98,93

(conclusão)

Área	Frequência	% (n=1680)	% Acumulada
Informação Científica e Técnica	1	0,06	98,99
Informações Espaciais	1	0,06	99,05
Informática e Educação	1	0,06	99,11
Instituições de Ensino Superior	1	0,06	99,17
Integração da América Latina	1	0,06	99,23
Liderança	1	0,06	99,29
Literatura, História e Arqueologia Clássica	1	0,06	99,35
Metodologia do Ensino Superior	1	0,06	99,40
Nutrição	1	0,06	99,46
Petrologia	1	0,06	99,52
Política Científica e Tecnológica	1	0,06	99,58
Políticas de Informação e Organização do Conhecimento	1	0,06	99,64
Processos e Manifestações Culturais	1	0,06	99,70
Química	1	0,06	99,76
Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação	1	0,06	99,82
Tecnologias e Sistemas de Informação	1	0,06	99,88
Televisão Digital: Informação e Conhecimento	1	0,06	99,94
Turismo	1	0,06	100,00
Total	1680	100,00	-

Fonte: Dados da pesquisa.

**APÊNDICE D - Áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos
brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 e suas titulações (n=1680)**

(continua)

Área	Doutorado	%	Doutorando	%	Mestrado	%	Mestrando	%	Especialização	%	Especializando	%	Graduação	%	Graduando	%	Total	%
Ciência da Informação	241	14,35	86	5,12	53	3,15	60	3,57	4	0,24	0	0	1	0,06	0	0	445	26,49
História	193	11,49	25	1,49	13	0,77	10	0,6	0	0	0	0	9	0,54	6	0,36	256	15,24
Ciências da Comunicação	96	5,71	11	0,65	8	0,48	3	0,18	1	0,06	1	0,06	2	0,12	0	0	122	7,26
Biblioteconomia	3	0,18	1	0,06	8	0,48	1	0,06	8	0,48	1	0,06	67	3,99	8	0,48	97	5,77
Educação	50	2,98	10	0,6	10	0,6	1	0,06	6	0,36	0	0	0	0	0	0	77	4,58
Ciências Sociais	42	2,5	6	0,36	2	0,12	3	0,18	0	0	0	0	1	0,06	0	0	54	3,21
Artes	25	1,49	6	0,36	7	0,42	1	0,06	1	0,06	0	0	4	0,24	0	0	44	2,62
Museologia	18	1,07	5	0,3	6	0,36	2	0,12	1	0,06	0	0	6	0,36	3	0,18	41	2,44
Antropologia	34	2,02	5	0,3	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	40	2,38
Engenharia	20	1,19	5	0,3	7	0,42	0	0	0	0	0	0	4	0,24	0	0	36	2,14
Ciências da Comunicação e Informação	20	1,19	7	0,42	4	0,24	2	0,12	0	0	0	0	0	0	0	0	33	1,96
Administração	17	1,01	1	0,06	5	0,3	0	0	9	0,54	0	0	1	0,06	0	0	33	1,96
Arquitetura	24	1,43	4	0,24	1	0,06	0	0	0	0	0	0	3	0,18	0	0	32	1,9
Arquivologia	6	0,36	0	0	5	0,3	2	0,12	4	0,24	0	0	9	0,54	1	0,06	27	1,61
Documentação	21	1,25	4	0,24	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	26	1,55
Filosofia	18	1,07	2	0,12	1	0,06	0	0	2	0,12	0	0	0	0	0	0	23	1,37
Biblioteconomia e Ciência da Informação	11	0,65	5	0,3	1	0,06	1	0,06	0	0	0	0	2	0,12	0	0	20	1,19
Ciências	17	1,01	1	0,06	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	19	1,13
Literatura	17	1,01	1	0,06	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	19	1,13

(continua)

Área	Doutorado		Doutorando		Mestrado		Mestrando		Especialização		Especializando		Graduação		Graduando		Total	%	
		%		%		%		%		%		%		%		%			
Linguística	14	0,83	4	0,24	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	19	1,13
Memória Social	3	0,18	4	0,24	5	0,3	4	0,24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	16	0,95
Letras	6	0,36	6	0,36	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13	0,77
Ciência Política	9	0,54	0	0	2	0,12	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	12	0,71
Economia	8	0,48	2	0,12	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	12	0,71
Ciências Humanas	5	0,3	2	0,12	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	9	0,54
Ciências Jurídicas	5	0,3	0	0	2	0,12	1	0,06	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	9	0,54
Cinema	4	0,24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	0,3	0	0	9	0,54
Geografia	6	0,36	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	7	0,42
Ciência da Computação	6	0,36	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6	0,36
Psicologia	4	0,24	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	6	0,36
Biblioteconomia e Documentação	4	0,24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	5	0,3
Arqueologia	4	0,24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0,24
Serviço Social	4	0,24	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0,24
Educação Física	3	0,18	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0,24
Ciência, Tecnologia e Sociedade	0	0	0	0	3	0,18	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0,24
Física	3	0,18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Multimeios	3	0,18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Documentação, Arquivos e Bibliotecas	2	0,12	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Meio Ambiente	2	0,12	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Relações Internacionais	2	0,12	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Saúde Pública	2	0,12	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Documentação e Informação	2	0,12	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18

(continua)

Área	Doutorado	%	Doutorando	%	Mestrado	%	Mestrando	%	Especialização	%	Especializando	%	Graduação	%	Graduando	%	Total	%
Música	1	0,06	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	1	0,06	0	0	3	0,18
Ciência da Informação e Documentação	0	0	3	0,18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Informática	0	0	0	0	3	0,18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Planejamento do Desenvolvimento	0	0	0	0	3	0,18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18
Jornalismo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0,18	0	0	3	0,18
Linguística e Letras	2	0,12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Políticas Públicas	2	0,12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Tecnologia	2	0,12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Planejamento Urbano e Regional	1	0,06	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Fotografia	1	0,06	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Geologia	0	0	1	0,06	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Bens Culturais e Projetos Sociais	0	0	0	0	2	0,12	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Docência Superior	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,12	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Rio Grande do Sul: Sociedade Política e Cultura	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,12	0	0	0	0	0	0	2	0,12
Astrofísica	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Ciências Biológicas	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Ciências da Saúde	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Conservação dos Bens Culturais	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Controladoria e Contabilidade	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Desenvolvimento Sustentável	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Estudos Latinoamericanos	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Estudos Liberais	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06

(continua)

Área	Doutorado	%	Doutorando	%	Mestrado	%	Mestrando	%	Especialização	%	Especializando	%	Graduação	%	Graduando	%	Total	%
Farmácia	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Filologia	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Governo	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
História e Filosofia	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Informação Científica e Técnica	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Informações Espaciais	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Integração da América Latina	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Nutrição	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Petrologia	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Política Científica e Tecnológica	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Química	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Tecnologias e Sistemas de Informação	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Conservação e Restauração	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Difusão do Conhecimento	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Botânica	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Ciências da Religião	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Desenvolvimento Local	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Educação, Cultura e Organizações Sociais	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Estatística	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Liderança	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Literatura, História e Arqueologia Clássica	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06

(conclusão)

Área	Doutorado	%	Doutorando	%	Mestrado	%	Mestrando	%	Especialização	%	Especializando	%	Graduação	%	Graduando	%	Total	%
Ciências Contábeis	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Cultura e Turismo	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Educação Profissional em Saúde	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Processos e Manifestações Culturais	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Televisão Digital: Informação e Conhecimento	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Turismo	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Assessoria Parlamentar e Relações Legislativo/Executivo	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Informática e Educação	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Instituições de Ensino Superior	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Metodologia do Ensino Superior	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	0	0	1	0,06
Políticas de Informação e Organização do Conhecimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	0	0	1	0,06
Ciências Matemáticas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	1	0,06
Filosofia/Biblioteconomia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,06	0	0	1	0,06
Total	1003	59,75	214	12,78	167	9,98	102	6,09	48	2,88	3	0,18	125	7,47	18	1,08	1680	100,00

Fonte: Dados da pesquisa.

**APÊNDICE E – Instituições dos elementos de autoria dos artigos em autoria
única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na
ABCDM entre 2009 e 2017 (n=1680)**

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
1	Universidade de São Paulo (USP)	115	6,85	6,85
2	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	104	6,19	13,04
3	Universidade de Brasília (UNB)	90	5,36	18,39
4	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	74	4,40	22,80
5	Universidade Federal Fluminense (UFF)	60	3,57	26,37
6	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	59	3,51	29,88
7	Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP)	50	2,98	32,86
8	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	43	2,56	35,42
9	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	41	2,44	37,86
10	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	37	2,20	40,06
11	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	34	2,02	42,08
12	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	31	1,85	43,93
13	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	31	1,85	45,77
14	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	25	1,49	47,26
15	Universidade Federal do Ceará (UFC)	25	1,49	48,75
16	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	24	1,43	50,18
17	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	21	1,25	51,43
18	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	19	1,13	52,56
19	Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz)	17	1,01	53,57
20	Universidade Federal de Goiás (UFG)	17	1,01	54,58
21	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	16	0,95	55,54
22	Universidade Federal do Pará (UFPA)	16	0,95	56,49
23	Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)	14	0,83	57,32
24	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	13	0,77	58,10
25	Universidad Complutense de Madrid (UCM)	11	0,65	58,75
26	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	11	0,65	59,40
27	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	11	0,65	60,06
28	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	11	0,65	60,71
29	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)	10	0,60	61,31
30	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	10	0,60	61,90
31	Universidade do Porto (UP)	9	0,54	62,44
32	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	9	0,54	62,98
33	Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	9	0,54	63,51
34	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	9	0,54	64,05
35	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	9	0,54	64,58
36	Arquivo Nacional (AN)	8	0,48	65,06
37	Fundação Getúlio Vargas (FGV)	8	0,48	65,54
38	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	8	0,48	66,01

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
39	Universidade de Lisboa (ULisboa)	8	0,48	66,49
40	Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	8	0,48	66,96
41	University of California (UC)	8	0,48	67,44
42	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)	7	0,42	67,86
43	Universidad de Extremadura (UEX)	7	0,42	68,27
44	Universidade de Évora (UEVORA)	7	0,42	68,69
45	Universidade Nova de Lisboa (UNL)	7	0,42	69,11
46	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)	6	0,36	69,46
47	Universidad Carlos III de Madrid (UC3M)	6	0,36	69,82
48	Universidad de la República (Udelar)	6	0,36	70,18
49	Universidade do Minho (UMinho)	6	0,36	70,54
50	Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)	6	0,36	70,89
51	Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (Univ-Paris1)	6	0,36	71,25
52	Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)	5	0,30	71,55
53	Museu Histórico Nacional	5	0,30	71,85
54	Universidad de Salamanca (USAL)	5	0,30	72,14
55	Universidad de Zaragoza (UNIZAR)	5	0,30	72,44
56	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	5	0,30	72,74
57	Université de Montréal (UdeM)	5	0,30	73,04
58	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)	4	0,24	73,27
59	Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)	4	0,24	73,51
60	Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTI)	4	0,24	73,75
61	Musée National des Techniques	4	0,24	73,99
62	Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)	4	0,24	74,23
63	Universidad de La Habana (UH)	4	0,24	74,46
64	Universidade Estácio de Sá (Estácio)	4	0,24	74,70
65	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	4	0,24	74,94
66	Universidade Federal do Piauí (UFPI)	4	0,24	75,18
67	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	4	0,24	75,42
68	Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)	4	0,24	75,65
69	Aligarh Muslim University (AMU)	3	0,18	75,83
70	Casa da Moeda de Lisboa	3	0,18	76,01
71	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)	3	0,18	76,19
72	Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ)	3	0,18	76,37
73	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)	3	0,18	76,55
74	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IF-PB)	3	0,18	76,73
75	ISSN International Centre	3	0,18	76,90
76	Museu Paraense Emílio Goeldi	3	0,18	77,08
77	New York University (NYU)	3	0,18	77,26
78	Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro	3	0,18	77,44
79	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC)	3	0,18	77,62
80	Universidad de Antioquia (UDEA)	3	0,18	77,80
81	Universidad de Sevilla (US)	3	0,18	77,98

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
82	Universidad Nacional de La Plata (UNLP)	3	0,18	78,15
83	Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)	3	0,18	78,33
84	Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)	3	0,18	78,51
85	Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)	3	0,18	78,69
86	Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP)	2	0,12	78,81
87	Brown University	2	0,12	78,93
88	Câmara dos Deputados (CD)	2	0,12	79,05
89	Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)	2	0,12	79,17
90	Centro de Direitos Humanos de Nuremberg	2	0,12	79,29
91	Centro Universitário Franciscano (UNIFRA)	2	0,12	79,40
92	Centro Universitário La Salle (UNILASALLE)	2	0,12	79,52
93	Centro Universitário Una (UNA)	2	0,12	79,64
94	Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN)	2	0,12	79,76
95	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET)	2	0,12	79,88
96	Conselho Internacional de Arquivos (CIA)	2	0,12	80,00
97	Escola Superior de Jornalismo (ESJ)	2	0,12	80,12
98	Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)	2	0,12	80,24
99	Fundação Pedro Leopoldo (FPL)	2	0,12	80,36
100	Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ)	2	0,12	80,48
101	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)	2	0,12	80,60
102	Museus Castro Maya	2	0,12	80,71
103	Núcleo de Estudos Transdisciplinares: Ensino, Ciência, Cultura e Ambiente (NUTECCA)	2	0,12	80,83
104	Pontificia Universidad Javeriana	2	0,12	80,95
105	Pontificia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)	2	0,12	81,07
106	Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas)	2	0,12	81,19
107	Security Services Archive	2	0,12	81,31
108	Universidad Autónoma de Barcelona (UAB)	2	0,12	81,43
109	Universidad de Santiago de Compostela (USC)	2	0,12	81,55
110	Universidade Candido Mendes (UCAM)	2	0,12	81,67
111	Universidade Católica Portuguesa (UCP)	2	0,12	81,79
112	Universidade da Madeira (UMA)	2	0,12	81,90
113	Universidade de Aveiro (UA)	2	0,12	82,02
114	Universidade de Caxias do Sul (UCS)	2	0,12	82,14
115	Universidade de Coimbra (UC)	2	0,12	82,26
116	Universidade de Pernambuco (UPE)	2	0,12	82,38
117	Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)	2	0,12	82,50
118	Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)	2	0,12	82,62
119	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	2	0,12	82,74
120	Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	2	0,12	82,86
121	Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	2	0,12	82,98
122	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	2	0,12	83,10
123	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	2	0,12	83,21

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
124	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	2	0,12	83,33
125	Universidade Federal do Cariri (UFCA)	2	0,12	83,45
126	Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)	2	0,12	83,57
127	Universidade Feevale (FEEVALE)	2	0,12	83,69
128	Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)	2	0,12	83,81
129	Universidade Nove de Julho (UNINOVE)	2	0,12	83,93
130	Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)	2	0,12	84,05
131	Università degli Studi di Parma (UNIPR)	2	0,12	84,17
132	Université de Toulouse (Toulouse 2)	2	0,12	84,29
133	Université Paul Valéry Montpellier III (UPVM3)	2	0,12	84,40
134	Université Toulouse III - Paul Sabatier (univ-tlse3)	2	0,12	84,52
135	University College London (UCL)	2	0,12	84,64
136	University of Amsterdam (UVA)	2	0,12	84,76
137	University of British Columbia (UBC)	2	0,12	84,88
138	University of Liverpool	2	0,12	85,00
139	University of London	2	0,12	85,12
140	University of Maryland (UMD)	2	0,12	85,24
141	University of Michigan (UMICH)	2	0,12	85,36
142	University of Wisconsin-Milwaukee (UWM)	2	0,12	85,48
143	Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL)	1	0,06	85,54
144	Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL)	1	0,06	85,60
145	Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ)	1	0,06	85,65
146	Alagappa University	1	0,06	85,71
147	American Guild For Infant Survival Inc	1	0,06	85,77
148	Amplex Consultoria e Desenvolvimento de Sistemas (AMPLEX)	1	0,06	85,83
149	Amsterdam School of the Arts (AHK)	1	0,06	85,89
150	Archive 17	1	0,06	85,95
151	Archivesnext	1	0,06	86,01
152	Arma International	1	0,06	86,07
153	Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ)	1	0,06	86,13
154	Arquivo Histórico de Moçambique	1	0,06	86,19
155	Arquivo Histórico Ultramarino (AHU)	1	0,06	86,25
156	Arquivo Nacional da Finlândia	1	0,06	86,31
157	Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul	1	0,06	86,37
158	Autoridade Pública Olímpica (APO)	1	0,06	86,43
159	AVM - Faculdade Integrada	1	0,06	86,49
160	Banco do Estado do Pará (Banpará)	1	0,06	86,55
161	Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES)	1	0,06	86,61
162	Bar-Ilan University (BIU)	1	0,06	86,67
163	Bayero University Kano (BUK)	1	0,06	86,73
164	Biblioteca Coronel Teixeira de Oliveira	1	0,06	86,79
165	Biblioteca Municipal Dr. Fritz Muller	1	0,06	86,85
166	Biblioteca Nacional (BN)	1	0,06	86,90

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
167	Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC)	1	0,06	86,96
168	Biblioteca Pública Municipal de Itajaí	1	0,06	87,02
169	Binghamton University	1	0,06	87,08
170	British Library (BL)	1	0,06	87,14
171	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF)	1	0,06	87,20
172	Centro de Estudos da Cultura Contemporânea (CEDEC)	1	0,06	87,26
173	Centro de Memória Vasco da Gama	1	0,06	87,32
174	Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (IPC-IG)	1	0,06	87,38
175	Centro Sul Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação (CENSUPEG)	1	0,06	87,44
176	Centro Universitário Assunção (UNIFAI)	1	0,06	87,50
177	Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH)	1	0,06	87,56
178	Centro Universitário Fundação Instituto de Ensino para Osasco (UNIFIEO)	1	0,06	87,62
179	Centro Universitário Herminio Ometto de Araras (UNIARARAS)	1	0,06	87,68
180	Centro Universitário Internacional (UNINTER)	1	0,06	87,74
181	Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE)	1	0,06	87,80
182	Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)	1	0,06	87,86
183	Colegio de México (COLMEX)	1	0,06	87,92
184	Colégio Militar Dom Pedro II (CMDPII)	1	0,06	87,98
185	Colégio Policial Militar Feliciano Nunes Pires (CFNP)	1	0,06	88,04
186	Comisión Interamericana de Derechos Humanos (OEA)	1	0,06	88,10
187	Comisión Nacional de Investigación Científica y Tecnológica (CONICYT)	1	0,06	88,15
188	Companhia de Governança Eletrônica (COGEL)	1	0,06	88,21
189	Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BA)	1	0,06	88,27
190	Conselho Regional de Medicina de Minas Gerais (CRM-MG)	1	0,06	88,33
191	Consulado-Geral do Brasil em Buenos Aires	1	0,06	88,39
192	Consultoria Paulista de Estudos Ambientais (CPEA)	1	0,06	88,45
193	Delhi University	1	0,06	88,51
194	Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB)	1	0,06	88,57
195	Diretoria-Geral de Arquivos da Itália	1	0,06	88,63
196	Dokumenta Consultoría e Integraciones	1	0,06	88,69
197	Ebonyi State University (EBSU)	1	0,06	88,75
198	École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)	1	0,06	88,81
199	Ecomuseu da Picada	1	0,06	88,87
200	Ecovix - Engevix Construções Oceânicas	1	0,06	88,93
201	Editora Briquet de Lemos	1	0,06	88,99
202	Empresa de Tecnologia e Informação da Previdência Social (DATAPREV)	1	0,06	89,05
203	Escola da Cidade (EC)	1	0,06	89,11
204	Escola Desdobrada Retiro da Lagoa	1	0,06	89,17
205	Escola do Legislativo do Estado do Rio de Janeiro	1	0,06	89,23
206	Faculdade Anhanguera de Jacareí (Anhanguera)	1	0,06	89,29
207	Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba (FACER)	1	0,06	89,35
208	Faculdade de Ciências Educacionais (FACE)	1	0,06	89,40
209	Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA)	1	0,06	89,46

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
210	Faculdade de Educação e Cultura Montessori (FAMEC-SP)	1	0,06	89,52
211	Faculdade de Educação Superior do Paraná (FESP)	1	0,06	89,58
212	Faculdade Milton Campos (FDMC)	1	0,06	89,64
213	Faculdade Porto-Alegrense (FAPA)	1	0,06	89,70
214	Faculdade Presbiteriana Mackenzie de Brasília	1	0,06	89,76
215	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (UNIFATEA)	1	0,06	89,82
216	Fiji National University	1	0,06	89,88
217	Fundação Bradesco	1	0,06	89,94
218	Fundação Cidade do Rio Grande (FCRG)	1	0,06	90,00
219	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)	1	0,06	90,06
220	Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos (FDRH)	1	0,06	90,12
221	Fundação Dom Cabral (FDC)	1	0,06	90,18
222	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)	1	0,06	90,24
223	Fundação Municipal de Cultura	1	0,06	90,30
224	Fundação Nacional do Índio (FUNAI)	1	0,06	90,36
225	Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS)	1	0,06	90,42
226	Fundo Brasileiro para Biodiversidade (FUNBIO)	1	0,06	90,48
227	Gabinete Umbus SL	1	0,06	90,54
228	Georgetown University	1	0,06	90,60
229	Grupo Empresarial de la Industria Sidero Mecánica (SIME)	1	0,06	90,65
230	Grupo Escola Paula Serra	1	0,06	90,71
231	Human Rights Watch (HRW)	1	0,06	90,77
232	Indiana University (IU)	1	0,06	90,83
233	Institute for Social and Economic Research (ISER)	1	0,06	90,89
234	Instituto Brasileiro de Educação Continuada (INBEC)	1	0,06	90,95
235	Instituto Butantan	1	0,06	91,01
236	Instituto Científico de Ensino Superior e Pesquisa (UNICESP)	1	0,06	91,07
237	Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU)	1	0,06	91,13
238	Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais (IESMIG)	1	0,06	91,19
239	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IF-CE)	1	0,06	91,25
240	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IF-PI)	1	0,06	91,31
241	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IF-RJ)	1	0,06	91,37
242	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IF-SUL)	1	0,06	91,43
243	Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC)	1	0,06	91,49
244	Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IF-NMG)	1	0,06	91,55
245	Instituto Federal Fluminense	1	0,06	91,61
246	Instituto Interamericano del Niño (Inn)	1	0,06	91,67
247	Instituto Mundaneum	1	0,06	91,73
248	Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)	1	0,06	91,79
249	Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)	1	0,06	91,85
250	Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)	1	0,06	91,90
251	International Council on Archives	1	0,06	91,96

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
252	International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems (InterPARES)	1	0,06	92,02
253	JARD Corporativo S.C.	1	0,06	92,08
254	Kent State University (KENT)	1	0,06	92,14
255	Lancaster University	1	0,06	92,20
256	Leiden University	1	0,06	92,26
257	Martini, Medeiros e Tonetto: advogados associados	1	0,06	92,32
258	Massachusetts College of Art and Design (MASSART)	1	0,06	92,38
259	Memória Lélia Gonzalez	1	0,06	92,44
260	Ministère de la Culture	1	0,06	92,50
261	Ministério da Justiça (MJ)	1	0,06	92,56
262	Ministerio del Poder Popular para el Petróleo y Minería Venezuela	1	0,06	92,62
263	Ministério do Meio Ambiente	1	0,06	92,68
264	Minnesota Historical Society (MNHS)	1	0,06	92,74
265	Museu de Alberto Sampaio (MAS)	1	0,06	92,80
266	Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba (MACS)	1	0,06	92,86
267	Museu Imperial	1	0,06	92,92
268	Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado	1	0,06	92,98
269	Museu Nacional de Enfermagem Ana Néri	1	0,06	93,04
270	Museu Nacional do Folclore da Coreia	1	0,06	93,10
271	National Institute of Science Communication And Information Resources (NISCAIR)	1	0,06	93,15
272	National University of Singapore (NUS)	1	0,06	93,21
273	Northumbria University	1	0,06	93,27
274	Northwestern University	1	0,06	93,33
275	Organização dos Estados Americanos (OEA)	1	0,06	93,39
276	Pontificia Universidad Católica del Chile (UC)	1	0,06	93,45
277	Pontificia Universidad Católica del Peru (PUCP)	1	0,06	93,51
278	Pontificia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)	1	0,06	93,57
279	Prefeitura Municipal de Londrina	1	0,06	93,63
280	Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF)	1	0,06	93,69
281	Prima Informática	1	0,06	93,75
282	Publications Office of the European Union	1	0,06	93,81
283	Recordkeeping Systems Pty Ltd.	1	0,06	93,87
284	Ruhr-Universität Bochum (RUB)	1	0,06	93,93
285	San Jose State University (SJSU)	1	0,06	93,99
286	Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEESP)	1	0,06	94,05
287	Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo	1	0,06	94,11
288	Secretaria de Ciência e Tecnologia do Município de Niterói	1	0,06	94,17
289	Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC)	1	0,06	94,23
290	Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo	1	0,06	94,29
291	Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas	1	0,06	94,35
292	Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Pará (SEMA-PA)	1	0,06	94,40
293	Secretaria Municipal de Educação de Teresina (SEMEC)	1	0,06	94,46

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
294	Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil (SMSDC)	1	0,06	94,52
295	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)	1	0,06	94,58
296	Serviço Social da Indústria (SESI)	1	0,06	94,64
297	Sociedade Técnica Educacional de Minas Gerais (COTEMIG)	1	0,06	94,70
298	Stanford University (Stanford)	1	0,06	94,76
299	Superintendencia de Museus do Estado de Minas Gerais	1	0,06	94,82
300	Textile Society of America (TSA)	1	0,06	94,88
301	The National University of Malaysia (UKM)	1	0,06	94,94
302	Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF)	1	0,06	95,00
303	Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC)	1	0,06	95,06
304	Universidad Autónoma de Chihuahua (UACH)	1	0,06	95,12
305	Universidad Central Marta Abreu de Las Villas (UCLV)	1	0,06	95,18
306	Universidad de Alcalá (UAH)	1	0,06	95,24
307	Universidad de Barcelona (UB)	1	0,06	95,30
308	Universidad de Buenos Aires	1	0,06	95,36
309	Universidad de Cádiz (UCA)	1	0,06	95,42
310	Universidad de Costa Rica (UCR)	1	0,06	95,48
311	Universidad de León (UniLeon)	1	0,06	95,54
312	Universidad de Murcia (UM)	1	0,06	95,60
313	Universidad de Vic-Universidad Central de Catalunya	1	0,06	95,65
314	Universidad del Aconcagua (UDA)	1	0,06	95,71
315	Universidad Externado de Colombia (UEXTERNADO)	1	0,06	95,77
316	Universidad Internacional de La Rioja (UNIR)	1	0,06	95,83
317	Universidad La Coruña (UDC)	1	0,06	95,89
318	Universidad Nacional Agraria	1	0,06	95,95
319	Universidad Nacional de Asunción (UMA)	1	0,06	96,01
320	Universidad Nacional de Córdoba (UNC)	1	0,06	96,07
321	Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP)	1	0,06	96,13
322	Universidad Nacional de Rosario (UNR)	1	0,06	96,19
323	Universidad Nacional de San Martín (UNSAM)	1	0,06	96,25
324	Universidad Pública de Navarra (UNAVARRA)	1	0,06	96,31
325	Universidad San Ignacio de Loyola (USIL)	1	0,06	96,37
326	Universidade Braz Cubas	1	0,06	96,43
327	Universidade da Amazônia (UNAMA)	1	0,06	96,49
328	Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)	1	0,06	96,55
329	Universidade de Passo Fundo (UPF)	1	0,06	96,61
330	Universidade de Santo Amaro (UNISA)	1	0,06	96,67
331	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)	1	0,06	96,73
332	Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)	1	0,06	96,79
333	Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP)	1	0,06	96,85
334	Universidade dos Açores	1	0,06	96,90
335	Universidade Eduardo Mondlane (UEM)	1	0,06	96,96
336	Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	1	0,06	97,02

(continua)

N	Instituição	F	%	%Ac
337	Universidade Estadual de Maringá (UEM)	1	0,06	97,08
338	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)	1	0,06	97,14
339	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	1	0,06	97,20
340	Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)	1	0,06	97,26
341	Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)	1	0,06	97,32
342	Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)	1	0,06	97,38
343	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)	1	0,06	97,44
344	Universidade Estadual do Paraná	1	0,06	97,50
345	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	1	0,06	97,56
346	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)	1	0,06	97,62
347	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	1	0,06	97,68
348	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	1	0,06	97,74
349	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	1	0,06	97,80
350	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	1	0,06	97,86
351	Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	1	0,06	97,92
352	Universidade Federal Vale do São Francisco (UNIVASF)	1	0,06	97,98
353	Universidade Guarulhos (UNG)	1	0,06	98,04
354	Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)	1	0,06	98,10
355	Università Ca' Foscari Venezia (UNIVE)	1	0,06	98,15
356	Università degli Studi di Milano	1	0,06	98,21
357	Università degli Studi di Padova (UNIPD)	1	0,06	98,27
358	Universitat de Barcelona (UB)	1	0,06	98,33
359	Universitat Rovira i Virgili (URV)	1	0,06	98,39
360	Universität Stuttgart (uni-stuttgart)	1	0,06	98,45
361	Université Cheikh Anta Diop (UCAD)	1	0,06	98,51
362	Université de Bordeaux (u-bordeaux)	1	0,06	98,57
363	Université de Lille 2 (univ-lille2)	1	0,06	98,63
364	Université Jean Moulin Lyon 3 (Univ-Lyon3)	1	0,06	98,69
365	Université Paris V Descartes	1	0,06	98,75
366	University of Art and Design Linz	1	0,06	98,81
367	University of Bergen (UIB)	1	0,06	98,87
368	University of Borås (UB)	1	0,06	98,93
369	University of California at Los Angeles (UCLA)	1	0,06	98,99
370	University of California Riverside (UCR)	1	0,06	99,05
371	University of Edinburgh (ED)	1	0,06	99,11
372	University of Florida (UFL)	1	0,06	99,17
373	University of Hertfordshire (HERTS)	1	0,06	99,23
374	University of Ibadan (UI)	1	0,06	99,29
375	University of Illinois Urbana-Champaign	1	0,06	99,35
376	University of Kashmir	1	0,06	99,40
377	University of Leuven (KU Leuven)	1	0,06	99,46
378	University of Manitoba (UManitoba)	1	0,06	99,52
379	University of New Hampshire (UNH)	1	0,06	99,58

<i>(conclusão)</i>				
N	Instituição	F	%	%Ac
380	University of Nigeria Nsukka (UNN)	1	0,06	99,64
381	University of Ottawa (UOTTAWA)	1	0,06	99,70
382	University of Sussex	1	0,06	99,76
383	University of the Phillipines Dillman (UPD)	1	0,06	99,82
384	University of Tsukuba	1	0,06	99,88
385	University of Washington (UW)	1	0,06	99,94
386	University of Zagreb (UNIZG)	1	0,06	100,00
Total		1680	100,00	-

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE F – Áreas de formação acadêmica dos elementos de autoria dos artigos em autoria única dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 por regiões brasileiras (n=1365)

(continua)

Área	Sudeste	Sul	Nordeste	Centro -Oeste	Norte	Total
Ciência da Informação	236	21	70	74	4	405
História	125	47	24	20	3	219
Ciências da Comunicação	71	20	16	2	2	111
Biblioteconomia	37	22	9	5	10	83
Educação	34	20	16	2	1	73
Ciências Sociais	26	8	4	4	1	43
Antropologia	31	1	0	0	1	33
Engenharia	17	12	2	1	0	32
Administração	11	5	8	5	0	29
Arquitetura	21	0	4	3	0	28
Museologia	10	6	8	3	0	27
Artes	17	5	1	2	0	25
Ciências da Comunicação e Informação	3	15	5	0	0	23
Linguística	8	6	3	0	1	18
Literatura	9	7	0	1	0	17
Memória Social	6	9	0	1	0	16
Ciências	11	0	1	1	1	14
Arquivologia	8	2	0	3	0	13
Letras	6	6	1	0	0	13
Economia	5	2	2	1	0	10
Ciência Política	5	1	1	1	0	8
Filosofia	6	0	0	0	0	6
Ciências Jurídicas	4	1	0	1	0	6
Geografia	4	0	0	1	0	5
Psicologia	4	0	0	1	0	5
Ciência, Tecnologia e Sociedade	4	0	0	0	0	4
Educação Física	4	0	0	0	0	4
Serviço Social	4	0	0	0	0	4
Ciências Humanas	2	1	1	0	0	4
Ciência da Computação	1	1	0	2	0	4
Arqueologia	3	0	0	0	0	3
Informática	3	0	0	0	0	3
Saúde Pública	3	0	0	0	0	3
Música	2	1	0	0	0	3
Cinema	2	0	1	0	0	3
Multimeios	2	0	0	1	0	3
Meio Ambiente	1	0	0	2	0	3

(continua)

Área	Sudeste	Sul	Nordeste	Centro -Oeste	Norte	Total
Documentação	0	0	1	2	0	3
Planejamento do Desenvolvimento	0	0	0	0	3	3
Bens Culturais e Projetos Sociais	2	0	0	0	0	2
Docência Superior	2	0	0	0	0	2
Geologia	1	0	1	0	0	2
Planejamento Urbano e Regional	1	0	1	0	0	2
Políticas Públicas	1	0	1	0	0	2
Linguística e Letras	0	2	0	0	0	2
Rio Grande do Sul: Sociedade Política e Cultura	0	2	0	0	0	2
Documentação, Arquivos e Bibliotecas	0	0	0	2	0	2
Astrofísica	1	0	0	0	0	1
Biblioteconomia e Documentação	1	0	0	0	0	1
Botânica	1	0	0	0	0	1
Ciências Contábeis	1	0	0	0	0	1
Ciências da Religião	1	0	0	0	0	1
Conservação e Restauração	1	0	0	0	0	1
Controladoria e Contabilidade	1	0	0	0	0	1
Desenvolvimento Local	1	0	0	0	0	1
Documentação e Informação	1	0	0	0	0	1
Educação Profissional em Saúde	1	0	0	0	0	1
Educação, Cultura e Organizações Sociais	1	0	0	0	0	1
Física	1	0	0	0	0	1
Fotografia	1	0	0	0	0	1
Integração da América Latina	1	0	0	0	0	1
Jornalismo	1	0	0	0	0	1
Petrologia	1	0	0	0	0	1
Política Científica e Tecnológica	1	0	0	0	0	1
Políticas de Informação e Organização do Conhecimento	1	0	0	0	0	1
Relações Internacionais	1	0	0	0	0	1
Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação	1	0	0	0	0	1
Tecnologias e Sistemas de Informação	1	0	0	0	0	1
Televisão Digital: Informação e Conhecimento	1	0	0	0	0	1
Filosofia/Biblioteconomia	0	1	0	0	0	1
Informação Científica e Técnica	0	1	0	0	0	1
Processos e Manifestações Culturais	0	1	0	0	0	1
Tecnologia	0	1	0	0	0	1
Cultura e Turismo	0	0	1	0	0	1
Difusão do Conhecimento	0	0	1	0	0	1
Instituições de Ensino Superior	0	0	1	0	0	1
Metodologia do Ensino Superior	0	0	1	0	0	1

(conclusão)

Área	Sudeste	Sul	Nordeste	Centro -Oeste	Norte	Total
Assessoria Parlamentar e Relações Legislativo/Executivo	0	0	0	1	0	1
Biblioteconomia e Ciência da Informação	0	0	0	1	0	1
Ciências Biológicas	0	0	0	1	0	1
Ciências da Saúde	0	0	0	1	0	1
Desenvolvimento Sustentável	0	0	0	1	0	1
Informações Espaciais	0	0	0	1	0	1
Liderança	0	0	0	1	0	1
Turismo	0	0	0	1	0	1
Governo	0	0	0	0	1	1
Informática e Educação	0	0	0	0	1	1
Ciência da Informação e Documentação	0	0	0	0	0	0
Ciências Matemáticas	0	0	0	0	0	0
Conservação dos Bens Culturais	0	0	0	0	0	0
Estatística	0	0	0	0	0	0
Estudos Latinoamericanos	0	0	0	0	0	0
Estudos Liberais	0	0	0	0	0	0
Farmácia	0	0	0	0	0	0
Filologia	0	0	0	0	0	0
História e Filosofia	0	0	0	0	0	0
Literatura, História e Arqueologia Clássica	0	0	0	0	0	0
Nutrição	0	0	0	0	0	0
Química	0	0	0	0	0	0
Total	775	227	185	149	29	1365

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE G – Citações no Harzing's Publish or Perish dos artigos em autoria única e múltipla dos periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre 2009 e 2017 (n=313)

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P047	31	6	71	11,83	2	0	0	8	71	8,88	31	AU	2	0	2
P002	28	28	77	2,75	27	32	1,19	55	109	1,98	28	AU	8	5	13
P051	26	12	57	4,75	25	150	6,00	37	207	5,59	29	AM	1	1	2
P052	24	6	46	7,67	10	16	1,60	16	62	3,88	24	AU	1	0	1
P009	24	33	163	4,94	39	70	1,79	72	233	3,24	32	AU	6	6	12
P166	21	7	32	4,57	4	57	14,25	11	89	8,09	56	AM	1	0	1
P193	20	27	352	13,04	127	2390	18,82	154	2742	17,81	145	AM	1	1	2
P147	19	4	30	7,50	7	27	3,86	11	57	5,18	19	AU	3	2	5
P023	18	33	163	4,94	39	70	1,79	72	233	3,24	32	AU	6	6	12
P152	16	7	160	22,86	17	34	2,00	24	194	8,08	114	AU	1	0	1
P014	16	13	66	5,08	9	42	4,67	22	108	4,91	20	AU	1	0	1
P055	15	9	93	10,33	32	39	1,22	41	132	3,22	76	AU	1	1	2
P231	15	30	133	4,43	39	121	3,10	69	254	3,68	38	AM	7	11	18
P089	14	1	14	14,00	0	0	-	1	14	14,00	14	AU	2	0	2
P069	14	15	119	7,93	8	54	6,75	23	173	7,52	49	AM	3	2	5
P045	14	4	14	3,50	1	2	2,00	5	16	3,20	14	AU	1	0	1
P109	13	1	13	13,00	3	3	1,00	4	16	4,00	13	AU	1	1	2
P061	13	26	158	6,08	17	61	3,59	43	219	5,09	38	AU	1	0	1
P172	13	5	24	4,80	16	15	0,94	21	39	1,86	13	AU	3	0	3
P075	13	4	19	4,75	0	0	-	4	19	4,75	13	AU	2	0	2
P082	13	6	19	3,17	6	0	0	12	19	1,58	13	AU	1	0	1
P024	12	2	12	6,00	4	2	0,50	6	14	2,33	12	AU	1	2	3
P007	12	5	23	4,60	56	111	1,98	61	134	2,20	12	AU	2	13	15

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P102	12	5	14	2,80	4	22	5,50	9	36	4,00	12	AU	1	3	4
P083	11	2	11	5,50	0	0	-	2	11	5,50	11	AU	1	0	1
P106	11	6	17	2,83	7	20	2,86	13	37	2,85	12	AM	1	0	1
P181	10	11	51	4,64	28	101	3,61	39	152	3,90	23	AM	2	5	7
P103	10	10	30	3,00	6	12	2,00	16	42	2,63	14	AU	3	3	6
P236	10	16	30	1,88	48	41	0,85	64	71	1,11	15	AU	8	7	15
P003	9	1	9	9,00	0	0	-	1	9	9,00	9	AU	1	0	1
P064	9	9	22	2,44	4	12	3,00	13	34	2,62	9	AU	1	0	1
P125	9	95	171	1,80	93	316	3,40	188	487	2,59	33	AU	2	1	3
P088	9	13	21	1,62	5	13	2,60	18	34	1,89	9	AU	2	1	3
P177	8	206	2565	12,45	113	2144	18,97	319	4709	14,76	1306	AM	1	0	1
P054	8	16	142	8,88	5	13	2,60	21	155	7,38	52	AU	2	0	2
P192	8	3	13	4,33	20	22	1,10	23	35	1,52	8	AU	1	0	1
P022	8	2	8	4,00	65	153	2,35	67	161	2,40	22	AM	1	6	7
P086	8	2	8	4,00	8	0	0	10	8	0,80	8	AU	1	0	1
P126	8	3	8	2,67	0	0	-	3	8	2,67	8	AU	1	0	1
P110	8	24	38	1,58	33	28	0,85	57	66	1,16	14	AU	4	4	8
P230	8	12	12	1,00	7	6	0,86	19	18	0,95	8	AU	1	0	1
P059	7	7	93	13,29	24	171	7,13	31	264	8,52	77	AU	1	0	1
P008	7	1	7	7,00	9	74	8,22	10	81	8,10	34	AM	1	2	3
P243	7	14	30	2,14	16	10	0,63	30	40	1,33	7	AU	2	0	2
P112	7	17	17	1,00	66	107	1,62	83	124	1,49	24	AM	1	11	12
P200	6	16	142	8,88	5	13	2,60	21	155	7,38	52	AU	2	0	2
P049	6	1	6	6,00	0	0	-	1	6	6,00	6	AU	1	0	1
P100	6	1	6	6,00	0	0	-	1	6	6,00	6	AU	1	0	1
P136	6	1	6	6,00	1	0	0	2	6	3,00	6	AU	1	0	1

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P274	6	1	6	6,00	1	0	0	2	6	3,00	6	AU	1	0	1
P186	6	11	65	5,91	27	82	3,04	38	147	3,87	35	AM	3	11	14
P225	6	38	167	4,39	31	148	4,77	69	315	4,57	80	AU	1	0	1
P247	6	10	37	3,70	27	27	1,00	37	64	1,73	17	AU	3	1	4
P140	6	2	6	3,00	0	0	-	2	6	3,00	6	AU	1	0	1
P033	6	7	19	2,71	47	205	4,36	54	224	4,15	82	AM	1	10	11
P078	6	43	106	2,47	20	110	5,50	63	216	3,43	44	AM	2	0	2
P139	6	41	86	2,10	9	64	7,11	50	150	3,00	42	AM	1	0	1
P107	6	5	10	2,00	14	21	1,50	19	31	1,63	8	AM	1	4	5
P065	6	4	8	2,00	2	1	0,50	6	9	1,50	6	AU	1	0	1
P129	6	7	8	1,14	10	8	0,80	17	16	0,94	6	AU	2	2	4
P019	6	7	7	1,00	2	0	0	9	7	0,78	6	AU	1	0	1
P094	5	2	31	15,50	0	0	-	2	31	15,50	26	AU	2	0	2
P111	5	9	77	8,56	15	17	1,13	24	94	3,92	23	AU	4	0	4
P098	5	21	145	6,90	3	0	0	24	145	6,04	52	AU	2	0	2
P164	5	7	42	6,00	37	34	0,92	44	76	1,73	11	AM	1	3	4
P101	5	10	53	5,30	35	146	4,17	45	199	4,42	39	AM	2	7	9
P191	5	1	5	5,00	0	0	-	1	5	5,00	5	AU	1	0	1
P039	5	16	80	5,00	132	288	2,18	148	368	2,49	39	AM	2	27	29
P123	5	2	9	4,50	0	0	-	2	9	4,50	5	AU	3	0	3
P202	5	14	61	4,36	30	220	7,33	44	281	6,39	55	AM	2	0	2
P117	5	41	158	3,85	30	4	0,13	71	162	2,28	32	AU	1	0	1
P097	5	71	206	2,90	38	114	3,00	109	320	2,94	36	AU	2	0	2
P141	5	27	78	2,89	3	6	2,00	30	84	2,80	17	AU	1	0	1
P060	5	17	43	2,53	72	156	2,17	89	199	2,24	29	AU	1	13	14
P095	5	2	5	2,50	0	0	-	2	5	2,50	5	AU	1	0	1

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P016	5	2	5	2,50	8	2	0,25	10	7	0,70	5	AU	1	1	2
P124	5	16	30	1,88	48	41	0,85	64	71	1,11	15	AU	8	7	15
P194	5	16	29	1,81	18	46	2,56	34	75	2,21	19	AM	1	0	1
P041	5	5	8	1,60	8	2	0,25	13	10	0,77	5	AU	2	1	3
P184	5	12	14	1,17	12	22	1,83	24	36	1,50	11	AM	4	5	9
P137	5	13	12	0,92	3	8	2,67	16	20	1,25	5	AU	1	0	1
P034	5	11	10	0,91	28	13	0,46	39	23	0,59	5	AU	2	10	12
P259	5	6	5	0,83	0	0	-	6	5	0,83	5	AU	1	0	1
P073	5	9	5	0,56	7	4	0,57	16	9	0,56	5	AU	1	0	1
P050	4	20	211	10,55	29	98	3,38	49	309	6,31	89	AU	7	11	18
P169	4	3	12	4,00	6	12	2,00	9	24	2,67	9	AM	1	0	1
P090	4	6	15	2,50	13	26	2,00	19	41	2,16	14	AM	2	4	6
P042	4	20	46	2,30	16	72	4,50	36	118	3,28	24	AM	1	0	1
P135	4	2	4	2,00	0	0	-	2	4	2,00	4	AU	1	0	1
P021	4	2	4	2,00	1	0	0	3	4	1,33	4	AU	1	0	1
P132	4	6	9	1,50	24	55	2,29	30	64	2,13	18	AM	1	2	3
P067	4	23	33	1,43	12	41	3,42	35	74	2,11	27	AM	1	0	1
P154	4	4	4	1,00	2	3	1,50	6	7	1,17	4	AU	1	0	1
P183	4	17	16	0,94	12	127	10,58	29	143	4,93	32	AM	1	0	1
P203	3	8	65	8,13	1	0	0	9	65	7,22	40	AU	5	0	5
P017	3	24	129	5,38	10	1	0,10	34	130	3,82	77	AU	1	0	1
P201	3	38	152	4,00	27	20	0,74	65	172	2,65	36	AU	3	1	4
P146	3	7	24	3,43	8	10	1,25	15	34	2,27	14	AU	2	1	3
P188	3	24	81	3,38	3	1	0,33	27	82	3,04	26	AU	1	0	1
P004	3	1	3	3,00	0	0	-	1	3	3,00	3	AU	1	0	1
P276	3	1	3	3,00	0	0	-	1	3	3,00	3	AU	1	0	1

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P029	3	1	3	3,00	0	0	-	1	3	3,00	3	AU	2	0	2
P174	3	1	3	3,00	1	2	2,00	2	5	2,50	3	AU	1	0	1
P144	3	1	3	3,00	2	0	0	3	3	1,00	3	AU	1	0	1
P077	3	2	5	2,50	5	50	10,00	7	55	7,86	49	AU	1	0	1
P160	3	33	79	2,39	17	16	0,94	50	95	1,90	36	AU	1	0	1
P081	3	16	36	2,25	6	25	4,17	22	61	2,77	11	AM	1	0	1
P257	3	31	66	2,13	42	46	1,10	73	112	1,53	17	AU	7	9	16
P167	3	12	25	2,08	26	54	2,08	38	79	2,08	16	AM	2	9	11
P267	3	21	32	1,52	9	15	1,67	30	47	1,57	7	AU	9	2	11
P273	3	2	3	1,50	0	0	-	2	3	1,50	3	AU	1	0	1
P104	3	2	3	1,50	1	0	0	3	3	1,00	3	AU	1	0	1
P148	3	8	11	1,38	19	30	1,58	27	41	1,52	18	AM	1	1	2
P116	3	3	3	1,00	0	0	-	3	3	1,00	3	AU	1	0	1
P005	3	13	13	1,00	57	80	1,40	70	93	1,33	24	AM	1	5	6
P143	3	7	7	1,00	9	8	0,89	16	15	0,94	4	AM	2	0	2
P027	3	7	4	0,57	24	24	1,00	31	28	0,90	11	AM	1	2	3
P040	2	7	47	6,71	2	50	25,00	9	97	10,78	49	AM	1	1	2
P066	2	9	53	5,89	3	11	3,67	12	64	5,33	29	AU	1	0	1
P298	2	11	49	4,45	11	158	14,36	22	207	9,41	97	AM	1	0	1
P063	2	23	95	4,13	3	14	4,67	26	109	4,19	38	AU	1	0	1
P150	2	31	119	3,84	31	221	7,13	62	340	5,48	60	AM	5	0	5
P131	2	10	35	3,50	22	47	2,14	32	82	2,56	21	AM	2	1	3
P224	2	43	149	3,47	52	73	1,40	95	222	2,34	63	AU	1	1	2
P249	2	6	19	3,17	11	18	1,64	17	37	2,18	8	AU	1	2	3
P020	2	17	47	2,76	103	212	2,06	120	259	2,16	19	AU	4	26	30
P182	2	3	8	2,67	13	24	1,85	16	32	2,00	17	AM	1	1	2

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P258	2	8	19	2,38	73	54	0,74	81	73	0,90	12	AU	3	10	13
P084	2	1	2	2,00	0	0	-	1	2	2,00	2	AU	1	0	1
P053	2	1	2	2,00	2	21	10,50	3	23	7,67	21	AM	1	0	1
P168	2	1	2	2,00	3	14	4,67	4	16	4,00	12	AM	1	1	2
P308	2	14	27	1,93	8	2	0,25	22	29	1,32	22	AU	1	0	1
P227	2	12	20	1,67	10	26	2,60	22	46	2,09	10	AM	1	0	1
P289	2	5	8	1,60	5	8	1,60	10	16	1,60	4	AM	3	0	3
P253	2	67	103	1,54	83	123	1,48	150	226	1,51	17	AM	2	0	2
P266	2	37	49	1,32	6	87	14,50	43	136	3,16	81	AM	1	0	1
P044	2	7	8	1,14	2	5	2,50	9	13	1,44	5	AU	3	1	4
P122	2	12	13	1,08	16	0	0	28	13	0,46	6	AU	1	0	1
P158	2	2	2	1,00	6	8	1,33	8	10	1,25	4	AM	1	2	3
P280	2	24	20	0,83	7	46	6,57	31	66	2,13	25	AM	6	2	8
P142	2	27	17	0,63	8	0	0	35	17	0,49	5	AU	1	0	1
P118	2	7	4	0,57	26	1018	39,15	33	1022	30,97	474	AM	1	0	1
P149	2	7	4	0,57	6	4	0,67	13	8	0,62	3	AM	1	1	2
P237	2	4	2	0,50	7	4	0,57	11	6	0,55	3	AM	1	2	3
P293	2	19	2	0,11	0	0	-	19	2	0,11	2	AU	1	0	1
P221	1	3	34	11,33	4	3	0,75	7	37	5,29	33	AU	1	0	1
P217	1	4	31	7,75	59	313	5,31	63	344	5,46	158	AM	1	13	14
P281	1	6	42	7,00	19	61	3,21	25	103	4,12	26	AU	1	3	4
P145	1	37	142	3,84	58	51	0,88	95	193	2,03	56	AU	4	8	12
P222	1	3	9	3,00	0	0	-	3	9	3,00	4	AU	1	0	1
P205	1	3	9	3,00	2	0	0	5	9	1,80	6	AU	1	0	1
P297	1	11	28	2,55	3	0	0	14	28	2,00	18	AU	1	0	1
P018	1	29	65	2,24	30	32	1,07	59	97	1,64	15	AU	1	0	1

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	$\bar{x}(AU)$	F(AM)	C(AM)	$\bar{x}(AM)$	F(AT)	C(AT)	$\bar{x}(AT)$	MC	T	AU	AM	AT
P254	1	4	6	1,50	9	9	1,00	13	15	1,15	5	AU	1	0	1
P058	1	6	9	1,50	7	4	0,57	13	13	1,00	6	AU	1	0	1
P215	1	16	21	1,31	13	5	0,38	29	26	0,90	6	AU	2	2	4
P271	1	15	19	1,27	8	1	0,13	23	20	0,87	7	AU	1	0	1
P037	1	18	19	1,06	6	6	1,00	24	25	1,04	13	AU	3	0	3
P011	1	1	1	1,00	0	0	-	1	1	1,00	1	AU	1	0	1
P012	1	1	1	1,00	0	0	-	1	1	1,00	1	AU	1	0	1
P038	1	1	1	1,00	0	0	-	1	1	1,00	1	AU	1	0	1
P180	1	1	1	1,00	0	0	-	1	1	1,00	1	AU	1	0	1
P195	1	1	1	1,00	0	0	-	1	1	1,00	1	AU	1	0	1
P229	1	1	1	1,00	0	0	-	1	1	1,00	1	AU	1	0	1
P048	1	2	2	1,00	0	0	-	2	2	1,00	1	AU	1	0	1
P128	1	2	2	1,00	0	0	-	2	2	1,00	1	AU	1	0	1
P206	1	5	5	1,00	0	0	-	5	5	1,00	4	AU	1	0	1
P025	1	7	7	1,00	25	22	0,88	32	29	0,91	6	AM	2	1	3
P235	1	7	7	1,00	3	1	0,33	10	8	0,80	4	AU	1	0	1
P302	1	1	1	1,00	2	0	0	3	1	0,33	1	AU	1	0	1
P076	1	8	8	1,00	2	0	0	10	8	0,80	3	AU	2	0	2
P277	1	8	6	0,75	22	16	0,73	30	22	0,73	6	AM	1	0	1
P134	1	19	14	0,74	3	4	1,33	22	18	0,82	7	AU	2	0	2
P209	1	7	5	0,71	16	9	0,56	23	14	0,61	6	AM	3	4	7
P113	1	10	7	0,70	14	8	0,57	24	15	0,63	3	AU	1	2	3
P216	1	3	2	0,67	7	49	7,00	10	51	5,10	25	AM	1	2	3
P026	1	3	2	0,67	5	0	0	8	2	0,25	1	AU	2	1	3
P301	1	8	5	0,63	0	0	-	8	5	0,63	2	AU	1	0	1
P015	1	2	1	0,50	0	0	-	2	1	0,50	1	AU	1	0	1

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	$\bar{x}(AU)$	F(AM)	C(AM)	$\bar{x}(AM)$	F(AT)	C(AT)	$\bar{x}(AT)$	MC	T	AU	AM	AT
P074	1	2	1	0,50	1	1	1,00	3	2	0,67	1	AU	1	0	1
P031	1	7	3	0,43	0	0	-	7	3	0,43	2	AU	1	0	1
P275	1	7	3	0,43	0	0	-	7	3	0,43	2	AU	1	0	1
P255	1	34	9	0,26	3	1	0,33	37	10	0,27	3	AU	1	0	1
P204	1	4	1	0,25	14	47	3,36	18	48	2,67	23	AM	1	5	6
P105	1	12	3	0,25	10	9	0,90	22	12	0,55	6	AM	4	1	5
P190	1	8	2	0,25	8	5	0,63	16	7	0,44	2	AM	3	1	4
P155	1	4	1	0,25	1	0	0	5	1	0,20	1	AU	1	0	1
P114	1	8	1	0,13	0	0	-	8	1	0,13	1	AU	1	0	1
P299	0	1	25	25,00	9	0	0	10	25	2,50	9	AU	1	0	1
P214	0	6	55	9,17	74	332	4,49	80	387	4,84	52	AM	1	4	5
P283	0	6	43	7,17	52	86	1,65	58	129	2,22	27	AU	2	8	10
P286	0	32	227	7,09	11	8	0,73	43	235	5,47	67	AU	3	0	3
P080	0	4	27	6,75	1	9	9,00	5	36	7,20	21	AU	2	0	2
P187	0	8	54	6,75	33	154	4,67	41	208	5,07	85	AM	1	0	1
P282	0	16	87	5,44	24	54	2,25	40	141	3,53	21	AM	4	1	5
P121	0	12	60	5,00	5	2	0,40	17	62	3,65	24	AU	1	0	1
P268	0	16	79	4,94	35	47	1,34	51	126	2,47	5	AM	2	0	2
P288	0	19	83	4,37	32	55	1,72	51	138	2,71	16	AU	3	4	7
P028	0	15	65	4,33	21	7	0,33	36	72	2,00	29	AU	5	12	17
P210	0	5	21	4,20	28	23	0,82	33	44	1,33	18	AU	1	4	5
P108	0	7	29	4,14	68	122	1,79	75	151	2,01	21	AM	2	30	32
P062	0	23	94	4,09	7	32	4,57	30	126	4,20	32	AU	1	0	1
P087	0	27	70	2,59	12	10	0,83	39	80	2,05	15	AU	4	0	4
P032	0	7	18	2,57	9	8	0,89	16	26	1,63	12	AU	3	3	6
P244	0	13	30	2,31	6	31	5,17	19	61	3,21	28	AM	6	2	8

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P223	0	25	57	2,28	2	0	0	27	57	2,11	14	AU	1	0	1
P119	0	3	6	2,00	21	22	1,05	24	28	1,17	8	AM	1	3	4
P127	0	2	4	2,00	3	1	0,33	5	5	1,00	4	AU	1	0	1
P133	0	25	50	2,00	3	1	0,33	28	51	1,82	17	AU	8	1	9
P285	0	7	13	1,86	6	2	0,33	13	15	1,15	8	AU	2	0	2
P290	0	55	102	1,85	9	11	1,22	64	113	1,77	14	AU	1	0	1
P269	0	13	24	1,85	4	0	0	17	24	1,41	20	AU	1	0	1
P153	0	9	16	1,78	9	2	0,22	18	18	1,00	9	AU	1	0	1
P199	0	24	39	1,63	3	2	0,67	27	41	1,52	18	AU	1	0	1
P278	0	18	27	1,50	15	15	1,00	33	42	1,27	8	AU	1	1	2
P208	0	35	52	1,49	62	106	1,71	97	158	1,63	15	AU	7	4	11
P303	0	48	69	1,44	6	0	0	54	69	1,28	26	AU	1	0	1
P171	0	9	12	1,33	4	1	0,25	13	13	1,00	5	AU	1	0	1
P248	0	24	31	1,29	4	2	0,50	28	33	1,18	7	AU	2	0	2
P228	0	7	8	1,14	9	5	0,56	16	13	0,81	7	AU	1	0	1
P294	0	17	19	1,12	3	6	2,00	20	25	1,25	9	AU	1	0	1
P057	0	36	39	1,08	69	126	1,83	105	165	1,57	25	AM	4	13	17
P284	0	28	30	1,07	3	1	0,33	31	31	1,00	9	AU	1	0	1
P006	0	10	10	1,00	12	10	0,83	22	20	0,91	8	AM	1	0	1
P300	0	17	17	1,00	3	2	0,67	20	19	0,95	6	AU	1	0	1
P157	0	4	4	1,00	9	3	0,33	13	7	0,54	3	AM	2	1	3
P130	0	6	6	1,00	8	1	0,13	14	7	0,50	4	AU	1	0	1
P232	0	51	44	0,86	40	39	0,98	91	83	0,91	9	AM	20	17	37
P010	0	6	5	0,83	9	1	0,11	15	6	0,40	4	AU	4	0	4
P079	0	11	9	0,82	1	0	0	12	9	0,75	5	AU	2	0	2
P043	0	16	13	0,81	1	0	0	17	13	0,76	6	AU	1	0	1

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	$\bar{x}(AU)$	F(AM)	C(AM)	$\bar{x}(AM)$	F(AT)	C(AT)	$\bar{x}(AT)$	MC	T	AU	AM	AT
P120	0	36	27	0,75	4	0	0	40	27	0,68	6	AU	1	0	1
P092	0	3	2	0,67	5	0	0	8	2	0,25	1	AU	2	1	3
P170	0	8	5	0,63	4	0	0	12	5	0,42	2	AU	1	0	1
P001	0	5	3	0,60	0	0	-	5	3	0,60	2	AU	1	0	1
P212	0	5	3	0,60	0	0	-	5	3	0,60	2	AU	1	0	1
P241	0	11	6	0,55	3	0	0	14	6	0,43	4	AU	1	0	1
P165	0	2	1	0,50	0	0	-	2	1	0,50	1	AU	1	0	1
P211	0	4	2	0,50	7	2	0,29	11	4	0,36	2	AU	2	3	5
P213	0	30	14	0,47	10	11	1,10	40	25	0,63	11	AM	1	0	1
P013	0	7	3	0,43	8	4	0,50	15	7	0,47	3	AM	1	1	2
P239	0	34	14	0,41	5	0	0	39	14	0,36	4	AU	1	0	1
P196	0	10	3	0,30	8	0	0	18	3	0,17	2	AU	2	0	2
P245	0	10	3	0,30	8	0	0	18	3	0,17	2	AU	2	0	2
P279	0	5	1	0,20	3	0	0	8	1	0,13	1	AU	1	1	2
P240	0	11	2	0,18	6	3	0,50	17	5	0,29	3	AM	1	2	3
P256	0	6	1	0,17	3	0	0	9	1	0,11	1	AU	1	0	1
P234	0	9	1	0,11	8	0	0	17	1	0,06	1	AU	3	2	5
P035	0	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P072	0	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P085	0	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P096	0	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P138	0	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P197	0	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P233	0	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P242	0	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P270	0	2	0	0	0	0	-	2	0	0	0	-	1	0	1

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P056	0	3	0	0	0	0	-	3	0	0	0	-	1	0	1
P115	0	3	0	0	0	0	-	3	0	0	0	-	1	0	1
P207	0	3	0	0	0	0	-	3	0	0	0	-	1	0	1
P291	0	3	0	0	0	0	-	3	0	0	0	-	1	0	1
P295	0	4	0	0	0	0	-	4	0	0	0	-	1	0	1
P173	0	5	0	0	0	0	-	5	0	0	0	-	1	0	1
P261	0	1	0	0	1	7	7,00	2	7	3,50	7	AM	1	0	1
P036	0	2	0	0	3	14	4,67	5	14	2,80	13	AM	1	1	2
P226	0	11	0	0	2	7	3,50	13	7	0,54	7	AM	1	0	1
P305	0	6	0	0	8	16	2,00	14	16	1,14	16	AM	1	0	1
P287	0	8	0	0	37	67	1,81	45	67	1,49	14	AM	1	0	1
P156	0	2	0	0	69	112	1,62	71	112	1,58	19	AM	1	1	2
P198	0	2	0	0	9	14	1,56	11	14	1,27	6	AM	2	2	4
P163	0	1	0	0	2	3	1,50	3	3	1,00	3	AM	1	0	1
P185	0	2	0	0	23	20	0,87	25	20	0,80	6	AM	1	7	8
P189	0	4	0	0	13	7	0,54	17	7	0,41	3	AM	2	1	3
P250	0	1	0	0	2	1	0,50	3	1	0,33	1	AM	1	0	1
P251	0	1	0	0	2	1	0,50	3	1	0,33	1	AM	1	0	1
P099	0	2	0	0	6	2	0,33	8	2	0,25	2	AM	1	0	1
P307	0	5	0	0	8	1	0,13	13	1	0,08	1	AM	1	0	1
P272	0	1	0	0	3	0	0	4	0	0	0	-	1	0	1
P030	0	5	0	0	1	0	0	6	0	0	0	-	1	0	1
P218	0	8	0	0	2	0	0	10	0	0	0	-	2	0	2
P304	0	2	0	0	2	0	0	4	0	0	0	-	1	1	2
P306	0	3	0	0	3	0	0	6	0	0	0	-	2	1	3
P093	-	0	0	-	0	0	-	0	0	-	0	-	1	0	1

(continua)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	\bar{x} (AU)	F(AM)	C(AM)	\bar{x} (AM)	F(AT)	C(AT)	\bar{x} (AT)	MC	T	AU	AM	AT
P161	-	22	303	13,77	2	0	0	24	303	12,63	52	AU	1	0	1
P091	-	1	12	12,00	1	7	7,00	2	19	9,50	12	AU	2	0	2
P178	-	5	56	11,20	6	5	0,83	11	61	5,55	46	AU	1	0	1
P312	-	1	10	10,00	0	0	-	1	10	10,00	10	AU	3	0	3
P309	-	40	238	5,95	11	63	5,73	51	301	5,90	36	AU	1	0	1
P260	-	10	48	4,80	2	7	3,50	12	55	4,58	14	AU	1	0	1
P310	-	5	23	4,60	0	0	-	5	23	4,60	7	AU	2	0	2
P220	-	2	7	3,50	1	2	2,00	3	9	3,00	7	AU	2	0	2
P046	-	3	10	3,33	21	4	0,19	24	14	0,58	10	AU	2	3	5
P219	-	4	13	3,25	0	0	-	4	13	3,25	9	AU	1	0	1
P162	-	4	11	2,75	3	4	1,33	7	15	2,14	9	AU	3	0	3
P265	-	27	70	2,59	12	10	0,83	39	80	2,05	15	AU	4	0	4
P179	-	2	5	2,50	0	0	-	2	5	2,50	3	AU	1	0	1
P175	-	15	32	2,13	16	29	1,81	31	61	1,97	14	AM	2	1	3
P313	-	1	2	2,00	0	0	-	1	2	2,00	1	AU	1	0	1
P264	-	2	4	2,00	2	0	0	4	4	1,00	4	AU	2	0	2
P262	-	4	7	1,75	5	12	2,40	9	19	2,11	5	AM	2	0	2
P263	-	3	5	1,67	2	5	2,50	5	10	2,00	5	AM	1	0	1
P246	-	51	44	0,86	40	39	0,98	91	83	0,91	9	AM	20	17	37
P071	-	17	12	0,71	11	12	1,09	28	24	0,86	9	AM	7	5	12
P238	-	5	2	0,40	0	0	-	5	2	0,40	1	AU	3	0	3
P292	-	5	1	0,20	0	0	-	5	1	0,20	1	AU	1	0	1
P252	-	8	1	0,13	0	0	-	8	1	0,13	1	AU	1	1	2
P068	-	1	0	0	0	0	-	1	0	0	0	-	1	0	1
P070	-	2	0	0	0	0	-	2	0	0	0	-	1	0	1
P159	-	4	0	0	0	0	-	4	0	0	0	-	3	0	3

(conclusão)

P	F(C)	F(AU)	C(AU)	$\bar{x}(AU)$	F(AM)	C(AM)	$\bar{x}(AM)$	F(AT)	C(AT)	$\bar{x}(AT)$	MC	T	AU	AM	AT
P296	-	1	0	0	4	24	6,00	5	24	4,80	14	AM	2	0	2
P311	-	1	0	0	6	36	6,00	7	36	5,14	12	AM	2	2	4
P151	-	1	0	0	7	17	2,43	8	17	2,13	16	AM	2	1	3
P176	-	1	0	0	1	0	0	2	0	0	0	-	1	0	1

Legenda: P – pesquisador; F(C) – frequência de citação do artigo selecionado para a amostra; F(AU) - frequência de artigo em autoria única; C(AU) - citação de artigo em autoria única; $\bar{x}(AU)$ - média de citação por artigo em autoria única; F(AM) - frequência de artigo em autoria múltipla; C(AM) - citação de artigo em autoria múltipla; $\bar{x}(AM)$ - média de citação por artigo em autoria múltipla; F(AT) - frequência total de artigo; C(AT) - citação total de artigo; $\bar{x}(AT)$ - média de citação total por artigo total; MC - maior citação do pesquisador; T - tipo de artigo de maior citação do pesquisador; AU - frequência de artigo em autoria única na ABCDM; AM - frequência de artigo em autoria múltipla na ABCDM; e AT - frequência total de artigo na ABCDM.

Fonte: Dados da pesquisa obtidos no *software Harzing's Publish or Perish*.

**APÊNDICE H – Frequência e citação dos artigos em autoria única dos
periódicos brasileiros das áreas de informação indexados na ABCDM entre
2009 e 2017 (n=188) por instituição**

(continua)

Instituição	F	C	%	\bar{x} C
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	1	31	3,05	31,00
Universidade de Lisboa (ULisboa)	1	26	2,56	26,00
Câmara dos Deputados (CD)	1	21	2,07	21,00
University of Leuven (KU Leuven)	1	20	1,97	20,00
Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTI)	2	36	3,55	18,00
University of California (UC)	2	36	3,55	18,00
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	1	15	1,48	15,00
Centro de Direitos Humanos de Nuremberg	1	13	1,28	13,00
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	1	13	1,28	13,00
Universidade de Pernambuco (UPE)	1	12	1,18	12,00
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	2	23	2,27	11,50
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)	2	22	2,17	11,00
Universidad de la República (Udelar)	2	21	2,07	10,50
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	3	27	2,66	9,00
Universidade Federal de Goiás (UFG)	2	18	1,77	9,00
Faculdade de Ciências Educacionais (FACE)	1	9	0,89	9,00
Universidad San Ignacio de Loyola (USIL)	1	8	0,79	8,00
Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)	1	8	0,79	8,00
University of Kashmir	1	8	0,79	8,00
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	2	15	1,48	7,50
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	10	72	7,09	7,20
University of Wisconsin-Milwaukee (UWM)	1	7	0,69	7,00
Universidade de São Paulo (USP)	15	91	8,97	6,07
Brown University	1	6	0,59	6,00
Universidad Nacional Agraria	1	6	0,59	6,00
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	1	6	0,59	6,00
Universidade Federal do Pará (UFPA)	1	6	0,59	6,00
Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (Univ-Paris1)	1	6	0,59	6,00
University of British Columbia (UBC)	1	6	0,59	6,00
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	5	29	2,86	5,80
Universidade Federal Fluminense (UFF)	8	45	4,43	5,63
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP)	3	16	1,58	5,33
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	5	26	2,56	5,20
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)	1	5	0,49	5,00
Grupo Empresarial de la Industria Sidero Mecánica (SIME)	1	5	0,49	5,00
Universidade Braz Cubas	1	5	0,49	5,00
Universidade da Madeira (UMA)	1	5	0,49	5,00

(continua)

Instituição	F	C	%	\bar{x} C
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	1	5	0,49	5,00
Universidade do Porto (UP)	1	5	0,49	5,00
Université Paris V Descartes	1	5	0,49	5,00
Universidade de Brasília (UNB)	7	33	3,25	4,71
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	4	18	1,77	4,50
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	2	9	0,89	4,50
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	11	46	4,53	4,18
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	3	12	1,18	4,00
Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y técnicas (CONICET)	1	4	0,39	4,00
New York University (NYU)	1	4	0,39	4,00
Universidad Complutense de Madrid (UCM)	1	4	0,39	4,00
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	1	4	0,39	4,00
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	6	21	2,07	3,50
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	2	7	0,69	3,50
Universidad Carlos III de Madrid (UC3M)	2	6	0,59	3,00
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	2	6	0,59	3,00
Alagappa University	1	3	0,30	3,00
Empresa de Tecnologia e Informação da Previdência Social (DATAPREV)	1	3	0,30	3,00
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IF-NMG)	1	3	0,30	3,00
Publications Office of the European Union	1	3	0,30	3,00
Universidad de Zaragoza (UNIZAR)	1	3	0,30	3,00
Universidad La Coruña (UDC)	1	3	0,30	3,00
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	1	3	0,30	3,00
Universidade Estácio de Sá (Estácio)	1	3	0,30	3,00
Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)	1	3	0,30	3,00
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2	5	0,49	2,50
Universidade Nova de Lisboa (UNL)	2	5	0,49	2,50
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	4	8	0,79	2,00
Universidade Federal do Ceará (UFC)	3	6	0,59	2,00
Arquivo Nacional (AN)	1	2	0,20	2,00
Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)	1	2	0,20	2,00
Centro Universitário Una (UNA)	1	2	0,20	2,00
Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB)	1	2	0,20	2,00
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IF-RS)	1	2	0,20	2,00
Leiden University	1	2	0,20	2,00
Núcleo de Estudos Transdisciplinares: Ensino, Ciência, Cultura e Ambiente (NUTECCA)	1	2	0,20	2,00
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEESP)	1	2	0,20	2,00
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)	1	2	0,20	2,00
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	1	2	0,20	2,00
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	1	2	0,20	2,00
Université de Toulouse (Toulouse 2)	1	2	0,20	2,00

<i>(conclusão)</i>				
Instituição	F	C	%	\bar{x} C
Fundação Oswaldo Cruz (FioCruz)	2	3	0,30	1,50
Museu Paraense Emílio Goeldi	2	3	0,30	1,50
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)	2	3	0,30	1,50
Universidade do Minho (UMinho)	2	2	0,20	1,00
Archive 17	1	1	0,10	1,00
Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul	1	1	0,10	1,00
Biblioteca Pública Municipal de Itajaí	1	1	0,10	1,00
Diretoria-Geral de Arquivos da Itália	1	1	0,10	1,00
Faculdade de Educação Superior do Paraná (FESP)	1	1	0,10	1,00
Fundação Cidade do Rio Grande (FCRG)	1	1	0,10	1,00
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IF-PB)	1	1	0,10	1,00
Universidad de Salamanca (USAL)	1	1	0,10	1,00
Universidad Nacional de Asunción (UMA)	1	1	0,10	1,00
Universidade Católica Portuguesa (UCP)	1	1	0,10	1,00
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	1	1	0,10	1,00
Universidade Federal do Piauí (UFPI)	1	1	0,10	1,00
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	1	1	0,10	1,00
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	1	1	0,10	1,00
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	1	1	0,10	1,00
University of Ibadan (UI)	1	1	0,10	1,00
Total	188	1015	100,00	5,40

Legenda: F - frequência; C - citação; e \bar{x} – média.

Fonte: Dados da pesquisa.